

Jorge Ferreira de Vasconcelos

# Comédia Ulissipo

Edição preparada no Centro de Estudos de Teatro da Faculdade de Letras de Lisboa  
(José Camões, Lurdes Patrício, Isabel Pinto, Helena Reis Silva, José Pedro Sousa)

2015

Comédia Ulissipo, de Jorge Ferreira de Vasconcelos.

Nesta segunda impressão apurada e correcta de alguns erros da primeira.

Com todas as licenças necessárias.  
Em Lisboa, na oficina de Pedro Craesbeeck.  
Ano 1618. Com privilégio real.

Taixa-se este livro em oito vinténs em papel.  
Em Lisboa a 24 de Abril de 1618. L. Machado Gama.

Licenças.

Ao padre mestre frei Tomás de São Domingos que veja esta comédia Ulissipo e informe com seu parecer. Lisboa, 11 Dezembro 617.

Bertolameu da Fonseca, António Dias Cardoso, Fr. Manoel Coelho, João Álvares Brandão, Gaspar Pereira, Bragança.

Vi esta comédia chamada Ulissipo, composta por aquele galante e elegante cortesão português, Jorge Ferreira de Vasconcelos, e assim como está não tem impedimento para se tornar a imprimir, antes está cheia de mui vária lição e excelente estilo acomodado à matéria de que trata, e tem muitos lugares de proveitosa doutrina, e que bem merece andar nas mãos de todos os curiosos cortesões por se ver nela a frase portuguesa em sua antiga pureza e perfeição. Por onde me parece que se lhe pode dar a licença que pede. Em S. Domingos de Lisboa, 18 de Dezembro de 617.

Fr. Tomás de S. Domingos.

Ao padre mestre frei Francisco Guerreiro, que veja esta comédia Ulissipo e informe com seu parecer. Lisboa, 20 Dezembro 617.

Bertolameu da Fonseca, António Dias Cardoso, Fr. Manoel Coelho, João Álvares Brandão, Gaspar Pereira, dom Francisco de Bragança.

Por mandado do conselho geral da santa inquisição vi com a diligência que pude a comédia Ulissipo, que compôs Jorge Ferreira de Vasconcelos, em que não há cousa que impida a imprimir-se, antes me pareceu cortesa e digna de andar nas mãos de todos, pelo que me parece que se lhe deve dar licença para se imprimir. Em S. Francisco de Enxobregas e de Janeiro oito de 618.

Fr. Francisco Guerreiro.

Vistas as informações, pode-se imprimir este livro da comédia Ulissipo, e depois de impressa torne a este conselho para se dar licença para poder correr e sem ela não correrá. Em Lisboa aos 10 de Janeiro de 618.

Bertolameu da Fonseca, António Dias Cardoso, Fr. Manoel Coelho, João Álvares Brandão, Gaspar Pereira, dom Francisco de Bragança.

Imprima-se este livro vista a licença aos 11 de Janeiro de 618.

Damião Viegas.

Dão licença ao suplicante para que possa mandar imprimir a comédia Ulissipo, que compôs Jorge Ferreira de Vasconcelos, visto a que tem do santo ofício e do ordinário. Depois de impressa tornará a esta mesa para se taxar e sem isso não correrá.

A 19 de Janeiro de 618.

Moniz. L. Machado.

### Advertência ao Leitor.

Das comédias que Jorge Ferreira de Vasconcelos compôs foi esta Ulissipo a segunda, estando já no serviço del rei nesta cidade, e a derradeira a sua Aulegrafia cortesã, em que cantando cigneia voce, como dizem, melhor que nunca, a não imprimiu por um desgosto geral deste reino, que nela se contará se no bom trato que a esta se fizer quiserdes mostrar o gosto que tereis destoutra sair, que está da pena do seu autor e assi aprovada já e com todas as licenças pera logo se poder imprimir. Que como o seu argumento é dos amores do paço, quando neste reino o havia, a decência e honestidade com que eles se tratavam naquele tempo não deixou que tachar aos descontentadiços deste, ficando muito que imitar e aprender aos galantes. Vai-vos a desejada Ulissipo emendada e inteira, e pode isto assi ser facilmente nô mais que com Costança d'Ornelas mudar de trajo, pondo-se no seu próprio de viúva, renunciado o de beata que profanado com seus fingimentos e mau trato usava individamente, que em todo o al é a que sempre foi. A outra comédia (não tratando da Eufrosina) com a primeira parte da Tábola Redonda, que pera a terceira impressão emendou o autor em sua vida, de sorte que do meio em diante em tudo ficou diferente, e assi mais a segunda parte da mesma história, podeis começar a esperar muito em breve, que quiçá ordenou o céu diferir-se-lhe a impressão pera este tempo pera com ela se tornar a avivar nele a boa memória deste português, com muita razão de toda outra nação tão invejado como Homero.

Interlocutores:

Mercúrio, autor  
Ulissipo, cidadão  
Filotecnia, matrona  
Tenolvia e Gliceria, donzelas  
Hipólito, amante  
Barbosa, criado  
Florença e Sevilhana, damas  
Crisófilo, caixeiro dos Médices  
Macarena, alcoviteira  
Otonião, amante  
Fileno, galante  
Régio, amante  
Alcino, galante  
Gracia, mulata serva  
Parasito, chocarreiro  
Constança d'Ornelas, dona viúva  
Solisa, matrona  
Múcio, rufião  
Companheiros  
Astolfo, cidadão  
Fragoso, criado

Comédia Ulissipo [1] de Jorge Ferreira de Vasconcelos.

Autor Mercúrio e representador.

Comparava o antigo Pitágoras a vida humana a ãa feira que em Grécia se fazia de grande aparato e diversos exercícios, onde cada um mostrava a seara de seu cabedal e ofício, pretendendo colher-lhe o fruto. E alguns iam ver e julgar o que lhes parecia de tanta diversidade de artes e cousas, segundo o particular intento e natural inclinação. Pareceu latir o filósofo à ferida, ca nem mais nem menos isto se vê nos humanos representantes [1'] da feira da vida, em cujo corro entrados, e per seu curso movidos, segundo o comisso, de diferentes e várias inclinações, uns se inclinam a domar cavalos, outros a montear, alguns a filosofar. Finalmente, aplicando cada um seu ânimo a certo exercício e gosto em especial, dos quais não se nega singularizar e estremar-se do vulgo os que exercitam e usam dotes d'alma, que a saber naturalmente nos move, per cujos meios e tal via se alcança conhecimento do verdadeiro bem. Donde Arquitas dava ventagem de toda cousa à ciência (sem embargo que das armas seja o primeiro lugar), ca per ela mais que per outra algũa manha é anteposto um homem a outro, seguindo a trilha das doces musas, como cada um melhor pode. Ca nesta parte é taixada a obrigação conforme ao próprio natural, pois, como diz o poeta, não podem todos tudo: reparte a natureza seus dões diversamente. E destes sequazes das ciências a [2] doutrina mais aplicada a frutificar na república é digna de toda estima, porque aquilo se há por melhor, que se endereça ou tem melhor efeito. Daqui a comissa não perde seu preço, pois compreende a lei de Horácio. Por o que entre os romanos foi tão estimado este género de escritura que se cria de Lélío e Cipião serem grande parte das comédias de Terêncio, a cujo volume Túlio, príncipe da língua latina, chamava amigo e familiar, porque o trazia sempre consigo como Alexandre o de Homero. E pera que vejais mais claro como o pressuposto e principal intento da comédia foi sempre com seu exemplo avisar ao povo de seus vícios e incitar a virtudes, dir-vos-ei seu princípio e origem. No tempo da guerra peloponesa, pretendendo os lavradores de Atenas, em conhecimento dos benefícios divinos, dar graças aos deoses pelos frutos recebidos, lumiados seus altares, compuseram [2'] os primeiros versos em seu louvor, e em coro ao som das suas frautas lhos cantaram com melodia e aprazível artefício. Como, porém, a malícia humana em nada constante tudo corrompe e perverte ao mal, socedeu que sendo estes lavradores tiranizados dos cidadãos, seus senhorios, com dor da sua opressão converteram a invenção do louvor dos deoses em vitupério dos homens. Indo-se de noite à cidade e em cantares, segundo cá os vossos romances e porquês, publicavam o dano que recebiam nomeando o autor. Por o que muitos daqueles tiranos, com vergonha de seus vícios serem públicos, outros receosos de lhos publicarem, se emendavam. Aprovou o senado ateniense a frutuosa arte, e chamados os autores foi-lhes dada licença que a usassem de dia em público, o que assi fizeram, a nenhum perdoando. E o primeiro que a usou foi Susarião. Valia, como digo, isto muito pera todos se emendarem de seus erros e fugirem culpas. [3] Todavia, como natureza humana é inclinada a seus vícios, não bastou este freio para evitá-los e perdeu-se o costume por duas causas: a primeira, porque os autores tomaram muita licença em apontar tachas de maus e de bons juntamente por próprio gosto e má inclinação mais que a fim de emenda; a segunda, porque crecendo a dissolução dos poderosos, como todos já fossem culpados fizeram lei que ninguém fosse nomeado. Donde entrou o uso da sátira, que, sem nomear alguém, notava os vícios tanto a olho que bastava pera ser conhecido o culpado, o que também não compadecendo os nobres totalmente foi defendido tratarem deles. Querendo pois os poetas sustentar o fruto da sua

invenção em tempo que Alexandre Magno prosperava, ordenaram a comédia nova, mais comedida, menos odiosa, de gente não poderosa, de mais gosto, geralmente sentenciosa, agradável e de muito aviso: ãa imitação de [3'] vida, espelho de costumes e imagem do que nos negócios passa, per estilo humilde e chegado à prosa, qual vos ora pretendemos mostrar. Como, porém, nesta vossa terra os gostos são mui delicados e os estâmagos de má digestão, o autor, não se atrevendo alcançar per si autoridade de o admitirdes e sofrerdes, socorreu-se a mim que lhe valesse. E eu folguei favorecê-lo, visto ser sua tenção aprazer a bons e não ter conta com maus. Resta saber se me conheceis como me tratais pera que aceiteis minha confiança. Mercúrio sou, ídolo das mercancias, familiar vosso muito de pouco pera cá, inventor de razões sutis, norte dos tramposos, planeta errante que com ninguém se desavém. Com bons bom, com maus mau, por onde creio que nos não desaviremos, e por meu respeito o que vos ofereço sofrereis, quando vos não satisfizer. Sou também embaixador dos deoses, donde podeis estimar o bom acordo [4] do autor, que me buscou pera o ser vosso, não vos julgando, parece, por somenos dos indígetes, e não vos põem assi em pequena obrigação de favor. De maneira que per todas as vias lho deveis, e eu, como a tais, vo-lo peço por justos, que a justos não se devem pedir cousas injustas nem a injustos as justas. E por abreviar razões virei ao argumento da comédia pera que vos seja tratável e não pareça que vim sem propósito. Nesta cidade de Lisboa, há muitos anos, em tempo de Maria Castanha, houve um cidadão rico e de letras e cargos nobres, por nome Ulissipo, casado com ãa nobre dona chamada Filotecnia, de que teve um filho e duas filhas, cujos amores e sucessos de vida vos serão representados, como vereis no prosseguimento da fábula, se a quiserdes ouvir. E quando não, console-se o autor com outros muitos que achará queixosos da ingratitude humana, que eu não sei que lhe faça. [4'] Pera mim seguro tenho gasalhado em muitos que agora se inclinam às minhas artes de proveito antes que às da ãmortal honra, porque diz que não cabem em um saco. São frutos que traz o tempo, e ele os aprova ou desaprova. E quem vem fora dele chore sua fortuna, que assi farão outros quando ela der volta, e eu também a dou com vossa licença por dar lugar aos interlocutores.

Acto primeiro.  
Cena primeira.

Ulissipo. Filotecnia.

Ulissipo Quereis ora que vos diga molher? Mais vem quatro olhos que dous. Essa vossa confiança nada me contenta, porque tê-la em tudo é sinal de ignorância, como desconfiar de tudo mostra sobeja malícia. [5] Praza a Deos que seja como vós dizeis, mas duvidam os doutores e nem tudo o que diz o pandeiro é vero. Quereis ser tão enganada com vossas filhas que as suas culpas vos parecem virtudes, certa natureza de mãe. Sabeis mal quanto acabam sobejidões de homens mancebos, que al não cuidam nem ordenam salvo contraminas pera pais confiados de filhas fermosas. E nestes negócios de amor, se a porfia é sobeja e a resistência fraca, pouco tempo se conserva a virtude. A la larga o galgo à lebre mata. E porque Menandro isto entendia, disse ser a filha fermosa trabalhosa possessão. Eu chamar-lhe-ia recramo de perigos e azo de afrontas. Parece-vos que estava bem descuidado Acrísio de sua filha Medea que por amor de um estrangeiro lhe vendeu o reino? Cila, filha de Niso, cortou-lhe o cabelo de seus fados pelo levar ao seu imigo Minos, namorada dele. A filha de Astiages foi causa de sua destruição. E nunca outra [5'] cousa vemos cada dia senão baratarem filhas os fundamentos dos pais por leve gosto próprio, que as cousas duras quebrantam-se com ferro e as moles desfazem-se com os dedos. Quereis pôr vossas filhas em hábito virtuoso? Começai cedo, velai sobre as espias que a sensualidade humana lhe arma. São muitos os cobiçosos e todos se desvelam nos meios de as poder prear, o que tudo é cuidado, trabalho e medo de seus pais que o não perdem salvo por morte ou velhice delas. E inda com as casardes, que passeis vosso receio em seu marido por contrapeso do dote, nem por isso o perdeis. Ora vede se vos é mais necessário velar que confiar, que a continuação tudo vence. E eu, senhora, sei isto muito bem pelo que fiz na mocidade, e não queria purgá-lo na velhice.

Filotecnia Assi o creio eu, que pela somana faz a raposa com que não vai ò domingo à missa.

Ulissipo Pois assi é, conhecer culpa é estrada de emenda.

Filotecnia Bom seria [6] se assi fosse, que já era tempo. Mas vós fazeis ãa e logo chocais outra.

Ulissipo Õa hora melhor doutra. É má sospeita que tendes.

Filotecnia Sobre corpo feitor.

Ulissipo Não vos nego que nada me ficou por fazer, e disso me prezo. Quão longe mancebos d'agora dos do meu tempo. Eu ora me vestia em trajos de molher e assi me ia a romarias como Deos sabe, maiormente destas em que há vigílias, outras horas em máscara. Aqueles diabretes tão galantes que trepavam nas janelas per gancho, com seus rótulos de

tenção, e assi falava e negociava por trinta homens e tinha minhas inteligências té em conhecer a voz dos cães e gatos de casa em que pretendia ter negócio, tão provido é o espírito namorado. E desta maneira arrombava tudo, porque porfia mata caça e a contínua goteira faz sinal na pedra.

Filotecnia Daí ficastes vós tão virtuoso, que inda que muda a pele a raposa seu natural não despoja. Ficou-vos [6'] o costume em natureza.

Ulissipo Deixemos isso, que também vós nunca haveis de perder essas cócegas de vossa condição.

Filotecnia A verdade amarga.

Ulissipo E a mentira é doce. Vós, senhora, se me quereis crer como exprimentado, pois o uso é mestre de tudo, haveis de cuidar que em vossa casa vossos criados e criadas são espias da vossa honra, canos dos vossos segredos, pregoeiros das vossas faltas, tudo ousam e cometem por comprirem com sua necessidade, donde se disse: da mata sai quem a queima. Mais vos aviso, como virdes escrava ou criada vossa cochicar com vossa filha de amizade, coruja de serão água na mão, crede que aí jaz o negócio ou se vo-la desculpa sempre de seu mau serviço. Vezinha muito familiar ou mulher conhecente vossa que entra e sai mais vezes do necessário e sempre tem que rir e falar com elas de segredo está tomado às mãos, que não é sem particular respeito, maiormente ãas graciosas que soltam [7] despejos desonestos por acordar o cão que está dormindo. Como nisso antevem especial gosto e conversação não pode ser bom nem seguro, antes tem muito certo o perigo ou azo dele. Evitai portanto tais conversações em apontando, porque melhor se resiste à força dos maus que à conversação, que dize-me com quem tratais dir-te-ei as manhas que hás. Per maneira que em tudo haveis de trazer o olho, que no prover d'antemão está o acertar, porquanto quasi sempre falta o bom conselho quando se toma forçado no perigo do negócio que se consulta, e o bem apercebido está meio combatido, e inda ãa irmã com outra tratarem puridades e risos não entendidos continuamente traz muita água no bico. E se se chamam comadres ou nomes esquisitos, sabei que procede da causa secreta de seus cuidados. Disto vos haveis também de velar e trazer sempre a orelha tão comprida sobre elas.

Filotecnia Espantada me tem ver quanta [7'] malícia sabeis. Certamente que os homens parece que não estudaís senão em cuidar, sospeitar e inventar males da ãnocência das mulheres.

Ulissipo E elas em contraminar nossas contas e aprovar nossas sospeitas.

Filotecnia Por isso dizem bem, nunca te vejas julgado de teu imigo.

Ulissipo Todas vos amarrais a essa desculpa, e por derradeiro não achais melhores amigos que os homens. E bem entendo que tudo o que vos ora digo vos entra por ãa orelha e sai per outra, porque não há mulher que per avisos e amoestações dobre sua condição e emende suas faltas. Mas eu cumpro comigo e vós fareis vossa vontade.

Filotecnia Se a eu fizera algũa hora...

Ulissipo Sabei porém que com andardes sempre feita atalaia não podeis ter tantos olhos que não tenhais mais imigos. Contam poetas que foi um

pastor por nome Argos, que tinha cem olhos, e guardando ãa vaca per mandado da deosa Juno veio Mercúrio e [8] tangendo-lhe ãa frauta o adormentou, e matando-o assi furtou-lhe a vaca. Que cuidais que se entende disto? É exemplo que nos avisa que por grande vigia que se tenha sobre mulheres não se podem guardar. Ora olhai pelo virote, que a doçura tira nojo e a cordura abre olho, não vos descuideis de cousa que requer tanto cuidado.

Filotecnia Eu o tenho muito bom, a mim o cargo podeis descansar que vossas filhas são tão virtuosas e trazem tanto o ponto em o serem e não vos anojarem que nunca farão cousa fora da vossa vontade. Pois que meninas estremecem mais sobre vos não errar?

Ulissipo Se houvesse mãe que não fosse enganada com filha... Durar-lhe-á isso enquanto não tiverem ocupado o gosto, e a vós culpas suas vos parecem rosas, donde acontece muitas vezes que a mais certa alcoviteira que filhas tem é sua própria mãe.

Filotecnia Direis? Boca de pragas, essas serão as que vós conversais. [8'] As mulheres de minha qualidade imos per outra via mui desviada. Pois se filha minha fizesse o que não deve não havia mister melhor algoz pera ela que eu, viva a afogaria e lhe comeria os bofes. Mas melhor estrea lhes dará Deos.

Ulissipo Si, porém vós folgais de as enfeitar e lavar-lhes as cabeças continuamente, e se vo-las gabam de fermosas nada vos pesa.

Filotecnia É mal, má hora, que me pesasse. Ora eu sei bem o que tenho nelas e se lhes visse desassossego, desenvolturas e cousas que vejo noutras, ninguém as acusaria mais.

Ulissipo Isso que vós notais e vos parece mal nas filhas alheas vem suas mães nas vossas, que assi é tudo. Pois mais vos digo: quanto mais virtuosas são tanto com rezão lhes hei maior medo.

Filotecnia Mal assi, mal assi, pois que remédio...

Ulissipo Não me tenhais por desarrazoado que não falo de vento, que a essas virtuosas solicita o mundo mais e arma-se contra elas. Se lhe sabem resistir aí é a virtude digna de [9] coroa. E sabeis como corre esta cousa? Siso em prosperidade, amigo em adversidade, e mulher rogada casta raramente se acha. As desassossegadas logo são entendidas, as maliciosas de si vos avisam, as recolhidas e honestas são más de entender, más de culpar e muito pera temer, porque fermosura ornada de bons costumes, como digna de amor, é mui combatida, e se cai em própria confiança vã tem o perigo certo. E sabeis que cousa é embicar em algũa culpa ou nódoa de má sospeita? Pouco fel faz amargo muito mel, e com muitas obras boas nada se merece com o mundo e com ãa má desmerece-se tudo, porque de pequena bostela se levanta grande mazela.

Filotecnia Não sei que sospeitas e que novos receios estes vossos agora são. Eu vejo vossas filhas muito quietas, não ociosas e bem descuidadas do mundo, não vejo mouta donde lobo saia. Passa a somana e não lavam rosto nem pregam alfanete.

Ulissipo Não vos pese [9'] disso, que quanto menos ociosidade tiverem menos malícia terão.

- Filotecnia Isso sabeis vós muito certo, que minhas filhas não comem seu pão ocioso. Em al serei eu mãe mas nessa parte não sou como outras mulheres que em lhes curar os cabelos e enfeitá-las se lhes vai o tempo todo. Sempre fui muito contrária a golodices e ociosidades, e não lhes hei de sofrer andarem de janela em janela porque sei quanto vai nisso.
- Ulissipo Todavia sois mãe, cuidais que é bom tudo o que elas fazem, credes-lhe tudo o que vos dizem e cada bufurinho louva suas agulhas, e isto basta.
- Filotecnia Nunca mas vós ouviríeis gabar presentes elas. Confesso-vos ãa cousa: que me não hei de correr dos feitos de minhas filhas quando embora casarem, porque são elas tanto mulheres de sua casa e tanto pera a regerem que me rio de quem o mais for. Perdoe Deos a minha mãe que foi ãa virtuosa fêmea, onde ela visse outra, a sua alma seja em glória como [10] será, assi o fosse ora a minha, nunca me outra cousa encomendou já quando estava nos derradeiros dias senão que matinasse estas moças como me ela a mim fizera, dizendo-me que a prudência da mulher casada remediava muito os vícios do marido, e que muitas vezes se não lançava a perder de todo o mau marido por respeito da boa mulher.
- Ulissipo Segundo isso seguro estou eu logo.
- Filotecnia Não o digo por tanto, mas falo a propósito do cuidado que tenho de minhas filhas por haver a bênção de minha mãe, que nunca lhe ensinei a fazer a sobancelha nem a ser despejadas, honestidade e falar pouco lhes preguei sempre, porque as quero antes mudas e corridas que desenvoltas e golhelheiras.
- Ulissipo Tudo isso é bom se for assi, mas filhas mimosas, criadas em opiniões, são más de domar. Já se é ociosa e golosa nunca lhe espereis bom feito. De mim vos digo que quanto estimo as ocupadas em sua obrigação tanto me avorrecem e desestimo [10'] as que não curam dela por entenderem no que não lhes cumpre, e esquecidas das cousas de casa falam muito nas de fora.
- Filotecnia Vós estais agora com a lua sobre o forno. Ora sabeis outra vez que nunca fui como outras mães que andam sempre gabando suas filhas, consertando-lhe o toucado em público e festejando suas doudices, e sei muito bem o que tenho nas minhas.
- Ulissipo Não no sei eu logo, e por que vejais que não falo a lume de palhas dir-vos-ei o sonho e a soltura. Sabeis que dalguns dias pera cá vejo uns dous galantes passear muitas vezes por aqui, e por mais que dissimulam são logo entendidos de quem lhe sabe as manhas como eu.
- Filotecnia Mal pecado, por vossos bons feitos julgais vós os alheios, que a porca ruiva o que faz isso cuida.
- Ulissipo Nem mais nem menos, a quem peneira e amassa não furtes a fogaça. E como do ruge-ruge se fazem os cascavéis nada me agradam estes rodeos. E vê-los-eis logo vir muito depressa por chegar [11] ao posto e chegando à vista ficam em remanso como sono, seus olhos enforcados, desarmados de todo resguardo. Se nos vem à janela passam com o chapéu baixo como que vão descuidados do que

pretendem, mas no cabo da carreira, se os espreitardes, forçados do seu desejo voltam o rosto por ver se vos vem inda, se vos tirardes pera dentro no mesmo instante os vereis dar volta com toda ociosidade, com olhos de atalaia, ou rodeam por outra rua que venha difirir ao seu intento, porque quando o rio vai cheio todos os caminhos vão ter à ponte, e por isso se disse os que namorados são no passear os conhecerão.

Filotecnia Como sois mau e malicioso. Nunca vós isso aprendestes sem o passardes.

Ulissipo Vedes, senhora, que eu fui mancebo e, mal pecado, sei mais disto que das obras de misericórdia, e el que las sabe, las tañe, asno dessojado de longe aventa as pegas e a perro velho não buz buz. Vós cuidais [11'] que não há mais mundo que o que vos vossas filhas dizem, e elas nunca vos falam verdade, porque besteiro que mal tira prestes tem mentira. Vós sois com elas coração sem arte não cuida maldade e elas andam sempre d'aviso convosco: dormindo sonham como vos farão do céu cebola. Havei-las de reprender e sopear e nada louvar, que já ouviríeis criaste e não castigaste, não criaste. E como já digo, velai-vos dos princípios que per um cabelinho se apega o fogo ao linho. Qualquer começo é mui perigoso, pequeno machado derruba grande carvalho e pequeno azo faz grande dano. Nos seus exercícios e ocupações entenderéis seus pensamentos, que pela vigília se conhece o dia santo. Olhai quantos avisos vos dão casos que acaecem cada dia, não sofrai em vossa casa o que reprendeis na alheia, que bento é o varão que per outro se castiga e per si não.

Filotecnia Onde fogo não há fumo se não levanta. [12] Té 'gora não lhes vejo por que percam, eu fiador que vos não dem desgostos, que as trago tão matinadas sobre isso que as não leixo a sol nem a sombra.

Ulissipo Vedes que lhe mostrais muito favor, e desses mimos vem todas as ousadias. Querei-las trazer d'ouro e d'azul e isto não é bom, que a molher muito louçã dar-se quer à vida vã e pola listra se conhece a touca. Quão longe molheres deste tempo de serem a de Filon ateniense, que, perguntada em ãa festa por que não vinha ataviada como as outras, disse que bastava vestir-se da virtude de seu marido.

Filotecnia Quão longe também de se poder dizer isso pelos maridos d'agora.

Ulissipo Fazei vós o que bem digo e não o que mal faço. E ãa lacedemónia a outra que lhe mostrava um vestido rico mostrou-lhe seus filhos dizendo: estes são os meus atavios.

Filotecnia Já me ele vem com seus exemplos, nunca elas outro mal fizessem senão vestir-se galantes. As moças hão de [12'] andar bem vestidas e os moços fartos.

Ulissipo Que má regra essa é. Eu vos digo que nenhũa cousa dana à molher tanto como andar muito galante, porque logo quer dar vista de si, e, sendo naturalmente soberba, dobra em vaidade com trajos vãos por que se perde mais asinha. E como folga de ser vista e o pretende, homens ociosos não buscam outras cabras e triste de quem as há de guardar, porque, como lá dizem, a raposa ama enganar, o lobo cordeiros e a molher louvores. Se a gabam de fermosa não há cousa de

mais seu gosto, donde todo seu mal lhe entra pelos ouvidos, e do muito desejado é difícil a guarda.

Filotecnia Ninguém tem filhos sem cuidados e quem os não tem nenhũa cousa deseja tante como tê-los.

Ulissipo Sabeis que são filhos? Os bons um contino temor, os maus dor eterna, gosto duvidoso e cuidado certo. Filha fermosa e virtuosa contentamento grande mas mui cuidadoso, porque sendo nossa natureza inconstante, na mulher o [13] é muito mais por ser mui variável, imperfeita e fraca. Portanto, senhora, agora que vossas filhas vão entrando em opinião de si ponde-lhe freio pera as domardes. Manjares delicados, golodices, vestidos, jóias e tudo o al com que de contentes de si mesmas pretendem contentar a outrem escusai-lho o mais que puder ser. Ocupai-lhes sempre o tempo, que o trabalho lhe desvie cuidados ociosos e castelos de vento. E sabeis em quanto os antigos ponderaram esta ocupação? Que as romanas quando casavam mandavam enramar as portas dos maridos com lâ e levavam consigo roca e fuso em sinal do que haviam de fazer em casa, e puseram estátua a Tanaquil, mulher del rei Tarquino Prisco, porque foi grande fiandeira. Alexandre Magno gabava-se à mulher de Dario que a veste que trazia lhe fizera sua mãe e irmãs. Andrómaca, mulher de Heitor, contam que tecia enquanto ele batalhava, e do emperador Carlo [13'] Magno que mandou ensinar com muito cuidado aos filhos ciência e às filhas fiar e tecer, porque desta maneira se conserva a virtude que a ociosidade desbarata. De festas e romarias as descostumai, que não lhes lembre, que nestas se assoalham pera acordar o cão que está dormindo. E as menos vezes que for possível façam visitações, pera que não aprendam doutras o que lhe vós encobris. E sabeis quanto vai em serem recolhidas? Que as mulheres do Egipto não andavam calçadas, por que estivessem em casa, e os romanos em tanto estimavam o recolhimento nas mulheres que Caio Sulpício Galo repudiou sua mulher porque a viu fora de casa com a cabeça descoberta. Públio Semprônio fez o mesmo, porque a sua foi ver uns jogos sem o ele saber, e diz Xenofon que fez Deos a mulher fermosa pera que sustentasse sua fermosura e castidade com estar em casa. Assi que estes são os remédios que se dão pera guardar tão [14] perigoso gado e tão bom dia se bastarem, e não vaidades e doudices em que as vós ides empondo.

Filotecnia Dizer mal delas e não poder viver sem elas... Antes vos ora digo que vossas filhas andam muito chateadas. Tudo isso é, que eu vos entendo, por não lhes dardes ãas cotas de chamalote de seda, pois bem as hão mister, que não as hei sempre de trazer na cozinha como gatas borralheiras, nem hão de ir comigo à igreja e visitar minhas amigas vestidas dos meus trapos velhos.

Ulissipo Bem tomastes vós o que vos disse, dessa maneira tudo está remediado.

Filotecnia Sei que assi vedes vós andar as filhas dos homens que menos podem que vós. Nem menos de hoje passou por aí com um bautismo, que me elas mostraram, ãa filha de um odreiro tão apontada de ouro e seda que vos ride de mais dama.

- Ulissipo E quereis se um vilão roim não tem cabeça nem vergonha que o imite eu? Quereis ora que vos diga? Beba cada um o [14'] vinho e não beba o siso.
- Filotecnia Assi o fazem os da vossa qualidade, do maior té ò menor.
- Ulissipo Por isso arrenego eu. Diz que porque os outros são parvos que o seja eu também, em que me pese com entender o contrário. Homens sem siso tem destruído o mundo e posto tanto mau costume e tanto excesso na terra que não há quem possa viver com todos quererem fazer o que não podem. E sabeis que dizem as velhas? Aquele andarás pelas calejas que não há igual renda com as despesas. Viva cada um segundo pode, que arrobas não são quintais nem as cousas são iguais, e quem se empena e não tem pena depois se depena e vive em pena, e quem a si mesmo não conhece, vivendo desfalece. E de necessidade se segue que quem tem em muito a sorte alheia tenha a própria em pouco, que é a maior miséria e doudice da vida, e como ninguém se contenta do seu estado, não pode ter repouso nem gosto. Por isso diz Séneca: Toda a vida é [15] serviço, costume-se cada um à sua sorte, não se queixará dela. Se isto conhecessem parvos não haveria essoutra que dizeis.
- Filotecnia Como eles são bons homens e dão boa vida a suas mulheres logo lhe chamam parvos, e a verdade é que estes vivem melhor que os discretos, que reprimem vidas alheias tendo nas suas tanto que ver.
- Ulissipo Que grande certeza essa é de vossas mercês. Como é certo pera com fracos juízos serem culpas louvores. Quão pouco sabeis de açor, como vos não dá de quem há de pagar por todos. Nunca ouvistes não queiras perder o siso pelo doudo de teu vizinho? A mim não me hão de obrigar maus exemplos pera os imitar.
- Filotecnia Ora acabai já, dai-me estas cotas pera as moças que me tiram a vida por elas.
- Ulissipo Bofé, minha amiga, melhor me vivais vós do que inda tenho vontade té 'gora, todo delicado ornamento é perigoso. Lembra-me que li de Dionísio Siracusano mandar a um lacedemónio [15'] ãs vestes ricas pera suas filhas, e ele enjeitou-lhas dizendo que temia fazê-las feas. Eu assi digo, não há gentileza que chegue à da molher desenfeitada, e assaz vestida é a bem acostumada. Todo o artifício é imperfeito. O mantimento e o vestido há de ser o necessário pera conservar a saúde, e não pera gosto.
- Filotecnia Como estais agora ocioso marido. Vós haveis-lhas de dar tarde ou cedo, dai-lhas que vo-las agradeçam pera irem ver o Corpo de Deos.
- Ulissipo Será o que Deos quiser, que assi foi ontem a estas horas. Seria isso apagar o fogo com azeite. Olhai ora pelo que importa e crede-me. Tende registo nas janelas, que estas vossas toalhas e adufas são bastiões e repairos de que elas fazem guerra ao mundo. Haveria por melhor janelas abertas de que a vergonha as faz retrain, e não são tão foubas em esperar bateria de olhos ociosos, e nunca vi encerado são em casa de mulheres moças. E lembre-vos, não lhes leixeis ter conversação [16] das escravas que vão fora, não tomem atrevimento de lhes trazer recados.

- Filotecnia E ele ali e o cão com o osso. Acabai já, descansai, se quereis escusar esse trabalho buscai-lhe maridos.
- Ulissipo Eu nisso ando e já outro dia me falaram no filho de Fedro, vosso compadre.
- Filotecnia Qual? Aquele baboso? Não sou eu disso contente, não crio eu minhas filhas senão pera as empregar muito bem.
- Ulissipo Que estais dizendo? Não sabeis que é muito rico, inda que é desmazelado? Poucos achareis da sua fazenda, e aqui está o ponto.
- Filotecnia Não curemos nós disso, que elas são muito más de contentar e eu pior. Pois que cousa pera a arte de Tenolvia, que não quer senão homem que tenha ser com ãa capa e espada e ganhar-lhe antes de comer pela agulha.
- Ulissipo Gentil remédio. Isso é bom de dizer mas mau de fazer, tal cabeça, tal siso e tal fundamento. Ponde-as vós nesses pontos e então mandar-lhe-emos pintar maridos, e [16'] mais em tempo que não se tem conta salvo com o que cada um tem. Guardai, não lhes consintais vontades que a molher moça e virtuosa não na há de ter.
- Filotecnia Porquê, má hora, não são de carne como a outra gente? Todo mundo quer casar a seu contentamento, que não é nó que se desata levemente.
- Ulissipo Assi é e portanto é mau de acertar, e as molheres são lobas no escolher.
- Filotecnia Essa liberdade lhes não leixam os homens ter, que todas as leis querem a seu sabor.
- Ulissipo Vós sabeí, senhora, que a mor cousa que um pai faz na vida é casar ãa filha, e quanto ma derdes mais fermosa e de primor tanto deve recear empregá-la mal e dar-lhe o seu.
- Filotecnia Se o mundo andara na verdade moças eram vossas filhas pera as tomarem sem nada.
- Ulissipo Já não se costuma, e mais vós nessa parte não valeis testemunha. A escolha em nossa mão está, sejam elas contentes do que o nós formos que depois Deos os conformará mediante a graça do sacramento [17] conjugal.
- Filotecnia Se as tenções dos que casam fossem as que deviam bem seria, mas elas muitas vezes vão desviadas de toda razão, e segue-se que tal é a vida.
- Ulissipo Noutro dia me falaram também em um viúvo de pouco, homem que vai entrando na idade e tem muito dinheiro e grossa fazenda, e herdou da molher vinte mil cruzados.
- Filotecnia Não faleis nisso, que vossas filhas são muito moças e em nenhũa forma desta vida casarão com viúvo que antes não queiram ser freiras, pois nenhũa cousa Tenolvia mais prasma.
- Ulissipo Encomende-se a Deos, não lhe caia em casa, nunca ninguém diga desta água não beberei. Porquê, viúvos não são homens?
- Filotecnia Si, como uvas penduradas, fruita fora de sazão que nunca tem a natural graça.
- Ulissipo E das viúvas que dizeis?
- Filotecnia O mesmo e muito pior.

- Ulissipo E elas que mais querem que viver fartas e cheias, donas e senhoras, livres de misérias e pobreza do mundo? [17']
- Filotecnia Se as fizerdes insensíveis basta, e se obrigadas da necessidade sobeja. Mas vossas filhas não estão tão perdidas e o tempo não lhes foge, que idade tem para pairar as esperanças e ter gosto de si e juízo próprio.
- Ulissipo Per aí se vai tudo a perder, não curemos dessas contas. Em minha casa há-se de fazer o que eu mandar, e quem não quiser o que eu quero nada queira de mim.
- Filotecnia Estais agora com essa vontade e por derradeiro vós folgareis mais de lha fazer que ninguém, pois são vossas filhas.
- Ulissipo Pois, portanto, quero que sejam contentes do que eu quiser.
- Filotecnia Elas isso querem. Achastes vós, bofé, as desobedientes? Bem descansada estou eu nessa parte, mas falo assi a bem de falar. Ora haveis-lhe de dar estas cotas?
- Ulissipo Outra vez e doze, cuidei que vos esqueciam já. Vós não quereis senão o que quereis, tudo se vos há de ir em vestidos. Pois maridos não tomam já senão cruzados.
- Filotecnia Isto não vos há de fazer [18] rico nem pobre.
- Ulissipo Um pouco daqui outro dali... Leixai-as passar agora assi este ano.
- Filotecnia Melhor prazer veja eu delas, assi saiba empenhar-me. Já vejo que lhas não dais salvo por me queimar o sangue. Bem sei para quem vós sois liberal e franco. Eu mereço isto por me fazer sempre rodilha de vossa casa, se eu fizesse como outras que nunca saem do estrado, ãa mão sobre outra, e não metem as mãos na água fria, vós me sofreríeis e estimaríeis.
- Ulissipo Vós haveis merencoria, ora fazei o que quiserdes. Regra é de mulheres queixar-se de pequena ofensa e ensoberbecer-se de pequeno favor. A vossa há de ir avante, já o sei. Mandai-lhe cortar as cotas quando quiserdes, e mande Deos não me nomeeis algũa hora, que superfluidades nunca deixarão de ser danosas.
- Filotecnia Pois também lhe haveis de dar manguinhas de cetim forradas de telilha e cortadas, com seu corpinho com troçais de ouro.
- Ulissipo E que mau seria também [18'] algũa chaparia e botões de diamantes? E onde ficam os saios acoletados?
- Filotecnia Não nos escusam, pelo menos de um tafetá que chamam d'extremados, encarnado, que desejam muito por uns calções que viram a seu irmão dele, que não nas hei de levar a ver os jogos despidas onde as outras todas hão de ir de repica-ponto.
- Ulissipo Por demais é a decoada na cabeça do asno pardo, yo dígole que se vaya y él descálzase las bragas. De maneira que sem elas lá irem não será a festa, pois a mulher e a galinha por andar se perde asinha. Lucrecia romana não foi tida por coroa das matronas salvo porque elas andavam em banquetes e ela estava em sua casa fiando com as suas mulheres, que cântaro que vai muitas vezes à fonte ou deixa a asa ou a fronte.
- Filotecnia Leixai-as folgar e ver que são moças, e agora é o seu tempo.
- Ulissipo De olharem por si, pois trazem espias e corredores sobre sua vida.

- Filotecnia Lá lhe virá outro em que percam o gosto [19] de tudo e de si mesmas e nunca façam sua vontade, que, mal pecado, pera isto casam as mulheres.
- Ulissipo Dize-mo antes que to diga. Toda vós estais cortada. Coitados de nós que somos asnos pera levar a carga que nos põem. Não debalde se diz casareis e amansareis. Vós me haveis de fazer pobre com vossas filhas.
- Filotecnia Pois também vosso filho há mister vestido.
- Ulissipo Bom vai o negócio. Ora buscai o tesouro de Veneza, se basta pera vossas vaidades.
- Filotecnia Quando vós éreis mancebo como andáveis? Quereis um juiz pera vós, outro pera os outros.
- Ulissipo Vós falais em mim que fui um pino de ouro, lustrava mais com burel que esse madraço com bocado. Como rima, valiam mais uns borzeguis marroquis com sua laçaria que quanto agora trazem. Aqueles capuzes de bristol azul, tiracolos com suas borlas... Agora tudo é preto, e tão lustroso anda o criado como o amo. Custado lhe houvera a vosso filho muito do seu e justará uns [19'] borzeguis, como os eu já justei, com canudo, que matariam ãa pulga na perna. Enfim, todo bom passou já.
- Filotecnia A Hipólito tudo lhe está bem, não lho podeis vós negar.
- Ulissipo Sei que é vosso filho.
- Filotecnia Ora dai-lhe este vestido, que traz já aquele tão safado que se corre de ir ao paço.
- Ulissipo E em cabeça se vos mete a vós que vai ele lá? Irá mais asinha bragantear com outros como ele, que bem sei que tais suas companhias são.
- Filotecnia Vós sempre o acusais, pois fará como vós fizestes e fazeis, bom exemplo tem que imitar. Carneiro, filho de ovelha, não erra quem o seu semelha.
- Ulissipo Mal vai quem má fama cobra, e ele segue o mau e leixa o bom. Longe está ele de saber fazer seus negócios tanto a seu salvo como os eu sempre fiz.
- Filotecnia Fez-nos Deos e maravilhou-se, quem gabará a noiva? Ninguém foi como vós.
- Ulissipo Essa podeis jurar. E os vossos gatos hão mister também vestido?
- Filotecnia As vossas negras si, que é [020] ãa vergonha de como andam.
- Ulissipo É certo, mas que lhe faremos? Não procurais vós assi pelos meus moços.
- Filotecnia Esses servem-vos, lá vos avinde com eles. E de Barbosa, vosso grande secretário, tendes vós grande cuidado por suas virtudes.
- Ulissipo Daí vem a tosse ao gato, que todas sois contrárias ao criado a que o marido se afeiçoa. Ora não vos ponho culpa, sois como as demais.
- Filotecnia E porventura tenho mais razão. Raivou, raivou, arde o seco pelo verde, lazerá o justo pelo pecador. Vossas mercês fazem os males e nós outras temos sempre as culpas. Acabai já, quebranto meu, sempre hei de ter estas canseiras por um nada que vos peça.
- Ulissipo Pois vós sois Marta piadosa que dava o caldo aos enforcados.

- Filotecnia Daqui avante com nada hei de ter de ver, perca-se tudo, andem todos rotos. Que me dá a mim de vossa honra, pois vos a vós nada não dá?
- Ulissipo Não vos dê a vós, senhora, que eu me avirei bem com isso. [020']
- Filotecnia Tudo convosco me custa os bofes, porque eu sou párvua. Se eu fosse como outras mulheres que roubam seus maridos não me faltaria a mim o que houvesse mister.
- Ulissipo É boa peça essa. Ûa cousa crede vós: que a mulher que isso faz não quer muito a seu marido e está perto de lhe fazer o que não deve, porque coração que tem em pouco pequenos erros e leves treições cometerá os grandes. E a mulher que no pouco ousa ser trega a seu marido, ousá-lo-á no muito, e em nenhũa cousa tanto mostra pureza d'alma como em nada encobrir a seu marido e muito menos ousar, que o mal não está em mais que começá-lo. Quanto nos homens o esforço é louvado tanto são vituperados os atrevimentos da mulher. Simplicidade de coração e obediência de amor são as arrecadas que fazem a mulher formosa e amada, donde um tebano dizia que o ofício da mulher é contentar seu marido, e Sócrates que aos homens [021] cumpria obedecer às leis da república e às mulheres à condição dos maridos. Condições artificiosas, malícias atreioadas, desassossegam a casa, corrompem o gosto, geram ódios, inventam cautelas, finalmente, fazem do casamento, que é paz d'alma, guerra da vida. Sabeis que chamo mulher de espíritos? À que se ocupa em virtudes públicas, simples na tenção, pura nas conversações, escoimada nos exercícios, bota na língua, diligente na casa, alheia de ressábios e amiga de concórdia.
- Filotecnia Todos sabeis pregar pelo que vos cumpre. Coitadas de nós que tudo é contra nós, e eu sou a mais coitada: pera mim nada peço, pera vossos filhos nada quereis que valha. Eu os desenganarei, que lá se avenham convosco.
- Ulissipo Bem está choromigardes vós por isso. Ora acabou-se a história, fazei tudo o que quiserdes. Mandai chamar vosso compadre, falai com ele que vos dê tudo o que houverdes mister, pois [021'] há de estar na vontade a razão. Praza a Deos que não pairam estes mimos de vossos filhos.
- Filotecnia Todos os tivessem tais.
- Ulissipo Tendes danado esse rapaz com excessos, e folgue ele embora, que al cuida o baio, al quem o sela: ele vai per sua via, eu irei pela minha. A pão duro dente agudo, não tem outro ofício nem outro cuidado senão cortar vestidos e andar com mulheres, burro de Vicente que cada feira vale menos, paço nunca te vi.
- Filotecnia Pois assi é. Cuida o outro que é lá mais valido e que lhe fazem mais honra.
- Ulissipo Ponho em dúvida, diz o pandeiro. Eu tirarei a pesquisa.
- Filotecnia Vós tomastes já azar com ele, então pai sou. O que lhe dais parece que o demo vo-lo leva, por fim os doilos sempre são meus que pago por todos.
- Ulissipo Como lh'a elas dizem o que é bem logo tudo é entornado, por isso se diz que três mães boas parem três filhos roins, a verdade pare ódio, a

- muita conversação desprezo e a muita paz vícios [022] e ociosidade. Algũa hora vós me nomeareis.
- Filotecnia Tendes bem que dizer, dou-vos eu algũa fadiga por mim? Eis-me aqui com um saio de cem anos. Falo-vos por vossos filhos, que são vossos, e por isso lhes quero bem.
- Ulissipo Esse é um bom escudo pera receber todos os golpes sem medo, bem sei quantos fazem três. Deixemos paixões de que sei que hei de levar a pior, mas comadres e vezinhas a reveses hão farinhas, e por derradeiro sempre fico debaixo.
- Filotecnia Obras são amores que não bonas razones, bom amigo é o gato, senão que arranha.
- Ulissipo Nada vos tolho, digo-vos o que entendo que é bem, agora fazei o que quiserdes, o tempo castiga e aprova tudo. Escusado é cuidar nenhum homem que pode bandear mãe contra filhos, conjurais-vos contra mim todos. Eles vos darão o galardão ou eu não sei nada. Mandai fazer a cea que há cá de vir cear nosso vezinho Astolfo.
- Filotecnia E a que horas?
- Ulissipo Ceddo, imos agora [022'] passeando té Santa Bárbara e logo voltamos.
- Filotecnia A alguns bons feitos.
- Ulissipo Piores são as vossas sospeitas.
- Filotecnia Inde mal, que me saem sempre verdadeiras.
- Ulissipo Mal vai quem má fama cobra, não são tantas las nozes como las vozes.
- Filotecnia Quem o demo tomou ãa vez sempre lhe fica um jeito.
- Ulissipo Cantar mal e porfiar.

Cena segunda.

Filotecnia. Tenolvia. Gliceria.

- Filotecnia Vedes aqui, quebrantos meus? Por amor de vós outras hei de ter sempre achaques com vosso pai.
- Tenolvia E pois, senhora, houve-nos os vestidos?
- Filotecnia Diz vosso pai que não quer nem é sua vontade, nem tendes necessidade de ir fora. Que esteis em casa.
- Tenolvia Antes lhe eu ora digo que ele tem bem que dizer disso, as meninas são andarejas que é um [023] prazer. Que cousas tem meu pai tão graciosas, o seu gosto seria não vermos sol nem lua. Mal sofreria ele o que fazem as filhas de Crifoloro, que não lhes escapa romaria nem dia santo de que não se logrem. E nós, como emparedadas, entra o ano e sai e não saímos daqui.
- Filotecnia Nem isso lhe gabo, tanto pelo de mais como pelo de menos, que a molher nunca perdeu por recolhida.
- Tenolvia Isso não lhes tolhe serem virtuosas.
- Filotecnia Si, mas as línguas dos homens não perdoam. A maior honra que a molher moça pode ter é não ser conhecida nem vista.

- Tenolvia Quem é virtuosa nada lhe tira sê-lo.
- Filotecnia Tirados os azos tirados os pecados. Ninguém por confiança de virtude se ofereça ao perigo, que quem se guardou não errou, e se Deos nos não tem da sua mão nossa natureza sempre pende à pior parte.
- Tenolvia Nem por muito madrugar amanhece mais asinha. Não está a segurança toda nessas regras, que quando Deos não quer [023'] santos não rogam. Muitas vezes são piores as muito guardadas, a boa e virtuosa per si se guarda, que mais pode Deos ajudar que velar e madrugar.
- Filotecnia Assi é verdade, que dele vem todo bem e de nós o mal, mas a que está velada pior fora se a não velassem, que se não casta cauta, e o bom nome mais está no que se diz que no que é.
- Gliceria Pois rasgam elas mais sedas, que não se fala em al, e são mais senhoras de si, que a desejo vem a costura, e não se levantam senão a que horas por amor do carão.
- Filotecnia À ociosidade não lhe hajais inveja, à virtude si, que a molher que não vela não faz larga tela, e o lavor da judia endereçado de noite e dormir de dia.
- Tenolvia Nós outras sempre havemos de ser escravas de casa! Praza a Deos que cedo me leve pera si ou me tire deste cativoiro.
- Filotecnia Ora, douda, dai com a mão na boca. Toda vós estais cortada, à molher de bondade outrem fale e ela cale. Vistes os seus trabalhos? Quem cospe [024] pera o céu na cara lhe cai. Essoutras, se vivem a seu prazer, também dizem delas o que Deos sabe.
- Tenolvia Assacar-lho-ão más línguas, que o rir e folgar não é pecado.
- Filotecnia Onde há muito riso há pouco siso. Dentro em casa não se tolhe, mas não se sofre tanto dar de rabo à vila, o que é bom pera o fígado é mau pera o baço. Bom é missar e a casa guardar, que vosso pai não quer que vivais ociosas.
- Gliceria Meu pai se nos pudesse entaipar, esse seria o seu gosto.
- Filotecnia De lá nos venham as pedras, donde estão os nossos.
- Tenolvia Eu não sei pera que nos ele quer em casa, pois lhe tanto cansamos. Meta-nos já freiras, acabe e descansar.
- Filotecnia Quereis vós?
- Gliceria Oxalá já o visse.
- Tenolvia Assi como assi já o sou, sempre fechada, que cedo hei de cegar com esta costura.
- Filotecnia Tenolvia não dêis com o dedo no céu, não te assanhes com o castigo, que não to dá teu imigo. Quantas ora há tão honradas, e mais que vós, que tomariam ter a [024'] vida das vossas moças, mas o farto do jejum não tem cuidado algum e pouco dá o farto pelo faminto. Assi é tudo: com o que Pedro sara, Sancho adoece. Outras com sua pobreza são contentes e sofridas e vós com sobejidões queixosas, tudo se estima como se julga.
- Gliceria Vossa mercê nunca há de ser por nós, por mais que homem queime as pestanas pela satisfazer nunca é contente.
- Tenolvia Minha mãe é muito daquilo, todas as filhas alheias são santas, as suas nunca fazem cousa boa. Os labores das outras todos são extremados, os nossos não prestam, ora inda Deos está onde estava.

- Filotecnia Calai-vos doudas, que eu sei quão preguiçosas sois. Calo-me eu porque, enfim, sou mãe e também canso. E sabeis que diz vosso pai? Que sois muito janeliras, e a molher que muito mira pouco fia, que nunca vem de fora que vos não veja à janela.
- Tenolvia Jesu, livre-me Deos, camanho testemunho. Ousarei jurar que nunca me viu. [025]
- Filotecnia Quem bem nega nunca se lhe prova, ele não no sonhou.
- Gliceria Camanha graça minha mãe tem, quer agora dizer aquilo que meu pai nunca lhe veio por cuidado nem por penso.
- Filotecnia Guardai-vos, duna rapariga douda, não vos dê com este chapim. E desmentir-me-eis? Eu digo verdade, que me deu muitos achaques, que via andar por aqui embuçados. Àquele nada se lhe esconde!
- Tenolvia As maravilhas de meu pai as aves do céu lhe fazem nojo. Pois que lhe havemos nós de fazer? Nunca viva se dou fé de embuçado que por aqui passasse. Mal pecado, não lembramos nós tanto ao mundo. E mais, dou-lhe que passassem, hão-nos de comer da rua? Um bem tem ele, que são as nossas janelas tão altas que mal me atreveria conhecer ninguém em baixo.
- Filotecnia Quereis que vos diga, moças? A molher que é boa, prata é que muito soa, isto queria que tivésseis sempre ante os olhos. Olhai que gosto danado muitas vezes julga por doce [025'] o agro, não vos fieis na vossa escolha, que afeição e ódio não permitem juízo claro. Toda mocidade é simples pela falta de experiência. De ninguém, e de vós mesmas menos, vos fieis; errai antes pelo parecer de quem vos quer bem sem interesse que acertar pelo vosso, que o mor acerto que toda pessoa pode fazer é fugir culpas próprias, e o mor descanso saber que traz outrem cuidado de sua vida. Vosso pai quer-vos bem, traz cuidado casar-vos muito à vossa vontade, por amor de mim que trabalheis por não lhe dar má velhice nem creais outrem mais que a ele, que de roim cabeça nunca sai bom conselho e raramente se acha quem conselhe senão ao som de seu proveito ou gosto. Não se entenda em vós, por amor de Deos, filha sê boa mãe que aranha vai por aquela parede. Não tenhais em pouco pequenos erros e começos maus, que desses vem os fins piores. Vosso pai é cioso e de longe aventa as pegas, [026] nada lhe passa pela armada. Eu dos ventos me receio por lhe arredar toda má sospeita, porque ao marido serve como amigo e guar-te dele como de imigo, e vós outras também o temeí, pois sabeis como é assomado, e medo guarda vinha, que não vinheiro. Olhai o que vos cumpre, que o bem soa e o mal voa.
- Tenolvia Se cuidasse que nos dizia isso com algũa desconfiança per minhas mãos me mataria. Que vê ela em nós pera recear-se?
- Filotecnia Té 'gora nada, se assi for sempre... Que pelo si, si, pelo não, não. Assi lho disse eu, porque se sospeitasse o contrário enterrar-me-ia, que antes morte que vergonha. Prezai-vos de recolhidas se quereis que não fale o mundo, que de porta cerrada o diabo se torna, pera as molheres nada é seguro e tudo sospeitoso. Não sejais confiadas que aí está o perigo, e ùa hora cai a casa, que não cada dia. O que vosso for à mão vos virá. Benzer d'atrevimentos que cesteiro que faz um cesto fará

[026'] cento. Erros de filhas são culpas de mães pelo muito que tomam delas, e pecados de pais pelo que contra outras cometeram. Não queirais ser nosso açoute, e como assi fizerdes a vontade a vosso pai tereis dele tudo o que quizerdes e havereis a sua bênção e a minha.

Tenolvia Pois, senhora, mande chamar seu compadre, se nos há de dar os vestidos.

Filotecnia Não é tanta a pressa, amenhã dia é. Tempo à choca e tempo a quem a joga.

Cena terceira.

Hipólito, Filotecnia, Tenolvia, Gliceria.

Hipólito Há qui que comer?

Filotecnia Porquê? Tamanha galga trazeis vós? Não há tanto daqui à cea.

Hipólito Bofé, senhora, que venho pera dar os fios à tea de fome, se [027] me não socorre com algũa consolação.

Filotecnia Nem com toda sede ao cântaro, nem com toda fome ao cesto.

Hipólito Sempre me vem com exemplos que não me armam.

Filotecnia Eu o creio.

Hipólito Ora, senhoras, haja em vós algũa caridade. Gliceria, mana, fazei vossas virtudes, que sempre fostes minha amiga.

Gliceria Naquele almário está lacão.

Hipólito Sejais santa bem-aventurada, inda vos eu baile na voda. Dai cá.

Filotecnia E donde vens agora cousa perdida? Nenhum assento nem siso tens. Pois mal haja o ventre que o bem não lhe vem em mente, quem não olha ao diante, atrás se acha. Todo teu feito é andar em doudices com más companhias, e di-me com quem passes, dir-te-ei que fazes, que quem com farelos se mestura, maus cães o comem. Não estarás em casa algũa hora? Pois como teu pai folga com isso, é um prazer.

Hipólito Meu pai não folga nem tem por bom senão o que ele faz, mas ninguém vê o argueiro no seu olho, senão no [027'] alheio. Ora os outros não são cegos, faz-se mais rabugento que não há cousa que o sofra.

Tenolvia Muito há de saber quem houver de contentá-lo.

Hipólito Mas como é certo de pais serem juízes injustos com seus filhos. Querem que em nacendo sejamos velhos e nenhum comércio tenhamos com os fruticos da mocidade. Eles quando mancebos viveram a seu sabor, triunfando a vida sem temer nem dever. Depois de cansados, que lhes a natureza escassea e lhe o mundo avorrece porque os desengana de si e o não podem lograr, que lho não permite a idade, querem que assi não vivam os filhos de enveja ou de raiva. Tudo o que já não podem lhes parece mal, nem terdes gosto sofrem, grandes reformadores de vidas alheias quando lhes o tempo toma residência das próprias. Queria eu que dessem eles com os costumes passados exemplo, que falar do arnês e nunca o vestir todos o fazemos. Meu pai

quando está de boa vea todo seu [028] passatempo é contar sortes que fez e gabar-se de excessos que me ele mal sofreria, então quer que seja eu capucho. Em mim se hão de emendar todas suas culpas.

Filotecnia Aí verás se te quer mal, não é tão pouco ter guia que te avise do atoleiro em que caiu. Nunca ouviste o que faz o louco à derradeira, faz o sábio à primeira? Sigue tu o bom que te diz e acertarás, que ele não te há de dizer senão o que te cumpre, e quem dos seus se aleixa a Deos leixa. Olha que filho és e pai serás, como fizeres assi verás, e quem a seu pai não sofre a quem sofrerá?

Hipólito Ûa cousa lhe afirmo de mim: se algũa hora tenho filhos hão de ter comigo boa hora e boa ventura, não lhes hei certo de andar acoimando sempre a vida, mas ser-lhe fácil e companheiro por que não se encubram de mim e assi os possa melhor e mais facilmente desviar dos erros em que os vir. Porque o filho se costuma a mentir e enganar seu pai muito melhor o fará aos [028'] outros. Por onde é melhor sustentá-los em liberdade com vergonha que em temor, pois ninguém é muito fiel a quem teme. Meu pai há por mais certo ser áspero e forte de condição e não sabe que é muito mais seguro o império que se conserva per amor e benevolência que per medo e aspereza. E quem per brandura não sabe governar seus filhos não sabe ser pai.

Filotecnia Isso querias tu, que te leixasse teu pai seguir teus apetitos desenfreadamente. Pois quem temperança não há consigo sem freio anda, com pouco siso. Queres que te diga, Hipólito? Chega-te aos bons e serás um deles, que quem à boa árvore se arrima boa sombra o cobre. Teu pai não grita outra cousa senão que segues más conversações, de que sempre se segue ou o frade ladrão ou o ladrão frade, que o costume faz nova natureza, e assi to digo sempre. Mas perdida é a decoada na cabeça do asno pardo, que quem de sandice adoece, tarde ou [029] nunca guarece.

Hipólito Ouvi vós, minha mãe, e cuidareis que como eu meninos? Ora não é o demo tão feio como o pintam. Eu, senhora, não ando a tomar capas nem a matar homens; ser servidor de damas não é moeda falsa nem tacha em mancebos da minha arte, porque amor é o escamel da galantaria e da discrição e da cavalaria. Nunca ouviu toda cousa quer seu tempo e os nabos no advento? Não posso ser velho sem idade, que seria ante cocho que el augua ferva. A seu tempo vem as uvas quando são maduras, a cada idade deu Deos seu ofício e per graus se melhoram de um no outro: ao velho severidade, ao mancebo alegria, e a todos os anos se concede seu jogo. E quem quisesse totalmente refrear os primeiros ímpetos da natureza seria tolher a força ao engenho e ser fábula do povo, se pepinos viessem em Dezembro ninguém os comeria. Quando for tempo de me recolher far-me-ei mais grave que um doutor.

Filotecnia Quem mau pleito tem, a [029'] vozes o defende, e tu tal és: cuidas embelecar-me com tuas parolas e não sabes que quem com donas anda sempre chora e não canta, e os maus costumes e a emperrada quer-se quebrada. Cuidas tu que não sei eu os teus tratos, que fazes cada dia ùa das tuas, e quem com muitas pedras bole em ùa se fere e quem

muitas estacas tancha algũa lhe há de quebrar, que por isso se diz: ãa hora cai a casa e não cada dia. Hipólito, quem ao diante não cata atrás cai e malbarata, e o prudente mede o fim das cousas.

Hipólito Senhora, ser namorado não mo tolha ninguém, porque a senhora minha dama é muito fermosa e de grandes quilates e não me quer mal, par estas barbas. Ora eu não será razão que lho queira, pois todas as obras humanas pretendem seu prémio em outra cousa salvo amor, que não se paga senão com amor. E por que veja como sou repassado nesta conversa quero mostrar-lhe ãa cantiga que lhe fiz o São João passado, vendo-a [030] em um jardim colhendo flores. E chamo-lhe eu a minha menina, porque ela é destas dantre pulo e boléu e juntamente tem um parecer menineiro e de muito ar que me derrea. Assi que a este prepósito lhe mandei esta:

Cantiga

Menina que colheis flores  
e sois das flores a flor,  
por dita sentis amor  
como dais sentir amores?

Cuidado antre as ervas dais,  
antre as flores pensamento,  
dos olhos com que as olhais  
nace dor, pena e tormento.

Menina que dantre as flores  
sois a rosa e dela a flor  
colhei também deste amor  
já que sois os meus amores.

Quem vos pode ver sem perigo  
se alcança saber sentir-vos [030']  
de si não seja inimigo  
em negar-se por servir-vos.

Não se vem vossos primores  
sem padecer nova dor  
por vos dar flores a flor  
e amor dos meus amores.

Ora que lhe parece agora, senhora? Há mais Mancias que isto nem mais França? Ela parece-lhe que é bico de junco o furor e espíritos que amor dá.

Filotecnia Ai doudo, doudo, tal cabeça tal siso, nessas doudices gastas tu teu tempo.

Hipólito Esse mau, nunca o eu pior empregasse. Meu pai mais queria que o gastasse em saber a conta de Frandes, que é gentil habelidade, alfaia

- de cobiçosos, mas não pode ser que o demo esteja sempre a ãa porta. E vós, minhas senhoras, como estais com esta cousa? Não sei se sois marca de entender ãa galantaria assi escarrapiçada.
- Tenolvia Não nos façais tão apagadas, que também entendemos o bom.
- Hipólito Assi [031] se espera de tais pessoas. ãa mercê me fazei: que vos não amarreis tanto aos preceitos da velhice de minha mãe, inda que sejam bons, que ãa hora por outra não aceiteis minha doutrina, que é assazonada e do tempo, porque vos é mui necessária.
- Filotecnia Não desejo eu outra cousa.
- Hipólito Por sua vida, senhora mãe, se vir o recacho e desdém desta rapariga que se perca por ela.
- Filotecnia Como de feito eu sou perdida por esses jeitos e torcicolos, a molher não há de ser bonifrate. Parece-me muito bem o assossego no corpo, segurança e assento no rosto, natural que não arteficioso, todo essoutro andar de cuadas, o trocar de boca, o quebrar de olhos é muito pouco honesto, promete muita doudice e é sinal de burra frontina.
- Hipólito Como isso é já de velha, mãe. Não sabeis onde o negócio bate. Aqueles ademães são recramos de amor: todo ar, toda discrição, é um pisar o mundo debaixo dos pés e de haver a terra [031'] por indigna deles, dão aqueles solavancos como grou que quer voar. E de todos estes petrechos sabeis que é minha dama artista.
- Filotecnia Pois como, eu sou disso?
- Hipólito Ela não lhe armam senão as tarefas de suas filhas, que as tem sempre de empreitada. Esta moça é tábola que não joga, põe raia per cima de camafeus, finalmente, é a grimpa da fermosura.
- Tenolvia Fez-nos Deos e maravilhou-se. Ora queimem-na e lancem o pó per cima das outras.
- Gliceria E vós, segundo isso, sabereis sempre per ela donde é o vento, como peneireiro.
- Hipólito Zombais, senhoras? Pois eu vos digo que não sois camuzes de cair no mel da sua arte. Sois cá moças de vila, não sabeis mais que amassar e peneirar, fazer filhós e bolos de soborrvalho; ao domingo enfeitais-vos com volante, e quando saís a vistas ides mais sesudas que ãa noiva. Qualquer cousa vos enlea, correis-vos por dá cá aquelas palhas, nem sabeis falar senão com vossa mãe.
- Filotecnia Assi [032] as quero eu e não que tenham o saber na língua.
- Hipólito Pois quem não fala não no ouve Deos. Minha dama e as da sua laia não se ocupam em exercícios baixos e servis, curam luvas e dormem com elas pera curar as mãos, e té dormindo estão em estrado, fazem pivetes, todas são águas de cheiro, sabem vestir-se à las mil maravilhas, inventar, betar cores, sentir o bom, reprovar o mau: estas são suas ocupações e dar mostras de si com a segurança de um touro.
- Gliceria Roim seja quem lhe houver inveja.
- Hipólito Pois praticar e saber per que termos e com que cortesia e mesura se hão de medir os homens e dar razão no alto e no baixo sem algum pejo far-vos-á estar com a boca aberta. Só pera ensinar estas minhas irmãs folgaria, mãe, de vo-la meter em casa.

- Filotecnia Bofé, por tudo isso que tu dizes lhe não darei eu o meu gato, essas discrições tais trazem mui pouco fruto. A molher há de ser engenhosa e destra nas cousas de casa [032'] e não nas do mundo. Nem me caseis vós com essas doudices, por mais princesas que sejam, que eu não nas quero nem é minha vontade, que o casamento é bom de fazer, mas quem o há de manter muito há de saber.
- Hipólito Inde mal porque ela não quer, que eu lhe lambera os dedos.
- Filotecnia Não curemos nós disso que eu não hei mister donzelas.
- Hipólito Pois eu também não quero gatas borralheiras, que quem em roim lugar põe vinha às costas a tira. Sabei vós, mãe, ãa cousa: que podem estas senhoras vossas filhas viver com ela em tudo porque não há cousa que chegue a esta arte palanciana.
- Tenolvia Ora, senhor, não corteis tanto por nós, nem tanto amém que se dana a missa. Como a cera é sobeja logo queima a igreja, ca não morremos d'abafos.
- Hipólito Bem sei que sois molheres de vossa fantasia, e se fôreis tão galantes que vos quiséreis prestar com ela e mandar-lhe alguns serviços valer-vos-ia muito e eu não ganharia [033] pouco.
- Gliceria Eu o desejava.
- Tenolvia Si, mandaremos lá a negrinha dos pés queimados.
- Gliceria Se vem à mão ela será algũa estriga caiada, feita de engonces. Enfeitai o cepo, parecer-vos-á mancebo, a poder dos cinco mandamentos.
- Hipólito Não se desmande por me fazer mercê. Falemos cá no dinheiro da estopa que releva. Vossa mercê, senhora, vê como eu ando safado, quer acabar de me haver um vestido de meu pai? E se não não me dá disso, tudo será não ir ao paço, que eu determino não meter pé nele desta maneira.
- Filotecnia Sabes que diz teu pai, Hipólito?
- Hipólito Si, que foi?
- Filotecnia Que nunca vás ao paço e que todo teu tempo gastas per casa dessas boas molheres com outros vadios. E queres que te diga? A quem hás de rogar, não hás de assanhar, que quem mais quer que bem a mal vem. Não olhas senão o teu gosto, e quem não conhece que peca não sofre ser emendado. Praza a Deos que seja eu mentirosa, mas teu pai [033'] determina saber todos teus caminhos e não queria que fosses com ele quem bem tem e mal escolhe por mal que lhe venha não se anoje.
- Hipólito Di-lo ele assi? Pois diz verdade. Que remédio?
- Filotecnia Eu não sou contente de vós levardes esse caminho. Se quereis haver a minha bênção trabalhai fazer a vontade a vosso pai, que qual te dizem tal coração te fazem.
- Hipólito Ora, senhora, eu vou entendendo isto. Se lhe avorreço em casa dou graças a Deos que me deu desposição pera o mar, eu me irei morrer à Índia na primeira armada e desapressarei meu pai.
- Filotecnia Não me digas isso, Hipólito, que me magoas muito. Não me canses, que sempre tenho trabalhos por ti e esse é o galardão que me dás. Bem me diz a mim teu pai: quer em jogo quer em sanha sempre o gato mal arranha.

- Hipólito Meu pai sempre é profeta, por isso se há homem de enterrar, por não sofrer sojeição de pai velho.
- Filotecnia Hipólito, tal de mim tal de [034] ti, quem mal e bem não pode sofrer a grande honra não pode vir ter. Eu te direi, todo o mal é de quem o tem, se mal fizeres pera ti o farás. Quem consigo se conselha consigo se depene, que teu pai ninguém se tome com ele per mal. Hajamos paz, morreremos velhos.
- Hipólito Assi queria eu.
- Filotecnia Ora anda tu embora, que o tempo me vingará de ti.
- Hipólito Inda mais vingada que ver-me andar sobre um vestido em requerimento, como pera ser conde?
- Filotecnia Ora cal-te, cal-te, que em boca cerrada não entra mosca, e quem muito fala dele dana. Não posso ouvir tuas ingratidões, mas a palavras loucas, orelhas moucas, e ao doudo e ao touro dar-lhe corro. O vestido já diz teu pai que o tomes do que quiseres.
- Hipólito Mas que nunca mo dê! Não tenha ela por isso paixões, que não me há de faltar quem me fie a pagar quando puder. E será mais barato que importuná-lo, porque o que se pede não se alcança de graça.
- Tenolvia Ora [034'] não queimeis o sangue a minha mãe, que ela não vos tem culpa na condição de meu pai.
- Hipólito E a mim dá-me dele? Por minha mãe o hei eu, que ferve logo como lhe ele diz bé. E inda lhe a ele não vejo fazer tantos milagres que me obrigue a observante, mas todo mundo vê o argueiro no olho alheio e no seu não vem traves. Mas os velhos d'agora querem ser mancebos e anda assi o demo às vexas e o carro ante os bois. Mas leixemos isto, senhora, vá-se o demo pera o demo e venha Maria pera casa, bem sabe que tem em mim um pino de ouro e filho de bênção e que matarei sete asnos por seu serviço. Se me ela quisesse agora socorrer com cinco cruzados que hei mister como à vida... Empreste-mos, senhora, que eu lhos pagarei muito cedo.
- Filotecnia Não nos tenho.
- Hipólito Eu lhos tornarei, à fé.
- Filotecnia Vai, vai, que assi me enganas tu sempre, tu és papa los meus papa los teus e nunca ãa hora perdes comigo nada. Pago-me [035] eu do meu amigo, que come o seu pão consigo e o meu comigo.
- Hipólito Pois porquê, eu tenho muito?
- Filotecnia Não dá quem tem senão quem quer bem.
- Hipólito Essa razão faz por mim. Queria fazer partido a um verdugo que val um reino, e à fé, por vida minha, que mos há de dar agora.
- Filotecnia Bofé que não tenho mais que três cruzados que ontem tomei a teu pai.
- Hipólito Ora dê-me esses. Tenolvia, mana, tendes algum que me empresteis?
- Tenolvia A nunca pagar?
- Hipólito Valei-me agora em minha necessidade, e o primeiro dia que me treçar a primeira eu darei barato e pagarei tudo.
- Tenolvia Eu não tenho mais que três tostões.
- Hipólito Ajuda é. E vós, mana Glicería, não fareis também virtude?
- Glicería Eu, bofé, que só um tostão tenho de meu.

- Hipólito Ora enfim, quem te dá o osso não te queria ver morto. Cada ãa acuda com o que tem e pode, que não é mais obrigada. E sabeí que há de ser ao galarim. Todavia eu não tenho inda aqui comprimento [035'] pera o que quero, determino i-los aventurar a ãa vaia, quiçá dobrarei a parada e farei de minha prol.
- Filotecnia Mal pecado, esses são os verdugos que tu comprarás. E eu tão tola que te dou o dinheiro.
- Hipólito Cale-se, senhora, que quem não se aventurou não perdeu nem ganhou. Este dinheiro é de bênção, há de multiplicar. Deixai fazer a Deos que é santo velho e vereis gatos comer pepinos.
- Tenolvía E vós, irmão, ides-vos assi? Pois quando se cortarão os nossos vestidos?
- Hipólito Por vos servir darei a la mesma hora ãa volta por casa de seu compadre e verei o que tem. E quando não estiver apercebido pera o que cumpre a tais damas, dir-lhe-ei que o busque e amenhã faremos maravilhas.
- Tenolvía Pois olhai, irmão, fazei-lhe trazer todas as cores pera escolhermos.
- Hipólito Perdei o cuidado de serdes servidas.
- Filotecnia Ora vai, cabeça de vento, que assi as engodas tu e a mim com elas. [036]

Cena quarta.

Hipólito, Barbosa.

- Hipólito Monseor Barbosa, tenho de tomar convosco um grande conselho, respondi-me como homem que o lê e entende e lhe passa cada hora pela mão. E a experiência é mãe das cousas, porque dos experimentados se fazem os arteiros.
- Barbosa Homem sou eu, que do meu mester outrem vos dará pior razão de si. Portanto, proponde brevemente porque vosso pai mandou-me fazer um pouco e não queria que me visse.
- Hipólito Eu vos direi, vamos por aqui. Queria, meu amigo, saber de Florença em que tratos anda, que há três dias que não posso entender onde a bêbada da mãe a tem em taibo e cuidó que me faz isto por me fazer cacha.
- Barbosa Fá-lo-á [036'] ela por seu proveito, que nessas mejoadas sempre há pagodes e bom vinho, que pera ela é o próprio recramo.
- Hipólito Segundo isso tendes pera vós que ma calabreou.
- Barbosa De seu, se está entendido. Que menina há mãe pera não andar aos ovos com ela como com pele de raposa?
- Hipólito E dessa maneira cumpre seus juramentos?
- Barbosa Jura má sob pedra vá. Os juramentos desta qualidade, feitos por tal gente e em matéria de seu interesse, mal se devem crer, porque pior os costumam elas comprir.
- Hipólito Pois eu descreio da fé dos mouros se mo não pagam.

- Barbosa Tremendo estão elas disso, bem sei quem há de levar a pior.
- Hipólito Ora não hei de ser sempre tão mimoso e impaciente que me falte sofrimento pera saber encobrir e dissimular a dor de tantas injúrias quantas as mulheres inventam pera matéria do sentimento dos homens.
- Barbosa Pois inda as deste jaez é pior relé, porque de mulher que perdeu a vergonha não espereis [037] bom feito.
- Hipólito E não é nada senão que me tem elas por tão sojeito...
- Barbosa Mas por tão parvo.
- Hipólito Que presumem ter-me aferrado a cem amarras por mais perrarias que me façam.
- Barbosa E não no erram, que eu lhe ousarei ser bom fiador.
- Hipólito Par estas que me nacam que se enganam muito comigo, que se dou volta à peneira leixá-las-ei em garganta a boas-noutes, que não haja cousa que me tenha.
- Barbosa Esse era o acertar, que o vencimento próprio é o melhor de todos. Mas primeiro que se nada cometa há-se de olhar tudo, medir os inconvenientes e examinar cada um consigo se pode levar ao cabo o que ãa vez restar, e não seja cuidá-lo bem e fazê-lo mal, porque não efetuar o começado raramente passa sem dano, que se fordes autor de quebrar as pazes não fica achaque de restituir em tréguas. E quando ela tiver feito calo na teima geral das mulheres de a ninguém rogarem, porque as não obriga a vontade, se forçado da [037'] fraqueza do espírito namorado a rogades descobris amor pera azo de maior sojeição. E acabado de Florença entender que lho tendes insofrível feito é. Fazei conta que vos há de pôr os pés nos focinhos, que estas são piores rogadas e conhecendo-vos sojeito fará de vós mangas ao demo, e a corva da mãe nunca se fartará de vos fazer perrarias, porque haveis de ter por sem dúvida que quanto maior bem quiserdes à mulher desta plumagem tanto menos vo-lo querem. A medida destas é serem sempre apaleadas que reconheçam senhorio, que se por temor não, por virtude nada fazem nem lho espereis. Afagam o amigo enquanto dele desconfiam, como lhes parece que o tem azido na costela matam logo a negaça e fazem-lhe cada hora mil sobrançarias, e pera as escusar o remédio é fazer-lhas primeiro. Tenha-vos por assomado, desarrazoado, insofrível, cru e isento, e per esta via levareis dela o melhor e tão bom [038] dia, que por amor e cumprimentos mau caminho vos vejo. Eu há dias que lhes sei o erro e nenhũa piedade nem comedimento uso com elas, na luta levo-as arca por arca e digo-lhes se cuidastes cuidámos, às primeiras razões quebro-lhe os focinhos e ãa vez que isto faço de boa entrada fico em posse de me sofrerem e não sofrer, que é toda a doce França.
- Hipólito Essa é a suma, não há que falar. Por isso determino açoutar-me desta vez e desenganá-la pera nunca mais perro al molino, e mais hei-lhe de dar ãa estafa, que se não há de sofrer que me estê ãa bêbada comendo a isca e sobre isso se faça invésível cada vez que quer.
- Barbosa Se crera de vós que fizéreis o terço do que dizeis favorecera vossa determinação assi como a louvo, porém não no presumo de quem eu

conheço que lhe jaz nas custas de muito afeiçoado. Vossos ferros são coração de pousada, e pois assi quis a fortuna não façais cousa de moço. Sei muito [038'] bem que a haveis de rogar depois, portanto é melhor dissimular agora.

Hipólito Porquê, pera tão pouco hei de ser que lhe não possa ter as pélas?

Barbosa Pera muito menos.

Hipólito Não me vingarei?

Barbosa Não.

Hipólito Como não? Estais gracioso. Pois enterrar-me-ei vivo e não me haverei por homem se não levar os narizes nas mãos ou cruzar o rosto à bêbada de sua mãe.

Barbosa Tanjam a muertos. Isso será com raiva do asno tornar à albarda.

Hipólito Não, que do mal que faz o lobo apraz ao corvo e a mãe é a que faz tudo.

Barbosa E à filha que lhe pesa? Ora espirrai vós pera o céu quanto quiserdes, que eu inda não me desdigo e estou e estarei nos meus treze.

Hipólito Sabeis vós logo mais de mim que eu?

Barbosa Agora o sabeis? Esta não é a primeira nem, com ajuda de Deos, será a derradeira que vos vi blasonar, por isso não cuideis de dar couces contra o aguilhão. Todo o imigo se há de temer, maiormente o amor. Pera lhe resistirdes [039] haveis mister mais calos. Depois de bem calejado por tempo pode ser virdes a ser prático nesta guerra, que eu inda que não sou velho ando repassado destas más venturas que mamei no leite. E por meus pecados criei-me sempre com estas e sei-lhes a lenda, da longa experiência e criação aprendi saber tratá-las e conhecê-las, e pera chegardes a este estado haveis inda de cursar comigo anos, nos quais me obrigo fazer-vos destro se vos valer vosso bom natural.

Hipólito Ora já que assi é, enquanto falamos de tranqueira e temos tempo de consulta, que se fará nisto? Que eu como em cousa própria não nego que me sinto pusilânimo e fraco de conselho.

Barbosa Ordenação é da natureza verem os homens o alheio melhor que o próprio, porque prazer, ou pesar, afeição e ódio nos impedem o verdadeiro conhecimento, e o ânimo duvidoso a muitas partes se inclina, donde nas cousas adversas a quem falta ânimo ou conselho [039'] deve sempre buscar o esforço e remédio no amigo se o tem fiel, e não como uns que se gloriam da desventura daquele que lha conta. E pois é grave tormento o que não se pode evitar, e bom esforço espalha mal-aventura, o principal disto é fazer o coração largo, que cousa que em si não tem conselho ou modo algum certo não se pode reger por ele, nem ter regra certa.

Hipólito Dura sorte é essa.

Barbosa Nem eu não vo-la dou por boa. Esta negociação do amor tem grandes temporais. Querer meter em ordem e razão suas incertezas não é menos que pôr diligência em querer ensandecer tendo juízo perfeito e, como dizem, quebrar a cabeça com as paredes. E todos vossos ferros de “farei acontecer” fará polme Florença com a mais pequena lágrima que lançar sem cor e à força de esfregar os olhos, e pela

satisfazerdes e amansardes não somente lhe perdoareis, mas acusareis vossa culpa, confessando a [040] sua por vossa e dando-lhe de vós a pena e castigo que ela quiser.

Hipólito Não me parece que me conheceis bem. Sou mais ladino que vós cem contos.

Barbosa Chamar pelo barqueiro! Mancebinhos de mãos mimosas, sem calos de fortunas, eu sei bem em quão pouca água se afogam e como esmorecem tanto que lhe põem a mão na boca que lhe tolgem o que desejam. Fiai-vos de mim que houvéreis de madrugar mais. Enquanto o mar bonança, todos são bons pilotos, mas se ele empola com vento contrário poucos atinam ao norte. Se vos eu não sentisse afeiçoado pusera-vos em porto seguro, que ânimo livre não tem corpo sojeito, e que o seja: o trabalho corporal não cansa o espírito e o espiritual tudo ocupa. O bom conselho era não na ver mais pois anda ao algo. Este sei eu que o não haveis de sustentar, por isso tomemos por remédio ir lá e se me quereis leixar que lhe dê ãas poucas, perdi cuidado que eu lhe [040'] farei salmoira com que gosme o comido. Eu topei agora na Ribeira a velha treda da mãe, disse-me que fora Florença estar com ãa sua prima que enviuvava e que de chorar com ela viera tão desfeita e mal desposta que não estava cousa pera ver, e buscava-lhe ãa perdiz.

Hipólito Segundo isso algũa grande meijoada teve ela. Não há paciência que sofra os conluios dessa mogeira, que essa torta faz tudo.

Barbosa E Florença carpe-se toda nas palmas das mãos com isso.

Hipólito Bem sei que não folga ela, e assi mo jura cem vezes, mas que a mãe a desatina.

Barbosa Boa está a confiança. Da má molher te guarda e da boa não fies nada, dizem na minha terra.

Hipólito Como sois gracioso. Nem todas são desamoráveis, antes nenhũa há que não se afeiçoe em particular, sequer pera açoute de seus enganos.

Barbosa Quando isso aquece é sempre em parte que lho desagradecem, pena peccati, porque cães que lobos matam lobos os matam, e cada um paga [041] por onde pecou. Nunca as acolhem mancebinhos d'arte, mimosos da condição, a que elas pelam couro e cabelo. Uns desalmados como eu, que sem algũa causa as põem a tormento e lhe comem e bebem o seu, a estes tais lhe jejuam as vésporas, nestes põem seu amor, com estes fazem guerra aos outros guilhotes. Chamam elas isto ter um pau pera os cães: quanto perdem e gastam com os tais forram com os da vossa laia, de que raramente há algum que não seja bajoujo e afeiçoado, salvo depois que o tempo o calejou.

Hipólito Ûa cousa vos direi: muito mais raramente vistes vós molher moça fermosa pagar páreas, que a fermosura, por mofina que seja, sempre tem jurdição. Couraças velhas entregues a rapazes é justo que as paguem e que dem òs canivetes, e as feas também que padeçam, pois querem pôr tenda sem cabedal.

Barbosa Em parte tendes razão, mas sabeí que também essoutras belas passam dela com dela, que o ofício [041'] é tal que nunca deu boa cea que não desse mau jantar, e ãas e outras tem assaz de má ventura e a maior que lhes pode vir é serem afeiçoadas.

Hipólito Pois eu vos digo que me tem Florença amor, e que se a mãe não fosse nenhum interesse pretenderia de mim.

Barbosa Assi vo-lo mete ela em cabeça e vós por belo credes-lho. Mas a outro perro com esse osso, eu conheço-lhe os bofes. Não nego que pode ser que fosse ela menos cossaira por ser moça, e não sabe inda que tem lebre nem entende as leis de seu fadairo, porém é matinada da Celestina da mãe, que sempre anda rangendo com rabugem e é tão desaforada que despira os altares.

Hipólito E ela vos disse que Florença estava em casa?

Barbosa Si, e mais eu vim por lá.

Hipólito Por vossa vida, que fazia?

Barbosa Jazia na cama com grandes olheiras e bocejava como quem estava desvelada dalguns dias.

Hipólito Assaz enferma está logo. Prometo-vos que andou a senhora à caça.

Barbosa Assi [042] parece.

Hipólito Que vos disse?

Barbosa Muitas mentiras. E por se mostrar namorada inquiria-me se fôreis estas noites fora e per pontos quisera-me tomar pelo beijo, que cuidava ela que me encasquetava assi as suas trampas, e per outra parte pretendia ver-me crer o contrário. E crede que a bebedinha vai-se fazendo destra nas artes.

Hipólito Tal mestra tem: tal a mãe, tal a filha, de mala berenjena, nunca buena calabaza, poucas filhas há que não sejam treslado das mães.

Barbosa Tinha ãas arrecadas novas que devia, parece, trazer da boa guerra. Disse-me se lhe queria emprestar três cruzados que lhe pediam de feitio.

Hipólito Pague-lhas o seu caixeiro.

Barbosa Nisso me esteve primeiro falando, porque eu pela colher e se me vazar mostrei-me muito confiado nela. Porém elas, conquanto de natureza são palreiras, nunca descobrem defeito próprio nem o que lhes dana, e fazendo em seu caso disse-me que o não podia ver nem tinto em [042'] parede, bebendo ele os ventos por ela e dando-lhe quanto tinha. Porém que o sofria por necessidade, não no podendo gostar por vosso respeito.

Hipólito Essas obrigações me matam e confesso-vos que lhe sou afeiçoado quanto baste.

Barbosa Mas sobeja.

Hipólito Porque tem ela muita arte e é agraciada, e mais estou-lhe em obrigação de ser o seu amor primeiro.

Barbosa Nunca eu por isso tomo o ferro caldo.

Hipólito Porém só não sou poderoso pera a sustentar, que se pudera eu a descartara de conversações e azos antes que se devasse, e a pusera em parte a que não fora salvo quem eu quisera.

Barbosa Impossível dos impossíveis.

Hipólito Se meu pai já morrera, que eu tivera o meu, então não haveria senão boa ventura, nós lograríamos o mundo a prazer.

Barbosa Bênção em tal filho, criai lá o corvo, justo galardão de herdeiros.

Hipólito Mas agora que não tenho senão o que furto a minha mãe e me ela dá...  
E se me não entra ãa carta [043] fico despojado dos franceses, mal posso, inda que queira, sustentar bando contra seus excessos, por onde não escuso guerra sempre com a mãe. Mas leixai fazer a Deos que inda vós e eu havemos de triunfar. Vamos lá.

Barbosa Vamos, que a mãe disse-me que ia buscar casas fora do postigo pera se mudarem pera lá.

Hipólito Ora vejamos que estações correu a gentil senhora.

Barbosa Eu, como vos lá puser, hei-me de ir fazer um pouco. O que agora haveis de fazer mostrai-vos fero e isento, se se vos ingrifar dai-lhe logo e eu tolher-vo-lo-ei, quiçá assi vos terá temor, que o reino destas per ele se conserva e inda assi mal. Aqui somos, sobi sem bater.

Cena quinta. [043']

Hipólito, Florença, Barbosa.

Hipólito Boa seja a vinda, senhora. Andastes aos grilos ou às costelas? Pois como lhe foi na jornada?

Florença Se me ora quisésseis queimar o sangue faríeis bem, que eu venho muito pera isso.

Hipólito Porquê, senhora? Tão cansada estais?

Florença Cansada não, que eu não corri a posta.

Barbosa O demo o sabe.

Florença Mas desvelada e enfadada que me sobeja.

Barbosa Fruito do ofício, todos seus folguedos tem por remate fastio e arrependimento, se durasse...

Florença Ninguém me mande ver nojos, que não tenho condição pera leixar de sentir os de meus imigos quanto mais os de quem devo.

Barbosa Como está piadosa e dobrada sobre o ãnocente. Ela o capeará [044] com suas meiguices ou eu sei pouco de suas artes.

Florença Em verdade, senhor, que não estou molher nem trago cabeça.

Hipólito Eu o creio.

Florença Os olhos me ardem de chorar.

Hipólito De saudade. Quando Deos queria não sofria eu cornudagens. Porém já que sou tão mau cabrão que me afeiçãoi sendo livre, que me façam tudo. Por quanto leixará vossa mãe de fazer pagodes? E vós, que vos enforcáis.

Florença Homem não me digais isso, que me sairei como douda por essa porta fora por não ouvir vossos achaques.

Hipólito Vós, minha amiga, afrontais-vos com vos entenderem. Cuidais cobrir o céu com ãa peneira? E hei-vos de contraminar e dar-vos lei de vida a pesar de vós.

Barbosa Bom vai o polhastro, senão que o representa contrafeito, donde lhe a ela fica dobrada ousadia.

- Florença Eu mereço isso, pois sou tão tola que me cativo. Bem dizem que não tem preço ser livre, que boi solto delambe-se todo. Não me tenteis sempre, que a [044'] paciência provocada muitas vezes converte-se em furor e desatino, e far-me-eis fazer um que seja soado.
- Barbosa Como está esta fina, mas entendida, porque cousas fingidas cedo tornam à sua natureza e as dissimuladas duram pouco. Não se diz porém debalde que no mal sabem mais as mulheres que os homens.
- Florença E é certo que todos estes dias andastes por casa de cem velhacas, e eu coitada entre os extremos do nojo de minha prima. Este pensamento me atravessava a alma.
- Barbosa Todos os registos toca.
- Florença E o coração me dizia o que havíeis de cuidar, porque nunca te vejas julgado de quem te mal quer.
- Barbosa E que mau fora, já que íeis sem licença, mandar de lá ãa desculpazinha por quitar cuestiones?
- Florença E como, se desejei mandar-lhe recado mas nunca tive por quem? E tudo enfim é mal prolongado e morte em cabo; por bem fazer, mal haver, são ditas. Nace tod'a criatura, segundo se diz, com sua ventura, [045] eu sou assi, sempre ditosa, por me escudar do fogo caí nas brasas.
- Barbosa Filha de mãe, que lhe faltam razões pera fazer a sua boa.
- Florença Parece cousa feita acinte, quanto mais trabalho ganhar-vos a vontade tanto mo aza o demo pior.
- Barbosa Eu também quero falar, porque em cada parte se cozem favas. Já sabeis que sou ladino e sei quantos fazem cinco, e a um falso dous tredores, porque mais asinha se toma o mentiroso que o coxo. A mim me disseram que fôreis convidada.
- Florença Eu? Valha-me nossa senhora. Mas pesares veja minha mãe de mim, e más fadas corra quem me bem quer e d'estocadas frias moura, e tais veja eu meus inimigos. Pois como, eu sou disso? Barbosa, não me trateis assi, que sou muito mimosa e não posso sofrer dizerem-me o que não é, que quem te não ama em jogo te defama. Mas enfim, bem dizem: quem pode ser todo seu, em ser doutro é sandeu. Tola de mim, que por me fazer mel comeram-me moscas, e quem mal cai, mal [045'] jaz.
- Hipólito Custado me houvesse muito do meu e fosse isso assi. Porém há dias que sei onde a bogia tem o rabo.
- Florença Inde mal, inde negra, porque o vós sabeis tão bem e eu tão mal. Bem dizem que quem crê de ligeiro água recolhe em cesto, e quem prestes se determina devagar se arrepende. E pois fui nécia, se Maria bailou tome o que ganhou, que o arrepender-me agora tudo é tornar-me a mim, e tarde veio o gato com a linguça. Mas pode ser, se caí e quebrei o pé que seja por melhor, que esquivança aparta amor, boas obras homezio, inda que mais houvera de madrugar.
- Barbosa Meu amigo, tende mão em vós, não crieis galinha u raposa mora, nem creas lágrimas de mulher que chora. A mau capelão mau sancristão e a má chaga, má erva.

- Florença Falai vós que vos ouça e responder-vos-ei, não me esteis roendo os calcanhares. Quem me não crê verdade me não diz. Coitada de mim que sempre hei de ter estas boas venturas, pois cada [046] dia peixe amarga o caldo, que quem te quer bem na boca lho sentes. Se isto assi há de ser desta maneira, lá te vai gainho não me dêes perda. Partamos a palha que eu vos entendo que atirais aqui, porque quem seu cão quer matar diz que raiva lhe põe em nome, e eu vos direi: o cão com raiva de seu dono trava. Tornar-me-ei a mim, pois fui mofina que empreguei mal o meu amor primeiro. Quem mais não pode morrer se deixa. Já sei que sois pera mim ora me vedes ora me não vedes, como a folha do álemo, e por mais ajuda sobre cornos penitência. Diz-me Barbosa que ando em pagodes, mas do filho del rei disseram. Conheceis-me mal, e não é muito, que nós nunca entrámos em barca, vós e eu. Pois como, a menina é disso? Desse pé me calço eu?
- Barbosa Como se tomou de lhe caírem na milgeira. Em casa de ladrão não falar em baração.
- Florença Rezai vós embora, se mal me dizes mal te venha, e ride-vos embora, rosto [046'] d'escarninhos, que algum dia a minha pereirinha terá pêras.
- Barbosa E pois quereis que chore a morte de minha dona? Eu, a falar-vos verdade, sou todo feito de gretas, como entendo a cousa não na posso calar, sou assi desenganado. Se vos isto parece mal, o que me houverdes de dar cozido dai-mo assado, pelo si, si, pelo não, não; mijar claro e dar mau grado aos mestres.
- Hipólito Vossa mãe todo seu ponto está em fazer muitos genros de ãa filha, à sua cobiça ãa mão lhe furta a outra; quem lhe mais dá é mais seu amigo, sem ter respeito à outra obrigação. E vós por haverdes a sua bênção ides-vos fazendo do seu bando quanto podeis; viva quem vence, todo benefício recebido vos esquece. Ora embora, eu me acolherei ao siso, andemos todos a quem o fará pior e mais não vos enganeis, porque descreio de Fez. Se cuidais tratar-me assi, que vos ponha fogo à casa e que despache a bêbada de vossa mãe com cartas pera o [047] outro mundo a poder de estocadas frias, tão em breve que vos benzais de mim e digais demo é isto, que não peneireiro, que não sou o homem que sofre sobrançarias nem cornas. E mais, daqui me declaro convosco, não vos engane querer-vos bem que vos darei de um té cem mil açoutes que ninguém seja poderoso pera vo-los tolher, e se não bastar isto, cortar-vos-ei as fraldas pelos giolhos e lançar-vos-ei a avoar. E vós zombais comigo?
- Barbosa Bom vai o rapagão, natural tem pera o eu fazer práctico se me continuar.
- Florença Se cuidásseis abafar-me agora com feros! Ora vos afirmo que por essa via nada acabareis comigo. Que cousa pera a minha arte, a outro perro com esse osso. Se quereis ter merencorias despi o saio e dai-lhe muitos couces, que eu em minha casa estou, e a palavras loucas orelhas moucas e quem vos dever que vos pague.
- Hipólito Pela boca morre o peixe e à lebre tomam-na a dente. Parece-me [047'] que hei de chegar convosco ao certo e se vos ãa vez perco a vergonha

- vezo ponhas que não tolhas. Não vos mostreis tão fouteira em me responder que vos darei ãa volta de couces dizendo e fazendo, e farei pouco enquanto vos não tirar a língua.
- Barbosa E a senhora está mais segura que espada velha, como quem o lê ou deseja ãas poucas pera sua doutrina e prova de amor.
- Florença E os ameaçados pão comem, ladre-me o cão e não me morda. Toda ora eu estou tremendo, não mouro de abafos.
- Hipólito Vós bem sei que haveis de ter língua e eu terei mãos.
- Florença Échelas más brandas, melhor será a vossa alma.
- Hipólito Parece-me que quereis hoje demandar sete pés ao carneiro e a mim sobe-me já a mostarda aos narizes.
- Florença Fareis ora melhor de vos irdes antes que minha mãe venha, que ela não está muito vossa comadre agora, porque diz que vós me fôreis ver e soubéreis de mim se me quiséreis bem.
- Barbosa Yo dígole [048] que se vaya y él descálzase las bragas, o desvio com que lhe vem.
- Hipólito Páscoa má venha por vós e por ela.
- Florença Má venha por vós e por quem me mal quer.
- Barbosa Se vós revidais, tomai dous.
- Hipólito E vós desmandais-vos? Ora esperai.
- Barbosa Ora, senhor, onde eu estou não há de passar tal. Não seja mais, senhora Florença, hajamos paz, morreremos velhos. Não solteis palavras, que por um cravo se perde ãa ferradura e por ela um cavalo e por um cavalo um cavaleiro e por um cavaleiro um campo e por um campo um reino. Já ouviríeis isto, e com teu senhor não jogues às pêras e não esteis a dizer tu, direi eu, que de calar ninguém se arrependeu e de falar sempre, e quando um não quer dous não baralham.
- Florença Fale ele bem e não ouvirá mal.
- Hipólito De maneira que tão bom é Pedro como seu amo?
- Florença Eu tenho boca de meu e ninguém ma há de tolher. Enforque-se todo mundo e dispa o saio e dê-lhe [048'] muitos couces, que eu não temo nem devo, e quatro figas pera quem cuidar outra cousa.
- Hipólito Pera que é estar nisto? Não há paciência que baste. Leixai-me amansar esta Pantasilea. Oh leixai-me por vossa vida, que me não haveréi por homem se lhe não puser os pés nos focinhos e lhe arrancar quantos cabelos tem na cabeça, que o louco pela pena é cordo.
- Barbosa Não fareis por esta vez, que a discricção e cavalaria é não fazer mal quando pode, como parvoíce e fraqueza querer fazê-lo não podendo. E o bom da opinião é não ser temido dos fracos nem desprezado dos grandes.
- Florença Eu mereço bem estas afrontas, pois sou tola, mas não me haveria eu por molher se me não vingasse. Nisto há de estar a minha vida? E por qual carga de água? Pois inda que eu cuidasse ser cadela de quantos negros há no mundo...
- Barbosa Ora, senhora, vá-se o demo pera o demo, venha Maria pera casa.

Hipólito Par estas que se vós não fôreis que [049] ela me nomeara, mas o que perde o mês não perde o ano, o que não se faz em dia de santa Luzia faz-se noutro dia.

Florença Prometo-vos que esta me lembre e que não vá à cova com ela.

Hipólito Roncais-me, senhora?

Barbosa Eu não me hei de ir daqui sem deixar feitas amizades, ódios de mortais não devem ser ãmortais. A chaga do amor quem a faz a sara, com branduras, que não com império, se faz Vénus doce. Dizia o outro roim seja por quem se desfizer. Abraçai-vos e sede amigos e não se fale mais no passado, e seja isto renzilha de sam João paz pera todo o ano, que isto visto está que é tudo amor. Parece-me que não houve mister muitos rogos. Eu vou fazer averiguar uns dous valhacos que estão pera se matar em desafio, e tomaram-me por juiz de um certo caso por intercessão de duas gentis damas, e havemo-nos de juntar em casa de um deles sobre a questão, e averiguado o negócio voltarei por aqui. E a mim o cargo, [049'] que vos ache tão compadres que mau grado ao demo.

Cena sexta.

Hipólito, Florença, Sevilhana.

Hipólito Senhora Florença, mal venha por quem nos mal quer. Bem sei que vossa mãe me faz a guerra e vós não, e tentação me vem às vezes de enforçar aquela velha interesseira sem lei. Tudo, porém, nace do muito que vos quero. Leixai essas lágrimas que me saem d'alma, logremos a vida sem paixões, que vós me desatinais.

Florença Escutai, senhor, que não sei quem sobe. Oh minha senhora Sevilhana, que boa vinda é esta? Que Páscoa florida, que são João Verde, benza-vos Deos que tal vindes pera cobiçar. Agora tomara [050] eu ser algum gentil homem pera me lograr dessa fermosura.

Sevilhana Eso es dímelo antes que te lo diga. Dios sea en esta casa y bendiga sus paniguados.

Hipólito Essa graça e gentileza não pode vir senão acompanhada dele.

Sevilhana Eso con más razón puede decirse por esta señora tan linda.

Hipólito Confesso que tal me parece ela, inde mal porém.

Florença Onde está a senhora Sevilhana não faço eu sombra, eu me rendo.

Hipólito A ela piadosamente o compadeço, mas a mo dizer outrem dou-lhe dous golpes de ventagem, por quão certa tenho a vitória.

Florença Não vo-lo consentiria eu, se é verdade que val justiça nessa parte.

Sevilhana Mirad, señora, ruin sea quien por ruin se tiene, que quien no se alaba de ruin se muere, por eso nunca desecho loores a amigos. Pero aunque digan ese es tu inimigo que es de tu oficio, yo préciome de amiga desengañada y de no tener cara de dos haces, porque ni el invidioso medró ni quien [050'] cabe él moró.

- Florença Ora que o seu merecimento sabido está e a verdade Deos a amou, sente-se senhora pera aqui. Hoje determinava ir a sua casa pera irmos aos cardos, ando tão malenconizada que não sei parte de mim.
- Sevilhana Y adónde está tal galán y barbiponiente hay enojos?
- Florença E pois quem senão ele? Má hora vai quem o seu amor põe em outrem, filho alheio brasa em seio.
- Sevilhana Mal pecado, siempre oí, lacera el justo por el pecador, y nosotras tales somos, aosadas, que quien lo dixo no mintió. Por averiguado lo tengo, que hay muy pocos o ninguno que sean fieles a sus amigas, y parece que se gozan en procurarnos enojos.
- Florença Não sei das outras, mas quanto eu não tenho ventura de passar duas horas sem achaques e cousas que me aterram.
- Hipólito Eu, senhora, sou um adro, mas crede que me vem do amor, porque me sopesa sempre o gosto da vida com inconvenientes de morte e a segurança d'alma com receios [051] dela, e faz-me assi pesado.
- Sevilhana Pues, señor, daros he un consejo aunque no me lo pidáis: la coz de la yegua no hace mal al potro y quien se ensaña en la fiesta bestia resta. No curéis de rencillas porque no seáis los perros de zorita que cuando no tienen a quien unos a otros se muerden y destas cuestiones siempre sucede da ca el gallo toma el gallo, quedan las plumas en la mano. Ninguna cosa el demonio más aborrece que la concordia y por esto huye de la música, ni cosa más apetece que la discension. Conservad vuestra amistad, no seáis cada cual rocín de un establo que no tiene pariente ni hermano, ca dicen quien tiene buen vecino tiene buen amigo. Gozaos, regalaos y procurad vevir a placer mientras os tura la mocedad y florece la juventud, que, mi fe, pera la vejez sobrados duelos os esperan. Y todo es nada si el asno cae, que después de muerto ni viña ni huerto.
- Hipólito Eu disse sou, se a senhora Florença quisesse. [051']
- Sevilhana Algo le haríades vos por do seáis como la raposa en la semana. Y las damas quierense rogadas y no asañadas, donde dicen nuera rogada y olla reposada. Mas anda el mundo ya tanto al revés y cara tras, y son las mujeres tantas, que de necesidad se sigue si no va el otero a Mafoma que venga Mafoma al otero. Y de aquí se dixo amor loco yo por vos y vos por outro, y ama a quien no te ama y responde a quien no te llama, andarás carrera vana. Yo todavía, porque veo esto en mi seso me estoy y por todo el mundo no haría tal, que más vale ser tuerto que ciego. No piense nadie hacerme cosquillas, que cada gallo canta en su muladar.
- Hipólito Quem pudera jogar de fora do amor pera blasonar do arnês sem o vestir, como vós, senhora, fazeis, que vos prezais de isenta e podei-lo ser porque tendes a faca e o queijo. Coitado de quem vos sofre. E eu que posso fazer contra vontade da senhora Florença que não seja tornar-me [052] a mim com meu mal?
- Sevilhana Pues, señor, del mal que el hombre teme dese muere. Catad que unos mueren de atafea y otros de deseo della, y el asno sufre la carga y no la sobrecarga.

- Florença Bem sei donde vem a tosse ao gato, que inda que seja tosca, bem vejo a mosca. Nunca mulher confessou amor que lhe não caísse em casa.
- Sevilhana Señora Florença no sea así, sino que por amor de mí le hagáis lo menos bien que pudierdes, pues es de los santos que se quieren por mal si queréis que os agradezca el bien, que quien su inimigo popa a sus manos muere. No hay que fiar de nadia, que de amigo a amigo chinche en el ojo.
- Hipólito Medrarei eu com tal ajuda. E assi o fazeis vós com os vossos?
- Sevilhana Yo enhorabuena no tengo servidor que valga dos maravedís.
- Hipólito Pera vos merecer?
- Sevilhana No creáis en sueños, señor, que no lo digo por tanto. Más querría dicha que merecimiento, porque raramente se alcanza sin daño propio, mas adó las toman [052'] las dan, que no hay boda sin torna boda y las piedras se topan. Sois los hombres tan ingratos pera con las mujeres que el mal os obliga y del bien no tenéis mientes, por eso se dice hay ojos que de lagañas se pagan, donde viene que las más veces el peor puerco come la mejor bellota.
- Hipólito E que fora dos homens se a fortuna não fosse por nós em abater dessa maneira a soberba fermosura? Que se a ventura favorecera seu partido desprezara todo mundo e fora intratável, donde se seguira não poder gozar-se, que era outra desventura pior.
- Sevilhana No me quexo de gozarse, que eso del mal lo menos, pero siéntome del flaco juicio de los hombres y mala naturaleza, que harto es de ciego quien no ve por tela de sedazo, los cuales todos queréis un pelo del lobo y este de la frente, y siempre os veo hacer mucho por las que se deben tener en poco, mujer de estima jamás la sabéis estimar.
- Hipólito Sabei, senhora, que é isso lei [053] de erros humanos, que pera o serem sempre se desviam da razão. Afeiçoar-se homem a quem o merece é acerto digno de muito louvor e gosto que não tem preço, cegar-se com desmerecimento é cegueira pura, é culpa e é errar ventura, certa manqueira de nossa natureza.
- Sevilhana No se dirá eso por vos, señor, en buena fe, pues servís a la señora Florença que es la cumbre de las hermosas de la ciudad.
- Florença Senhora, dizei-lhe muito disso, inda que não sei se é pior.
- Hipólito Ela a mim assi mo parece e nada me pesa de vo-lo parecer, inda que a ninguém queria que parecesse como a mim.
- Sevilhana Pues por tanto sabed tenella en estima, pues sabéis quanto va en saber cada uno estimar su buena suerte y sufrir la mala, ca el rey va do puede y no do quiere, y quien buena dicha tiene a Dios la agradezca. No le digan perdida es la lixia en la cabeza del asno.
- Hipólito Valesse eu com ela querer-me conhecer e estimar o que lhe quero, [053'] que o servi-la pela mesa está.
- Sevilhana Mirad, señor, nosotras por fín somos ovejas y vosotros lobos que nos destragáis, todos queréis una en papo y otra so el sobaco y luego os olvidáis del amor primero, porque un clavo con otro se tira. Y vos me semejáís ser lo que dicen amor trampero cuantas veio tantas quiero. Por lo cual yo os aconsejaria, señora Florença, que seáis cretense con cretense, y si él sabe mucho sepáis vos también vuestro salmo, no

- digáis después por hacerme miel comieéronme moscas. No sea empero también tanto de agraz que no haya quien lo masque.
- Hipólito Senhora Sevilhana, nada me agradam vossas razões, zombais à minha custa? Essa senhora tem cá ùa mestra que sempre a matina. Agora com vossa repetição ir-se-me-á à serra de maneira que se me faça montesinha, olhai por vossa consciência, não tenhais a zombaria pesada. Palavras que imprimem n'alma são piores de curar que feridas do corpo, e [054] eu tremo já.
- Florença Como está cortado, vedes aquilo? Pois eu também sou a um tredo dous aleivosos.
- Hipólito Olhai, senhora, de maus é serem sempre e suspeitarem mal e dos bons serem o bem.
- Florença Eu assi o digo, tal de mim tal de ti, a boa tenção conserva as amizades. De maliciosos é desconfiarem de todos e dos bons conhecerem os maus. Eu, senhor Hipólito, já vo-lo disse muitas vezes: tenho grande presunção desta molherzinha que vós aqui vedes pouco poderosa, porque o que está na pessoa é o que deve estimar-se, que tudo o al é da fortuna que dá e tira.
- Hipólito Senhora, não falemos de siso, que bem sei que haveis de levar a melhor sempre.
- Florença Contentar-me-ia com não levar a pior, e confesso-vos que me velo disso.
- Hipólito Coitado de mim que não me velo, mas entrego-me. O bom coração e puro sempre é um, e o falso não tem constância nem o cobiçoso amizade.
- Florença Nunca al vi senão culpados e viciosos [054'] notarem culpas alheias e as suas haverem por acertos. Pois sabeis que de se desestimarem os bons vem a prevalecerem os maus, e de errados entendimentos naceram quantas opiniões erradas vemos. E não pode ser maior engano que espantar sempre dos erros alheios e nunca sentir os próprios.
- Hipólito Vós estais um Séneca, pera que é nada, senhora? Eu me rendo, ninguém nos ouça mais, que a boa regra de dize tu direi eu é temperar a língua alheia com a orelha própria. E pelo contrário ser bom e mau não consiste em mais que no particular gesto de cada um. Tudo se estima segundo se julga e quem bem quizer cuidar no que pretende verá em quão pouco se emprega.
- Sevilhana Señor Hipólito, callen barbas y hablen cartas, hablen obras y callen las palabras, buenas razones baratas se venden y en toda parte sobran. Como veo hombre mucho hablador y que se precia de persuadir con mucha parola luego del espero poca [055] obra. Si sois amigos no porfiéis, ca la verdad porfiada piérdese. Amaos, creedos que el corazón culpado de todo desconfia, el amor del amigo es el tiemple de la mala inclinación de su amigo, ingratitud produce indignación y desbarata la buena voluntad. Conformad vuestros corazones con la razón alternada, que quien no siente el mal ajeno nadia siente el suyo y pera cada puerco hay su san Martin. Y avisoo, señor, que toda sinrazón se sufre de mala gana aunque amor ande en medio. El

consejo tomaldo primero del entendimiento que de la voluntad, y pues sois discreto y noble haced que lo testifiquéis con el efeto. Catad que dicen no fies de villano ni bebas agua de charco. Llevantad siempre la flaqueza de una mujer enamorada, que el soberbio contra el flaco es el flaco contra el fuerte. No pueda en vos más el respeto proprio que la razón, porque la sobrada confianza muchas veces tiene falta en las obras.

- Hipólito Quem [055'] quereis vós, senhora Sevilhana, que fuja de estar pela vossa razão? E mais tendo contra mim a dessa serafim, que será o fim de mil vidas minhas se as tivera pera lhas lançar aos pés.
- Sevilhana Prometer sobrado es camino de negarlo todo. Dexadas pero cuestiones por daros tiempo pera las amistades, yo, señora Florença, venía por hablaros un poco. Éste es de los nuestros?
- Florença Como a própria pessoa do duque. Podeis falar tudo.
- Sevilhana Pues mira, hermana, yo vengo de parte de tu mercader, el cual se fue a mí tal que le hubieras lástima en verdad, y como yo fui la medianera de vuestro conocimiento y le tengo la obligación que sabéis por parte de su amigo, el fúcaro, me pidió por nuestra amistad quisiese persuadiros y consejaros le tratéis más amorosamente, diciéndome y queixándose que vos sois mochacha y por la poca edad no alcanzáis estimar y conocer lo bueno. Y que os da cuanto tiene y no quiere robar el mundo sino pera [056] poder serviros, con tal que no le parezca que vos desgustáis dello y dél.
- Florença Eu o desejava, pois que cousa essa pera a minha arte. Como se engana comigo esse meu senhor, arreverso príncipes.
- Hipólito Se será possível estarem estas de fala pera me fazerem esta cacha? Se tal é foi bem forjada. Eu, porém, hei-lha de ter inda que não leva caminho; as conjunções das cousas o tempo as dá e ãa hora acaba o que muitas não puderam azar.
- Sevilhana Ahora dexad los fieros, ya que yo entrevengo en las amistades no las desechéis. Él queda abajo y no subió sin licencia, mirad si mandáis que suba, no más que pera reconciliaros, y entrese el señor a la cámara cuando no quisiere irse.
- Florença Assi é o menino palreiro, achaste-lo vós conveniável pera essas cousas? Não me entre cá esse cabrão, que pela bênção de minha mãe que lhe quebre os focinhos com este chapim.
- Sevilhana Callad boba, que no tenéis de que quexaros, haos dado castizales de plata, [056'] díos cota y sayo de seda, los ducados de dos en dos y la casa llena, y no niega cosa que le pidáis.
- Hipólito Daqui vem a tosse ao gato, querem-me armar a que pague por todos e de cossário a cossário perdem-se os barris. Por onde cuidam que me caçam me avisam.
- Florença Antes vos eu ora digo, senhora, que ele tem feito muito em mim, ou ele ou o vosso burgalês. Um dado mau duas mãos suja. Estes todos são de gabões, pregoam-se sempre que dão montes de ouro e sabei que em fim tudo é como eles, há cousas que se parecem com seu dono. Não de balde se diz quem com farelos se mestura maus cães o comem. A verdade é serve senhor nobre inda que pobre. Pois por não

- sofrer as suas friezas e enfadamentos quero antes comer terra. Õa amizade destes é pior que serviço de vilão, nada fazem que não seja tenteando primeiro consigo o interesse e retorno.
- Hipólito Muito sabe esta rapariga e pera tão moça fez-se mui cossaira. [057] Não de balde dizem que um mestre de más artes basta a corromper um povo, a mãe a tem feito águia com sua doutrina.
- Florença Todos os algazares destes de se fazerem liberais e ricos é fofo, naturalmente são cainhos e tacanhos. Tudo é alardear e por derradeiro são a mesma miséria. Custa tão caro sofrê-los que não conhecê-los hei por mais barato. E esse ninguém o conhece melhor que eu.
- Hipólito Fiai-vos lá destas, vereis como vos descobrem os bofes. Quem quiser dar público pregão de sua condição e segredo entregue-se-lhe. E realmente a má mulher é açoute do homem, como a boa é coroa.
- Florença Ai da puta, achastes vós o Alexandre? Pois Heitor eu vos seguro que o não é e leixai-o vós gabar-se que faz e acontece. Como se eu quisera lançar mão doutros que tem mais nos farelos que ele, e com que pode viver sem vergonha, que não teria pregos de ouro...
- Hipólito Já cose a dous cabos, destroição de Tróia [057'] venha por todas.
- Sevilhana Señora amiga, yo no os niego que por vuestra persona todo se os debe, y si yo no supiera dél que os tiene en no menos estima no os lo mentaria tan solamente, mas él no sabe decir otra cosa sino que no hay tal mujer en el mundo.
- Florença Dou-lhe quatro figas e perdoe-me, senhora, a descortesia. Se eu não fora nécia em me deixar ocupar sem fruto...
- Hipólito A ti o digo, nora! Se a farsa não é forjada grande lanço lhe entrou pera ela dizer o seu e o das patas, mas eu de nada me hei de tomar e faço-me surdo.
- Sevilhana Pues no, que también él hará su deber, que no me quedo por decírselo. Y haremos de manera que todo sea a su costa. No me desplace que a tiempos le hagáis bancoroto, pero todo quiere su sazón, tiempo tras tiempo y agua tras viento. Ora lo dicho y hecho basta, contenta soy que compre las paces.
- Florença Rosto lhe leixou cá o Maio pera bem nenhum. Quanto mais, senhora, lá te arreda [058] gainho não me dê perda, já me tem caído dous dentes pera baixo, não hajais medo que consinta que meta mais o pé dessa porta pera dentro. E mais, não se engane que me não há de faltar quem me dele vingue se me comprir. Como que não conheço eu estes e suas alcateas...
- Hipólito Se vos ele anojou ou falou no vosso chapim soltai-me a trela vereis que conta vos dou dele.
- Sevilhana Déxese deso, señor, que no hay pera qué.
- Hipólito Senhora Sevilhana, ãa cousa crede de mim por que não vos pareça graça, que não quero vida senão pera a pôr na prancha cada vez que me acenarem com servir esta senhora, por que saibais que diferença há de conversar cabrões a ter da vossa mão homem de garbo.
- Sevilhana Ya se sabe eso, que yo también no vivo a lumbre de pajas, también me tengo quien defenda la posada.

- Hipólito Não estemos em razões, senhora minha. Vós dais-me licença que lhe tome conta de seus atrevimentos? [058']
- Florença Inda o não quero fazer marca de vos ocupardes nele, e quando isso fosse seria per um negro vosso. Mas dir-lhe-ei, senhora, o que passa, por que veja quão baixo é. Foi senhora minha mãe e havia de pagar o quartel destas casas e logo sua dona não lho pedia, que é ãa nossa parenta que tem do bem deste mundo que lhe sobeja, porém como minha mãe é toda de cumprir com sua verdade e não dever, e pela vida não cairá em ãa falta ou mentira...
- Hipólito Assi medres tu e ela.
- Florença Vai, senhora, e toma as minhas jóias, que não valem tão pouco, e foi-lhe pedir sobre elas dez mil reais. Que fez o senhor? Parece desconfiou de lhos ela pagar e, não parecendo bem tomar-lhe os penhores, escusa-se-lhe limpamente como se nenhũa obrigação lhe tivera, e ela lho merece pela confiança que nele tinha. Eu folguei mais do mundo porque inda que sou tola não me engano com estes, que de rabo de porco nunca bom virote. [059] Sabei, senhora, que são escravos da sua miséria, por um nada que dão querem que lhe fiquéis penhorada toda a vida. As suas franquezas sempre ficam atrás do preço que de vós pretendem, e então não há paciência que baste pera as suas sobejidões. Mas agora me forrarei, pois minha mãe, eu vos certifico senhora, em boa verdade que veio tão corrida.
- Hipólito Assi é a menina tola que se corre. Quem ouvir esta abonar a mãe cuidará que não há mais virtude.
- Sevilhana No le alabo eso, que los amigos en las afrentas deben mostrarse y no amigo de taza de vino. Por eso dicen bien: ese es hidalgo, que hace las obras. Amiga señora, el abad donde canta de allí janta. Los enamorados porque sepáis como son maliciosos e invidiosos querrían que sus amigas fuesen nescias, locas y tan desamparadas de amigos que otro no tengan ni hablen sino a ellos, y que les parezca que no hay otro hombre nel mundo. Y en lo al, cuando más pensáis tenellos [059'] azidos se os escabullen y se burlan. Y esotro andrajo, pues es desos, a esotra puerta, que no os consejaré sino lo que os cumple. Dicen en mi tierra: donde el maravedí se dexó hallar otro debes allí buscar, yo ansí digo, muchos adobadores estragan la novia. Si este señor os agrada teneos a él, que más vale un día de placer que cento de enojo y con él otro dexad, que os doy mi fe de decirle de que pie coxquea, que se tal supiera no me quedara por decirselo porque soy muy desengañada.
- Hipólito Como se acomodou ao tempo e como se entendem. Se eu não estivera presente, a mim o cargo que se fizeram as pazes. Não quero mostrar que as entendo, que desta maneira se vive.
- Sevilhana Catad, veislo allá en la calle hablando con vuestra madre?
- Florença Leixai-o que ela lhe levantará os da boca, ou a mal conheço.
- Sevilhana Señora Florença yo me voy. Tengáis los bienes que merece esa mocedad y gentileza, y buena mano derecha con [060] vuestros servidores.
- Hipólito E a mim, senhora, não caberá parte dessas bênçãos?

- Sevilhana Antes pienso que os cabe el todo. Mas mire, señora amiga, lo dicho dicho: nescia es la mujer que de hombre se fia. Los que aman tienen enemistad con sus amigas, su placer es que suspiren y lloren por ellos y se desvelen y duelan, y no hay más que desear al inimigo. Quieren que en su ausencia sea su presencia deseada y en su deseo arda siempre y de otro no hable ni piense, y ellos triunfan y gozan de nuestro dolor.
- Hipólito Isso, senhora, é verdade, mas não no pretendemos por que folguemos com seu mal mas por nos certificarmos do seu amor, se responde ao que lhe temos, e que não esquecemos a quem desejamos, pela suspeita que temos de sua inconstância. E amor não no há sem temor e nasce do muito que as estimamos e queremos.
- Sevilhana Jamás creo, señor, aquellos que se alaban de amor ni a los que dél se quexan, que las más veces [060'] los que se alaban mienten y los querellosos gozan. Los que tenéis quexas engañais con ellas, ninguno veo loar su dama de piadosa ni llamarla amorosa. Ora sabed que la loáis en llamarla cruel, si tal fuese.
- Hipólito Algum dia, senhora, haveis de ser por mim, já que agora sois tanto pela parte da senhora Florença.
- Sevilhana Cuando me vea con ella más despacio y a solas en secreto le diré lo que se os debe, que en presencia el loor es afrenta y sospechoso.
- Hipólito Vivirei nessa esperança.

Cena sétima.

Crisófilo, Macarena.

- Crisófilo Como se fez feroz a senhora porque tinha o rufião em casa. Não se pode sofrer tanta ingratidão, por bem fazer mal haver. Mas como está certo nestas fazerem mal a quem lhes quer bem [061] e pelo contrário bem a quem lhes faz mal, e assi sempre passam dela com dela. O coitado do Hipólito não tem nada que lhe dar e ela é toda dele. A mim que a sustento próspera faz-me cem mil perrarias. E então não se pode dizer nem fingir tão má peça como a velha cossaira da mãe. Não hei de sofrer não me vingar dela, custe-me o que me custar. Hei-a de acusar e fazer prendê-la por alcoviteira da filha e é virtude castigá-la por justiça, pois não se pode dar cousa pior que ãa destas. No bravo mar a tempos se acha bonança, nesta nunca, quanto lhe fazeis é perdido. Quando a conheci um pão não tinha pera comer. Ora eu a tornarei ao seu nascimento e pobreza. Verdade é que Florença não me tem culpa, que faz o que lhe a mãe manda. Oh ei-la, cá vem a boa peça. Hei-lhe de falar por ver a sua pouca vergonha e desafornamento e também saberei em que lei havemos de viver.
- Macarena Vejo Crisófilo, caixeiro dos Médices. Parece que me [061'] espera, deve d'estar tomado do desejo. Se assi é entra-me tábola de fazer a minha. Leixai-me com ele.

- Crisófilo E assi se faz isto, boa dona? Defendestes à vossa filha totalmente que me não recolhesse e fazeis-vos fortes com rufiães em casa.
- Macarena Inda me eu disse não arrependo, quem vos dever que vos pague.
- Crisófilo Pode ser que algũa hora vos arrependais e deis cem voltas à orelha sem vos deitar sangue.
- Macarena Que grande medo hei disse. Quando tal for chorarei meu pecado. Que cuidáveis vós, que vivíamos a lume de palhas? Bonita sou eu pera isso. Não é pobre senão quem se tem por pobre. A muita facilidade é grão parte de simpreza. Comeis muito barato e minha filha é forra e isenta e não lhe falta quem a rogue com muitos dobrões.
- Crisófilo Será o seu Hipólito que tem muitos?
- Macarena Vós falais nessa tábola que não joga trigo sem avea, basta ter condição pera os não estimar. A avareza é suma pobreza e tais [062] sois vós outros, sapos da terra, que nada vos farta. E não é rico o que tem muito senão o que se contenta, e sabeis que do cobiçoso ninguém é amigo e do não cobiçoso poucos se queixam.
- Crisófilo Otro malo verná que a mí bueno hará, prometo-vos que esse me vingue.
- Macarena Como estais enganado. Se eu quiser abrir venda sobejar-me-ão compradores, e mais fá-lo-ei daqui por diante por que não seja como o rato que não sabe mais que um buraco, que se me este não quer estoutro me roga.
- Crisófilo De maneira que a cousa anda a viva quem vence?
- Macarena E pois que cuidais? Quem nos mais der mais nosso amigo é. Obras são amores que no buenas razones. Se ùa porta se cerra outra se abre; não vende quem não tem quê, não há rio que não vá ter ao mar nem mancebo que escape de dar consigo nas ciladas do amor. Bom parecer é a sua armada, rosto fermoso, obrigação muda. Se me este não quer estoutro me roga, em [062'] boa mão está o pandeiro. Desgraças, que não soberba, me fizeram meter minha filha neste trato de que cuidei ùa cousa e sai-me outra. Moça era ela, assi por fermosura como por geração, pera ter outra ventura, mas a mau báculo boa lande. Não é ela a primeira enganada, companheiras achará. ùa hora melhor doutra. Inda se o mundo não acabou, com o que Pedro sara Sancho adoece. Eu, sabeis, já que a meti neste trato que a hei de tirar a limpo com a não deixar viver viúva.
- Crisófilo Tempo sei em que me diziam que só eu era o senhor da casa.
- Macarena Assi o fôreis se pagáreis por todos como começastes, que por dar dão. Por isso te sirvo, por que me sirvas, que não és santo que te adore, e quem não dá o que dói não há o que quer.
- Crisófilo Isso seria se pera vós houvesse termo de dar e vos fartásseis algũa hora, mas pedis sempre de novo quanto mais vos dão.
- Macarena Pois quê, comeremos do estar quedo? Amigo meu, faço meu ofício, que é a maior [063] obrigação que cada um tem, e ser discreto pera próprio proveito não falta quem o aprove.
- Crisófilo À minha custa entendo já isso, quem mais vive mais sabe; dos exprimentados se fazem os arteiros. Daqui por diante saberei como vivo.

- Macarena Se tendes que me dar podeis escusar práticas. Nenhã cousa há tão barata como a que se compra. Por o proveito que algum tempo nos destes, inda que remerecido, tanto me podeis dar agora, que antes a vós que a outrem. Esta é a maior amizade que vos posso fazer pelo conhecimento passado, e senão amigos como dantes, que eu não hei de ser veste-te do teu e chama-te meu. Nunca fies nem porfies é a melhor regra que vistes, donde dizem: mais val um ava-che que dous te darei, e um passarinho que tenho na mão que dous que vão avoando, entendeis-me agora?
- Crisófilo De maneira que se agora não tiver que vos dar...
- Macarena Tratarei de quem o tenha, que o abade donde canta daí janta, e eu não hei de comer de boas [063'] razões.
- Crisófilo E o que tenho dado?
- Macarena Já esquece, como as cousas que nunca foram. Se me durara sempre nada vos pedira, mas eu não compro de comer com promessas nem com o dinheiro de ogano, só príncipes tem esse condão, serem servidos por esperanças. Pera mim, inda que a não mereça, a do paraíso me basta.
- Crisófilo Fazeis vós bem por ela.
- Macarena Que as outras todas são mui duvidosas e a muitos saem em branco. E porque sei isto há muitos dias, quem de mim quiser alguma cousa meta a mão na bolsa, porque é favas contadas, conta de perto, amigo de longe.
- Crisófilo Doutra maneira me faláveis vós quando os meus dobrões ferviam, outros gasalhados, outras meiguices, então se me riam as paredes de casa se eu vinha. Eu só era querido e estimado, fazia-se o que eu mandava e o que queria. Agora nem o que quero nem o que não quero fazeis.
- Macarena Senhor meu, por i vereis vós se [064] vos engano. Ninguém é mais obrigado que responder por igual à boa obra que lhe fazem, e não queria eu mais do mundo. E mais vos digo que é muito pera agradecer achar agora quem pague o que deve. Este nosso trato é como quem caça aves com rede de tombo: faz-lhe cevadouro pera as avezar ao cevo. Necessário é gastar e aventurar do seu quem pretende haver proveito ou seu desejo. Vem as aves comem e fogem, as que prendem pagam os custos por todas, assi nós. Nossa casa é eira, eu o caçador, cevo Florença, os amantes aves; cevam-se nas vistas, palavras brandas, conversação gostosa, o que se afeiçoa paga os gastos. Este val e manda enquanto pode suprir nossas necessidades quotidianas, porque tanto vales quanto podes. Se falta a moeda ou a vontade esquece. Registai o desejo e se não perdoai, que eu a ninguém faço sem-razão em buscar e pretender meu reparo, como cada um o seu. E o meu gosto [064'] seria ver-vos agora esperecer pera vos despir, que não sei falar fingido.
- Crisófilo Não sabia tanto e é por vossa culpa que me não avisastes primeiro.
- Macarena A experiência ensina em um momento o que o conselho não pode persuadir em toda vida. Se tiverdes muito que dar podeis vir confiado

que eu vos darei seguro real, e doutra maneira toda porfia será martelar em ferro frio.

Crisófilo Partidos pondeis como se ninguém houvesse de entrar nessa casa senão eu?

Macarena Entrar? Nem à légua! E se comprir, pera mais segurança té os gatos de casa lançarei fora por que vos não temais deles. Por dinero baila el perro. E se cuidais comer galinha gorda de pouco dinheiro daqui vos dou o desengano bem desenganado, que nem tinto em parede me haveis de meter o pé na pousada.

Crisófilo Basta que assi vos pondeis no telhado.

Macarena Eu não ando pelo governo somente e mais agora que estou em ãa certa necessidade importante, que doutra [065] maneira nem eu apertara tanto convosco nem me mostrara tão estéril. E sede certo que negra vida fora a minha com Florença se me isto ouvira, que sabe Deos quantas brigas temos todos estes dias sobre vossa pele, mas eu afogá-la-ei viva se fizer senão o que eu quero.

Crisófilo Mal responde isso às promessas que me já algũa hora ambas fizestes.

Macarena Não sei disso nada mas dir-vos-ei a minha regra nessa parte: as promessas não devem comprir-se quando são danosas àquele a que foram prometidas, nem também quando danam mais a quem as promete do que aproveitam a quem se prometeram. E portanto cumpro sempre o que digo se me vem bem, e se não a ninguém sou mais obrigada que a mim.

Crisófilo Ora i-vos embora que eu terei meu conselho.

Cena oitava. [065']

Hipólito, Florença.

Hipólito Pois aquele fidalgo, assi o despedistes?

Florença São enfadamentos do interesse de minha mãe. Quem se pudesse ver fora de necessidades pera não ser tormento de si mesmo. E não pode ser maior desventura que poderem elas cativar a vontade que Deos fez livre e forçá-la a negar o próprio entendimento e gosto. Ele avorrece-me como moscas porque na verdade todas suas cousas sabem sempre ao que são, e o coitado bebe os ventos por mim. Eu mais com vergonha que com vontade o tenho sofrido té 'gora à força de brados de minha mãe, que a minha alma seria leda se me visse de [066] todo livre dele.

Hipólito Minha senhora Florença, quereis que vos diga? Já ouviríeis: não quero bácoro com chocalho. A verdade Deos a amou e aos discretos escandaliza muito a malícia e pouco a ignorância, porque claro está que é de maus serem contrafeitos, os quais nunca leixam de serem entendidos, porque não há saber que baste a contrafazer mentiras. Assi que, digo, vou-me desenganando muito de vós, vejo-vos muitos tratos e que vos fazeis muito cossaira, e o costume converte-se em natureza.

Por outra parte, sofrer vossa mãe enfada-me muito. Se assi há de ser isto parece-me que me hei de fazer na volta de tomar outros amores e empregar-me aonde me saibam estimar.

Florença E soubesse-o eu, que inda que fosse princesa não me haveria por molher se lhe não levasse os focinhos nas mãos.

Hipólito Já queria ver isso. Vossa mãe vos amparará com quem seja mais de vosso gosto.

Florença Mas enterrar-me-á e isto seria o bom [066'] pera atalhar a vossas sequidões. Por que me matais, senhor, sabendo que vos daria cem vidas, se pudesse? Triste e cativa cousa é a molher que ama.

Hipólito Pior será estar enforcada.

Florença Venha o demo e escolha. Mal-aventurada de mim, não sei que vos diga nem que vos faça. Quando cuido que vos tenho pela cabeça acho-vos pelo rabo. Faço de mim mil manjares por vos contentar, nada me aproveita, por bem fazer, mal haver. Eu esquivo e desprezo o outro, que me vem sempre a casa cheio como colmea, e nada me lembra senão ter-vos satisfeito. E é bem que o vistes, e vós mau grado no capelo.

Hipólito Foi Maria ao banho, teve que contar todo um ano. A outro perro com esse osso.

Florença Tendes bem que dizer, por aqueles morgados que me dais, calai-vos pois me calo. Achastes-me moça e que não sei do mundo, fazeis de mim tola cada vez que quereis, não porque o eu seja mas pela afeição grande que me cega. Mande Deos não me caia em casa a minha confiança, [067] não sejam por derradeiro vossas promessas palabras y plumas el viento las lleva.

Hipólito Vossa mãe vem, quero-me ir, porque ando tão enfadado desta velha que hei medo se me fala o que não quero que lhe arranque os narizes.

Florença Buscáis achaque de vos irdes, que ela é vossa amiga e melhor vos sofre que a ninguém, e o vosso pouco estima sempre em mais que o muito dos outros.

Hipólito Todavia eu sou muito mau pera sofrer o seu morder antredentes, e as suas desenvolturas quando lhe chega a de Góis.

Florença Apegais-vos a isso porque tereis outras ocupações. Pão comesto, companhia desfeita. Malfadada da que não tem outro gosto nem descanso senão ter-vos presente.

Hipólito Com metade disso me contentara e fora verdade.

Florença Inde mal, inde negra porque o é tanto. Heis de tornar por aqui?

Hipólito Ponho-o em dúvida, diz o pandeiro.

Florença Eu entendo isso muito bem, mas por este rosto que hei de saber vossos negócios. E mais, se não vindes eu sei o que hei de fazer, e olhai que vos espero.

Cena nona. [067']

Macarena, Florença.

Macarena Não te poderei fazer sesuda, Florença? Os meus conselhos e amoestações por ùa orelha te entram por outra te saem. Tu não tens vergonha, nem siso, nem obediência, nem temor de mãe, pois quem não crê madre velha... Pera que é andar com trinta línguas? Hei de vir a me lançar no mar antes que sofrer-te fazeres tu em tudo sempre o contrário do que eu quero. Quem não conhece que erra não sofre ser emendado, e eu hei de fazer o que entendo que me cumpre pera o diante, que quem há de fazer de seu proveito há de sofrer a perda de seu gosto. E tu queres viver do som do teu padar, sem mais [068] hás nem queres nem moço que levas i, e que seja o trabalho todo meu? Pois maus pesares veja eu de ti se tal soffro.

Florença Vós que haveis convosco? Que vos fiz agora? Por que me aterrais?

Macarena E falas inda, velhaca? Quantas vezes te tenho avisado que nem me saibas de Hipólito? Queres que entre e saia com suas mãos lavadas e pouca vergonha, sem mais tir-te nem guar-te? Eia, o não hei pelo ovo, senão pelo foro em que se ele põe e o tu sustentas. Onde há desordem perdido é o bom conselho. Cousa que ele faça mal ou bem não te desapraz, pois quem não sinte o mal não conhece o bem.

Florença Quem tem vontade não conhece razão. Coitada de mim, diz que seja insensível e que não tenha amor a quem mo tem, que reine em brutos animais a afeição e o coração humano que a negue? Cousa impossível quereis, forte molher sois.

Macarena Tu cuidas que boas razões são ouro, e eu de quem as tem sobejas me fio menos. Tens discrições [068'] por mantimento? Quantos enganos tem a mocidade, quão tarde sabe cada um o que lhe cumpre. Aos que te dão o que hás mister em vez de os granjear escandalizas, a quem zomba de ti obedeces. Abasta-te o teu enxoval de fronteira com promessas de como o pai morrer, que está mais moço que ele, e quem morte alheia espera, longa soga tira. Estamos bem de roupa se nos não molharmos, picaremos no dente té que o pai morra, e depois será o que Deos quiser, que assi foi ontem a estas horas. Como sei que me hás inda de nomear e coçar-te com a mão do peixe. Ele te desampará, pelo menos com a idade se primeiro não for por fastio. Como que não sei que cousa são apetitos de mancebos.

Florença Se me vós, mãe, paríreis de pedra e não de carne não fora eu afeioada, mas sou humana. E não quero comer nem beber por conversar a meu gosto. O que vós dizeis será assi, porém amor força-me ao que faço.

Macarena Que cabeça e que siso. [069] Eu não te tolho que ames a quem te der todo o necessário, mas tu levas outra via e ao teu ofício não arma um só amor. Vês tu quem fui e quem sou? Pois assi hás de ser. Já me quizeram e me rogaram muitos, ai mesquinha, mas como fui festejada e invejada doutras. Como me viram a cabeça branca e rosto

enverrugado todos me desampararam como espargo no ermo. Se me soubera ajudar dos benesses da mocidade mais valera o meu manto. Na velhice purgarás o erro desse engano que agora te dá o espelho.

Florença E que fará quem tem a alma ocupada? Quereis que morra de saudades?

Macarena Má morte venha por ti, desavergonhada. A molher que perdoa a seu amigo faz mal a si mesma. O namorado é como o peixe: mau tanto que não é fresco, enquanto fresco fazeis dele quanto quereis e tem todo sabor. Assi o amante novo dá quanto tem, quer que lhe peçam, granjea todos; com o verem se contenta quer contentar a dama, a [069'] mãe, a criada, té o meu cachorro, tudo à sua custa. Porém como eles tomam posse da casa em vez de dar roubam se podem. Não te fies da tua vontade, que pera aconselhar e receber conselho não há cousa tão contrária como a particular incrinação ou apetito. Vence-te a ti se queres senhorear-te de tudo, obedece ao conselho, por que quando com ele não se gures o remédio salvas a culpa. Da boa natureza procede saber obedecer, como da longa experiência o saber mandar, e porque eu esta tenho do que passei em meu tempo aviso-te do que cumpre pera o teu. Não cuides que sabes per ti, que esse é o maior perigo dos perigos, ninguém é tão bom que não tenha que emendar, nem tão mau que não tenha que louvar; assi que nem ao mar nem à terra. Toma a estrada seguida, que esta é a certa, os atalhos são trabalhosos e incertos. Entende, moça, que é grande descanso seguir ãa boa guia, que se te guiar mal será sua a culpa [070] e, se bem o louvor teu. Crê aos experimentados, que sem experiência nenhum saber segura.

Florença Eu vos direi, mãe, eu não me isento de seguir vossos conselhos, mas cuidai vós também que ninguém é tão sabedor nem tão inteiro que não tenha fraquezas se em meio antevém algum interesse, o qual nunca deu bom conselho. E com isto haveis de cuidar que aos parvos ensina o tempo e aos discretos seu natural distinto, e também mais sabe o sandeu no seu que o sesudo no alheio. Eu entendo de Hipólito que me quer bem, e como há muitas mercês em Deos, tenho presunção que há de casar comigo, e assi nada perco em me aventurar com ele. Leixai-me amar este só e provar minha ventura, com os outros será o que quiserdes.

Macarena Casou Maria com Pedro, casamento negro. Tal serás tu, que esses casamentos desiguais tem sempre grandes desavenças, porque como se fazem per apetito sem fundamento, estes [070'] mancebinhos sem lastro tanto que se vem tomados no brete nenhũa cousa procuram como a liberdade. Persiguições de pais, lágrimas de mães, afrontas de parentes e remoques de amigos lhe calabream o gosto, de maneira que o que dantes lhes parecia vida lhes é par de morte. E as demandas, desterrros e necessidades que daí socedem custa tudo tão caro que eu te digo: quem bem sé, não se levante. Antes quero asno que me leve que cavalo que me derrube, e arrenego da tegilinha de ouro em que hei de conspir o sangue. mais val só que mal acompanhado, antes cabeça de

gato que rabo de leão, quanto menos fortuna menos trabalho ninguém sobriu que não caísse.

Florença Dir-vos-ei, mãe: ande eu quente e ria-se a gente, faça eu ùa vez a minha que depois eu o amansarei. Amores e dores com pão são bons; não se gainham truitas a bragas enxutas. Lograrei um verde, quanto mais que nunca outra cousa vejo senão feas e erradas melhor casadas. [071] Leixai-me nisto errar por minha cabeça, no mais guiai que eu vos farei a vontade.

Macarena Quem o ora vira. Pois inda hoje me a mim falou em ti na feira um vezinho de Hipólito, casado e honrado e que tem do bem deste mundo, que inda que é já capoeirão, se vier ao relho, nós teremos nele um ninho de guincho, que estes são casais de proveito e não mancebinhos. Não ocupam muito tempo por o respeito que lhes cumpre ter a sua casa, sofrem tudo por não serem descobertos, dão sempre do seu pelos sofrerem, pera ùa pressa e ùa afronta de justiça são grandes valedores. Tivéramos nele pera pão e pera peixe, como dizem, se caíra e tu lhe souberas armar. Mas, coitada de mim, a quem o eu digo! Não leixarás tu de granjear o teu enxovado sem proveito por quantos tisouros há no mundo.

Florença Vós, mãe, quereis muitos genros de ùa filha e o tempo não vai já disso, que não é como no vosso em que os homens eram mais [071'] bocicódios. Agora inda o rapaz não sai da casca já quer ser rufião e sustentar casa e fazer sombra, já lhe ninguém mete a palha n'albarda, que o tempo ensina e o exercício apura os engenhos. Pobre é quem se não contenta, que mais val pouco que nada, e grão e grão enche a galinha o papo e pouco e pouco fia a velha o copo.

Macarena Aosadas se o disse eu, que há de valer sempre a sua e fazer o que quiser, e a triste da mãe velha... que lazer. Por demais é cansar-me eu em matinar-te, que juradas tem as águas de não fazerem das negras alvas. Já que assi há de ser entendamos agora em comer alguns negros bocados, que como não vejo banquete ou hóspedes logo se me secam os beiços. Que é de aquele rapaz? Que me vá buscar vinho.

Florença Mandeí-o comprar decoada, e já sabeis que há de vir quando quiser.

Macarena Pois assi é mandar-me-ei logo a mim, que as gorgomelas se me apegam de sede enquanto não há algum [072] regabofe à custa de barba longa. Que nunca Deos fez quem desamparasse, e se um roim se nos vai da porta, outro vem que nos conforta, que esta noite untarei as barbas no banquete.

Florença Cujo?

Macarena Daquele mau pesar, que disse que o mandaria.

Florença Qual?

Macarena O teu caixeiro, que de cá mandaste agravado e prometeu-me que faria e aconteceria.

Florença E Hipólito?

Macarena Sofra-se, que quem primeiro anda primeiro manja. Baste-lhe comer de graça pera esperar tempo, que eu não hei de tornar com a minha palavra atrás.

Acto II. [072']  
Cena primeira.

Otonião, Fileno.

Otonião Sabeis quê, senhor? Esta cousa o melhor que tem é saber-se quão larga tem a jurisdição, porque amor vence todas as cousas em força e muito mais em gosto. E não sei por que estes licurgos perdidos por muitos manjares e invenções de gula não mesturam amor em suas piveradas e potagens, porque sabei que não há açúcar, mel e especieria que lhe chegue. Onde amor entra não pode haver fastio, não dana estômago e [073] ride-vos de sal que lhe dê pelos pés, que este é o mero sabor dos sabores: ao mesmo mel faz doce, é a mesma alcaparra o rapaz.

Fileno Nova invenção de amores trazeis. Donde veio agora esta?

Otonião De mim fiz esta conjectura e experiência e não de ouvidas. Dês que quero bem todos os cheiros, todos os unguentos odoríferos queria trazer comigo pera escaveches de contentar minha dama. E ela a mim de toda maneira me contenta, com seguro de nunca chegar a entejá-la.

Fileno Muito vos obrigais, porque abastança das cousas traz mui certo consigo fartura e pouca estima.

Otonião Tirai-me exceção que em tudo a há. Sou aleijado d'amores e traz-me o meu pensamento tão sopeado de seus desassossegos que cuidar resistir-lhe é perder o fôlego da vida. E outro refrigério não tenho salvo vir correr estas frontarias por ver se vejo a frente a que, velando e dormindo, inclino os desejos que me atormentam com saudade do que [073'] carecem e pretendem. E quando não satisfaço aos olhos cumpro a minha obrigação. E se lhes eu pudesse dar seu pasto contínuo comedir-me-ia com minha dor, mas desespera-me o pouco que alcanço do muito que desejo, e aqui não há senão finir.

Fileno Será por vossa culpa que não sabereis espreitar os tempos, e errá-los em tudo é acertar nada, e já ouviríeis: não sejas preguiçoso, não serás desejoso. O louvor da virtude está na obra e todas as artes por boas que sejam se fazem más por culpa e vício de quem as usa. Assi esta do amor: de a mal saberem tratar maus namorados vem a ter errados efeitos. Mulheres moças são de ordinário tão certas e próprias das janelas quanto nós outros prontos e diligentes em nossos danos. Amor tudo acha e sente, por onde se conta daqueles dous amantes Píramo e Tisbe que querendo-se muito logo acharam modo de se falarem pela parede. Este exemplo vos deve ensinar [074] pera não lhe errades as horas, porque todas tem sua maré, que se lha errais perdeis viagem, e à senhora eu vos faço bom picar os encerados.

Otonião Não faleis, senhor, que, não sei se por minha desventura se por sua compreensão, esta senhora é muito desviada da condição geral das mulheres, leva outro novo estilo e, como lá dizem, há cousas que se

- parecem com seu dono. Vou cuidar que o seu grande extremo de fermosura lho faz ter em tudo.
- Fileno Vós achar-lhe-eis cem novas naturezas, essa deve ser a filha da galinha parda. Pois eu vos digo que, inda que nacesse de ovo como as filhas de Leda, basta ser molher.
- Otonião E eu molher a quero.
- Fileno Creio-vo-lo. E ela homem vos quer pera não perder a jurdição que naturalmente tem em nós. E sabeis de que me pesa? Ver que pela maior parte estão em posse disto as feas e de menos merecimento.
- Otonião É pena e castigo de nossas culpas. A nossa soberba e desaforamento [074'] de pecados que por seu respeito cometemos há-se de purgar por onde pecou. E daqui vem serem elas a corrente de nossos erros.
- Fileno Não ides vós muito mal por i.
- Otonião Isto, porém, não se entende em minha dama, que abate merecimentos, dá nos tormentos descanso, ficando sempre forra e isenta de a culparmos, e passa assi sem dúvida, que sendo eu tão contino e sobejo no visitar estes bairros como o meu cuidado mo é em me dar suas lembranças, por grande acerto em muitos dias alcanço ùa breve vista. Esta, porém, sabeí que é de tanta força que não há raio que assi abrase.
- Fileno Livre-nos Deos. Folgai vós logo com isso, que se é tão fermosa como dizeis quanto menos aparecer menos cobiçada será e forrareis ter competidor, que é o maior descanso que sinto nos amores.
- Otonião Não cuido que isso me salva desse mortal sobrosso, que ò sol não há nuvens que lhe de todo encubram sua claridade, e tal é [075] ùa gentil dama: por mais encerrada que seja sempre é notada, ou per fama ou por vista. Guardada estava Dafne na torre onde com ela entrou Júpiter transformado em chuva, Proserpina dos infernos a roubou Perito, da muito casta Lucrecia se namorou Tarquino por seu recolhimento e honestidade. Assi que nessa parte não me descansa ser ela recolhida, que das paredes que a guardam me não fio e me receio.
- Fileno Dir-vos-ei o que entendo. Esta negociação é como besteiro que errando muitos tiros com um acerta tomar o preto. Natureza das molheres é querer gastar muitos servidores e entregar-se a um. Querem-se rogadas com o que desejam pera venderem bem sua mercadoria, mostram-se isentas no que pretendem por que possam mostrar que não rogaram mas que de importunadas se rendem. E contudo sempre vem ao relho, como dizem, e em um momento fazem [075'] o que em cem anos contrastaram. Ocasião, conjunção valem com elas mais que toda obrigação. E portanto haveis de entender que muito poucos lhe tomam a palha salvo por continuação e importunação. Azos também acabam muitas vezes mais do que a esperança cuidou. Por o que haveis de andar sempre com o faro na ventã e dormir com os olhos abertos como lebre, e feito atalaia sobre estes corredores de campo lisbonenses que não leixam udo nem meúdo.
- Otonião Assi sabeí que não há cervo mais pronto no vento que eu, mas quando Deos não quer santos não rogam.

- Fileno E sentis vós por aqui algum disciplinante que ande pela treita da vossa tenção?
- Otonião De poucos dias pera cá vejo aqui nas tardes muito contino um galante que olha muito, de que nada ando satisfeito porque, além de tudo me fazer nojo, ele põe os pés seguros e parece d'arte. E que a não tivera, trazem-me meus receios tão embaído [076] que me farão parecer tudo o que me puder danar.
- Fileno O amor todo é temores e este é o mel depois porque o que foi duro de passar, passado é doce de lembrar. E conheci-lo vós? De que relé é?
- Otonião Não. Ele cortesão parece pelo costume dos trajos, porque anda de suas mangas largas de dó, que às vezes é mais valhacouto de necessidades que insígnia de nojo, e todavia limpo como homem de titela.
- Fileno Esse tal será camareiro de morgado, enxerido em aio. Manda a casa a seu amo, cavalga a tempos de abonação em bastarda velha. Terá muito conhecimento de mulheres erradas, chamam eles, e bem aforado com elas, porque paga à custa alheia. Faz franquezas com alcoviteiras por ter sempre o mar chão pera o dito seu amo, com cujo custo vai forro. Destes há alguns que acertam ser bons de trela, enganam o povo com confeições de suas mostras, nas quais gainham por mão a outros cortesãos de marca, porque [076'] do pão de meu compadre grande pedaço a meu afilhado. Vivem à face da terra a prazer e tão contentes de seu avençal estado que todo outro tem por nenhum, respeitadas as posturas do seu descanso, senão que por fim sempre ficam mal da muda. E este clima inda é habitável, de que se podem sofrer quenturas e friezas, mas lá por dentro do sertão foram-se novamente criando tantos monstros de natureza que os não cria mais Líbia.
- Otonião Não digais mais nesses que noutros. Plumagens de enxertia do Trópico de Cancro, sob cujos paralelos vive ãa confusa compostura em sestros mais intrincada que o laberinto de Creta. Leixada, porém, fazenda alheia, voltemos sobre a minha. Confesso-vos que me enfada muito este escudeiro, ou que demo é, e mais vos digo que tenho assentado comigo fazer-lhe ãa fala sobre o caso.
- Fileno Fareis muito bem. E seja antes que o gentil garção crie raiz na empresa, que [077] enquanto se não tiver muito penhorado pode ser tão liberal que vos faça serviço de seu direito sem mais custos. Boa guerra faz a boa paz e o temor dizem que fez os primeiros deoses. ãa boa determinação arromba tudo. Começar ãa vez, que a esperança sempre deu o melhor e o tempo tudo.
- Otonião Eu vos direi. Passado tenho o Rubicão como César, determinado ao que me vier sobre fazer a minha ou pagar com a vida as dívidas da minha afeição.
- Fileno E ele a que horas é mais certo aqui?
- Otonião Não deve tardar muito, segundo seu costume. Ei-lo, lá assoma, e aponta-se de maneira que vos ride de mais postura. Ora vede-lo, toma a travessa, que me atravessa com mágoa porque a minha sobeja afeição acovarda-me pera tomar os tais postos, temendo publicar-me e afrontá-la, e ele vai-se a eles tão seguro que me faz cuidar que tem

jurdição e posse, e receio que lhe vem estas foutezas do favor  
fronteiro. [077']

- Fileno Vós quereis que o enxotemos daqui como for noite? Desassombrar-  
vos-eis dele pois vos enfada, que na verdade tendes razão, porque  
competidor nem de barro. E nisso vejo que quereis bem.
- Otonião Essa podeis jurar. Das aves me receio, das casas a não fio, sou um  
contino temor e não pera o ter de, por seu serviço, romper um  
esquadrão.
- Fileno Pois, portanto, batamos-lhe o monte e corramos-lhe a sapateta, que  
este eu vos faço bom voar em vez de correr.
- Otonião Não hei por bom fazer aqui arroídos e assoadas, que são pera  
molheres solteiras, e o mesmo fujo de músicas que pregoam muito.  
Posso escandalizar a rua e saber-se a causa, como tudo se sabe, donde  
soceda algum perjuízo na fama desta senhora, e ter paixões com seus  
pais, com que ao princípio se dane tudo e acorde o cão que está  
dormindo, que é destruir ocasiões de azos sem os quais nada se faz, e  
eu não queria perder por pouco o muito que espero servindo. [078]
- Fileno Fazei logo outra cousa. Leixai-me apartar com ele e eu vo-lo farei dar  
das pontas, de maneira que vos digo o feito e o por fazer.
- Otonião Em caso de serviço d'amor não hei de meter terceiro. Mas i-vos vós  
por me fazer mercê, que isto vai sendo entre lusco e fusco. E agora  
que se ele muda a outra banda eu lhe tomarei a residência e, como o  
alongar daqui, brevemente averiguaremos a contenda, que o estômago  
não me sofre dilatar-lhe mais a cura.
- Fileno Quereis que vá na retaguarda de vossa pessoa pera segurarmos a  
presa, se porventura traz costas quentes?
- Otonião Não é necessário. A causa que me força fazer toda força me faz tão  
fouto que não sinto temor que mo ponha. Tudo amor ousa e acaba.
- Fileno De vós tudo creio. Antretanto vou dar ãa volta sobre certa gaita minha  
que também me dói, e logo sou convosco. Guiai-o vós a São Roque,  
que é posto solitário, e levai esta minha espada que é mais comprida  
que a vossa [078'] e muito segura. E vós ide-o também, que a  
principal parte do bom acontecimento é a segurança do esforço.

Cena segunda.

Otonião, Régio.

- Otonião Eu, senhor, há alguns dias que vos trago atravessado nesta alma pera o  
que vos direi, e não no tenho feito por não ter visto inda tempo tão  
disposto pera isso como este. E antes que venha à minha tenção,  
haveis-me de fazer mercê que me digais com quem andais d'amores  
naquela casa.
- Régio Essa é a mais alta e nova pergunta que tenho visto. E não vos deve  
lembrar que em toda cousa que se requerer o requerente deve cuidar se

- sofreria que lha requeressem, porque impérios [079] violentos ninguém os sustentou muito tempo e os comedidos duram.
- Otonião Senhor, a consciência de cada um é o mais certo juiz de suas obras. E como elas da tenção levam a culpa ou louvor, antes que ma saibais não me condeneis, que necessidade não tem lei e dá ousadia.
- Régio E a razão, pode-se saber? Para que eu também saiba o que devo ou posso dizer.
- Otonião A razão per si se descobre, e está entendida visto que sou dos que passeam.
- Régio Sou convosco e dir-vos-ei, senhor, como quem não se lança de vos servir. Já que vossa pergunta é per via de afeição vossa, a que também parece de mim presumis, fúria não espera razão e isto vos desculpa. E como toda dor seja muito injusto ponderador das cousas, não me espanta não vos justificardes comigo por vós mesmo, que lá dizem que ninguém pode ser muito honrado sem desonra doutrem, mas também, per outra via, a paciência e sofrimento é mãe da honra. Dou, porém, que ou de [079'] temor ou de cortesia vos dissesse agora o que preguntais. Não cuido que vos serve tanto como porventura cuidareis pois, sendo caso que estemos uníssonos e encontrados, verdadeiro amor nada teme, por onde já de medo serei mau de render, e por boa equidade eu vos afirmo de mim que de ninguém, nem de vós, sou tão amigo que queira negar-me por vos satisfazer. Portanto hei por escusado quererde-lo saber de mim nem eu dizer-vo-lo, e fazei o que mais quiserdes, que eu por aqui ando e andarei.
- Otonião Não se há por bom conselho cometer à fortuna o que se pode fazer por concórdia, e como pretendo esta e boa amizade não me tenho por tão descomedido como me quereis julgar. E bem vejo que a segurança de vosso bom estado vos faz isento. Porém ouvi, já que não menos necessidade tem o muito próspero de conselho que o triste de remédio e homens muito ressabidos caem muitas vezes em casos muito perigosos. [080] Eu não chego a isto de soberbo e atrevido, que quem pouco sabe pouco teme. Nem também estou tão amedrontado de vossa intenção que não esté seguro de ir ao cabo com a empresa custe o que custar, que estar perto do temor escusa parte dele e a doçura do proveito tolhe a dor do dano. Cumpre-me saber isto e a razão é que nessa casa há duas senhoras dignas de ser servidas e cobiçadas. Se nos encontramos será ãa conta, e também se formos diferentes na afeição ficaremos conformes nas vontades. Por onde não vos deveis isentar do comedimento que todo bom galante deve ter.
- Régio Obras más desacreditam boas palavras, por isso não me parece que sois justificado como publicais. Não no digo por escusar passar pela lei que ordenardes, aqui estou pera tudo porque sei que os males em seu extremo às vezes seguram e as sobrançarias nunca deram bom fruto. E além disto concorre aqui um [080'] ponto de muito peso, que é tratar da fama de quem não devo ofender em pensamento, quanto mais em obra. Donde se segue que nomeá-la é espécie de má fama, porque quiçá está ela tão alheia de mim e tão ãnocente da minha opinião quanto eu ando longe da sua memória; e tratar dela d'antemão

à custa de sua inocência e pureza é mau caminho de lhe merecer o que té 'gora desespero. Ora, se vós, senhor, estimais vosso pensamento o mesmo resguardo lhe deveis ter, o que, sendo assi, em que conta me tereis se fizer o que não devo? O bom disto, se quereis que o diga, é seguir o forol do paço, em que como sabeis se costuma servirem muitos galantes ãa dama, sofrerem-se e conversarem-se sem mais ódio, trabalhando cada um valer e avantejar-se por si. E esta é a fogaça de toda galantaria: levar nas unhas a garça dentre os outros falcões. Desta maneira sabe o galante que é preferido e estimado sobre [081] todos, gosto de grandes quilates e sorte que não tem preço. Fazei vós, senhor, vosso dever e eu farei o meu, e a quien Dios se la diere, san Pedro se la bendiga, diz o castelhano.

Otonião Não me arma bácoro de meas. Sou tão cainho e tão sôfrego que com ninguém compadeço companhia.

Régio De soberbo é não sofrer comparar-se. Pois eu também presumo ter boa presa e por ninguém solto meu direito.

Otonião A lei de amar é como a de reinar, não sofre dous. E o costume que me alegais do paço não no aprovo nem aprovou verdadeiro amante. Corações altivos, que amam por passatempo, puseram tal foro na terra. A alma namorada de tudo se assombra, cousas muito leves a cansam. Não pode dormir seguro coração receoso. Senhor, ou morto ou César. E se quereis bem de verdade não vos deve parecer mal a minha determinação.

Régio Nem também me parece bem pelo mau remédio que vos vejo. Como digo, por amizade não determino [081'] leixar-vos a empresa e por mal muito menos me obrigareis a desestir do começado. Não no digo por que espere fazê-lo por nenhũa via, mas assi a exemplo. Seria, quando vos fosse também de amores, que a própria senhora me mandasse per si enganar que a não servisse, e inda nisto há muito que cuidar, e ficava em minha cortesia saber se me dava a vontade lugar de estar por esta obediência, que quando amor a não levasse bem vingar-me-ia em mim ou em nós ambos.

Otonião Senhor, não estou por essas justificações que mas não coze o estômago. Vós, senhor, o rezoais mui bem, e quanto mais seguro vos vejo no quererdes justificar a causa tanto mais suspeito que vos vai nisso muito cabedal, e quereis estar pela sentença porque parece faz em vós. E eu sei que diligência sem ventura nunca valeu e sou, portanto, mais desconfiado. E inda que me fora muito bem com esta senhora, em nenhũa forma desta vida me poria nessa balança, por não [082] tentar a fortuna e assi tirar o poder a ãa hora minguada, quanto mais que me vai muito mal. E vós, senhor, sois muito gentil homem e pessoa pera obrigar toda outra, e eu nada seguro da minha dita e, sobretudo, pouco sofrido e muito rifador. Finalmente, vede se me quereis fazer a mercê que vos peço, que eu já hei de ir com isto ao cabo.

Régio Nele estais vós cada vez que quiserdes e daqui ao da cidade pouco há, e segundo andamos cedo lá seremos.

- Otonião Se o vós desejardes sabei que vos hei de servir, já que me não quereis conceder o que vos peço.
- Régio Pera mim por impossível tenho conceder-vo-lo, vede vós em que o tendes. Pera que são histórias? Sirva cada um sem mais declarações a quem pretende, quem melhor dita tiver a Deos agradeça, que a minha arte é correr o páreo e ver o que posso valer por meu trabalho porque me dizem que é mais doce o que por ele se alcança.
- Otonião Sobeja confiança é essa. [082'] Confesso-vos que me enfada já e me obriga a querer saber em que lei hei de viver, porque, na verdade, não me vai tão pouco neste caso que o queira remeter à consciência da fortuna, que reparte seus bens sem medida e peso como quer.
- Régio Pois como? Cuidais que negarei a vontade com que espero morrer por cumprir com a vossa?
- Otonião Não é isso o que vos agora peço. Dizei-me qual destas senhoras servis, e depois o al será como quiserdes.
- Régio Ora vinde cá, por abreviarmos a contenda em lei de bom galante, já que assi apertais comigo e o tanto cobiçais saber, só isto farei e mais não: dizei-me quem é vossa dama e, se essa for a minha, dou-vos minha fé de gentil homem não vo-lo negar, porque também me prezo de sôfrego. E se nisto logo não assentais, desdigo-me e nada direi mais. Agora fazei o que vos bem parecer e, se vindes armado, sabeí que venho desta maneira sem mais armas que esta espada e adaga. [083]
- Otonião E eu eis-me aqui também dessa maneira e sem adaga.
- Régio Na mesma hora que vos determinardes lançarei a minha de mim.
- Otonião Ora, senhor, por que não me tenhais de todo por descomedido e a soberba não ter aução contra mim, parece-me que tendes razão e não quero sair dela. Eu, senhor, quero bem n'alma e na vida à senhora Gliceria.
- Régio Ora descansai que desencontrados estamos como quem sou, e a senhora Tenolvia me arrasta no carro de suas perfeições.
- Otonião Em extremo folgo e o hei por a maior dita que me pudera vir, porque me tendes tão vencido com vossa brandura e galantaria que esta perda me fazia sentir toda quebra e rotura dantre nós mais que a morte.
- Régio E eu, senhor, não hei que gainho pouco neste conhecimento, antes o estimo tanto que o lanço à conta das boas venturas da sorte deste amor.
- Otonião Pois, senhor, agora me fazei mercê que me hajais por vosso tanto servidor como o serei, e o tempo mostrará mandando-me, e que queirais [083'] que nos conversemos e ajudemos, porque estas senhoras são muito formosas, como sabeis, e não podem leixar de serem desejadas e servidas de muitos. E nós unidos faremos corpo de maneira que possamos fazer guerra a muitos e tirá-los de suas opiniões vãs.
- Régio Eu sou disso, e sabeí que não há menos de três dias que me quisera afrontar na boca da travessa um galante jezerino e roçámos as conteiras, porém não me mudei do meu posto. E o madraço parece pretende servir quem eu adoro, tirou de mim inquirições, mandou-me

- falar por pessoas, per que vo-lo tenho desenganado cruamente e assentado comigo defender-lhe os postos como ao mesmo mouro.
- Otonião Pois eu, senhor, posso prestar sequer pera fazer gente, se me admitirdes com os vossos.
- Régio Digo que tomo à boa estrea conhecer-vos e entrego-me pera me valerdes, que segundo mostrais posse no casal deveis ser valido.
- Otonião Antes per vós espero valer-me. [084] E fezei-me mercê que tornemos onde elas ficam, porque como tínheis ocupada a melhor estância não queria que cuidassem que à míngua de estâmago e de acanhado vo-la leixava.
- Régio Vamos onde mandardes, que nada podeis querer de mim que eu não faça com cem vontades. Portanto não me negueis a vossa pera me favorecerdes na empresa com todo bom meio que tiverdes, por que se diga que nunca falta Pílades a Orestes.
- Otonião Não seja isso escusardes-vos de me serdes bom com vossas valias, que em vós são mais certas.
- Régio Segundo isso tão pouco val um como outro. Em parte não me pesa, por que vos não riais dos mal vestidos, que mal de muchos gozo es. Há muito que vós, senhor, sois afeiçoado?
- Otonião A Coresma passada acertei ver esta senhora nas endoenças, e à própria hora tomou de mim posse.
- Régio Sabe já de vós?
- Otonião Nenhũa cousa, nem sei maneira per que o saiba. E ajunta-se ser muito moça, que não sinte minhas [084'] dores inda que lhas digam. Per um rapaz de casa que me leva minhas moedas lhe tenho mandado recados, mas tenho que me mente.
- Régio Não levais caminho. Pera molher deveis de ter outra molher, entendem-se ãas com outras e despejam-se.
- Otonião Vós que inteligência tendes?
- Régio Eu vos direi. Eu namorei-me desta senhora de oídas que no de vista. Acertei de ir com um meu amigo a casa de ãa parenta dele e delas, acaso em prática veo-se a tratar delas, que era seu pai muito rico e honrado e elas per si não menos virtuosas e fermosas, e tão más de contentar que enjeitavam muitos casamentos. Foi sua abonação pera mim ãa rede de Vulcano pera Marte. Como me senti tomado do amor dei de olho ao companheiro, e ele abonou-me de maneira que se ofereceu ela de satisfeita a saber da senhora Tenolvia se me aceitaria. Com o cevo desta fraca esperança tomou amor mais entrega de mim. [085] Ordenei, pera nos vermos, armá-las ela a irem em romaria a sam Bento e da volta banquetear-las em ãa quintã deste meu amigo, e tinha-lhe sua música. Não se azou, porque sobre certo negócio do trato houve desavenças entre este meu amigo e a parenta, por onde fiquei em branco, certo remate de determinações de folgar que raramente vem a efeito como são cuidadas. Tenho, porém, pera mim que chegou ela a falar-lhe, porque enxergo nela ãa sombra de ter notícia da minha opinião, sem mais valia.

- Otonião Bom era o que determináveis. Logo eu em ãa cousa como essa me renderia.
- Régio Está já muito desviado de poder ser, do que ando assaz atribulado porque não ousou esperar bem do mal que sinto. Não sei de que me vem esta fraqueza, que eu soía ser piloto nestes negócios. Verdade é que sempre os cometi com coração livre e agora todo sou receios e temores.
- Otonião Essa é a minha doença, [085'] nem mais nem menos. E como sou novo neste mundo de amor não há novidade de sentimento que me não dê cem caldas de dor. Os tempos e a vida me fogem, os ares ma furtam, as aves ma namoram, os ventos me destroem com ela, não vivendo salvo de a esperar cada hora a desespero. Todo meu refrigério é dar por aqui cem voltas. Se acerto vê-la um momento entre mil dias, daquele dia tenho que contar a mim mesmo té que alcanço outra tal.
- Régio Sabeis, senhor, que me consola? Tenho em tanta conta e parece-me tão altamente bem minha senhora que, de ter por bem empregado tudo o que por ela posso sentir, me dou por satisfeito do que sinto.
- Otonião Eu sou esse e tendes muita razão. Já não tenho outra glória senão ver quanto sinto de morrer nesta fé, porque, senhor, fazer homem bom emprego de si é grande acerto.
- Régio Pera que é falar nisso? Sabei que por esse respeito me não trocarei por Juan Rodriguez del Padrón.
- Otonião Vós [086] passais pela vanglória que homem tem de tais pensamentos? Quatro figas pera Garcí Sánchez! Pera que é nada, senhor? Não se verão dous homens hoje tão ditosos na sorte d'amor. E, contudo, eu queria achar meios de viver com esperanças.
- Régio Trabalhe cada um o que puder e quem achar remédio primeiro ajude parceiro.
- Otonião Dir-vos-ei, quanto ao primeiro havemo-nos de fundar de lhe tolher d'hoje avante todo servidor.
- Régio Isso já não são novas.
- Otonião E todo casamento que souberemos que se lhe aza.
- Régio Está pela mesa, por que cabrões não metam moneta de querer servir, que do soberbo é parecer-lhe tudo possível. E assi, pairando ao tempo com boa diligência, pode vir a nossa hora, que lá dizem com serviço muitas cousas vence amor. A continuação fez obedecerem os leões ao homem e com ela quebra a água seixos duros. Nós somos parelhas delas e eu sou de não casar senão com quem me escolha na vontade.
- Otonião Essa é a minha [086'] arte e opinião, e segundo nos conformamos já daqui não se pode ganhar pouco, pois há tal amizade entre nós, e depois o que os fados derem...
- Régio Recolhamo-nos por ora e amenhã nos veremos no paço.

Cena terceira.

Régio, Alcino.

Régio Vós sois lembrado da fermosa Tenolvia em que nos falou vossa parenta naquela noite de marras?

Alcino Muito bem, porquê?

Régio Parece-me que me há de custar mais caro que Helena a Tróia, porque são sobre ela mais competidores do que houve sobre Dianira, e dá-me na vontade que hei de ter bandos.

Alcino Contai, tevestes algũa escaramuça?

Régio Ontem tive outro rebate de [087] um certo garção que apertava comigo mui a ponto. E o polhastro assentai que tem titela e vinha sobre conta feita, e estivemos muito perto de nos ingrifar, porque nos íamos já rota batida fora dos muros tão certos nas vontades que não havia deter-se um passo, e o rapagão tão querençoso e ardido que lhe parecia ir ganhar perdões.

Alcino Estais zombando.

Régio Não zombo, à fé. E a falar verdade, eu, inda que me fingia seguro, por dentro lançava minhas contas e não me pesava senão que ia mal concertado n'alma, que é um triste termo. E juro a mim que o receei porque, senhor, ãa determinação destas põe-vos as tripas na boca e é parede-meios de unção.

Alcino Por isso dizem que o lugar da morte é pior que ela. E que direis ao gosto com que um rufião por mui leve causa vai ao desafio?

Régio Esse lhe crerei eu bem mal, e se o tem ou lhe falta juízo ou alma. A morte, senhor, é um breve passo e tal deve ser a dor, e como é certa e em cada [087'] parte não deve ser temida, antes desprezada, porque com este pressuposto fica o ânimo quieto. Ponderar, porém, o efeito desta passagem: quem o muito não sentir não sente o que aventura. À vida deve-se a honra e à alma tudo. Mas são leis do mundo tão tiranas e desarrazoadas quanto o ele é em todas suas cousas.

Alcino Tal o tem feito os homens e tal o padecem. Porém, o bom disto é nunca emprender competência salvo a fim de segurar paz. De ânimo forte e constante é não se perturbar nos contrastes mas ter conselho pronto e aferrado com a razão, que em tudo val muito. Aceitar douda e levemente brigas é de brutos, e se o tempo e a necessidade as requerem há-se de antepor a morte à desonra. Oferecer ao perigo sem causa é mera doudice, resistir-lhe com presteza animosa é esforço discreto. Veio, porém, a humana pequice a tão fraco juízo que chama esforço e ânimo ao soceder ãa maldade prosperamente, donde [088] ãnocentes obedecem aos culpados. O direito está nas armas e o temor sopea as leis, e de todas estas sem-razões fizeram tiranos cavalaria, a que eu diria consistir em lhe resistir. Donde a dos portugueses é digna de muito louvor, que se emprega em enfrear soberbos e a ninguém fazer sobrançarias injustas, e assi prospera com favor divino, a pesar de invejosos em toda parte.

- Régio Disso pouco, pois o sois, e eles mesmos não vo-lo sofrerão.
- Alcino Também o não no sofrer é primor de pura cavalaria, mas o demo a calabreou com liga alheia dos seus quilates, donde está já tão ensopada na mercancia que a nobreza que antes se prezava de não saber de conta agora não há por discrição senão decorar preceitos de câmbios e recâmbios.
- Régio Isso é assi mas é já mal sem cura, e o que não se pode evitar deve sofrer-se e não culpar-se, que sempre a fortuna invejou varões fortes e repartiu seus bens desigualmente com os bons.
- Alcino Pois, [088'] portanto, já ouviríeis: quem sua geração gaba louva cousas alheias; tratemos das próprias. Per maneira que vós afirmais que temestes vosso competidor.
- Régio Como a mesma morte. E desprezar o imigo nunca foi seguro.
- Alcino Logo não vos armam estes touros de capas, que por dá cá aquela palha lançam o gage?
- Régio Senhor, não, e confio pouco deles. E de Heitor troiano se conta que sempre recebeu a guerra e a pretendeu escusar.
- Alcino Si, mas posto no campo desbaratava os imigos resistindo aos mesmos fados.
- Régio Pois assi há de ser: determinado, ferir sem medo.
- Alcino Louvo o ser comedido e nada brigoso. Mas fazei-me vós ãa mercê, que em caso de brigas antes sejais o desarrazoado que o ofendido. E pera covardos tende mãos e não língua, por que não lhes deis tempo ou azo de com ela vos ofenderem.
- Régio Dessa cor é o meu pano.
- Alcino E acerca destes vossos amores dir-vos-ei o que entendo. Fortuna [089] raramente perdoa a grandes virtudes, quero dizer, aos mais notáveis. Por onde ninguém deve cada dia oferecer-se ao perigo, que quem de muitos se salva ãa vez o acham, e que digam quem de ãa escapa cem anos vive. Ña hora cai a casa, que não cada dia, e, portanto, de meu conselho, se determinais seguir a empresa andai sempre apercebido, que estes roncadores andam feitos relógios de continuo, e se tomam um paciente desapercibido fazem nele gaziva como mouros e ficam com nome de valentes.
- Régio Assi o determino de hoje avante, por não estar sojeito a padecer leis de más cortesias que mui certo posto é de fracos. Se vem o tempo por si com o valhacouto em meio, despender sobeja linguagem e alardear com feros, porque assi ficam abonados onde os não conhecem e depois tem a guarida em seu bom resguardo. Por onde o melhorar destas leves afrontas dantre mãos é mais custoso que tomar Diu. [089']
- Alcino Pois dissei-me, em que parou a cousa?
- Régio Tivemos antes do rompimento certa declaração à maneira de protestos sobre averiguar a razão de cada um, porque tê-la é grão terço da vitória e achar um meio de paz nestes tempos é a mesma tábua em naufrágio, e ficámos desencontrados e de imigos pera pôr campo contra França se presumir anojá-los.
- Alcino E o galante que cousa é?

- Régio Barbiponente, soldado bisonho morto por averiguar sua pessoa, dos que não sofrem que lhe tirem fio do saio. Bom companheiro, de compeição mercolina, enleado nos amores em todo extremo. Sabe pouco desta pilotagem porque, parece, não navegou fora do estreito de rapariga de balaio e iças roqueiras. E pera esta caça d'altenaria há mister outros roteiros e muita experiência, porque tem muitas artes e ciladas em que o mesmo Palinuro muitas vezes perde a esperança de vista, que é o norte de seus trabalhos. [090] E o monseor não está na prática desta derrota.
- Alcino Foi logo ditoso em topar convosco, que o podereis adestrar como aquel que bien las sabe.
- Régio Dai ao diabo, que me vou achando parvo neste negócio. Sinto-me muito afeiçoado, que é boa peça pera dar comigo de pernas arriba, e falta-me a audácia que soía de ter nas outras empresas. De tudo me receio e vou assi como cego tentando vau.
- Alcino Que foi do vosso coração livre com que mareáveis destro por estes rumos?
- Régio Senhor, não há quem não dê seus cincos. Digo-vos que hei medo de que me quebre esta rapariga a cabeça. Tem ãa garganta de cristal que vos ride de mais pedraria, tão linda que é outra Fiometa. Pois o carão? Descreio dos mouros se não abate a estrela boeira. Ora o seu assento e gravidade, que nas feas me avorrece muito e me dá matéria de muito riso, está nela como esmalte gris. Pera que é falar? Sabei que não tem cousa que não [090'] seja do pincel de Apeles. E, o que me mata sobre tudo dela, parece-me malenconizada, que pera mim crede que é o timbre da galantaria feminil. Vós olhai por mim, que eu temo-me desta mulher e vou tomando entejo a todas as outras.
- Alcino Não vos pese disso, porque será ocasião pera leixardes outros tratos vãos que cansam e ofendem a alma. Este é virtuoso e pera vosso descanso, e per todas vias vos arma. Ponde-lhe os ombros que tudo a porfia acaba. Amor verdadeiro nada teme, e a fortuna há medo aos esforçados e assopea os fracos. O tempo acaba o que a razão nega, quanto mais sendo a cousa igual, que eu também já vou entrando em jogo com a minha gaita que parecia impossível vir à noz. Oh, vedes? Vai a sua mulata, esperai-me nas vossas tranqueiras que logo voltarei.

Cena quarta. [091]

Otonião, Régio.

- Otonião Aparece cá algũa cousa que levante os espíritos a quem os traz arrastados de seus desejos famintos?
- Régio Té 'gora inda não cevei a alma. São muito pouco janelleiras estas senhoras.
- Otonião Devem ser apremadas da mãe com a costura, que creio ser muito virtuosa e grande governo de sua casa.

- Régio Bom é isso, que tal a mãe tal a filha. E vai muito em dar couce em ventre de dona, como lá dizem, e saber ela ocupá-las é o aziar que as faz criar menos salitre do que a natureza requer. Eu por ãa via não me pesa, se assi esquecerem ao mundo.
- Otonião Antes cuida que é mais delas se esquecerem [091'] dele, o que não faz muito em nosso partido.
- Régio Agora mal nos armam seus encerramentos, mas se chegaremos a ter valia eu vos faço bom picarem, que todas são más de entrar e piores de sair.
- Otonião Quem se visse já nisso, mas, como não há esperança sem temor nem amor sem receios, padeço n'alma todos os perigos do mar e da terra.
- Régio Natureza é deste rapaz Cupido não permitir sossego no peito onde reina. Porém, senhor, bom esforço espalha má ventura. Se homem ãa hora por outra não se cevar de castelos de vento e esperanças vãs não há vida que possa com o peso de desgostos e dessabores com que pensamentos xaqueam todas as horas ãa alma afeiçoada. Diz Ovídio na Arte do Amor: Vão-se os anos como água que corre e a hora que passa não torna. Usemos da idade que voa e nenhũa vem tão boa que a primeira não fosse melhor. No campo alheio sempre a seara parece mais fértil, e assi é [092] tudo, porque nunca o estado próprio nos satisfaz, sendo muitas vezes melhor que o que cobiçamos. Este nosso presente é muito bom porque está em condição de ser melhor se o soubermos negociar. Que cousa há mais dura que o seixo nem mais mole que a água? Pois já ouviríeis que tanto dá água na pedra té que quebra. Não pode ser que a continuação e o cuidado não descubram algum furo per que façamos seu clima habitável.
- Otonião Eu tenho descoberta ãa mina per que se podiam efetuar nossos desejos se a nós pudéssemos entrar.
- Régio Estais zombando?
- Otonião Não ando pera isso.
- Régio Contai, por vossa vida, que se me pondeis em seita de caça, não vistes podengo tão certo nem perdigão que assi chace.
- Otonião Isso quero eu ver. Descobri ãa molher que tem estreita amizade na casa e só esta pode falar com elas sem sospeita e as conversa unha e carne, como dizem. É viúva e em tanto extremo bem avaliada que, se lhe falarem [092'] nisto, tomará o céu com as mãos e haverá que é heresia.
- Régio Esse é o alvitre com que vós vínheis?
- Otonião Sem nenhũa confiança vo-lo disse.
- Régio Ora estai quedo e vereis como sou destro nessa alveitaria. E dir-vos-ei como será: pois é essa, encabecemos-lhe que, por sua autoridade e bom termo e juntamente pelo respeito que sabemos que se lhe tem naquela casa, a buscamos. As molheres naturalmente são vãs e compassivas e inclinadas a favorecer amor honesto, com a pureza deste nosso lhe encabecemos juntamente quão bem vem a estas senhoras nossa pretensão. E assi pelas leis de seu proveito delas, que são as gafas com que as sempre trazem a tudo, lhe faremos entender que quanto aqui luz é tudo ouro. E como traz o peito limado de

malícias não crerá outra cousa. Enfim, eu vo-la meterei no jogo e vê-la-eis lá ir direita como à linha.

Otonião Se vós isso fazeis nunca homem fez tal sorte. [093]

Régio Ora sabeis que não se pudera descobrir meio mais próprio, porque essoutras alcoviteiras são tudo receios e mentiras, e não tem audácia pera fazerem cousa bem feita nem crédito pera serem admitidas em tais partes, e a essa senhora basta-lhe a autoridade pera fazer do céu cebola.

Otonião E como determinais armar-lhe as telas?

Régio Dir-vo-lo-ei. Eu tenho um amigo discreto e sagaz, homem de gentil habilidade pera todo negócio, e tem linguagem que baste pera persuadir ãa conjuração melhor que Lúcio Catelina. Mandemo-lo que lhe vá falar e, pera ser melhor admitido e persuadir o caso, irá de capuz de dó muito grave e com muitos moços. E quero que trate de vós, porque faz o negócio mais leve e menos suspeito em ser com a mais moça, o qual vos abonará de muito rico e valido, e que, desejando em todo extremo casar com vossa dama e mandá-la pedir [093'] a seu pai, o não quereis fazer sem sua licença por não lhe forçardes o gosto. E porque vos parece que ninguém lha podia pedir mais honestamente, lhe pedis queira valer-vos neste caso. E desta maneira cortem-me a cabeça se meu amigo a não armar a tudo o que quiser.

Otonião E parece-vos esse bom meio?

Régio O melhor do mundo, a pedir por boca.

Otonião Ora eu lhe vou saber a pousada e enformar-me de ãa sua vezinha a que horas estará aí mais certa, pera que a não erre quando acertar de ir.

Régio Falais muito bem, e antretanto eu me verei com ele e consultaremos tudo à noite.

Cena quinta.

Alcino, Gracia.

Alcino Cé cé... ah, hum, ah... senhora, beijamos-lhas mil vezes.

Gracia Oh senhor.

Alcino Venho após [094] vós de cem ruas, parece-me que me fugíeis.

Gracia Pois assi era. Não no via em minha alma.

Alcino Nessa queria eu andar sempre à vista como grimpa.

Gracia Pois crea que dessa maneira anda. E pela sua pousada determinava fazer volta.

Alcino Inda essa é outra dita. Se vos errara enforcara-me, que eu levava a proa em ir ver quem me mata.

Gracia Isso é de ida e de vinda por casa de mi tia.

Alcino Onde a galinha tem os ovos lá se lhe vão os olhos. E como me sustento a onças da vista dos seus vou, senhora, buscar minha ração.

Gracia Será porque a de paço quem a perde não há grado. Adiante vos vades pelo canal do moinho abaixo. Que bom filho, havereis vós assi a bênção de vossa mãe.

Alcino Não zombemos com a vida, que à fé, se vos morro, do que ando muito perto, que perdeis um bom amigo.

Gracia Melhor o fará Deos. Mau agouro venha por quem vos mal quer.

Alcino Ora vinde cá, senhora Gracia, por vida desses olhos [094'] e desses alvos dentes, valerei convosco saber de vós como me vai com minha senhora?

Gracia Camanha graça. Como vos pode a vós, senhor, ir com ninguém senão muito bem? Quanto mais com ela, que se revê em vós.

Alcino Ah cadelinha que me mentis, e, perdoai-me, não sei eu quão escassa e descuidada essa senhora tem a condição pera os seus? E ajunta-se a isto não serdes vós por mim no que me tanto vai.

Gracia Ai não mo digais, guardai-mo lá pera dentro. Como sois malvado.

Alcino Ao menos valer-me-á muito sê-lo convosco.

Gracia Guardai-vos, bofé, de um mau, não dê eu volta à peneira. Agora sabeis que se eu não fosse mau cães vos comeriam.

Alcino Inda mais dos que me comem esta alma?

Gracia Isso mereço eu por pelejar sempre com ela por vosso respeito, que nunca sobre al brada comigo senão que sou mais vossa amiga que sua.

Alcino E que razão me dais pera a não fazerdes muito minha, mana?

Gracia É-o tanto que passa [095] a receita pela despesa.

Alcino Apostarei que inda não chegou a sonhar comigo.

Gracia Ah isso era? Eu o desejava pera mandados de carvão. Ante cocho que el água ferva, ao seu tempo se colhem as uvas quando são maduras, andaria assi o demo às vessas e o carro ante os bois. Essas cousas não são inda pera ela. Vós haveis de sonhar, sospirar e desejar e contentardes-vos com vo-lo aceitarem, que aquela pérola poucas tais na dúzia. Quereis que vos diga, meu amigo? Não se gainham trutas a bragas enxutas. Isso seria inda não selamos já cavalgamos. Não sejais mau de contentar se quereis ser contente.

Alcino Vira eu de que o ser, mas pera mim tudo é mal e o bem só eu o sei querer sem mo estimarem.

Gracia Já vós aqui sois? Ora eu sei bem o contrário e é manqueira velha serdes desconfiado. Não sei porquê, que sois muito gentil homem, muito galante, muito airoso e muito discreto, e mereceis ãa duquesa, inda que [095'] doutra parte vou cuidar que tudo isso vem de serdes mau de contentar. Não no deveis ser, que quem mais quer que bem a mal vem.

Alcino Já me vós ameaçais? Pois sabeis que com menos disso esmoreço, e mais ameaços vossos que tendes a faca e o queijo.

Gracia Ai maochas, todo está cortado do frio. Medo hei bom não serei, de lá nos venham as pedras donde estão os nossos. Quem vos desse muitas, dum falso. Por que sois ingrato?

Alcino Não sou, por certo.

Gracia Não sabeis vós muito certo que gainhais e nunca podeis perder por mim, que estou posta em campo por vós todas as horas?

Alcino E se me eu não forraste todo dos arminhos dessa fé e confiança, haveis que pudera defender e sustentar esta vida contra as friezas e esquivanças que essa senhora tem comigo? Fora já feito pó. E assi como isto creio, assi crede de mim que vos merece esta vontade tudo. E se me veio em tempo de o satisfazer, que será tendo em meu poder [096] quem o sobre mim tem e terá sempre. Vereis quão certas são estas palavras, que agora não presto pera mais que pera vos palrar as afrontas desta alma.

Gracia E quando isso for dar-me-eis vós e ela mau grado. Mas quem se já visse nisso.

Alcino Se cuidasse que vos não ficava outra cousa nesse bucho ir-me-ia lançar no mar.

Gracia Tá, não façais por amor de mim, não se mate mais gente. Eu a hei por recebida, que melhor é dívida velha que pecado novo.

Alcino Dizei-me, destes a minha carta?

Gracia Dei, e mais não foi mal recebida. Sabei que tivemos um serão de muito riso sobre ela.

Alcino À custa de barba longa. De maneira que passais tempo sobre mi.

Gracia E vós inda dizeis que o direis ao juiz.

Alcino Pois quando hei de merecer a reposta? Ao menos pelo vosso, que por mim bem sei que nada valho. E já que em vós ponho minhas esperanças, não consintais que sejam vãs, que é caso que carrega sobre vossa honra, se vos dela [096'] doeis e de mim olhai por ambos.

Gracia Vós, senhor, bem arrezoadis o vosso, não sei se estimareis assi o meu, que tenho feito por vosso remédio quanto nunca de mim cuidei nem sei porquê. O demo me talhou o embigo convosco.

Alcino Isso vem do que vos eu desejo. Falam-se os corações, pelo que o vosso do meu sabe tem esse cuidado.

Gracia Será assi. E sabeis quão bom o tem? Que a poder das minhas porfias vos houve essa reposta que vedes aí.

Alcino Oh grandíssimo bem, extremada mercê, rara obrigação, dívida sem preço. Vedes aqui o que nunca poderei pagar nem servir. Agora me queria enterrar vivo por quão pouco posso e magoa-me em extremo minha fraqueza, que, pera a minha condição, a ter um reino não me bastara pera vos satisfazer.

Gracia Senhor, Deos vo-lo dará. Enquanto a pedra vai e vem Deos dará do seu bem, que eu tudo espero merecer-vos. Eu vou depressa à Ribeira, amenhã vos verei devagar. Respondei esta noite [097] porque também queria-vos pedir ãa mercê.

Alcino Amargada irá logo esta. Não mete reixa, sem tirar reixa.

Gracia Que quem tão bem serve, galardão merece.

Alcino Que chamais? Digo que hei mister outro mundo pera o que vós merecis.

Gracia Não no digo por tanto, que o que faço faço-o por vosso servidor, sem me lembrar outro respeito.

Alcino E não quereis que conheça eu isso? Assi vivas tu, perra.

Gracia Vós, senhor, levai-me em conta estes atrevimentos, porque necessidade e confiança me põe neles. E inda que os pudera ter com

outras pessoas, que sei que folgaram muito, quero antes convosco, a que sei que mais mereço e mais espero servir.

Alcino Oh, que pera mim são escusadas palavras. E soubesse eu que vos servíeis vós doutrem donde eu estou...

Gracia Pois por isso, queria, senhor, que me emprestasse cinco cruzados por oito dias, porque a mim devem-mos e não mos podem dar logo. E furtaram-me ãas colheres de prata de minha [097'] senhora, a velha, e eu queria-lhas comprar antes que mo ela soubesse, por escusar desgostos. E a senhora Melícia me disse que pegasse convosco.

Alcino Sereis servida, mas eu não os trago comigo, é-me necessário ir à pousada.

Gracia Eu irei lá pela manhã cedo.

Alcino Embora.

Gracia E nô mais que por oito dias, té que me paguem.

Alcino Eu não empresto, não me injurieis.

Gracia Ora, senhor, não no lança em saco roto. E porque em mim não se emprega mal, toda mercê a peço e aceito.

Alcino Ora olhai-me minha condessa, eu responderei.

Gracia Eu irei pela manhã almoçar convosco.

Alcino Seja assi e fazei que me vejam hoje.

Gracia Viste-la ontem?

Alcino Não.

Gracia Não vistes logo ãa bela ninfa? Foi a casa de sua cunhada nas ancas de seu irmão, e ia um serafim.

Alcino Essa é ela, e mande Deos não no seja de minha vida. Vedes i como sou mofino, que sempre erro esses acertos, que eu assentaí que a houvera de seguir como moço d'estribeira. [098] Por que vos não lembro eu a esses tempos, pera me avisardes?

Gracia Como ora lembrastes, e bem de vezes. E ela, enquanto se estava enfeitando toda a festa foi sobre a vossa pele, e bem morreu por vos dar rebate, mas nunca o demo quis que se me azasse.

Alcino Não creais que sou desventurado, como homem pesa-me de saber isso agora. Mas, disse-me, que lhe dizíeis quando lhe tínheis o espelho?

Gracia Mil cousas.

Alcino Mas por vida minha, quê?

Gracia Disse-lhe, antre outras razões, que, se vos eu mal não conhecia, que sem nenhum daqueles escabeches me atrevia a fazer que vós a quisésseis.

Alcino Sei eu que vendo-me ante ela não ousaria mais que contemplá-la.

Gracia Quem o cresce.

Alcino E por que não, que quais hão de ser as mãos que ousem tratar tanta delicadeza?

Gracia Ai raposo, não fiar em cão que manqueja.

Alcino E a senhora Milícia como tomará isso?

Gracia Ela por travesso e mau vos tem. Quando corríamos as igrejas tivemos o maior prazer, [098'] inda não víamos embuçado quando ela já cuidava que éreis vós. E no Carmo me perguntou pela vossa pousada, que queria lá ir beber um púcaro de água.

Alcino Não fizéreis vós isso, porque era bem?  
Gracia Bofé, se nós fôramos sós não fora muito, mas íamos ãa má visão delas com todos os de casa, e a cada passo nos perdíamos ãas doutras.  
Alcino Pera mim não naceu boa ventura.  
Gracia Por vossa culpa, que ela bem vos desejou falar.  
Alcino Não mo digais, que não sei se o crea ou descrea, que é certo que não lhe lembrei. Andei esse dia mouro por topar com ela e nunca a fortuna quis que a visse. Tão herege me vi que, se a topara em algum beco, determinava furtá-la.  
Gracia Assi lho dizia eu, ela matava-se toda de riso. Inda agora temos que rir dos encontros e passos daquele dia de madraços, que queriam falar remoques e meter vira em barreira.  
Alcino Que cousa essa pera eu sofrer se o vira.  
Gracia Enfim, senhor, [099] ãa hora melhor doutra, muitos dias há no ano, o que não se fez em dia de santa Luzia faz-se noutro dia. Onde eu estiver não haveis de perder vossa justiça. Dai-me licença.  
Alcino Esperai, logo ireis.  
Gracia Não, que se me vai fazendo tarde e bradarão comigo em casa. Como estou convosco de prática em prática não me lembra mais que me hei de ir e há dez horas que estou aqui.  
Alcino Inda agora chegastes. Matais-me, porque vos quisera perguntar mil particularidades.  
Gracia Fique pera amenhã, e não se esqueça da mercê.  
Alcino Pera que é falar nisso?  
Gracia Beijo-lhe as suas.  
Alcino Ah, pes' a meu pai com a perra, que assi mente e pede. Em que poder me eu vejo, sangue mesturado que nunca leixou de ser tredo. Amargo vai o gosto que se logo compra tão caro. Estes negócios nunca dão bom jantar que não dem má cea. Quero-me tornar a meu amigo, que me há de esperar.

Cena sexta. [099']

Alcino, Régio.

Alcino Senhor, vós haveis de perdoar que são descortesias de amantes, y los erros por amores dignos son de perdonare. Como se homem embebida naquela doçura de saber, que faz, que diz, disse isto, dizei-lhe estoutro, é o mesmo rio Leteu que vos faz esquecer tudo e de vós próprio, um néctar e ambrósia dos deoses que nunca farta nem enfastia. E de mim haveis de crer que estes são os meus campos Elíseos. E gabem-vos castelhanos o seu Mancias e todos essoutros bêbados do Inferno do Amor de Garcí Sánchez que nem ele me toma a palha. Mas, pesar de Lúçifer, que amargado vai o gosto. [100]

Régio Como?

Alcino Cinco cruzados mecos me leva deste ferro a mulata, pelos quais lhe eu inda espero dar cinco mil pingos.

Régio E essa é a vossa amizade e satisfação de suas diligências?

Alcino Nunca ouvistes ama el rei a treição e o tredor não? Certo está ministros de culpas serem pagos com avorrecimento e a cadelinha não entrará comigo em vere dino tanto que eu for em posse do casal, porque um mestre de más artes basta pera corromper um povo. E não quero que lhe fique em foro seu mau ofício.

Régio Dizeis isso agora com mágoa dos cruzados, por pouco vos agastais. Não sabeis que ao rei não no servem por bem acondicionado mas por dadivoso? Mais real é dar que receber.

Alcino Todos são liberais do alheio. Já vejo que não há mor gosto que dar, porém, a quem o não tem mais duro é que pedras. E arrenego da tigelinha de ouro em que hei de cospir o sangue, que quem mais não [100'] pode, com sua mazela morre. Porém isto é carta.

Régio E queixais-vos?

Alcino Não quereis que me queixe sequer de mim, que sou tão parvo que dou o meu assi à ventura, por mentiras?

Régio Isso não é muito mentira, bom penhor é carta da sua mão. Bem sei quem se despira por ter outra tal.

Alcino Não vos fieis nisso, que molheres não se penhoram mais do que querem. Mostram elas assi que receam dar os tais penhores, que encarecem por fazer em si, e per razão assaz devia obrigar que o que quiseres negar não o dêis por escrito, mas elas não se obrigam salvo pela vontade própria. Tereis cem cartas e cem prendas, se lhes caís em desgraça ficam tão livres e isentas como se não foram aquelas. Nada pode com elas senão o seu apetito, este dá com elas d'avesso cada vez que quer. Amor, galantaria, conhecimento nem conversação que tivessem convosco não vos val pera não soçobardes se a grimpa [101] do seu gosto volta.

Régio O demo as entenderá, que eu quanto mais as trato menos as entendo. Mas sabeis de que hei dó delas? Acho que todos seus esfola-gatos são à custa de sua honra, pregões de suas fraquezas, retratos de suas más condições e máscaras de seu bom nome. Donde sou perdido por ùa simpreza honesta, que nelas fica em suma discrição, e todo seu ressábio me avorrece porque é vigília de pouca virtude. Ociosidade nelas tenho por abominação e o alicece de todos seus erros.

Alcino Si, mas que aproveita conhecê-los pois os fazemos continos por elas?

Régio Quer Deos que sejam o açoute de nossa soberba.

Alcino Assi me traz esta rapariga brasa.

Régio Essa é a primeira carta que vos ela escreveu?

Alcino Sim.

Régio Oh que certa cousa conselhar-vos que vos leixeis disso, e que... tá!

Alcino Pois são termos da sua lógica, procedem per seus princípios que é mostrar o contrário [101'] do que pretendem.

Régio Ora que é isso? Sois vós de uns que as não mostram por razão do segredo que se lhes deve? Ninguém me caia já nesta pequice decrépita. Os amores pera se gostar deles hão-se de comunicar, o al é

bulra, porque nada há tão doce como a conversação amiga. Não há cousa que chegue a falar com outrem, como comigo.

Alcino Eu disse sou. Essoutros enlevamentos e contemplações de Para que me dan tormento \ aprovechando tan poco sofrem-se onde se aventura a própria vida no segredo e não são da minha colheita. Não quero amor que me não pagar de quarto estes gostos, não vos nego todavia ser mal feito mostrar carta de molher com que pretendeis casar, inda que a tempo quatro razões boas e honestas passam entre especiais amigos. Há, porém, uns amantes vãos que vos rogam com cartas por se abonarem, então leixai-os gabar-lhe suas razões de baque, ponderar-lhe o estilo, [102] maiormente se diz palavrinha em latim ou regra em castelhano, termo muito de ãas jubiladas no trato. Ali vereis o gritar deles, o apregoá-la por Merlim e o levantar suas discrições como se fosse possível havê-la nelas. Já se elas entram em saber latim ou música nenhũa cura lhes sinto, e se são lidas por Espelho de Cavalaria ou Cárcel de Amor e o Conde Partinoples, e não leixam udo nem meúdo, ride-vos vós de mais Donzela Teodora. Mas coitado de quem pera casa leva tal aio.

Régio Vós sereis também tão escoimado que vireis a não achar molher que vos faça.

Alcino Mui poucas são, havendo-as de sofrer.

Régio O mesmo achareis nos homens.

Alcino Si, mas esses não se liam convosco à maneira de hera como as minhas senhoras. E, portanto, antes que cases cata que fazes, que não é nó que desates.

Régio As forças da afeição tem a raiz nas compreições, o vigor nos costumes e o gosto na conversação, donde se [102'] disse ãa sapa outra acha, e por isso não se lhe pode dar regra certa. Sendo tão incertas e diversas as incrinações humanas em todas há muita monda e pouco grão.

Alcino Por isso me eu rio de homem que me encarece muito a discrição doutro a que se afeiçoa, e muito mais do que encalha tanto na opinião da sua própria que se tem por mais hábil pera reger o carro do sol que Faetão, porque tem mais esparavões que o mundo átomos. E a verdade de tudo é o que Platão de si dizia que chegara a saber que nada sabia. Todo saber humano soletira, e o que chega a conhecer as letras não alcança pouco. E ride-vos de toda outra fantasia que de si presumir, que eu vos prometo que não há nenhum de nós que não tenha mais erros que dias de vida e tão poucos acertos que se poderão contar com pedra branca melhor que dias alegres.

Régio Senhor, senhor, fazei pausa, porque vos leva a corrente de vossas premáticas ao [103] pego de contemptus mundi, donde se saís como outros que vejo empegados nele não haverá fateixas de tiempo bueno nem arrepique de rei dom Sancho, rei dom Sancho, no digas que no te lo digo que vos tire a lume. E pera vos divertirdes desses coléricos humores lede já essa carta. Vejamos que diz essa senhora, não sejais tão mau namorado.

Alcino Dizeis verdade à fé. Outro fora que espirrara e se fora a lugar solitário pera atitar como touro. Eu, porém, sou tão repassado por este açúcar

que não me movem calabres. Isto tem todas as cousas tratadas muito: perdem o lustro e o sabor.

Régio Aleijão de nossa natureza.

Alcino Antes prova de nossa peregrinação. Ora diz aqui assi:

Senhor,

Dissimulei com vossas importunações té ‘gora por ver se cansáveis e [103’] desistíeis delas e desse vosso engano, de que está visto que não haveis de ganhar mais que perder o tempo. Peço-vos, senhor, que vos esqueçam essas ociosidades, não vos lembre se sou viva nem me saibais o nome tão sóis, que me pesará muito e vós nada ganhareis em tão escusada teima. Da vossa boa vontade que pregoais tomai de mim o enganar-vos por satisfação. Ficais-me devendo o sofrer vossos atrevimentos, pagai-me com cessardes deles, que das cousas grandes o querê-las é assaz. Esta rompei logo pelo que deveis a quem sois e pelo que me cumpre. Não me custe afronta querer socorrer a vossa, que será mau galardão do muito que aventuro por vós, a que beijo as mãos.

Régio Oh como está fera, valha-me Deos. Chamais a isso carta? Chamai-lhe vós bombarda. Essa tal pera homem que não souber a manha das minhas senhoras fá-lo-á enforcar-se como Ífis.

Alcino Por isso o há [104] ela comigo, que lhe terei cem vezes o resto com menos carta de mão que esta. Ora parece-vos? Ûa bebedinha que escreve isto muito treda e fica morta por ver a reposta e muito contente com cuidar que me queima o sangue. E se me vê não cabe em si e debate-se na alcândora mais que esmerilhão, e faz-me mil gatimanhos dos olhos.

Régio Essas são elas, de quem burlam em público gozam em secreto.

Alcino Prometo-vos, dona bugia, que eu vos amanse. Vós me pagareis esta e outras, par estas, e senão que nunca as eu rape. Ah que reposta lhe hei de pintar, testamentozinho d’amor, que cuide ela que fico pedindo a unção, e eu nunca tive tão certa esperança de a tomar no brete como agora.

Régio A senhora parece que está dobrada sobre vós.

Alcino Oh, que todas são párvoas e tomadas em seus termos, não acharei molher tão discreta e galante que se lhe eu disser ùa me diga duas e confesse a vontade do primeiro pulo [104’] sem vir por estes canos de mentiras e fengimentos. Se esta achasse podia-me despir e contraminar. Por isso folgo de enganar estas contrafeitas, porque a um tredoro dous aleivosos, dizem na minha terra, e não há mor gosto que enganar quem cuida que vos engana.

Régio Quereis que vos diga? Somos os homens tão maus e maliciosos que lhes sobeja razão de se velarem de nós e lhes sermos sospeitosos. A sua delicadeza de espíritos amorosos as convence pera nos não negarem amor. A nossa pouca verdade as ameaça pera se recearem de nós. Temem o que desejam, tentam a experiência por segurar-se, mas pode tanto mais a nossa malícia que as suas cautelas que nada as

salva. Eu pera mim trago esta regra: das gerais nenhũa conta faço, das especiais hei sempre dó, a nenhũa queria escandalizar e dar-me bem com todas se pudesse.

Alcino Bêncão em tão bom dizer. Nem eu cuido que haja homem que isso não queira. A [105] mim avorrece-me muito tratos das devassas e gosto por extremo da conversação das recolhidas.

Régio Pera que é falar nisso? Sabei que o mel da vida está no tratar aquela brandura meiga com que elas domam té os brutos animais.

Alcino Vós passais por ouvirdes ãas queixas de fala frautada borrifadas de lágrimas de amor.

Régio Sabeis quanto podem? Que foram as monições e artelharia com que os romanos venceram a fúria dos sabinos. E Heitor foi extremo na cavalaria porque o armava pera a peleja Andrómaca encomendando-lhe a tornada. E Protesilau quis ser o primeiro que tomasse porto em Tenodos com a pressa que tinha de voltar pera os braços de Laudonia. Senhor, quereis ver muito claro quanto se lhes deve e quão necessária alfaia pera o gosto da vida são? Que nunca vemos homens aleijados d'amor senão os muito discretos e pera muito. Por estas senhoras se baralhou sempre o mundo, que não há cousa [105'] por bruta que seja que não se renda à fermosura. Donde Olímpia, mãe do grande Alexandre, sendo-lhe dito que Felipo, seu marido, amava ãa molher de Tessália que o trazia enfeitado determinou vê-la pera se certificar da verdade. E vendo-a muito fermosa, discreta e graciosa, disse: rio-me de outros feitiços pois os tens naturais em tuas graças.

Alcino Essa é a verdade. Porém, sabeis vós a que eu não tenho paciência? Ver madraços conversar focinhos de bode e ser-lhe sojeitos, e haver por discrições e galantarias as suas devassidões.

Régio Oh baixos espíritos, suma parvoíce, bruto júzo. Quanto desculpo o vencer-se um homem de ãa bela dama tanto o culpo ocupar-se um momento com esses gadanhos. E dir-vos-ei: o corpo é sojeito à alma, donde vem poder vencer o natural vício com o poder da virtude; quem desta não se obriga carece da razão e fica em bruto. Ser fermoso não é louvor, nem feo defeito. [106] Dos movimentos do ânimo somos julgados. Quereis ser heróico? Sabei que nenhum caminho se tolhe pera a virtude, o que, assi sendo, não se pode desesperar de alcançar cousa algũa no amor nem nas mais cousas deste nosso andar, por mais íngremes que se vos representem. E pelo tanto o homem discreto há sempre de pretender empregar-se bem e não se ocupar e enxovalhar em negócios baixos, que pior é deixar-se cair de seus merecimentos que aventurar-se ao que não se lhe deve. Se a fortuna o contrasta não é por sua culpa, e sempre tem louvor de emprender empresas altivas.

Alcino Regais-me a alma. Bailem cabrões de sol a sol com mulatas, estimem seus folguedos, gostem de devassas, façam pagodes, sofram seus atrevimentos, façam-lhe feros e ocupem-se em quantos conluios e sensaborias há nesta negociação. E a mim dem-me um assomar a ãa janela ãa bela ninfa, que é mais aprazível que o romper da [106'] estrela da menhã pelo horizonte, um quebrar de olhos dessimulados

antre gente, que faz arrepiar as carnes e ouriçar os cabelos como visão, um ameaço meigo que levanta o pó do chão.

Régio Senhor, não me metais com cócegas dessa maneira, que me fareis ir como touro com a mosca lançar nesse mar.

Alcino Nem isso vos valera, que este ardor de Cupido nas frias águas tem seu vigor. E senão vede Neptuno, Glauco, Galatea e outras deidades do mar se puderam nele matar suas chamas.

Régio De maneira, senhor, que nesta cousa não há senão bebê-la ou vertê-la?

Alcino Senhor, si. Cerrar os olhos e lançar a mergulhar no pego de suas galantarias.

Régio Logo não pode ser maior dita que empregar homem bem seus pensamentos, porque, senhor, molher fea nunca teve boa condição. Ora sofri enfadamentos de um rosto roim.

Alcino Não há desventura que chegue a isso, porque as tais nunca carecem de achaques, desconfianças, [107] ciúmes e mil contos de malícias. E a fermosa tem os espíritos delicados, é toda covardias, branduras, mimos, obediências, confianças; tem enfim todo género de gosto.

Régio Por isso me entrego sem resistência ao amor de minha senhora, que, como é em extremo bela, contemplo-lhe ùa condição de arminhos, e aqui jaz o ponto. Porém, quão contente me faz este pensamento tão triste me traz o da pouca esperança que vejo de consegui-lo. E se me vós, senhor, não valeis sinto-me desfalecer dos espíritos.

Alcino E eu em quê?

Régio Haveis de ir falar a ùa dona engorlada, molher de meia idade, destas a que chamais aveladas, grande alforge da casa e de grande crédito pera tudo, e acabar com ela que queira falar nisto.

Alcino Se aí está o remédio, por mim não fique. E mais, se lhe falo prometo-vos armá-la ao que quiserdes, porque tenho boa mão pera estas amizades.

Régio Vamo-nos à pousada, consultaremos [107'] com Otonião que nos há d'estar esperando.

Alcino Vamos.

Cena sétima.

Parasito, Barbosa.

Barbosa Ah monseor Parasito, duas palavras. Dónde bueno?

Parasito Vou lançar ùa câ fora por essas hortas.

Barbosa Grande vida levais.

Parasito A melhor que posso e a quem lhe pesar quatro figas, que a poder que eu possa não me hão de colher as filaterias dos contemplativos de felpa, como bérnio de Irlanda. Pão, via e vito e parte em paraíso, mijar claro e dar mau grado aos mestres, velar de funda de rapazes que vos toma de prepósito, em brigas valer de pés, não entrar em barco de

- Cacilhas, chegar pera bons [108] e poupar roins, forrar com a justiça e deitar a dormir.
- Barbosa Regra vossa de viver em paz.
- Parasito Senhor, si, e mais segura que cossolete, de prova do qual vos prometo que nunca me vejais fiar se eu estiver em meu siso.
- Barbosa Segundo isso determinais viver?
- Parasito E quando não não será por minha culpa.
- Barbosa Pera isso não fora mau aprenderdes física, pera vos poupardes com bom regimento.
- Parasito Desses imigos da vida e salteadores da saúde me livre Deos como de morte subitânea e mau agouro. Onde os vejo logo me benzo como de espírito, porque vos querem fazer de um corpo barreira de bombardeiros aprendizes. E então quem boa oração souber que a diga, que eles jogam convosco à cabra-cega. Se acertam, Deos que bem, e se não não há morte sem achaque. Depois de morto cevada ao rabo, então lhe tiram inquirição da doença como justiça de Castela.
- Barbosa Fazei-vos logo boticário e sereis a seu salvo está o que repica. [108']
- Parasito Esses mecos conjurados contra o mundo, nunca o desumano Sila, o cruel Nero e essoutros romanos, tiranos carniceiros, caíram no seu chiste, que com menos trabalho e sem escândalo, antes rogados, satisfizeram muito melhor a sede que tinham do sangue humano. E se eu não fora bem acondicionado e compassivo caído tenho no repouso desse officio, mas sou muito contrário a matar. Não quero dar conta de vidas alheas, assaz tenho que fazer em a dar da minha.
- Barbosa De maneira que sois um Diógenes em desprezar todo estado e contentar do próprio?
- Parasito Dir-vos-ei, esta nossa triste e miserável vida toda se revolve em más venturas e doudices. Em nossos peitos nenhũa tranquilidade e repouso se permite por o pouco que todos somos satisfeitos do que possuímos, e assi dizia o outro: toda a vida é serviço. Por o que cumpre costumarse homem à sua sorte e não se queixar dela já que a tem às costas. E [109] nisto me acho muito discreto, que me faço sempre, como camaleão, da cor do tempo, e levo a cousa per seu jeito, ao som que me a ventura tange.
- Barbosa Por essa via sois grimpa de todas as vontades.
- Parasito Mal o sabeis inda.
- Barbosa Val-vos isso?
- Parasito Per extremo. Falo sempre a todo homem ao som do seu padar.
- Barbosa Nem isso basta muitas vezes, que de um senador romano ouvi que a um criado seu que lhe concedia tudo disse, indinado: dize-me algũa cousa que me contradiga pera que sejamos dous.
- Parasito Raio do céu nesse tal. Deos me livre de tal homem, quando não sofria obediência como sofreria contradição? Em meu siso estou. Ninguém sofre bem reprensão em contrário do seu gosto, e porque eu quero também viver do meu vou-me pelo fio da gente. E dir-vos-ei, amigo Barbosa, por que saibais onde a bogia tem o rabo e de que pé me calço; a determinação da vida de cada um toma-se ou per razão ou per fortuna. [109'] A que agora se tem por mais acertada e a que se mais

inclinam é a da mercancia, porém mal venha por quem lha cobiçar, porque é como formigueiro: ei-los vão, ei-los vem. Quem mais sabe de conta é havido por de maiores espíritos, que é gentil invenção.

Barbosa Inde mal porém. Quando em Portugal não sabiam contratos e ao que agora chamam câmbios haviam por cousa abominável, tinha-se conta com o primor da pessoa. Agora puseram o preço dela nos frutos do interesse, toma a cobiça o leme à boa opinião, vão assi os bons espíritos rota abatida com todas as velas tal via per seus rumos tenteados, deixando por de ré toda heróica virtude.

Parasito São foros do tempo que calabrea a estima das cousas a seu sabor, não tanto, porém, que de todo em todo tolha particulares inclinações, por onde sempre se acha a tudo contrariedade. E prossequindo meu propósito primeiro, há outros a que a necessidade faz tomar vida [110] alhea da sua condição, e remam seu remo com trabalho e desgosto, levados de seus fados, nos quais a malanconia faz notomias desesperadas, que os tem em contino tormento. Isto é parvoíce e pouca habilidade, porque o homem pera ser discreto há de ser piloto de si mesmo, trazer certa a conta da sua viagem, o olho no vento, e tão pronto e lestes em acodir à parte donde sopra que seja a mesma agulha com o norte. Nisto ando eu mui provido e assi nunca perco lanço, porque el que las sabe las tañe.

Barbosa É verdade, não há que negar, que eu vos sei sempre quinhoeiro dos gostos alheos e forro dos enfadamentos.

Parasito Pois assi há de ser o homem sagaz e saber conformar-se com todos quando lhe cumpre e, quando não vê mouta donde lobo saia, dessimular. Aprendi isto do mestre que Pérsio diz que ensinou ao papagaio e pega formar vozes humanas, que na verdade homens que prendem cativos com cadeas [110'] e lançam braga a escravos não sabem o que fazem. Fazei aos coitados mal sobre mal e desejam fugir se podem, é graça. Prendei-o com fome e sede que não há grillhões que assi segurem. E como eu isto tenho entendido de raiz per experiência, amigo meu, não há cachorrinho de cego que de si faça mais catimanhos que eu, se é necessário. Donde acho per minha conta que por boa razão tenho escolhida vida mais segura que a da mercancia que tantos seguem, porque ando comendo a minhoca a todo estado e sobre seu cuidado durmo meu sono cheio. E mais é muito bem assombrado e desenfasiado cargo este meu: com minha guitarra, quatro pares de chistes, dous pés de canário e ãa dúzia d'apodaduras faço guerra a todo mundo. Praguejo e digo mal de mim mesmo, zombo do alto e baixo sem me reçar de escrito de desafio, e vivo tão livre e isento, estou em dizer, como quem não tem vergonha. Ora dai-me cá se [111] há mais Frandes?

Barbosa Vós estais no certo, se não houvera pescoçadas a tempos.

Parasito Vai-te enforçar, que isso é vento. Quanto mais doridos são os desgostos dos privados! Triste sorte é, confesso, a do homem que há de buscar o que há de comer e o acha com trabalho, mas inda é pior a do que o busca com trabalho e não no acha. E sobre todos é misérrimo querer comer e não ter quê per nenhũa via. Aqui não há casa forte por

onde não se culpe, mas louve-se quem, sem culpa porém, se salva da fome per via em que o acha melhor parado. Que a mim nunca me faltam quatro mancebos de folgar meus amigos, que o seu vintém é meu e tudo é bonachira, passam uns vem outros, e eu como bom sempre no campo. E daqui vejo claro quanto vai de um homem ao outro e a diferença que há do sesudo ao sandeu. Vejo uns que por sustentar fantasias vãs padecem mais abstinência que a própria observância, e então honrado sou eu, e não tem acordo [111'] pera tomarem talho de vida, sendo a sua pior que morte.

Barbosa Homens há, na verdade, que são o mesmo enfadamento e miséria e pera nada prestam mais que pera praguejar de todo mundo e queixar-se da fortuna.

Parasito Não menos d'hoje topei um homem que gastou boa fazenda que herdou com a maior pressa que pôde, e mal enroupado e pior encamisado está em ãa pousada per que roda a mão do gral sem empacho e muito desonrado, não sai senão de noite, per escritos, que os mais lhe saem em branco, se provê dalgũa miséria, e ali se está o triste sem saber determinar-se em vida nem a ter.

Barbosa Esse meco desconheceu seu primeiro estado e, do pouco conhecimento que teve a Deos, do que possuía o perdeu.

Parasito Assi é, nem mais nem menos. Ora como eu em tempo de sua prosperidade fui grande seu sócio, conselhei-o: «vinde cá, não vos leixeis morrer na casca. Pobreza e miséria faz um homem mais montesinho [112] que ouriço-cacheiro se lhe falta capacidade pera se mandar escodar. Andai comigo que eu vos tirei o pé do lodo. Vamos pelas casas de jogo, pedi barato sem vergonha, se vo-lo não derem por vontade amofinai os que jogam por que vo-lo dem forçado. Conversaremos mancebinhos que começam ser mundanos, por empréstemos vos lograreis dos seus vestidos e do seu dinheiro com em matéria de damas lhe falardes à vontade. À minha sombra nunca vos faltará boa hora e boa ventura». Está posto nisto, remi-o, levará vida de príncipes. Os homens fazem os homens e eu farei agora este que estava de todo apagado se lhe eu não socorrera, que seus parentes e amigos na baralha o tinham de todo posto, e por isso: à fiúza de parentes cata que merendes. Este com a fazenda tinha perdido o conselho e a esperança de si, e nada aprendia da necessidade, mestra de remédios. E o pedir perdeu a sazão porque todos vos [112'] pagam com escusas forjicadas, e ajude-vos Deos pera quem não tem que comer é um negro conforto. A maré da caridade com o próximo vazou já em tanto que o pai falta ao filho pobre. Não leixa de ser mal feito, mas quem quereis que possa emendar tempos? Assi que por melhor via vou eu, porque há género de gente que querem ser antepostos a toda cousa de vãos e ociosos. A estes sigo e não pera que riam de mim mas pera que eu escarneça deles. A quantos dizem mal ou bem favoreço e festejo, louvo suas condições e arte de uns a outros, se contradizem contradigo, se negam nego. Finalmente, tenho-me mandado a mim mesmo lisonjeá-los em tudo a fim do que pretendo ou desamá-los por respeito do que me negarem.

- Barbosa Não há mais discrição que fazer sempre vontades alheas e forçar a própria. À fé que nunca vos façam o mau rosto que fazem aos que falam verdade.
- Parasito Essa meca temo-la neste [113] tempo por muito carrancuda e mais pesada que adro. Nem ela e eu nos falamos, que não tenho o ofício de Catão Censorino nem sou cura de suas almas, amigo de taça de vinho. Faça cada um da sua prol como eu faço, que a ríu vuelto ganancia de pescadores.
- Barbosa Isso dá a ociosidade e o comer à custa alhea. Gastam os homens o seu com quem lhe dá mau grado e se ri deles, querem perder nestes o que nos bons, a que não socorrem, se ganha e entisoura.
- Parasito Diz a caldeira à sertã: tir-te lá não me luxes. Vós sois toda a virtude. Tem gentil aio em vós o filho de vosso amo. Ai da puta, que peça!
- Barbosa Valhaco, não vos desmandeis que vos punirei.
- Parasito Bargante, não te corras, todos somos del merino.
- Barbosa Não me mata de vós senão que sois um grande goleima.
- Parasito Esse mau muitos somos, e sabeí que a gula é marca de grande astúcia e discrição. Esta achou a navegação, redes, anzolos, visco, laços e té [113'] às aves ensinou prear pera si. Pois cantar já ouviríeis: bem canta o francês molhado o papo. Molher é de grandes habelidades e invenções. A rapaza da inveja me reprendeí vós e açoutai-me se ma virdes tratar, porque é um vício, tormento de seu próprio dono sem algum gosto, que não se basta de seus próprios males, mas dos bens alheos se frege. Vede se há doudice e má ventura que chegue a isto.
- Barbosa Tomaríeis ser invejado?
- Parasito Nem isso quero, inda que seja em estado próspero, por me tirar de más línguas e não me contarem os bocado nem os passos nem as palavras. É triste cousa trazerdes sempre sobre vossa vida requeredores e rindeiros. E por isso não me penduro por medranças, porque são muito acoimadas e viveis mais pera outrem que pera vós. Val mais ùa hora do meu viver, sem alguém saber se sou vivo, que quantas barretadas fingidas essoutros recebem. Vedes vós a liberdade, porque todas suspiram por [114] cousa que não tem preço. Sabeí que ninguém a possui senão os menos conhecidos da fortuna. E portanto dou-lhe quatro figas, que não quero seus beijos por seus, já me entendeis.
- Barbosa Como estais com ser soberbo?
- Parasito Muito mal. É muito ignorante estado porque quer subir pelo caminho por onde dece, e tão enganado consigo que cuida de si o que ninguém cuida dele. E com ninguém se amassa, porque lhe avorrecem os maiores, despreza os menores, e com os iguais nunca se avém bem. E eu de minha colheita sou todo boa ventura: com bons bom, c'os demais tal como eles, com ninguém me desavenho.
- Barbosa E de avareza sois tocado?
- Parasito Livre-me Deos de gente avara, pior estado é que ser entrevado. Haviam de viver fora dos muros como lázaros, porque o avaro não sei em que malefício reparará por seu interesse, tanto lhe falece o que tem como o que não tem. E não há paciência que sofra ter um cabrão [114'] gosto de entisourar pera herdeiros ingratos e que em sua vida

ele nem outrem se logre do que adquire per quantas más vias pode. Estes tais eles me vingam de si mesmos, mas inda havia de haver que lhe não dessem fogo nem logo, como a excomungados, que por estes se disse: árvore sem fruto, pinheiro sem frol, doentes de hidropesia.

Barbosa Segundo isso, não vos armará ir ao Peru?

Parasito Eu vo-lo seguro, o meu caminhar há de ser sempre por onde anda a raposa e não hei de aventurar a vida por satisfazer a cobiça e estar à discricção do mar, que nunca mantém palavra nem tem constância, e se lhe vem ãa desenteria lá vai o ruço e as canastras.

Barbosa Provido homem sois e um Jão de boa alma, porque de ira eu seguro que nunca vos tomais.

Parasito Senão se for contra algũa borracha. Vedes i ãa má peça e que queima muito o sangue a seu dono, e tenho eu caído nela altamente, por onde me velo sempre de sua desumanidade. [115] Vós já sois malquisto se quereis ser brigoso, nunca leixais de achar quem vos dê na cabeça porque um valente outro acha. E como a ira vos faz incapaz de conselho dais grandes cabeçadas, e então peitar alcaides, pagar sururgiões, andar per adros, aqui o tomam ali o tomam. Se vos temem nunca vos podeis vingar, se vós temeis andais sempre assombrado. Há mil desaventuras nesta cousa e por isso sou eu muito sesudo, pacífico como Deos manda, sofrido quanto basta pera conservar a paz, dom do senhor. A ele leixo a vingança, que pode sem temer nem dever, e quem me mal fizer mal lhe venha. Queria se for possível, amigo Barbosa, lograr minhas cãs com minhas queixadas sãs. Vós não vos arma isto, cuidais que todo o mel está em vossas alcateas. Cortar pelo ar a prazer, fugir como gamo se vos vedes na esquentada, não sofreis palavra quando há valhacouto em meio, roncar a polhastros [115'] e passar dela com dela. Pois eu vos digo que é melhor vida ser obreeiro ou tafoneiro.

Barbosa Vós, valhaco, não sois marca de rufião. Servis somente de mandil e fora daqui não prestais. O vosso jazigo é pecado de priguiza, gato borralheiro.

Parasito Não vades por diante que ides perdido, e eu se começar far-vos-ei brasa. Porém leixemos porfias, que antre amigos não servem. Quero-vos dizer ãa cantiga que fiz ontem a ãa irmã de um meu amigo, que me ele levou a ver pera a desmalenconizar, porque anda muito achacosa e diz ela agora que há de ser freira, a qual outra está mais fora disso.

Barbosa Ora vejamos.

Cantiga.

Salve-me Deos a tenção  
já que nisto  
é forçado o coração  
de quem por meu mal tem visto. [116]

se ofendo sua beldade  
em querer o que seu é  
eu o padeço  
que tenha presa a vontade  
com fé contra minha fé  
e mereço e desmereço.

Neguei d'alma o coração  
em ter visto  
quem contra minha tenção  
me tem feito um Antecristo.

Barbosa Vai pera bêbado, que nada disseste.

Parasito Di-lo-eis vós logo? Pois par estas que foi mais festejada.

Barbosa Zombavam de vós, meu amigo.

Parasito Em boa mão está o pandeiro. Bem crereis que se não havia o menino de correr? Pois houve merenda franca, que estavam aí certas parentas, gente toda de guarnição, e fizeram-me mais mimos que palhas. Acertou andar por i ãa cachorrinha que chamavam esperança, vou e meto-lhe na coleira [116'] um vilancete que dizia:

Vilancete.

Esperança não cuideis  
que me enganais  
que vós me desesperais.

Volta.

Muito menos trabalhosa  
esperança desejada  
é a que está duvidosa  
que a que é certa e dilatada.  
Estais comigo enganada  
se cuidais  
que não sei que me enganais.

Barbosa Também pudéreis escusar sair com esse, que é tal como vós. A verdade é que o vosso tiro como passa de mossa de balaio não voga.

Parasito Vós já não sois o orago de Delfos pera aprovar o bom. [117] E mais pera que pasmeis e não faleis palavra, quero-vos mostrar ãa carta que fiz em resposta doutra que me escreveu um gentil fidalgo dos da minha cevadeira, que é em Mazagão nestas companhias que lá foram. E bem sei que não haveis de ver palmo de terra nela.

Barbosa Tal pode ela ser que nem um dedo me arme.

Parasito Diz assi:

Senhor,

Sempre vos receei cairdes-me nas telas. Nunca me quisestes crer. Pesa-me, mas que vos farei, que se vos quero perdoar mandais-me que vos responda e queria cortar-vos os garfos por que não tendes de que lançar mão caindo. E pois vos prezais de profundo, olhai-me lá pelo virote, se entendeis este português dos arrabaldes de Côa. Congelaram-se os desejos de meus pensamentos mestiços ao passar dos Alpes, eu pera os fazer corridios fiz-lhe [117'] um emplastro de sândalos e óleo de Pregonadas son las guerras de Francia contra Aragone. Quis Deos que tomaram fogo e todavia sempre se sintem em toda mudança de tempo, que é um perjudicial cometa. Lancei três e ás, vim a entabolar com senas e dizia a sorte no sino de libra. Alto mistério foi o dos caramujos, e ter um alfanete discrição pera fazer evidente tão lindo antremês e um tão oculto segredo da provida natureza. Tomei daqui tal imaginação que ando feito Cassandra, bradando antre meus cuidados sem me serem. Desdêns confiados me xaqueam a vida, minhas opiniões me trouxeram a manho. E dizia-lhe eu: vedes, senhora, que sou perro velho, entendo melhor quando hei de ter o vosso rosto do que um cranguejo se sabe ameijoar no ar de meus fundamentos. E o pior foi que me fundei neles e lancei-me a dormir com meu cuidado por almofada, como grou que tem no pé pedra. [118] Cousas há i, mas quantos postos tem uns olhos acarelados de ãa meiguice forjicada? Por isso foi bom remédio açúcar rosado em caniculares. Quando me vi com a manilha, piquei nos invites, bolava, quis-me aventurar por paus. O que disto gainhei me fará nunca deixar o certo por o duvidoso. Com duas chaças boas me pus em vantagem, e porquanto a incerteza das cousas que andam em ventura me fez ãa cacha de um gosto vão, aferrei-me ao leme e lancei-me ao socairo da terra a meio masto. Achando-me em necessidade de vento, chamei por vós e não me acodistes. Disto venho a cuidar quão perigoso estado é o da confiança em homens e desvio-me dele quanto posso, porque é outro gosto lá por si cair na contemplação dos brincos da natureza. E vereis esse rapaz barbiponente, Março com seus lírios e rouxinóis, e a gosto dá-lhe de rosto com searas amarelas e maçãs de cuco. E assi foi gentil letra [118'] a que diz: So los tus cabellos niña. Ora olhai que fui achar, não vi linguagem tão breve nem tão copiosa como a do assovio. Tomai-lhe as alturas e cuidai nisso, vereis onde vou ter. E estai nas confrontações junto aos cachopos, dous palmos da terra das Barrocas da Rainha e Calçada dos Galhardos, parte do ábrego com Catalina se nom eres casada. Aqui me vi em grande afronta, que indo descuidado dou comigo em um algar. Topo um ousão arrodelado com seu alfange mourisco, carrancudo e a sobrançelha catadura de touro. Tinha um letreiro cujo teor se segue: Bom seladouro tem. Revelóse mi cuidado, se não fora a matadura de que me muito roço. E monta ora que vos soube tomar mal o vento? E

não vos pareça que me enganam suspiros pandeiros, quais os vossos, que eu sei bem quão mau namorado sois. Pesa-me dos tempos e tenho razão, porque já sereis comigo, não vo-la dou nesta. Estou muito bem com figos recheados, [119] por respeito de niña volvedme los ojos. Contudo em esperanças desesperadas corro a gilavento. Então digam os pronósticos o que quiserem, porque lhe fiz trezentos remédios sem vir a furo e o espirro achei muito doce, se o olho do sol não faltasse muitas vezes pera o desarmar. Um bolo de soborrvalho me tem posto por terra e eu lhe disse sempre que não pusesse mau vezo. Porém, crede que o que há de ser há de ser. Estamos em tão mau mundo e há tão pouca prestança que se vos não fazeis forte no castelo de have de teu os imigos são mamelucos e muitos, e vem com grande sede do suor alheo. E porque me avisaram pus-lhe diante a minha verdade, ofereci-lhe ãa alma escrava, ãa vontade sojeita e um espírito com grilhões. Da sua revista me receio mais que da morte, porque me toma sempre a tempos mais compassados que os do canto de órgão e lá tem uns amores secretos atacados de mil sentimentos tristes. [119'] Mas fui sempre tão mofino que falho em meio da manta e a não ser tão ventureiro, segundo desenganos me correm té às tranqueiras, tentando entrar-me, já leixara barco e redes. Nisto também não me esquece Triste del triste que muere. Assi que, olhado bem tudo, julgai se vivo. E quem viver pague que eu sou vosso.

Parasito Que dizeis agora? Aqui não valem vossos juízos, porque esta linguagem tem mais metais que um sino e mais cores que um ropetão de um diabrete. E vós nesta algemia não vedes palmo de terra.

Barbosa Não há dúvida senão que tem invenção, e não está em mais ser má que não vo-la aceitarem.

Parasito Parvos como vós, que discretos não são nisto escrupulosos nem ingratos.

Barbosa Bargante, guardai não vos enlêe. E agora onde se lança o vagamundo?

Parasito Vou-me chegando pera casa da filha de Macarena, que há lá de ir cear esta noite o caixeiro dos Médices [120] e a festa é de reconciliação, porque parece estavam grunhidos ele e a Florença, por o que se espera sala franca. E estes são os meus banhos.

Barbosa Qual é esse?

Parasito Um polhastro belo, franco, todo boa ventura, enfim um dos mais meus favoritos.

Barbosa Ora bom viagem, com boa mão direita.

Parasito Nosso senhor te dê siso.

Barbosa A palavras loucas, orelhas moucas.

Cena oitava.

Régio, Otonião, Alcino.

Régio Senhor, eu vos tenho servido altamente.

Otonião Como?

- Régio Alcino é a praticar com a vossa dona, segundo todos concertámos. Haverá quatro horas que foi, e sabe certo que há de ferir fogo, [120'] que ninguém é poderoso pera o fazer melhor que ele.
- Otonião Se eu isso vejo não serei triste.
- Régio Esperai vós aqui, não vos vades, que ele não pode tardar muito. Ouvi rimar que quem quiser mentir arrede testemunhas. Vede-lo, vem mais grave que Saturno. Já se ri, que me matem se traz má farinha. Sabe mais geometria desta negociação que Vetrúvio. Ah, senhor, vossa mercê dece logo e tomará púcaro de água asserenada qual nunca bebeu juiz de porto de Muge.
- Alcino Eu quisera dar ãa volta com minha autoridade por me lograr do dia, mas pois assi é que me tendes tomado o passo, decerei.
- Régio Vós vindes bem assombrado e par estas que fizestes o mar chão.
- Alcino Leixai-me desentrouxar deste capuz, que má Páscoa venha por quem primeiro tal trajo trouxe à terra.
- Otonião Que haviam mouros de vestir senão isso, que é como o seu Alcorão!
- Régio Passemo-nos a esta câmara, não nos comuniquem tanto estes [121] nossos rapazes, que são pregoeiros de nossos segredos.
- Alcino Hei de rir e gritar que me ouçam no Barreiro, porque té ora nunca homem teve o sofrimento e siso que eu tive com a senhora. E cada vez que me lembráveis, sabe que estava pera estalar.
- Régio Vós trazeis bom negócio?
- Alcino Nunca solicitador de Alegrete assi negociou o prol comum da câmara.
- Régio Ora contai pelo meúdo, que já tenho paciência pera vos ouvir.
- Alcino Proponho. Cheguei à porta da dita senhora, a qual estava de sua rede muito alva pera as moscas e trapo no lumiar pera alimpar os pés.
- Régio Ah, singular perfeição, grande limpeza de arminho.
- Alcino Soube que estava em casa, deci logo e lanço-me dentro. Dês i mando pedir licença pera lhe dar ãa palavra. Foi-me dada. Sobi por ãa escada mais branca que jasmim, nunca contaminada de tea d'aranha, e ela estava sobre tapete azul muito ancião. Tinha consigo ãa moça pequena dantre [121'] pulo e boléu, em todo extremo de bom bico. Fazia trochado em roda e os olhos eram roda viva.
- Régio Nunca essa morre ao desemparo e seguro que sabe ela já o a-x.
- Alcino E o gregotil também. Ora, feita nossa cortesia, sentámo-nos. E a senhora Costança d'Ornelas de seu capelo cru de grandes operlandas, sobre ele seu pano, que elas chamam de virtude, mais apontada que caravela do estreito, e rodeada de livros como quem está dentro de sino-samão.
- Otonião Tinha cachorrinho de fralda?
- Alcino Mais azedo que um porteiro e mais ensaboado que volante. A senhora, em nos sentando, pôs seus olhos no chão, como quem quer dançar e de caminho espremeu os beijos, parece que por lhe dar cor.
- Otonião Tê-los-ia secos de ler.
- Régio Ora vos digo que sois um escrupuloso homem. Leixai essas demarcações e vinde ao ponto.
- Alcino Comecei: Como está vossa mercê? Tornou-me ela: Assi senhor, antre mal e bem, passar mundo. [122] Depois que a terra fria me come o

companheiro, sou já tão costumada às minhas canseiras que me ficam por hábito. Mas, vossa mercê que quer de mim, que eu não no conheço e estou confusa? Conhecer-me-á, disse eu, pera a servir.

Régio Bom vai o intróito.

Alcino É vossa mercê tão cabida em toda a parte e tão conhecida per si e pelo seu termo que daqui nace ter mais apaixonados que conhecentes. Vossa mercê, me torna ela, fala como quem é e oxalá que isso assi fora, que enquanto a molher não tem um moio de terra sobre os olhos deve desejá-lo assi pera glória do senhor primeiramente e por honra das outras molheres.

Régio Ah calai-vos, que sois ãa boca de pragas.

Alcino Vós quereis ouvir? Par estas barbas que vos conto o que passou ao pé da letra.

Régio Ouvir-vos-ei noites e dias.

Alcino Nesta preparação que eu fiz pera vir ao que pretendia, repiquei em seus louvores de maneira que vo-la embebedei de vaidade. [122'] E assi fui ateando a conversação brevemente per termos não sobejos e que faziam ao propósito de a louvar e lhe encabeçar ter eu grande conceito de quem ela era, pera que confiada e obrigada da lisonjaria, que a toda orelha é doce, a armasse melhor. E como a tive assi segura, disse-lhe: Vossa mercê, há-me de ouvir em segredo um caso importante, muito de serviço de Deos e bem do próximo. Ela, querençosa de o saber, cuidando furtar bogas, mandou afastar algum tanto a moça. E se me vós perdoásseis, águas lhe vi de lhe parecer que isto que quereiam ser amores e que seria a cousa com ela, porque se enfiou com os beiços cor de terra.

Régio Ah i-vos di que sois a mesma malícia.

Otonião Mercadoria é que corre tanto pela terra que o carecer dela se tem hoje por pequice.

Alcino Pois portanto, e pois não quereis que diga o que sinto, abreviarei. Disse-lhe então: Senhora, eu venho por parte de um homem honrado, [123] de muito preço, forçado de sua necessidade, e crea verdadeiramente que é ela grande quando me obriga vir requerê-la sem outro conhecimento salvo na confiança de sua pessoa e fama. Torna ela muito pronta e mesurada: Ele, senhor, diz o que nele há. E aqui haveis de contemplar que a qualquer toque destes me vinham engulhos de riso a que resistia com assaz trabalho.

Régio Confesso-vos que não me atrevo a ser tão sofrido.

Alcino Digo: Senhora, o caso é este: dizem-me que é alma de ãas senhoras que chamam as Silvas. Senhor, respondeu ela, recebo delas muita honra e muita mercê por suas virtudes, que são ãas virtuosas fêmeas e sua mãe é muito minha senhora e com ela me criei. E como é muito espiritual e devota ocupa-me sempre em lhe mandar dizer missas por esses mosteiros e mandar fazer devações que não tem conto. Tudo sobre nosso senhor lhe emparar aquelas filhas em que [123'] se revê e com razão, porque são uns pinhos de ouro. E verdadeiramente bem-aventurados hão de ser os homens a que o senhor der tais companheiras pera seu louvor. E, como seu pai com seus cargos

ocupado se descuida algum tanto delas, a mãe que é pera governar um reino...

Régio O demo as tem feito a todas regentes e a nós espantalhos.

Alcino Faz suas contas com o dador dos bens, perseverando em o importunar, que assi se quer ele. Assi que, senhor, por este respeito e de outras cousas em que às vezes me ocupa que lhe compre, que não querem sempre as molheres ir com tudo a seus maridos, nem convém, e pelo longo conhecimento e criação, tenho lá essa cabida que lhe diriam sãmente. Assi se crê, senhora, disse eu, per todas as vias. Aqui se espraizou em as gabar, que tinham do bem deste mundo, etc. E eu que a leixei banhar-se em seu gosto por mais a engodar. E disse-lhe: Porque soube quem vossa mercê [124] é e quem elas são, me atrevi a vir-lhe requerer o que direi. Nesta corte anda um criado del rei, homem de grande respeito e, além de por si ter muita valia, tem o pai muito rico sem ter outro filho. Acertou ver a senhora Gliceria da Silva e pareceu-lhe qual ela é. Pretende mandá-la pedir a seu pai e tomá-la sem nada. E porque não sabe se será ela disto contente e per ventura tem ocupada a vontade não ousa fazê-lo sem sua licença, pera o que não queria tentar vias desonestas e fora da sua tenção. E também temendo escandalizá-la se lho cometer per outro meio que não seja tão seguro e honesto como será o vosso, manda-vos portanto pedir per mim que por serviço de Deos lhe queirais fazer mercê de lhe dardes ãa palavra em algum mosteiro, pera aí vos jurar a verdade de sua tenção, e sobre isso vos pedir queirais aceitar ser medianeira e intercessor desta licença pera que se faça, o que se não fizer não se atreve [124'] viver muitos dias.

Régio Vós a levastes ao pináculo por gentis termos.

Otonião Ouvi, que o coração me quer saltar fora com alvoroço da reposta.

Alcino Senhor, tornou ela, vossa mercê me quer meter em um negócio muito estranho e alheo da minha arte. E realmente em minha consciência ao eu não julgar por pessoa tão honrada e virtuosa como em sua presença e falas parece...

Régio Mas sabem-no poucos.

Otonião Ah calai-vos.

Alcino Eu me houvera por muito afrontada e me desfizera ante ele em lágrimas.

Régio Mas quão pouco lhe custaram e quão facilmente o fizera.

Alcino Porém de tais pessoas não se podem sospeitar salvo tenções puras nem ousaria cuidar o contrário. E como Deos é verdade e filho da virgem assi o tomo, que nunca Deos queira que só eu seja a maliciosa e que tome a mal o que traz aparência de bem. Assi que quanto a falar a esse senhor, por o lugar que diz ser tal, que não há que temer, será quando [125] for servido e onde mandar. E acerca dessas senhoras, sou eu tanto sua que haveria em boa dita todo bem que lhe por mim viesse e por mofina se lho estorvasse. E se esse senhor é tal que a merece e lhe quer bem, cousas são do mundo, assi entrou assi há de sair, o que de Deos for ordenado à mão lhe virá, são jeitos que as pessoas tomam. Aqui respondi eu: Pera que é falar em amor? Em verdade que inda que

por outro respeito o não fizésseis salvo por dó dele, que esse bastava porque chora como menino, que vê-lo quebrantara as duras pedras. Que vo-lo creio, tornou ela, que eu vi já um homem honrado dessa maneira e fez extremos que não são escritos por ãa molher que nunca o quis ver.

Régio Essas são elas.

Alcino Repriquei: Por sem dúvida tenho que se com esta senhora não casa fará algum desatino que seja soado. Jesu, senhor, diz ela, tão pouca paciência há nele? Muito menos do que vos sei dizer, lhe disse eu. E ela, muito pesarosa e compassiva, [125'] que vos acompanhasse sempre e divertisse e fizesse tomar cousas que vos confortem o coração, que não venha a pior, que o mau imigo, diz ela, não busca outras cabras. Finalmente, o processo correu arrazoado de parte a parte a las mil maravilhas. Ela apiadando-se do mal do paciente pelo conflito perigoso em que lhe afirmei que estava, pediu-me que logo vos mandasse ter com ela, que tudo se faria bem e trabalharia quanto nela fosse por vos tirar de tais fraquezas. Agora de meu conselho eu o não dilataria mais enquanto assi está enfruída, porque dizem: não sejas preguiçoso não serás desejoso.

Otonião Prometo-vos que o não dilate mais, que à própria hora me vou lá.

Régio Leixai vós ir o polhastro, que ele não se lhe coze o pão.

Alcino Nós também vamos correr as esparrelas que são horas.

Régio Vossa palavra vá diante.

Acto III [126]  
Cena primeira.

Costança d'Ornelas, Filotecnia, Ulissipo.

- Costança Beijo as mãos a vossa mercê.
- Filotecnia Venhais muito nas boas horas. Como vos vai minha amiga, que é feito de vós?
- Costança Bofé senhora, não bem. Trago ãas fraquezas neste coração que não posso tomar fôlego.
- Filotecnia Não sei se vos tratais bem, que vós éreis muito mimosa e o mau trato dana a compreição e debelita os membros.
- Costança Eu nada curo nem olho por mim como outras pessoas, porque, na verdade, quem há de empapelar em mimos um corpo de terra que d'hoje [126'] pera amenhã será mantimento de bichos? Quando, senhora, nisto cuido as mãos e os pés me quebram e não tenho espíritos pera tratar de cousa desta vida, e muito menos de mim.
- Filotecnia Se quiserdes bem podeis, que não tendes outros cuidados senão tratardes de vós e irdes por onde quiserdes. Coitada de mim que estou aqui metida e nem pera dizer ãa Ave Maria tenho espaço, com ocupações que tiram per mim de cá e de lá. E não basta estes trabalhos, que puderam bastar, mas ajuntam-se outras fadigas de muita dor que me cansam a alma e a vida.
- Costança São, senhora, os galardões que o mundo dá aos que o seguem.
- Filotecnia Assi é, mal pecado. Sabe Deos quantas vezes hei inveja ao vosso repouso e liberdade.
- Costança Inda ora lhe eu digo, senhora, mas passa a pessoa como pode e algũas conheço eu que com a sua pobreza são mais ricas e contentes que os ricos com seus tesouros.
- Ulissipo Ali é a conselheira de [127] minha molher, queixumes teremos. Hei de espreitar o que falam, que elas como se ajuntam com suas amigas todo seu feito é tratar culpas dos maridos, ponderar canseiras próprias e suspirar por descansos alheos.
- Filotecnia Ando a mais atribulada molher do mundo sobre um negócio de pouco serviço de Deos que sospeito de meu marido, e se tal é hei de endoudecer de paixão.
- Ulissipo Guay de orejas que tal oyen. Nisso pouco há que fazer com tod'o género feminino. Que me matem se me não cai na pegada da minha rapariga. Pois o mal é se o aventa que me guardará muito segredo, não hei mister melhor pregoeiro.
- Costança Melhor o fará Deos. O sofrimento em tudo é o médico dos remédios, e pegar com a virgem, senhora deles.
- Filotecnia Assi queria que me buscásseis quem me fizesse algũa devação que lhe tire Deos do coração seu danado propósito, se o tem.
- Ulissipo Parece que inda não se afirma mas recea-se. A carne lho revela.

- Costança A [127'] somana passada me encarregou ãa senhora deste reino que pera um caso nem mais nem menos como ora esse lhe soubesse dalgũa pessoa, e é ela na verdade impaciente.
- Filotecnia Terá razão, e com ela não sei quem tenha paciência.
- Ulissipo Vós, que sois ãa cordeira. Ao menos nestes negócios seguro estou que nenhũa a tem.
- Costança Assi, assi, todas somos de perdoe-nos Deos. Mas, como digo, dei conta disso a ãa minha amiga muito d'alma, muito espiritual e de grande vida. Molher é, senhora, que é certo que quando está em oração está no ar e já não reza senão contemptra.
- Ulissipo Ouvi rimar e vereis em que termos está o mundo. O que aqueceu aos padres no ermo depois de apurados na perfeição pregoam estas de si no povoado ocupadas em quantas sensualidades lhe oferece a sua ociosidade. Bom vai o negócio, e a minha corva está naquilo de pés e cabeça. Pouco tem nestas que fazer o Anticristo.
- Filotecnia Deos [128] a tenha da sua mão nesse estado. Quanto melhor isso é que ser senhora do mundo.
- Ulissipo Assi digo eu se tal é, mas daí a ser terei mais dúvidas que um solicitador de Alegrete. Tudo porém pode ser, que neste tempo também Deos é servido como nos passados e juntamente ofendido. Assi foi sempre e assi há de ser. Contudo, nesta idade me parece que florecem cobiça e hipocresia muito mais que noutras e andam agermanadas e enxeridas ãa com outra e tão prósperas que tudo tentam.
- Costança É ãa boa criatura. Enfim, senhora, que lhe digo vem ela e faz a devação das palmas, que quando há de ser o que pedis ajuntam-se per si ãa com outra, e vigivelmente se lhe ajuntaram e viu claro que logo o marido daquela senhora não entendeu mais em seu mau caminho e ficaram muito amigos. Porque, parece, ela dava-lhe muitos achaques e desgostos e ele pela abrandar lançou mão de um negócio que a [128'] enfadou, donde ela fez da necessidade virtude e conformou-se com ele. E era nas más horas que andava ele emburilhado com ãa sua mourisca, e a cadela em vez de lhe ser leal andava com um mulato de casa por que bebia os ventos. O senhor veio-lhe a cair nisto e tomou-lhe tal avorrecimento que a não viu mais. E isto causou a devação das palmas.
- Ulissipo Nem podia ser outra cousa. Ela diz-lhe primeiro a causa da desavença do outro e depois afirma que as palmas o adivinharam. Boa está a nossa vida com estas superstições, e que diga esta que se hão de juntar as palmas e dar sinal como endemoninhado que lança ceitel furado!
- Filotecnia Oh, buscai-me essa molher que me faça essa devação, e custe-me o que custar que as manilhas venderei pera isso.
- Costança Ora leixai-me com o cargo que eu vos prometo ir daqui buscá-la, que vo-la comece hoje. Mas há mister que me dê dinheiro pera nove velas que hão de ser de cera [129] de enxame novo e hão de ter o pavio de esparto, por um certo respeito.
- Ulissipo Boa está minha fazenda gastada nestas truanias.
- Filotecnia Vós lhe levareis aviamento pera tudo, não fique por isso.

- Ulissipo Que tanto vos ora custa.
- Filotecnia E depois me mandareis fazer outra sobre um casamento que se fala pera Tenolvia que não é de muito meu jeito.
- Ulissipo Saber isso me basta a mi pera saber que não serei poderoso pera o acabar por mais que me desvele. Parece-vos que está boa a maneira de orar destas? Como Satanás é sutil e perverso e como trabalha para corromper o bom com sua malícia! Sendo o orar a mais alta cousa que temos, assi pera louvor de Deos como pera negociar com ele nossa salvação e vida e nos esforçarmos e valermos em nossas afrontas, que faz o diabo? Busca modos ceremoniáticos e superstições com que calabrea nossas petições de termos maus por que não somente tira a virtude e vigor que a oração [129'] de per si tem, mas causa ficar em espécia de idolatria. E começa sempre sua guerra pelo mais fraco. Com mulheres tem grandes inteligências, mas também nos a nós alcança, nós pagamos por elas sempre suas culpas.
- Costança Logo isso é sabido. Também a devação do cardo é a mais provada cousa do mundo pera saber assi ãa causa. E o senhor da pousada onde está?
- Filotecnia No seu escritório. Andamos muito desavindos por seus bons feitos, que agora é mais devasso que nunca. Ajunta-se com outro tal como ele, que é este nosso vizinho, o qual tem ãa mulher que é um arminho. Não vistes cousa tão acabada e perfeita, o seu carão e a sua galantaria não é como das outras mulheres, sem algum artifício. Somente à segunda-feira põe ãas ceras que traz toda a somana e no domingo lava-se com a água do sarro e doutras confeições que fica o seu rosto como um alabastro.
- Ulissipo Muita graça acho eu na ãnocência [130] e pureza que minha molher pregoa de sua comadre com lhe contar mais confeições que as de ãa botica. Sutil e natural gabo das mulheres ãas pera outras.
- Costança Pois vós, senhora, não sois peixe podre.
- Ulissipo Como esta não perde lanço, que a minha sabeí que folga de ser gabada.
- Filotecnia Eu já vou descaindo muito do que fui. Os dias não se vão de balde. Verdade é que não sou tão velha como trabalhos e desgostos me envelhentaram.
- Ulissipo Esperai e vereis minha molher que se quer fazer menina em fim de seus dias.
- Costança Senhora, quem foi sempre é. Inda ela assi como está há d'achar poucos rostos como o seu. Noutro dia me perguntava a mim dona Ximena por ela, se era inda fermosa como soía, e eu disse-lhe: agora mais que nunca, está tão fresca e tão moça como se nunca parira.
- Ulissipo Como a leva ao pinácolo. Pera despir tod'a molher não há mister mais que gabá-la de fermosa por fea que seja.
- Filotecnia Todavia, [130'] comadre, já eu fui molher. Agora persiguições de filhos, achaques do marido, fadigas de criados, acudir a tudo tem-me muito quebrantada.
- Ulissipo E não na língua, que esta crece nas forças com a idade. E se cuidados do necessário vos apertassem vós perderíeis esses ociosos.

- Filotecnia Mas que vos contava desta minha vizinha e amiga que tem muito gentil parecer? Verdade é que é ela fria e tem um coração exalviçado que lhe mata tod'a cor que põe, e os dentes tão roins que lhe cheira muito o bafo, e de mal desposta é algum tanto descarnada. Porém tudo não desfaz em seus bons feitos e no concerto de sua casa. E o marido anda com trezentas velhacas, aqui tem ùa, ali outra, com ser todo lavrado destes males que está de noite em um grito de dores. E a coitada que o sofre com tanta paciência quanta Deos sabe.
- Costança Quanto disse ora há pela terra.
- Filotecnia Sabei que é cousa de pasmo o seu sofrimento. E a coitada [131] quer-lhe bem como òs olhos com que o vê, e então dos ventos o cia e traz sempre espias sobre ele que não bole pé que logo lho não digam. E com isto tem sempre baralhas.
- Ulissipo De tais romarias tais perdões. Entenda ela em sua casa e não saberá mágoas. Querem elas pôr freo à condição dos maridos e à sua própria não.
- Costança Pois má hora dói-lhe. Havia-se essa senhora de costumar a lhe não dar disso inda que fora indo às festas e romarias e andando per casa de suas amigas folgando e desenfadando-se, como ele faz com quem quer, e fazem todos.
- Ulissipo Parece-me que a quer poer em caminho de vir a furo. Eu vou caindo nesta que deve ser mina de grandes conluios, e será bom conselho esquivá-la de casa. Mas não me atrevo com minha molher.
- Filotecnia Mal pecado, não na leixa ele assi sair de casa, e nenhũa cousa lhe mais tolhe que visitasões e romarias.
- Costança E como se tolherá? Que eles são todos de perdóneos [131'] Dios, tudo pera mim nada pera vós. Folgaria conhecê-la pera a conselhar.
- Ulissipo Isso é o que meu compadre deseja, de nenhũa cousa tem mais necessidade. Tende lá em vossa casa donas cossairas se quereis dar conselheira e encobrideira à vossa molher pera tod'a conjuração que contra vós quiser armar.
- Filotecnia Eu me vou agora lá, que me mandou pedir que a visse, que estava mal desposta e que lhe relevava falarmos. Hei-vos de dar a conhecer com ela pera que vades vê-la o primeiro dia que cá tornardes.
- Ulissipo Bom vai o negócio. A sátrapa de minha molher é a governança do mundo.
- Costança E as senhoras suas filhas como estão?
- Filotecnia Ide-vos lá dentro pera elas enquanto vou, que logo torno.
- Costança Pois não se detenha lá muito que inda hoje tenho que fazer antes que me desjejume.
- Filotecnia Logo virei.
- Ulissipo Nem a conversação com as filhas hei por segura, porque me vai parecendo novo género de trato o desta. Apuram-se [132] os engenhos já tanto na malícia que desaprovam toda cousa velha por usada e entendida e desvelam-se por achar em tudo invenção pera contraminar o entendido, falsificar o certo e colher fruto da novidade. E este preceito de mercancia comprende todo outro negócio, e o desta gente me traz manho e confuso que não me sei determinar em minhas

sospeitas. As aparências de fora, pelo que prometem de honra e honestidade, não se podem condenar. O efeito de dentro é incerto na prova, a experiência de aquecimentos secretos ameaça muito, assi que venha o demo e escolha. O mais seguro disto, a meu ver, é escusar ter conta com estas, mas a querê-lo fazer ter-me-ão por herege. E é necessário sofrer-me por minha honra, que praza a Deos que não seja pera minha desonra, e ir pelo caminho das carretas que são os outros que as sofrem, e assi judeu morreu meu pai, judeu quero eu morrer. A regente das salsadas [132'] é minha molher e a outra não se lhe agacha. Manda-la chamar, é pera algũa emborilhada. Mande Deos que não seja sobre a minha pele, que eu sou quem porcos acha menos a cada mouta lhe roncam. Quero ir-me ver com meu compadre pera termos nossa consulta, que homem apercebido meio combatido, e a um tredoro dous aleivosos.

## Cena segunda

Costança d'Ornelas, Tenolvia, Glicería.

- Costança Boas fadas me fadem as minhas boninas e minhas flores de Maio, cedo vos eu veja como desejo.
- Tenolvia Boas horas venham com ela. Já era tempo, senhora, de nos virdes ver.
- Glicería Por que sois tão má que nunca cá vindes?
- Costança Assi é [133] bofé? Antes sou tão sobeja nas minhas idas e vindas que hei medo avorrecer, que dizem lá: onde te querem muito não vás a meúdo. E doutra parte eu tenho razão de não sair desta casa. E mais quem não cobiçará vir ver estas belezas destas pérolas pera dar graças a Deos? Não sei onde os homens andam que não vem estas fermosuras pera as cobiçar. Daqui vos digo, minhas senhoras, que se eu homem fora não estimara correr o mundo em cata dalgum tesouro com que vos pudera comprar.
- Tenolvia Eles já não querem senão dinheiro.
- Costança Mal-pecado, assi é. Inda porém há homens que eu sei que não querem senão o que vem.
- Glicería Contá-los-ão com a boca çarrada.
- Tenolvia Prometo-vos eu, senhora, se cá não viéreis hoje que houvera de estar mal convosco.
- Costança Mais o estou eu convosco, senhoras, e não venho senão a pelejar.
- Glicería Ora pois sus veremos, quem mais pouco puder vá debaixo.
- Costança Dessa maneira não me atrevo eu, nem sei [133'] quem se atreverá, vendo esses olhos de rufião.
- Glicería Haver medo.
- Costança Benza-vos Deos senhora, como vos ides fazendo molher, e eu faço-me velha, que me parece que vos vi ontem nos cueiros e vejo-vos agora um gigante. Pois o mal é que não tendes carnes.
- Tenolvia Mana, de que são essas contas?

Costança De lágrimas.  
Tenolvia Como são galantes. Sempre as vossas cousas são d'extremo.  
Costança Que é isso que fazeis?  
Tenolvia Uns traviaseiros de desfiados pera ãa cama dessa senhora.  
Costança Muitos anos a logre ela com muito contentamento. E fala-se agora em algũa cousa pera ela.  
Gliceria Não lembramos nós tanto a meu pai.  
Costança Bem calais vossas cousas sem me dizer nada. Pois eu molher sou de segredo, que o palreiro faz seu amigo mudo. E enfim venho a saber tudo inda que não queirais.  
Tenolvia Mãe, que bens são esses? Disse-lhe minha mãe algũa cousa?  
Costança Não vai por i o gato às filhós.  
Tenolvia Pois como foi? Contai.  
Costança Como [134] vos fazeis de novas, dissimulai. Enfim, pera que é nada? Tudo se sabe.  
Tenolvia Quê, por vossa vida?  
Costança Todos vossos amores. E cuidais que o não sei?  
Gliceria Ui que boa ventura, como rima. Há mil anos que sam casada e agora vos lembrou?  
Costança Pera bem vos seja, mal venha por quem lhe pesar. Porém, quem merca e mente na bolsa o sente. Pera mim escusadas são histórias e fingimentos, pois nada se me encobre. E a teu avogado e a teu abade sempre dize verdade, porque quem toma conselho, se erra não pode ser reprimido, e acertando é louvado. Quem vos há a vós de encobrir e encaminhar vossos gostos ao seu bom efeito senão eu? E cuidardes o contrário é engano, que donde esperança homem não tem às vezes lhe vem bem. E do senhor Deos, que vê tudo, saber os meus desejos pera convosco me traz à mão o que quereis encobrir de desconfiadas de mim. Ora sabeis que sem sã tenção não se [134'] conservam amigos. Tomai sempre do menor a obediência e do maior a doutrina, que nos mais velhos está o bom conselho. E sabeis por que vos digo isto assi fora da minha arte, que era calar-me? Tanto que entendi que vos encobris, pelo muito que vos quero. E Deos é justo juiz ante o qual nunca a virtude perdeu nem a maldade errou sua pena. E como eu sou esta amiga enganada e que nunca me neguei nem me achastes descalça pera vos servir teria em má ventura vir-me cousa vossa à mão e não na haver por minha.  
Gliceria Assi sabeis vós, senhora, que me pesaria a mim muito se isso assi não fosse, e bofé que estou ãnocente do que dizeis.  
Tenolvia Ora cal-te moça, que não tens siso. Eu vos certifico, senhora, que nada sabemos. Mas contai vós, que o que for não se vos negará.  
Costança Quê, é possível?  
Tenolvia Por vida de minha mãe.  
Costança Não sei se diga que me pesa de ter começado, porque não há cousa bem feita pelo bom que não seja contrariada [135] dalgum mau. E eu não queria ser mal julgada no que a tenção está pura. Maus julgos nunca faltam, e alma corrupta tudo faz de sua qualidade, e do hábito do pecar nace o descrer a virtude.

- Tenolvia Que concurião traz agora receardes-vos de nós que vos conhecemos e temos como mãe? Quanto mais sabendo o mundo todo quem vós sois e como tratais. Dizei-nos tudo o que sabeis já que começastes, que doutra maneira havei menencoria dessas desconfianças.
- Costança Dir-vos-ei filhas, senhoras, tudo farei por vos não anojarem. Mentir é grande tacha, maiormente mentir ao verdadeiro e que se fia de vós, pois enfim nunca os maus tanto dissimulam suas obras que as possam encobrir de todo. Porém, se queres ser bom juiz escuita o que cada um diz. Portanto, como isso, assi me julgai como me ouvirdes.
- Tenolvia Ora acabai já, livre-me Deos. Não cuidei que éreis dessa maneira desconfiada.
- Costança Foi, senhora, [135'] a semana passada ter comigo um homem muito autorizado e bem acompanhado de criados e, leixados os preâmbulos com que me veio, pediu-me por derradeiro que ouvisse outro senhor em um mosteiro. Eu, vista sua autoridade e a honestidade do lugar, como a boa palavra em tod'a parte cem soldos val, disse-lhe que si. Passado isto fui-me lá e achei um gentil homem, bem desposto, que me esperava já, parece não se lhe cozia o pão. E apartados a ãa capela, ele a primeira cousa que me disse foi jurar-me pela casa em que estava que tudo o que me dissesse era a mesma verdade. E prosseguiu dizendo mais que porque sabia do conhecimento e entrada que eu tinha nesta casa se atrevera a pedir-me que lhe valesse, porquanto ele se esperencia e morria vegivelmente e eu ficaria em ser sua homecida se o não socorresse no que podia e mais, pois tudo eram passos de Deos. Finalmente concurdiu que ele vos queria bem em todo extremo e desejava [136] casar convosco, o que dilatava requerer e pedir té saber vossa vontade, se lhe dáveis licença pera vos mandar pedir a vosso pai. Eu da minha malícia, quando isto vi, confesso-vos que cri e ainda não sei se creia que vinha isto por vossas mercês a fim de eu antevir com vosso pai e mãe, e esta suspeita me fez aceitar seu requerimento.
- Tenolvia Em minha alma que não conhecemos cá tal homem, nem tal cousa nos veio por cuidado nem por penso.
- Costança Agora me pesa muito de me encarregar de vo-lo dizer porque lho prometi, como digo, parecendo-me que vos servia nisso. E em parte queixosa de me encobrires nada, sabendo que porei a alma e vida pelo que vos cumprir.
- Tenolvia Que sinais tem?
- Costança É mancebo que lhe começa pungir a barba, bem desposto, rosto grande e olhos esbugalhados, bem tratado, galante e de gentil prática. Pareceu-me ele bem acondicionado e que não haverá nele mau doairo.
- Tenolvia Parece-me [136'] que vou caindo nele. E quando fomos à quintã foram lá ter esse senhor e outro seu companheiro, muito galantes, e meu irmão os conheceu que eram criados del rei, homens de preço, honrados e de muita arte.
- Costança Tal me pareceu ele. Ora vede vós, senhora, o que quereis que lhe diga. Que eu se cuidara que o negócio não tinha mais raiz que a deste princípio nunca me obrigara por me não fazer autor de tais negócios.

Pois que cousa pera a minha arte. Mas verdadeiramente cri que trazia o fundamento de vossas vontades. E pois o conheceis e tendes dele boa informação, não haveria por inconveniente lançar mão de seu honesto oferecimento que, vamos e venhamos, quem fogo quer e chove, a unhas o descobre. As mulheres também devem inclinar-se aos bons azos pera virem ao que for sua ventura. E nestes negócios vale mais o contentamento que todos os tisouros do mundo. Os bens dele não são mais que [137] pera sustentar a vida, e o gosto pera aquietar a alma. Eu pera mim mais queria virtude, honra, saber e pessoa que riquezas, tratos e negócios em que agora a vida se revolve. Porque de pessoas fracas e baixas é prezar-se do que tem entesourado, e de nobres e de espírito prezar-se das obras boas que fazem. Digo-o ao tanto a propósito do vosso gosto, se o tendes inclinado e vos arma. Pera que é negar a boa inclinação por satisfazer a cobiça? Perventura tereis em pensamento de casar com muita renda? E esses homens são maus de haver, porque tem também sua fantasia e põem a proa no que não merecem, e assi gastam uns e outros a idade em contas desesperadas e que tarde ou nunca socedem. E eu hei por tão mau o não querer o que não se pode escusar como desejar o que não se pode alcançar. Que há de ser tão dessaborido o juízo humano que ponha a estima das cousas no carecer delas e que ninguém haja por bom [137'] o que lhe cabe em sua sorte? Senhoras, fiaí-vos de mim, não vos entregueis a opiniões vãs, entregai-vos à vontade do senhor Deos, que quem sua esperança põe nele tem a ele e aos homens, e quem nos homens um e outro lhe falta. Se de Deos é ordenado, melhor é casar com quem vos roga que com quem quer que o roguem.

Gliceria Eu o desejava rogar? Ninguém em hora que o eu visse.

Costança Tá, não vades por diante.

Tenolvia Eu, amiga senhora, sou da vossa opinião. Queria mais um homem com ãa capa e espada que o parecesse que quanto ouro há no mundo.

Costança Adiante vos vades. E não no digo porque seu servidor não seja dos abastados, mas pera a minha arte isto é o que deles menos me lembra. E segundo me disse, também essoutro seu companheiro que vistes anda picado de vossos amores, senhora Tenolvia, mas não ousou descobrir-se-me té ver onde parava o primeiro requerimento.

Tenolvia Ora, senhora, dizei-lhe [138] vós que lhe beijo as mãos, que folgo muito d'ele saber buscar tão bom meio e tão seguro como foi descobrir-se-vos, porque de ninguém outrem se puderam aceitar suas cousas por mais que nelas se ganhara. E por tanto como isso não se deve agastar nem ter tanta pressa que eu sei dela que lhe tem boa vontade. E que saiba em certo que tem em mim especial amiga.

Gliceria Eu nada digo, mandai-lhe vós dizer o que quiserdes.

Tenolvia Cal-te rapariga douda, deixa-me fazer. E se perventura vos falar nessoutro seu amigo não leixeis de lhe aceitar o que vos disser, que eu tenho sabido que é pessoa de merecimento e qualidade. E isto, mana, há de ser com tanto resguardo e segredo que o não sintam as aves do céu.

- Costança A mim o dissei, e a quem releva isso mais? E se eu não cuidasse que era tudo isto em serviço de Deos e bem do próximo, parece-vos que me metera nesse negócio? Andaria bem ociosa. Esses são os meus cuidados. Nem por todo [138'] o haver do mundo. E conquanto minha tenção é sã bem sei que algum enfadamento hei de ter, mas a vontade faz o pecado. E tudo se pode sofrer por comprazer estas pérolas.
- Tenolvia Deos me chegue a tempo em que vo-lo sirvamos.
- Costança Olhai-me, minhas senhoras, eu ando sobre casar ãa órfã que eu criei, moça de bom parecer e bons feitos e ãa pomba sem fel antes que o pecado a engane como faz a muitas da sua idade, que se entregam ao segre pera correrem más fadas. Queria que me ajudásseis com a senhora vossa mãe que me dê algũa ajuda. E vós também da vossa parte alguns vestidos que já enjeiteis, camisas velhas e lançóis, tudo tomarei pera lhe azar um pobre enxoval.
- Tenolvia Eu tomo isso a cargo e vereis o que faço.
- Gliceria Eu também farei o que puder.
- Costança O senhor que é aceitador das obras pias feitas por seu respeito aos seus mínimos vo-lo receba. Vossa mãe, senhoras, tarda e eu tenho de fazer um pouco [139] ainda antes de jantar. Quero-me ir, virei cá com a reposta, e entretanto negociai por mim que quando eu vier ache tudo prestes.
- Gliceria Perdei cuidado.
- Tenolvia Não vos esqueça essoutra cousa com vossas ocupações.
- Costança Que chamais esquecer? Nem poderei inda que queira, que aquele gentil homem não me parece que me leixará descuidar, segundo lhe conheci desejo da empresa.
- Gliceria Já lhe ele isso não lembra.
- Costança Assi queríeis vós. Ora inda eu ficaria por fiador que a todos nos pesasse.
- Gliceria Bofé, não já a mim. Inda eu não estou tão esperdiçada que me dê mais perdê-lo que achá-lo.
- Costança Bem, se vós, senhora, não quereis não lhe direi que vos falei tão sóis. Quem te não roga não lhe vás à voda, e que busque outro meio mais certo que eu nisto nada gainho nem pretendo mais que cuidar que vos sirvo.
- Tenolvia Mana, esta rapariga cuida que é fermosa e que tudo se lhe deve.
- Costança Nisso tem ela muita razão, mas eu quero-me também [139'] rogada. E se me desconhecem o serviço lanço-me logo dele.
- Tenolvia Bem sabemos que haveis de folgar com todo nosso bem e essa é vossa tenção, e está esta zombando e tanto lhe é de bem que o não crê.
- Costança Ora alguém me vingará. Os anjos as acompanhem e o senhor as tenha da sua mão, e a minha encomenda não esqueça que é cumprir ãa das obras de misericórdia.

Cena terceira

Solisa, Filotecnia, matronas.

Solisa Senhora comadre, não sei que faça nem que diga a tamanho mal como o meu. Um homem tão sem medo de Deos nem vergonha do mundo que há d'andar com [140] quantas más molheres há na terra, e tem-me aqui nam mais que pera sua cozinheira. Pera isto lhe deu meu pai quanto tinha comigo e eu o fiz homem, que dantes era um rapaz que não valia dous ceitis, nem visto nem ouvido. Minha mãe, senhora, não tem paciência a isto, que se despiu por mim, cuidando que me descansava e vê-me mais descontente e triste que a mesma noite. Porque eu, senhora, como estou só não tenho outro ofício senão chorar, que me vejo sem ter mesa nem cama e que gasta em seus bons feitos o que ele não ganhou e que lhe deram comigo, e que me estê eu assi estilando como o espargo no monte.

Filotecnia Tendes vós muita razão, senhora. As molheres da vossa honra e da vossa qualidade e virtude isso é o que hão de sentir. Porque ser um homem taful, ser brigoso, ser o que vós mais quizerdes, tudo lhe pode sua molher sofrer, mas ser devasso e gastar o seu com alcoviteiras e molheres [140'] do mundo é um mal em que não pode haver paciência.

Solisa Assi, senhora, não sou molher, que muitas vezes estou cuidando em mim. Quem me dissera que havia de ser rodilha, criando-me minha mãe pera estampa nas meninas dos seus olhos? Eu era a sua mimosa, o seu olho da panela. Bem criada e malfadada. E assi quando me agora vê benze-se. E ela bem mo prega e bem mo diz, que coma e beba e leve boa vida e vá tomar merendas per casa de minhas amigas e não me dê por achada de suas cousas. Mas eu digo-lhe: Não me déreis vós, mãe, coração de carne.

Filotecnia Sabeis, senhora comadre, que é muito bom para isto? Ocupar em cousas espirituais. Eu tenho ùa amiga, dona honrada e de bom parecer inda, muito cabida com todas as senhoras e conhecida do alto e do baixo, que per si e per seus conhecentes (que como é viúva, com o seu bordão na mão, anda por todas as igrejas e mosteiros) não há cousa pera [141] que não saiba devação muito aprovada. E não menos d'hoje, bofé, contando-lhe eu assi meus trabalhos lhe disse também os vossos. E dizia-me ela que vos conselhasse que esparesseis e fôsseis às festas e romarias e per casa de vossas amigas que vós a nomearíeis.

Solisa Coitada de mim. E de que mal morro eu senão de me ele não dar trela pera isso? Duro cativo é o das molheres. Que há d'haver no mundo que tenha um homem manceba e mancebas e sua molher que lho sofra, mal que lhe pese e amargue, e a molher que de ir à igreja não tenha liberdade? E que até com quem me hei de confessar quer que registre com ele.

Filotecnia O meu muito escoimado foi nisso, mas já vai quebrando.

- Solisa Eu, senhora, quando era solteira nenhum gosto me chegava a praticar  
ũa hora com um letrado.
- Filotecnia Oh senhora, é meio caminho andado pera se homem lavar de muitos  
escrúpulos em que cai cada hora.
- Solisa Essa sua amiga me [141'] faça vir cá, senhora.
- Filotecnia Ela folgará muito e dir-vos-á tantas cousas boas que vos fará estar  
com a boca aberta sem vos lembrar mais que ouvi-la, porque não há  
sermão que não traga na ponta da língua melhor que o Pater Noster  
nem conto que não saiba. Pois conhecer as pessoas e saber do que  
passa pela terra? Perdei o cuidado. E mais é molher de muita  
autoridade que se pode ir visitar a casa.
- Solisa Oh senhora, por amor de Deos que me deis conhecimento com ela,  
porque me dareis a vida pera minhas paixões, que se me Deos não  
socorre eu não me sinto espíritos pera as sofrer muito tempo. E de  
pouco pera cá o vejo muito mais ocupado e com o senhor Ulissipo em  
grandes gostos e conversações, que sospeito que é algum novo trato.
- Filotecnia Eu vos direi, senhora, o que eu disso sei, porque a vós nada se há de  
negar. Hipólito, meu filho, me disse que andava o vosso emburilhado  
com ãa tal e quejanda, a qual [142] tinha ãa mãe a maior cossaira do  
mundo, que o há de roubar e enfeitiçar.
- Solisa Se o já não tem feito. Senhora, eu sei muito disso, porque nada me  
escapa, mas não me haverei por molher se não mando cruzar as  
queixadas a essa velha mougeira e açoutar a filha com um rabo de  
raia. E se isto não bastar, fazê-las degradar com pregão e baraço, que  
não há mister mais que acenar eu ao corregedor meu primo.
- Filotecnia Nunca vi cousa mais pera fazer.
- Solisa Pois eu lhe prometo que basta aventá-lo minha mãe pera lhe elas não  
irem pela pendência a Roma, que ela nunca levou duas em capelo. E  
já per sua mão, sendo meu pai mancebo, ela açoutou ãa boneja dessas  
com que ele andava e ele calou-se e lá apagou tudo com que nada se  
soube. Porque minha mãe, senhora, é molher pera muito.
- Filotecnia Nunca lhe a mão doa, que estas velhacas fazem mal casadas quantas  
molheres há no mundo. Se o meu velho (que velho se pode chamar  
[142'] pois vai aos cinquenta anos) agora começa enverdecer e o que  
lhe escapou da mocidade quer agora cobrar na velhice! Que inda já o  
vosso é mancebo, mas o meu... Que exemplo de pai pera filhos. Assi,  
senhora, me como toda como traça por dentro e me faço velha de  
quarenta anos como se fora de oitenta, porque com estas cousas em  
que anda não tem cuidado das filhas que são já molheres. É ãa cousa  
perdida. Se eu não fosse que ando sempre servindo e trabalhando  
sobre as vestir e ataviar, despidas as traria sem ter conta com isso.
- Solisa Pois sabeis vós que me a mim disseram? Que levava o meu esta sua  
boneja a casa da tia da vossa rapariga, que vós tínheis muito preitês e  
muito janelleira, e me afirmaram que aí foram o vosso e mais o meu  
ambos com grande banquete, e a mim não há cousa que se me  
esconda. E pessoa que o sabe de certa sabedoria me disse que a tinha o  
vosso prenhe. E por esta razão vos mandei pedir [143] que nos  
víssemospera que atalhemos a tanta devassidão.

Filotecnia Ai senhora comadre, grande mal é esse e grande desventura e eu vou-la dou por ser assi. E olhai os enganos em que me trouxe. Ele ma fez lançar de casa e ela fazia-se-me doente. E o raposo perverso dizia-me que lhe avorrecia. E depois que se ela foi tenho sabido que vai muitas vezes a casa da tia com achaque de se ir desenfadar à horta e faz-se-me doente e achacoso que se vai desmalenconizar em tanta maneira que me cometia que apartássemos as camas, e eu, coitada de mim ãnocente, andava nisso por lhe poupar a vida que ele por essa via desbarata.

Solisa Mal-pecado, todos eles assi fazem. E nós vimos a purgar os seus desmanchos, curar seus males e sentir seus gemidos.

Filotecnia Que em tão más horas me essa velhaca entrou em casa. Ora eu vos prometo, senhora, e vos empenho este rosto senão que nunca haja a bênção de meu pai que come a terra fria se lhe eu não faço um jogo [143'] soado. E a covilheira da tia eu a mandarei chamar e lhe levantarei os da boca de ãa nova maneira. E assi lhe vai. Como me traziam vendida, que ele me dizia que era essa velhaca muito enferma, que lhe mandasse confortos. E eu, Maria de bons pés, com meu coração sem malícia, nunca outra cousa fazia.

Solisa A mim não me tomam assi com gaita, logo avento as pegas de qualquer sombra. Nada me fio do meu.

Filotecnia Ora ela o não lançará em saco roto a poder que eu possa.

Solisa Pois, senhora, vede vós se bastais pera lhe desfazer a milgeira, e se não leixai-me com o negócio, que a mim não me leva o coração leixar sem castigo tão mal feita cousa.

Filotecnia Leixai-me fazer que eu vos darei boa conta.

Solisa E não no dilateis, que eu estou determinada tê-las em espreita e ir ter com elas dissimuladamente quando eles lá não estiverem e dar-lhe com ãa faca ãa cutilada pelas queixadas ou mandar-lha dar.

Filotecnia Não me haveria por molher [144] se não pingasse aquela jóia. Quero-me ir, senhora, e depois falaremos.

Solisa Pois, senhora, não lhe esqueça de me mandar cá aquela dona que me disse porque a desejo muito conhecer e conversar.

Filotecnia Eu lha mandarei e há de folgar muito com sua amizade, porque é molher pera tudo o que dela quiserem e de muito segredo.

Solisa Em extremo desejo já conversá-la.

Filotecnia Nosso senhor, por quem, é nos console e aquiete.

Solisa Ámén.

Cena quarta.

Otonião, Régio.

Otonião Aquela molher que vos eu tinha dito foi ter com aquelas senhoras e fez mais do que lhe eu pedi. Não nas achou tão esquecidas de nós que lhe negassem ter [144'] algum conhecimento.

Régio Grandes cousas me contais. E não me pedis alvísseras?

- Otonião Antes estou em vo-las dar, por que me ouçais.
- Régio Dizei a tento que não sei se tenho esforço que baste pera vos ouvir.
- Otonião A senhora Gliceria, como moça isenta, lançou quanto ao primeiro meus cuidados à zombaria, mas a senhora Tenolvia tornou por mim e mandou-me grandes esforços de remédio, remetida porém ao tempo.
- Régio E haveis que é isso pouco? Não queria eu mais Frandes.
- Otonião Oferece-se a me ajudar em tudo e avisar-me do que me cumprisse pera cometer o que pretendia. O que eu disto entendo é não querer ela ficar por derradeiro, porque cada um pera si e Deos pera todos. Diz que lhe disse que soubesse de vós e tomasse vossa conversação e todo recado que lhe désseis, porque éreis tal e tal e mais honrado que as cabras de Beja.
- Régio Não me digais que tratou de mim.
- Otonião Falo-vos verdade. E nossa [145] amiga mostrou-me grande querença de desejar ver-vos.
- Régio Ora isso está bom e vai por seus termos.
- Otonião A senhora Tenolvia diz que vira cousas vossas.
- Régio Por vossa vida? Eu vos direi o que foi. Tenho ãa amiga que me escreveu há já dias que lhe mandasse novas de mim. Respon-di-lhe à sua carta conforme ao estado em que estou, a fim também de descobrir terra com o treslado que me ficou. E por vos falar verdade mandei-a a três partes em que tinha negócio e per meio de um seu parente sei que lhe foi lida.
- Otonião Ficou-vos algum transunto? Fazei-me mercê que mo mostreis.
- Régio Aqui cuido que há de andar o borrão. Vede-lo, aqui está com suas antrelinhas. E não no sabereis ler mas eu vo-lo lerei. Chamo eu a esta amiga o meu cuidado. E começa assi:  
Senhora cuidado, [145'] Bem creio que o não podereis perder de mim como nem eu os desejos de vos servir. Mas um e outros trago tão alheios do que me cumpre quanto o eu sou do meu. Já sei que me entendeis sem mais informação, que quem de mim tem tal lembrança não a terá perdida da minha manqueira, a que direis velha, mas moça ma conhecestes e cada vez o é mais nos desassossegos que por ela sente este espírito tão afeito a seus embates. Pelo em que me já vistes creio que me creeis, e pelo que não vedes crede que é mais do que sei nem posso dizer-vos. Folgai com meu bem, que inda que o dele não espero, tem-me o seu gosto tão boto o conhecimento que desconheço meu mal do que é. Donde vem que me não sei entender com minhas dores, porque se vou pera me queixar delas, quando me lembro de mim, louvo quem mas causa. E tal vivo que sou chegado aos dias em [146] que me não conheço ao espelho, que são uns olhos em que me vejo tão diferente do que era que o não sou já. Assi estava ãa noite das passadas tão perto da ãa hora e das paredes que me cegam quão longe de ãa memória e da esperança dela. Como seja verdade que poucas ou nenhñas se me passam que de seus doces bairros me não chamem os gatos pera a pousada, antre muitas lembranças que por me tirarem a vida em mim fazem azáfema sem ter fruto de suas diligências. Além das qualidades daquela noite, mais que doutra algũa, arrepicarem a

lágrimas, não sem elas vim cuidar nos seus olhos (ocasião do que sinto) e de como os meus deram entrada a seus corredores e consentimento na posse que d'alma tomaram. Querendo-os reprender dos azos que a meus males deram contra mim, disse com esta contínua como que me ouvisse, figurando que a via:

Meus danos naceram de olhos [146']  
vossos e meus. Ai não sei  
quais por mais culpados hei.

Dos vossos fui combatido  
n'alma deste pensamento,  
os meus o consentimento  
deram pera eu ser vencido.  
Ambos foram no partido  
de me perder. Eu gainhei  
se a troco deles me dei

Nos vossos olhos em verdes  
perco a virtude da cor,  
nos meus mostrais o poderdes  
enovar e tirar dor.  
Tomou-me antre ambos amor  
dos vossos a que me dei,  
eu peno se me enganei.

Eu vos sinto já, senhora, haverdes dó de mim como quem entende melhor que eu o meu perigo, e senti-lo tanto por o natural de vossa condição como porque sempre [147] o tivestes de meu mal. Dir-vos-ei porém o que passa, porque a quien su muerte duele con la causa se consuele. A dor muito grande adormenta o membro paciente pera sofrer melhor a aspereza da cura, tal o meu coração. Da causa que tem pera o que padece não somente passa meus danos com sofrimento mas traz-me neles enleado, de maneira que cuido que em os possuir me gainho. E tal é que em verdade não me pode vir cousa de maior sentimento que perder-me desta opinião, nem tenho outro contentamento salvo a segurança que em mim acho nela. Tudo isto é bom e mo louvareis por parte da minha lei. Se vos eu pudesse calar a pouca obrigação que tenho pera desculpa. Porque vedes vós, senhora, quantas quimeras de sentimento vos pinto ao natural do que as passo.! Fiz nelas profissão há bem de dias e inda não ousa de publicar-me a quem me nega a esperança. E a razão é:

Tolheu-me a fala meu mal, [147']  
por ais e suspiros digo  
o que em mim sinto comigo.

E se me entender quisesse  
quem eu entender queria,  
nos olhos claro veria  
o que quis que eu padecesse.  
Tolheu-me que não dissesse  
amor que fujo e que sigo  
mas suspirando lho digo.

Tão estranha é minha dor  
que tolhe poder dizê-la,  
tem por remédio o sofrê-la  
e morrer fora o melhor.  
É claramente d'amor  
segundo sinto comigo  
mas a causa só não digo.

Mouro e não se me conhece,  
por quem mouro não mo sabe,  
saber-se-á quando se acabe  
a vida que assi padece. [148]  
Tudo me dana e me empece,  
falar é mortal prigo,  
calando mouro comigo.

Agora, senhora, julgai-me como quiserdes que quem torto nasce tarde se endereita, esta é a verdade, ordens são dos planetas tão intrincadas que parece que não há senão cruzar. Por isso já que hei de ir assi como forçado vou voluntário. Mas tudo é dar vozes em deserto, que quando Deos não quer santos não rogam e assi nada me val. Tem a minha fortuna uns sestros tão desviados do bom efeito que o que a todos pode dar saúde me desespera dela. Só um descanso tenho, este é: ser tão satisfeito dos meus pensamentos que não sei preço por que os trocasse. Por onde na maior afronta de minhas desesperações digo sempre:

Que não se alcance vitória [148']  
da guerra deste meu peito,  
se dela ficar memória  
eu me dou por satisfeito.

Outro despojo não quero  
salvo que fique em lembrança  
que amo sem esperança  
e que assi morrer espero.  
Esta será minha glória,  
com isto estou satisfeito,  
nem quero maior vitória  
que a que trago neste peito.

Sei que por morte ou por vida  
não posso tanto encobrir  
que não me seja sabida  
qual delas por vós sentir.  
Converte-se a pena em glória  
em ser da dor satisfeito,  
nem pode ser mor vitória  
que caberdes-me no peito.

A vós, senhora, não vos pareça má opinião [149] esta, que vos não hei de consentir tal engano. Soltai rédeas à imaginação e no primor em que vos anteparar me julgai, que mui fouto irei ao juízo. E assi me eu veja em estado de esperança como tudo hei por nada ante ela. E se me a fortuna fora tão liberal dos bens como dos pensamentos não quisera mais prova da minha verdade. Inda que pera com quem a eu trato não há necessidade de experiências, porque é tão discreta, confiada e certa do que de si sabe e presume que não duvida, antes tem por sem dúvida, que tudo se lhe deve sobejamente. Donde é também escuso ofender a pureza de seus ouvidos com a rudeza dos meus sentimentos. Sei que mos conhece e c'os olhos do entendimento me vê e ouve mais do que lhe deles posso dizer. Não me culpa nem mos estranha, tal é sua discrição que não lhe foge que lhe pago páreas d'amor de que todo juízo que a souber sentir lhe é tributário, a qual especialidade presumo que o meu mais que outro algum [149<sup>a</sup>] alcança. E não longe deste fim, estando à vista dela em meu espiritual pasto lhe falei antre mim há poucos dias neste soneto:

Senhora, já ante vós o meu gemido  
assi mudo publica seu desejo.  
Que me entendeis nos vossos olhos vejo,  
do mal que sinto sou deles sentido.

Eu me rendo contente em ser vencido  
na mor força da dor e do tormento,  
de vós pretendo só consentimento,  
outra cousa esperar nunca atrevido.

A conselhos sou surdo e como mudo  
nem morrendo ousaria publicar-me  
nem de vida tomar outra esperança.

Sustento a alma no gosto do que cudo,  
se morrer, de mim posso a mim queixar-me  
sem remédio d'amor, sem confiança.

Vedes aqui, amiga senhora, o de que me contento. Tem o meu espírito a tempos entradas com o seu, conhecem-se, não se [150] falam,

sentem-se, dissimulam. Disto vivo, e que não viva nem pareça contente a quem me vê... Estas particularidades reservou a alma para si, ela as entende sem as comunicar comigo. Não me acha, parece, cá paz de tão altas visões, diz-me que à causa só pertence entendê-las. Eu, como me prezo do sofrimento, abaixo-lhe os olhos, curso meus dias em que me menistro e descubro as ocasiões e azos de tudo o que padeço. Fiz termo em desesperado, esperando a hora final. Quando a cuido, faço-me de mil cores, quero-a desejar, lembra-me o que padeço, quero-lhe fugir, vejo o impossível. Nestas diferenças há ainda outras muitas e mui diferentes. Mas olhai-me como quiserdes que tudo em mim vereis amor. Quando chego a desejar liberdade pelo aperto em que me põem minhas dores, então a tenho e espero muito menos. À boca da noite a vi em ãa janela de que me achei perto e sem me ela conhecer estive em lhe falar. Nunca [150'] viva em mais descanso que o que tenho, se pude mandar os membros, tudo se me tolheu e tolhe. A este propósito depois comigo dizia, falando com ela, tomando isto por meio de não abafar:

À minha boca a língua, de mesquinha,  
na voz de meus suspiros se apegou  
quando a dor d'alma grande a vós tentou  
descobrir a razão que por si tinha.

Tinha-me em olho a má fortuna minha,  
achou tempo e sação, não esperou.  
Sabe amor em quanto me danou,  
cruzei-me ante o temor que dela vinha.

Grave dor, doce dor desesperada,  
ditoso mal, ditosa opinião,  
dura pena estimada e mui querida.

Pensamento, ah triste alma atribulada  
na dor muda, apurada na afeição:  
morte se chama e não vida tal vida.

Desta maneira, senhora cuidado, a passo. O ser boa ou má leixo a vosso parecer que [151] eu em nada o sei certo por as incertezas de vida em que ando sobre ser tão certo no que quero que per nenhũa via quererei al. Há-se de fazer em mim possível o que a todos parece e é impossível, por que se veja o extremo a que se deve todo outro. A mim nada se me agradeça, pois cumpro com minha obrigação. O meu conhecimento tomara estimado e minha opinião aceita. Se aqui chegasse não há mais que pedir nem de que haverdes dó de mim. Pera o que com as obras me ajudai no que vos couber, como com os desejos, que se o socorro de quem meus males sente me não vale, de quem se com eles goza nada devo esperar. Estas são as novas que de mim vos sei dar, de não serem as que pedis seja a culpa dos meus

fados. Não que lha eu dê, antes lhe sou devedor da sorte de meus pensamentos, que nas cousas grandes assaz é desejá-las, e o sentir o bem louva-se e não se culpa. Beijo as mãos a vossa mercê.

Otonião Eu vos digo que está gentil carta [151'] essa e que foi boa a invenção de vos publicardes pera poderdes ser ouvido sem escândalo.

Régio Foi assi mais dissimulada e menos perigosa e descobre melhor a terra.

Otonião Mas disse-me, senhor, sabeis vós certo que a viu a senhora Tenolvia?

Régio Si.

Otonião Logo por essa razão disse ela que vira já cousas vossas. E mais, segundo nossa amiga diz, tomara de boa mente outra carta.

Régio Dir-vos-ei como será: quanto ao primeiro é necessário peitarmos nossa procurador pera a molificar e cevar no gosto do proveito, que não sei quem seja tão inteiro que atravessando-se-lhe o interesse não se lhe incline. E, como a tivermos obrigada, nela está a chave do jogo.

Otonião Eu sou disso, que quem não dá o que dói, não há o que quer.

Régio Fiai-vos de mim. Sabeis que cousa é peitar? Segurar negócio e abreviar tempo. Ride-vos de amizades e conversação que mais acabem, que a mãe e a filha por dar se fazem amigas. Mandemos-lhe [152] ãa peça de sarja e outra de holanda, e mandar-lhe-eis dizer que estais doente, lançaremos sangue no lançol que pareça que vos sangraram. Ela é tal pessoa e tão pontual que não escusará vir ver-vos, e vindo ela, leixai-me com o negócio.

Otonião Parece-me isso muito bem, e deveis ter feita ãa carta, e já sabeis que é pílora pera o bucho de ãa dama que revolve os espíritos. E mais molheres tão ençarradas que desespero podermos nunca conversá-las, dá-lhes em que entender.

Régio Nisso estou que elas querem-se traquejadas. E não vos vades per i de vos parecer que por seu encerramento não se espera sua conversação, que como elas entrarem no bailo nunca lhes faltam meios. O amor não se ceva senão de foutezas e atrevimentos e de fazer fácil toda impossibilidade. E daqui vos faço bom, se a senhora Tenolvia aceita meu serviço, que não vos vá mal que ela terçará por vós a unhas e a dentes.

Otonião Entendido [152'] tenho que sem ela não posso vogar.

Régio Ora leixai fazer a Deos que é santo velho. Sabeis que eu também queria pera o negócio correr com mais fúria? Ver se quer Alcino dar também em que entender a esta nossa amiga, porque assi penhorada da afeição, em que também lhe faremos parecer que nos há mister a nós, fará finezas, que por isto se disse: háceme la barba, haréte el copete.

Otonião Não me parece isso mal. Mas a minha senhora, com tanto passear como o seu que nunca dobra pé, não deve de estar vagante. Quanto mais que estas de má mente se leixam traquejar de gente manceba, porque as desdouram e desacreditam e não são tão certos nem elas tão senhoras de si e deles.

Régio Vós falais verdade. Porém, como de sua natureza são amigas de provar muitos vinhos, poucas vezes escapam aos azos de boa conversação. Antes sempre aquece gastarem com polhastros o que

ganharam com sesudos. Todavia a [153] hei de encomendar a Alcino, se se lhe azar, por que joguemos d'ambas as mãos, que ele águas lhe viu de a não sobressaltarem dous requebros.

Otonião Não queria que a escandalizasse e entornássemos tudo.

Régio O tempo nos dirá o que faremos. Agora vamos ordenar nosso presente.

Otonião Vamos.

Cena quinta.

Barbosa, Hipólito.

Barbosa Vossa mercê, senhor, sabe o que eu tenho sabido de vossa amiga, a gentil Florença, la bella?

Hipólito Quê, por vossa vida?

Barbosa A trezentos corvos a vós dai, que assi se fez matreira. Vai-se, parece, pela regra que diz: cousa que não pode fazer mal, não pode fazer bem. E como no carecer [153'] das cousas está a estima delas quer-se-vos encarecer e fazer-se estimar com vos mentir.

Hipólito Como assi?

Barbosa Tem esta noite pagode com o seu caixeiro.

Hipólito Quem vo-lo disse? Como é possível, se me ela jura que o não pode ver nem tinto em parede?

Barbosa O velhaco de Parasito, que é também convidado pera regozijar a festa com a sua guitarra.

Hipólito Isso foi concerto da porca velha da mãe, que Florença, como vos disse, desenganou a Sevilhana que lhe veio falar por ele sendo eu presente.

Barbosa Outra que melhor baila! Sabe essa mais conluios que um alquimista. Que me matem se não foi maçada, que essas todas estão de fala contra seus amigos e nos olhos se entendem de improviso pera ãa dessas. Por isso dizia o outro: da má mulher te guarda e da boa não fies nada.

Hipólito Não me ficou por cuidar tudo, mas não vi conjunções pera isso.

Barbosa Vós, senhor, não lhe tevestes inda o pé ao ferrar como eu. Achou-lha [154] logo o caixeiro pera triunfar de seus desenganos, porque boca que diz não, diz sim. E cortem-me as orelhas se lá não tem ido despois dos feros quantas vezes quis.

Hipólito Eu vos direi, nada disso duvido porque a mãe esteve em grandes práticas com ele.

Barbosa Isso basta?

Hipólito Si, mas Florença dizia que tinha a velha jurado de nunca mais perro al molino.

Barbosa Jura má sob pedra vá. Que alma a da mãe pera, em lhe acenando com interesse não ir como abutre à carne morta. Pois a filha... de mala berenjena, nunca buena calabaza. Vós, senhor, não lhe sabeis cortar de

vestir, elas sentem-vos mavioso. Sabeis que diz o castelhano? Pera mal de costado es bueno el abrojo.

Hipólito Bem dizeis vós, se eu tivesse pera lhe dar todo o necessário eu a meteria nas encospas, e portanto quem mais não pode, com sua mazela morre. De homem pobre nunca neste trato espereis bom feito. Se eu pudesse dar um beijo ao cofre de meu pai!

Barbosa Arte vos [154'] leixou a vós cá o Maio.

Hipólito Todavia parece-me a mim que lho hei de visitar, porque já tenho consultado com minhas irmãs que tomem o molde da fechadura em cera pera lhe mandar fazer a chave, e o primeiro dia que minha mãe for fora sem elas faremos batalha.

Barbosa Não é melhor ãa gazua?

Hipólito Já a provei e não aproveita.

Barbosa Se lhe eu chegasse ao rabo com ãa que tenho, que me açoutassem se a não fizesse vir a furo.

Hipólito Vós andais destro. E tornando a Florença, eu hei-lhe de fazer este serviço, que nós havemos lá de ir, e se o galante estiver já de posse será posto no andar da rua com gentil ordenança. E se eu for diante... quem primeiro anda, primeiro manja, ele se pode lograr do sereno. E se quisesse sua boa dita que tenha mandado a cea, nunca seria triste.

Barbosa Pois dir-vos-ei como será pera que a cousa corra por sua ordem. A la misma hora darei rebate a quatro rufistas da minha cevadeira por que em um assopro dizendo e [155] fazendo lhe lancemos as portas fora do couce e lhe façamos buscar meijoadas per esses telhados. Pois Parasito? Si el caballo bien corría, la yegua mejor volaba. Muito mais ligeiro é dos pés que da língua, e o mal é que se correrá ele de o deixar no campo a boas-noites.

Hipólito Não sei agora cousa que não desse por me ver já nisso e o achar, por me vingar da torta da mãe que me faz toda guerra, e as assombrar que saibam que me não podem meter dado falso.

Barbosa Andai por aqui, vereis como vos sirvo. E porque sois polhastro bisonho, dir-vos-ei alguns preceitos que vos são necessários pera irdes cursando nas leis da nobre gualtaria. O prossuposto desta cousa seja o que diz o castelhano: no querer ferir ni matar no es cobardía sino buen natural. Porque se os que andamos no campo do amor houvéssemos de ir ao cabo com tudo não haveria corpo, por mais que fosse de aço milanês, que pudesse sofrer quanta costura lhe seria necessária. E por atalhar a cada dia [155'] andar com sorurgiães a costas assentaram os rufistas jubilados, so pena de ser havido por bisonho e nenhũa iça copiosa nem roqueira estar da sua mão, que nenhum rufião lançasse mão à espada salvo depois de ter gastado toda a pólvora da linguagem. E chegado a este termo, de lhe faltarem os mantimentos e ver-se em cerco, aqui tem licença pera responder com as mãos ou falar com os pés, segundo o tempo e estômago lhe conselharem, porquanto o al é de homens curtos da razão e mancebos sem experiência. Por o que no princípio e entrada desta ordenança costuma-se antre bons amigos armar cavalheiro o novel, encarnando-o em algũa briga em que da sua parte haja grande vantagem e da contrária muita fraqueza, porque se

ceva aqui e fica-lhe crédito pera depois, com se escusar de brigas, ficar tido por confiado e não covardo. E é grão terço pera sustentar as pazes o ser havido por valente, por o receio que um [156] tem doutro. E quando isto não se aza fazemos um arroído, feitiço em parte pública, em que o novel entra como um Heitor e, feridos os ares e as espadas amossegadas humanamente, fogem-lhe os salteadores e ele fica havido por ronca, bufando e dando a taramela de rapazes, cabrões, etc. E sobre isto nos vai dar um beberete pera que lhe dêmos sua carta de examinação e cura que lhe vale mais que ùa de seguro. Armado assi rufista, pode usar de suas liberdades que são: fazer feros em ausência e em presença havendo companhia em meio, açoutar a sua iça se lhe não tiver bom vinho por se mostrar mais denodado, meter em brigas os companheiros e lançar-se de fora, arrepelar qualquer boneja de que lhe a sua fizer queixume sem licença de seu rufista, com o qual, indo a desafio, cortarão somente pelas capas e pera reconciliação assentarão que castigue cada um a sua por ser brigosa e se escusar matarem-se dous homens, [156'] e castigadas as farão amigas e irão de companhia merendar às hortas. Em todo lugar em que houver despartidores em meio seja insofrível, e por um nada ronque como mar bravo e fique melhor das palavras, que depois, homens bons, pichéis de vinho, toda vingança é muito trabalhosa de tomar. E nestes passos sabeí que homens curtos e desprovidos destas cautelas muitas vezes menoscabam sua honra, e roubam-lha covardos destros nesta arte. Digo-o ao tanto porque não vos quero hoje ensinar tudo, que vos esquecerá. Mais dias há i que lengoniças. Por agora basta o dito pera que me leixeis fazer a tento esta assoada e aprendais e não queirais fazer valentias onde não são necessárias.

Hipólito E que mau será escandalizar o galante pera que não ouse vir-lhe a casa?

Barbosa Não vos cumpre afrontá-lo por que não perca Florença o proveito que não lhe podeis dar. Só a ela e à mãe haveis de enfadar por que vos temam e não dem as vossas horas, que é desprezo e caminho [157] doutros atrevimentos que não se fazem, salvo aos que elas chamam pato, homem que não entende e que não hão por da osma.

Hipólito Pois como ordenais esta cousa?

Barbosa Cobri a tolosa, tomai vosso cubrante e quadra e i-me esperar em a sua travessa, que em um credo sou convosco com a manalha, e faremos maravilhas.

Hipólito Não haveis de tardar, que eu vou já.

Barbosa Perdei o cuidado.

Cena Sexta.

Parasito, Macarena, Crisófilo, Florença, Hipólito.

- Parasito Enquanto a cea se adereça, bon ami bibamus por amor da senhora Florença. Oulá, d'orelha é o vinho, por sam Pisco. Aqui sou eu homem e não a furtar uvas, ca minha dona e eu nos aviremos [157'] com este companheiro. Vós lá tende vossos requebros e boa prol vos faça.
- Macarena Não me hei de negar, que homem vergonhoso o diabo o trouxe a passo.
- Parasito Boa bênção. Dá nó e não perderás ponto, antre ponto e ponto mordedura d'asno.
- Macarena Será pera o caminho.
- Parasito Pois dona, temperai lá essa cousa e lembrai-vos de mim a seu tempo, pois vos eu agora socorro a secura com este sangue da terra, de quem o francês diz que faz o bom sangue se é bom e o mau nunca o Deos cá dê. Oh grande senhor Baco! Oh melhor licor dos licores! Este cria o corpo, dá saúde, sustenta e conforta mais que todo outro manjar. Amigo da natureza humana, alimpa o sangue danado, abre a boca das veas e entrando per elas desfaz o fumo que gera tristeza e dor, aguça o entendimento pera cousas sutis, dá esforço e força aos membros. Nenhũa cousa assi claramente mostra sua virtude, presta pera toda compreição, em toda idade [158] e em toda terra. Pera os velhos porque lhe tempera a frialdade, pera os mancebos porque é conforme com a sua idade, e pera os meninos porque lhe desseca a humidade que neles é sobeja. Chamavam-lhe os antigos triaga grande. Aqueuta ao frio, arrefenta o quente, amolenta o seco, seca o húmido, per a sua sutileza leva a água pelas veas. O que bem cheira é bom e faz proveito, o grosso e sem cheiro faz roins humores, o azedo é vilão roim e benzer dele. O vinho claro é sutil, faz vontade de comer (mas pera isto bem posso eu escusá-lo), faz os homens piadosos e humildes.
- Crisófilo E vós dir-lhe-eis mais virtudes que à madre Celestina.
- Parasito Como quem nunca em al estudou, pois o mal é que vos falo eu senão o próprio Dioscórides, Hipocrás e essoutros cabrões argueireiros, porque eu, senhor, sou mui odorado de secura e a água enxaugua-me o estâmag. E mais dizem-me que gera juncos no bucho que picam [158'] o coração e matam. E não quero morrer empicado como soldado e, por isso, sou muito inclinado a este licor de Caparica. E como homem é obrigado a entender das cousas que trata quis assi saber o centafolho do vinho e sei-lhe os intrínsecos. Já de conhecer o bom, nunca o bêbado de mafamede aqui chegou.
- Macarena Disso todos sabemos um pouco, não darei ventagem ao mais pintado.
- Crisófilo E eu, senhora Florença, parece-vos que a darei ao mesmo Mancias no amor? Que diferentes cuidados e que diferentes desejos.
- Florença Cada terra com seu costume.

- Hipólito Quero escuitar se ouço algũa cousa, que a porta está fechada e deve ser de ter já recolhido mantimento pera a noite, que doutra maneira não se fechara tão cedo.
- Florença Parasito, mano, queres dizer algũa cantiga que me alegre, já que gabaste o vinho a teu prazer?
- Parasito Se vós sois a minha senhora, como se vos pode negar nada? Farei de mim mangas ao demo por vos contentar, [159] e diga esse senhor ou faça per si como eu disser por mim que assi diz o sengo.

Custe-me embora a vida,  
do vosso gosto, senhora,  
não se perca ãa só hora.

Sejam meus olhos quebrados,  
moura meu contentamento,  
meus dias abreviados  
à força deste tormento.  
O gosto e vida consinto  
que se percam; vós, senhora,  
não percais de gosto ãa hora.

Em que mui grave me seja  
não vos ver, sofrê-lo-ei.  
Padeça a alma que deseja  
o que já desesperai.  
Se por amor vos errei  
eu me castigo, senhora,  
com vos não ver cada hora.

Não está má esta letra, e fi-la eu a ãa casada [159'] que me mandou que não aparecesse em ãa certa parte por a sospeita que se criava de mim. E vai-se cosendo com o propósito, como punhete com a terra em tempo de noroeste.

- Hipólito Como está práctico o calaceiro de Parasito. Eu seguro que tem lançado já em si mais de canada. Mas quão prestes se há de fazer do meu bando se me vir de vitória.
- Florença À fé que está o vilancete muito bom e que folguei muito de o ouvir.
- Parasito Assi vos sei eu dar prazer.
- Crisófilo Dizei à senhora Florença as trovas que fizestes no dia dos finados a vossa dama.
- Hipólito Como o cabrão está grave e sensabor. Galantaria imprópria descobre grandes faltas. Apostarei que está Florença em extremo enfadada. Forças do interesse, que abate juízo, gosto e liberdade.
- Parasito Pola servir não há cousa que não faça, mas com condição que há de dar depois comigo um par de voltas, porque vos quero mostrar como sou airoso em bailar com damas.
- Florença Tanto [160] mo podeis rogar.

Parasito Eu vos direi, quando não quiserdes bailarei com minha dona, que me há de manter jogo à mesa e deixar morrer como homem.  
Macarena O demo a chore.  
Hipólito A bêbada da velha como é de boa avença, até que morra há de ser aquela. E o valhaco por lhe haver à mão o dízimo do que der o mercador a Florença festejá-la-á melhor que a ãa menina de quinze anos.  
Parasito Sobre esta cabeça de sardinha beberei ãa vez.  
Florença Ora dizei as trovas.  
Parasito Que me apraz, diz assi:

Neste dia òs finados,  
pois me trazeis na memória  
mais que morto,  
rezai-me os desesperados  
sem dizer requie nem glória  
nem conforto.  
Que eu me tenho por defunto  
no que vejo  
que vós, meu bem e mal junto, [160']  
fizestes ser tão sobejo.

A alma não está segura  
no peito que desconheço  
de coitado.  
Na dor o espírito se apura,  
consinto o mal que padeço  
desesperado.  
Os sinos dobram por mim,  
eu me choro  
que se me dilata o fim.  
Minha sentença decoro,  
olhai por vós a que vim.

Pelo muito que vos quero  
desprezo toda outra vida.  
Esta morte  
é a que pretendo e espero,  
seria, se sois servida,  
boa sorte.  
Desejo o que não quisera  
pois não posso,  
o que me já desespera. [161]  
Chego a pesar-me ser vosso  
que se o não fora vivera.

Por muito mal que sentira,  
por mais dor que padecera

já passara.  
Se de mim pesar vos vira  
este só bem que tivera  
me bastara.  
Mas quer vossa condição  
ser tão forte  
que em pago desta afeição  
consentis em minha morte  
de que sois ocasião.

Por amor vos mereci;  
não desmereça, senhora,  
pois o tempo  
e razão gritam por mi.  
Dai-me de folgança ãa hora  
ou momento  
e neste dia assinado  
de conforto [161']  
dos tristes, qual eu coitado,  
lembre-vos quem tendes morto  
da vossa vista privado.

E sabeis por que digo isto? Porque a rapariga é avenada, toma-lhe logo ãa contínua que nunca sai da janela. Enfada-se de me ver, que lhe ando sempre como Satanás diante. Por me queimar o sangue não parece a sol nem a lua todo um mês e, por isso, lhe mandei as sobreditas.

Hipólito Que vida leva um vadio destes, que não teme nem deve. E, contudo, é tão tirana a melancolia que também a tempos reina nestes, que é muito pera ver.

Florença E vós quereis-lhe bem?

Parasito Quem, eu? Como trinta. Bebo os ventos por ela, assi asnos vistas. E por vida deste corpo que me queima as pestanas com qualquer cacha que me faz. Vem a bogia caiu-me no chiste de lhe eu querer bem e, como vós outras sois todas de revenditas, acertou que lhe disseram que dera eu ãa música [162] a ãa padeira nas costas da sua rua. Foi, senhora, a sua manencoria tamanha que em me vendo ao outro dia benzeu-se como do demónio. Eu tiro-lhe o barrete e ela, de bem ensinada, desfecha-me com duas figas e dá-me com a janela nos focinhos, que foi pera mim dar-me com ãa péla de chumbo nos peitos. Foi a minha paixão de maneira que me fui lançar antre as hortas e chorei todo aquele dia.

Florença Ai maochas, todo vós estais cortado.

Parasito Por este céu que nos cobre e por aquele mar sagrado que é verdade. Não havia em mim paciência. Ali lhe estive fazendo ãas trovas d'escacha pessegueiro.

Florença Por amor de mim que mas digais.

- Parasito Quem quereis que vos negue obediência, dando-vo-la esse senhor que aí tendes mais sojeito que Hércules a Ônfale?
- Hipólito A comparação é própria, assi te medre Deos. Daqui a pouco mo direis vós e ele.
- Parasito Ora ouvi rimar, vereis se chegou aqui nunca [162'] Badajoz.

Senhora, em que vos errei?  
Que farei?  
Que mal se pôs antre nós?  
Não nos vemos eu e vós?  
Vede vós se o sentirei.  
Dos olhos em que me vejo,  
cada vez mais avarenta,  
que quereis que disto senta?  
Mouro à mão deste desejo  
se esta morte vos contenta.

Se cuidais que hei de viver  
sem vos ver,  
senhora, mal me tratais  
que eu não vivo pera mais,  
o al é claro morrer.  
Prezais-vos de ser sofrida  
à custa de minha dor,  
sinal é de desamor  
e de ser desconhecida  
a tão verdadeiro amor. [163]

Passo descontente o dia  
em porfia,  
c'os olhos por ver esperto,  
as onças e por acerto,  
um momento de alegria  
E nas noites desvelado,  
em suspiros me estilando,  
antre mim sinto chorando  
não ser ante vós lembrado.  
Deos sabe qual disto eu ando.

Não me sejais tão esquiva  
por que viva,  
que se amor e razão val  
deve ser vosso o meu mal  
pois tendes a alma cativa.  
Não me gasteis o meu tempo  
em desgostos e esquivações,  
motais-me em desconfianças,

vosso desconhecimento  
rouba minhas esperanças.

Vós tendes de vossa mão [163']  
meu coração  
pera tudo o que quereis,  
pois dar-me vida podeis  
não ma negueis sem razão.  
Olhai que se passa a vida  
sem vida e sem fundamento,  
minha dor e meu tormento  
me serão, se sois servida,  
descanso e contentamento.

Já que isto sabeis que é assi  
comedi,  
que mor obrigação é  
merecer-vos minha fé  
que o tempo que é contra mim.  
A mercê mais se agradece  
que se faz liberalmente,  
se em vossa alma amor se sente  
senti que a minha padece,  
folgai de a fazer contente.

Dai-me de vos ver ãa hora,  
ó senhora, [164]  
pera mil contentamentos,  
que sem vós todos momentos  
de pesar alma me chora.  
Cansai já de assi cansar-me,  
fazei-me o que vos mereço  
que por vós e por mim peço  
a vós e a mim o salvar-me  
de um desejo que padeço.

Ora notai agora como fui discreto, que não me dei por achado das suas  
figas, porque era caso de injúria. E, a mostrar-me tomado dela, fora  
necessário tornar por minha honra que não se podia sanear salvo com  
a tomar em couros e dar-lhe ãa estafa, e eu darei antes em mim.

Hipólito Mas em ãa borracha, que este não é pera fazer mal a ãa gata.

Florença Mas de verdade sois muito namorado?

Parasito Está por nacer quem mais servo for do amor.

Florença E amor que cousa é?

Parasito Ninguém vos saberá dizer disso mais que eu e, se quereis ouvir, fazei  
silêncio. Saberei, [164'] todavia, de minha dona primeiro em que  
ponto está a cea, porque estes bocejos que me vem são arripiques de  
fame e não queria que se me dessecassem as gorgomelas de maneira

que fosse necessário valer-me de apistos com colher, que é um perro estado, porque mal vai a raposa quando anda aos grilos.

Hipólito Oh, velhaco é! Quando o rio vai cheio, todos os caminhos vão ter à ponte. Todo seu cacarejar é granjear a negra cea, mas eu o farei ficar em branco, se posso.

Parasito Que dizeis lá dona, benzerei a mesa?

Macarena Inda tendes tempo pera vosso parolear.

Parasito Vá sobre vossa alma. Vossa palavra vá diante pelo canal do moinho abaixo, que inda vós esta noite haveis de ver as candeas diante os olhos, segundo a cousa vai.

Macarena Eu vos direi, perto está a cama.

Parasito Quem se bem estrea bom ano lhe venha, hazme la barba y haréte el copete, que o brindar há de estar à minha conta. Como tangerdes [165] assi vos bailarão.

Hipólito Por isso a torta da velha não me pode engolir, porque não lhe dou beberetes. Hei-lhe de lançar Barbosa que ma açame e juntamente marterize com açoutes, por que gosme o comido e me sofra, que ela não me pode tragar.

Parasito Sabido tenho que ninguém teve nunca a fortuna tanto da sua mão que lhe faltassem muitos contrários à sua opinião, donde vieram as seitas diferentes dos filósofos. E naceu isto do grande amor que naturalmente temos à verdade, e cada um pretende dar com ela.

Hipólito Ao menos vós falais muita.

Parasito E, portanto, não vos hei de contar os tremores, esperanças, sospeitas, ciúmes, cuidados, pensamentos, tormentos, penas, trabalhos, ais, suspiros, gemidos, dores, desavenças, reconciliações, guerras, tréguas, aquele blasfemar da fortuna, culpar os deoses, maldizer a natureza e todas as mais blasfémias que esses cabrões dos poetas dão por calidades [165'] do amor, dizendo que inflama os peitos de ardor mais contino que o das ilhas Vulcanas e o monte Etna, e encrava os corações de setas ervadas e mortíferas. Dos olhos faz fontes perenais de lágrimas, os sospiros como furiosos ventos, e a menos maravilha que faz é viver sem alma o corpo do paciente, porque tudo isto é de longas vias, longas mentiras e pintar como querer. Vereis um destes contemplativos que faz solilóquios com sua dama: se entra em a louvar chama-lhe ídola, os seus passos florecem tudo o que pisam, os costumes que nem Minerva nem Palas postas nos bicos dos pés lhe dão pelos calcanhares, os vestidos celestes, o passo real, as palavras que amansaram o mar, cabelos d'ouro, sobranceiras de til, olhos duas estrelas resplandecentes, as faces de rosas vermelhas, beijos de fino coral, dentes de marfim, o peito de leite, as mamas pomos, as mãos de neve, as unhas de pérolas... E tudo isto [166] é a mesma mentira. Vão pera marmanjos que erram toda a barreira em claro. Tudo é já velhice e andar pelas ramas. Sabeis em que está a fonte do amor? No que diz o sengo: quem me quer bem diz-me o que sabe dá-me do que tem.

Macarena Assi digo eu aramá, que todos essoutros ademães são mentiras.

Parasito Isto é falar ao pé da letra e não andar com trinta línguas.

- Hipólito Como lhe quadrou à velha má o interesse! E o valhaco linguaraz o demo fala dele, é ataimado e nada lhe fica por dizer nem entender.
- Macarena Por isso dizem não dá quem tem, senão quem quer bem e mais vale um toma que dous te darei. Quando eu era moça, que diferentes namorados dos deste tempo. Tudo eram franquezas e dar mais do que tinham. Valia mais o que eu então desperdiçava que quanto agora aproveito. Homens de boa ventura, corações sem malícia, não os cegava o interesse. Pelo seu gosto nada estimavam. Aquelas maias que [166'] punham, aquelas lampas, aquelas alvoradas, comer e beber e boa ventura. Não se tinha por homem o que não fazia extremos por sua dama. Agora, bofá meimigos, rolha! À fiúza de parentes cata que merendes. Todos fingimentos e malícias, comprir com seu apetito e então viste-te do teu e chama-te meu. E é tanta a falsidade do coração humano que onde mais conversação mais pouca fieldade e mores cautelas. E porque isto digo, que o sei mal pecado do que tenho visto, dizem-me que sou interesseira. Querem que estemos aqui com portas abertas pera seus passatempos e depois comer do está quedo ou picar no dente. E a culpa é da parvoíce das molheres, que são já tantas e tão baratas que as não tem em estima.
- Hipólito Todas as suas razões hão de ser sobre rodear seu proveito. Quam certo é crecer a cobiça na velhice.
- Crisófilo Isto me deveis, senhora Florença, que não desejo ter poços [167] de ouro senão pera vós. E se vos conhecesse o amor que vos mereço nada teria próprio.
- Florença Essa é má escusa.
- Crisófilo O coração vos quisera.
- Florença Esse, senhor, se o não tendes por vosso sabeí-o ganhar e obrigar, que humano é pera tomar a tinta das obras que lhe fizerem. Esquivança aparta amor, boas obras homezio, e se isto é em peitos imigos que fará nos amigos? Crede-me que ninguém procurou amor que o não alcançasse se lhe sabe buscar os meios per que se aquire.
- Crisófilo Não me faltariam eles nem diligência se me valesse.
- Florença Já digo, senhor, parece-me isso escusa de mau pagador e que pelo seu coração julga o alheio, pois eu molher sou de carne como as outras.
- Crisófilo E eu homem como os outros.
- Parasito Ora eu quero repartir estas contendas e, por que não repeleis o juiz, darei a sentença por minha dona, que tem razão no que diz. Que se eu molher fora, à minha fé, pintado houvera de ser o [167'] ganhão que me vencera, que das molheres fazerem muito pelos homens vem a serem desestimadas deles. Amiga Florença, quem quiser comer depene; estima-te, serás estimada; não te fies de galhoupitos. Aferra-te a esse fidalgo que te poderá tirar de lazeira e fazer de ouro e d'azul que o al é burla. Essoutros picões, unhas de fame, que se dão um ducado toda sua vida o choram, não nos armam, são gente baixa.
- Hipólito Oh bêbado cabrão, quem te quebrasse os focinhos. Medrarei com tais conselheiros? Não hei de ter vida com esta enquanto estiver com a mãe, porque haver cada dia de curar corações corruptos de sua

- inclinação é trabalho sem fim e querer secar o mar, que o mal d'alma pelos olhos e ouvidos entra, e encovado é muito mau de desencovar.
- Crisófilo Dizei-lhe muito disso, quiçá vos crerá.
- Florença Mas tornai à vossa prática dos amores, que folgava de vos ouvir.
- Parasito Eu mais quisera já comer, se a torta da [168] vossa criada acabara de assar, mas pois que assi é, beberei sobr'esta alcaparra. Outro vinho é este e não mau, por esta barba. Tomai dona, vede lá se vos arma. Forrar por dentro ãa vez, e mau grado a roupões de martas.
- Macarena Enquanto eu tiver deste, pouca roupa hei mister.
- Parasito É morta por se fazer moça.
- Hipólito Vai tardando Barbosa com sua companhia e eu estou-me fregindo em cuidar como está concho meu competidor triunfando das minhas mágoas, e Florença esquecida delas. Por isso dizem: quem mais não pode, com sua mazela morre. Não de balde diz Ovídio que faz Amor amar com a seta de ouro, porque este em peito avarento acaba tudo. Danaí com a chuva de ouro emprenhou, Atalanta com as três maçãs d'ouro foi vencida, e com ramo de ouro deceu Eneas aos infernos e lhe foram abertos. Assi que este faz campo franco qual ora o tem o galante. E a seta de chumbo fez fugir Dafne do amor, que na verdade [168'] pobreza nunca em amores fez bom feito.
- Parasito Ora seguindo meu propósito, dir-vos-ei o que ouvi deste rapaz do amor. Diz que no dia do nascimento de Vénus, que os deoses celebravam com grande solenidade cada ano, foi ãa vez feito um grande convite ao qual veio Poro, filho do conselho e deos da abastança. E, como nunca falta um roim, veio também Pénia, deosa da pobreza, pera se prover dalgũa miséria do sobejo. O regozijo foi grande e, como destas festas sempre alguns saem músicos outros tártaros e muitos com frieiras nos pés, aqueceu que o senhor Poro se meteu tanto naquele néctar dos deoses que se emborrachou e foi-se deitar a cozer no horto de Júpiter, e Pénia junto a ele, donde se lhe azou nacer o Amor filho da abastança e da pobreza. O que em caso que vos aos dous aquecesse diríamos que nacera da riqueza e da fermosura, que era mais honesto.
- Hipólito Como este ladrão os granjea e lisonja, [169] e os carretos que traz pera antre graças segurar ou abonar o partido do senhor pelo que dele pretenda.
- Parasito E ouvi como está delicado o conto, porque não falo a lume de palhas. Nace o amor de Poro que é a boa razão e de Pénia, desejo, que está claro proceder da necessidade e falta, donde o juízo claro envolto com o desejo faz Amor fino como coral. A natureza do desejo é proceder da pobreza e míngua que tem do desejado. E a natureza do deleite requer, pera ser, que tenha falta que pretenda satisfazer, que assi como antre os muitos manjares a fame falece assi na abastança não há desejo e na míngua se gera. E tanto maior é o desejo quanto maior a necessidade em que nos achamos, e por isso dizem donde te querem mucho no vayas a menudo, donde as gentis damas trazem por prática encarecerem-se e darem a seus amigos fame, como a gaviães, polos trazerem lestes e desejosos.

- Hipólito Páscoa má venha pelo valhaco [169'] que assi a doutrina em favor da sua parte.
- Parasito Exemplo temos antre mãos, que da senhora Florença não ser rica e vós serdes desejoso naceu essa afeição com que vos tratais. E daqui se segue que vos não podeis temer de quem tiver menos que dar que vós; de quem mais der si, porque dádivas quebrantam penhas, quem mais mete na barca mais saca e quem não dá o que dói, não há o que quer.
- Hipólito Bem choutarei eu logo. E o cabrão fala a mera verdade.
- Crisófilo Ora vos digo que per essa via não é muito seguro estado o meu.
- Parasito O vosso é como o de todo mundo, ninguém o tem seguro. Assi como não há tão roim estado que não haja outro pior, assi o não há tão bom que não haja outro melhor. Esta cousa não é mais que pegar às comas. Amor é animal de muitas cabeças e o que se há de conservar nas das molheres é tão incerto como elas, porque tal cabeça, tal siso.
- Florença Dar nelas. Pois o dos homens vos [170] digo eu que é certo enquanto lhe fazem a vontade. Inde mal porque nós não temos siso pera os tratar como nos eles merecem.
- Parasito Não vos ensoberbeçais, que assi como há Cupido pera vos servir assi há pera nos vingar o deos Amor chamado Anterota, de que se conta que em Atenas havendo ãa dama por nome Meles e desprezando seu servidor mandou-lhe que se lançasse de ãa rocha abaixo, o que o coitado logo fez, e ela tomou disto tão grande nojo e arrependimento que se lançou após ele. E mortos assi ambos, os moradores daquela terra fizeram ãa ara a Anterota, vingador d'Amor. E dir-vos-ei também como este naceu. Vénus pariu o Amor. Vendo-o em extremo formoso, as graças que o criavam juntamente com a mãe entendendo que não crecia e que era sempre menino sem desposição que respondesse à sua beleza, desejosas de o ver grande, foram-se ao orago de Temis que lhe desse algum remédio. Ele lhe [170'] respondeu que lho daria e que entendessem a natureza do amor que era poder nacer só, e não podia crescer só, portanto que lhe dessem irmão com cuja ajuda crescesse. Pariu então a Anterota, que fez crescer Cupido em sua companhia e sem ele logo descrece. E por isso diz o castelhano: se queréis amor amad, e cá dizemos: com amor se paga amor. Assi que, senhora Florença, em vossa mão está serdes amada com amardes.
- Florença Isso será quanto às molheres, mas os homens está visto que não fazem mal senão a quem lhe quer bem.
- Parasito Em roim gado não há que escolher, tal é o demo como sa mãe. Mas o que vos eu digo é assi. E os atenienses pintavam o Amor com ãa palma na mão e Anterota que lha queria tomar. E mais vos digo que é bargantaria ou parvoíce pintá-lo cego. Pintores parvos me tem morto, que todo seu feito é cabeça de galo, rabo de serpe, unhas de corvo e trás barras, andar embora, pintar sem pés nem [171] cabeça, e então entendi lá. Se me a mim assi leixassem viver a meu sabor como a eles pintar à sua vontade, mau grado a todo mundo. Assi que digo é grande erro pintar o amor cego pois nace da vista, e os que lhe chamaram cego entendem pelo escondido e secreto. E porque cega o

entendimento acerca da cousa amada, julgando por bom o que lhe contenta, sabe o que deseja e não entende o que lhe convém. Enfusca o sentido comum mas não o exterior, porque os olhos são guias do amor, diz Propércio.

Crisófilo E vós como o pintáreis?

Parasito Eu vo-lo direi, que não falte ãa jota, e vereis como sou discreto. Os gregos o pintaram menino, não porque não seja também velho como o tempo e nacido antes que Caos fosse diviso, mas porque nos priva de rezão e juízo pera saber escolher. E assi quem mal cai mal jaz, cuja ventura castanha podre, donde dizem quem feo ama fermoso lhe parece e quem boa dita tem a Deos [171'] agradeça. Anda o rapaz nu porque nunca se pode encobrir, e cuidam os namorados que os outros tem os olhos quebrados, e por fim todos são trasquílame en consejo, no lo saben en mi casa. Ora triste ora ledó, porque tal é ele, ao lado esquerdo ãa espada e ao direito ãa aljava com setas que notam os raios dos olhos com que fere, nas mãos um arco e ãa tocha que mostram fazer guerra a fogo e sangue. Com asas nos pés, porque ora levanta os amadores com esperança aos ares ora com temor os abaixa à terra. E a letra que lhe punham dizia: amor nu, armado, besteiro, traz espada contra os homens, fogo contra as molheres, arco contra as alimárias, asas pera alcançar as aves e anda nu pera mergulhar aos peixes, e desta maneira nenhũa cousa lhe escapa. Vedes aqui toda a história. E se vós quisésseis era tempo de cear e se nã, seja de bailar, e a senhora Florença há de sair a campo com licença do senhor, ou [172] todos três.

Se me tu mal queres,  
Pedro, lá te avém,  
tua dama me quer bem.

Mando-te eu moer  
e roer a castanha  
que ela tem de manha  
querer quem a quer.  
Viva quem vencer  
e tu lá te avém,  
tua dama me quer bem.

Seja ela tua dama  
e tua a figueira,  
estê-lhe eu à beira  
e por ti má trama.  
Ela ama quem ama  
e tu lá te avém,  
tua dama me quer bem.

Macarena Ora passo, aramá não derrubeis o sobrado. [172']

Parasito Calai-vos dona, o bom dia mete-lo em casa. Folguemos enquanto podemos que não faltará outra hora em que choremos, inda que não queiramos.

### Cena Sétima.

Barbosa, Crisófilo, Hipólito, Múcio, Parasito, Florença, Macarena, Companheiros.

Barbosa Que vai cá? Parece-me que ouço Parasito com a sua guitarra.

Hipólito Estou mouro porque não vindes. Perdestes a maior farsa do mundo, que esteve Parasito um papagaio. O diabo lhe ensina tanto.

Barbosa Estes tem grande memória e então ajudam-se do que ouvem e do que vem, de maneira que té um certo termo direis que não há mais eloquência de Atenas. [173] E por isso não hajais por perdido o decoro em falar mais do que lhe esperáveis, que por estes se disse: debaixo de má capa jaz bom bebedor.

Hipólito Perdei o cuidado disso.

Barbosa Falai a estes senhores.

Hipólito Beijo as mãos a vossas mercês.

Múcio Que se há qui de fazer? Não se dilate mais porque temos muita costura esta noite e que indo daqui se há de cortar e coser. Eu tomara agora meia canada pera me esquentar, que como levo o peito quente não há cousa que se me pare.

Hipólito Eu vos direi, a taverna perto está. Eis aí um tostão, convidai os companheiros.

Múcio Isto está de rosas. Em um salto tomaremos este lava-dente e antretanto mandai dobrar por eles. Ou da osma.

Companheiros Que foi?

Múcio Vamos piar de godos este cosco, molharemos os gasnetes, que como diz o galego: quem tanta água há de beber, mester há de comer.

Barbosa Não vos detenhais.

Múcio Fazei conta que somos vindos.

Hipólito Que ataimado este parece.

Barbosa De los [173'] lindos, e sabei que é denodado. Pois os outros dous são pouco menos de encartados e todos três minhas almas. Darão dinheiro pelos eu ocupar, porque também eu tenho feito por eles das minhas e nunca me acham descalço se lhes cumpre. E desta maneira ninguém nos faz ãa que vá pola pendenza a Roma, e trago assombrados todos essoutros velhacos que me jejuam às vésperas. O regozijo de Parasito eu seguro que tem bonachira, que ele é como francês, não canta senão depois de molhado o papo.

Hipólito Remolhado podeis dizer.

Múcio Sus, aqui somos. Arrombem-se essas paredes, não haja mais homem que tenha paciência que eu estou pera me dar com cem touros.

Barbosa Ora dir-vos-ei como será: vós que não sois conhecido na fala haveis de bater à porta, que vos abram brandamente, por vermos se acode a velha abaixo. E, acodindo, lançar-nos-emos dentro, e quando não trataremos de a lançar fora do couce.

Múcio Não [174] será melhor dar-lhe ãa matrícula?

Barbosa Fazei o que vos digo, que eu hei de entrar hoje nessa casa e depois será o que for, que assi foi ontem a estas horas.

Múcio Vou. Cé, dizei-me, a porta tem algũa greta?

Barbosa Ide seguro que de dentro não vos podem fazer nojo.

Múcio Pois tende tento se abrem a janela, não venha algũa louça perdida.

Barbosa Aqui estamos convosco, não vos receeis.

Múcio Tá, tá.

Parasito Escutai.

Múcio Tá, tá.

Parasito Naquela porta batem, se será a justiça.

Florença Mãe, falai.

Macarena Quem bate aí?

Múcio Cé, senhora, ãa palavra de vossa mercê.

Parasito Não abrais nem a meu pai.

Macarena Não posso eu agora, que jaço já na cama.

Múcio Não se recêe, senhora, que gente segura é.

Parasito E vós falais por gente? Bom está o negócio.

Múcio É cousa de seu proveito.

Parasito Velha, não vos engane, que isto parece alcatea, que ouço rugido de armas.

Florença Que diabo, aqui não estão ladrões. Falai, mãe. Quiçá será pessoa a que devais cortesia, e [174'] despedi-lo-eis.

Parasito Não é tempo de comprimento. Çarrar a boca e coser é o siso.

Múcio Ah senhora, por mercê.

Macarena I-vos embora, que eu não abro minha porta a tais horas e mais a quem não conheço.

Múcio Conheço-a eu logo, pera a servir. Vede-me vós e então fazei o que quiserdes.

Macarena Esse é agora o meu cuidado. Ide embora, ide embora. Andais ocioso, vindes errado.

Florença Senhor, quereis-me dar licença que lhe fale?

Crisófilo Senhora, não. E estou muito enfadado porque vou entendendo isto.

Florença Que há ele de entender? Posso eu tolher a ociosos seus atrevimentos?

Macarena Florença, eu te conheço muito bem. Tu não queres ter cabeça?

Florença Que fiz eu agora? A velha destampada com que vem? Ide, ide coser.

Macarena Guardai-vos, dona velhaca. E vós falais?

Florença Ai que me matou. Justiça de Deos, quebradas tenha as mãos e os focinhos.

Crisófilo Ah senhora, não seja mais.

Macarena Leixai-me com essa desavergonhada mexedora dos conluios. [175] Má velhice te dê Deos, a minha maldição te lanço com o pé e com a mão, que de debaixo dos pés se te levante cousa com que sejas espostejada. Assi o peço eu a Deos e à virgem, sua madre.

- Florença Leixai vós agora a velha desassissada, como a cera é sobeja logo queima a igreja. Logo eu receei isto quando a vi beber.
- Múcio Grande baralha vai lá. Eu dizia que lhe déssemos ãa matrícula.
- Hipólito Não me hei de contentar com isso. Ah boa dona, abri a porta, e se não crede que vo-la hei de arrombar. E saiam cá esses cabrões.
- Múcio Alto, com gentil ordenança façam-se prestes os meus senhores e tomem a estrada dos telhados, que lhe será mais seguro.
- Macarena Que velhacarias são estas? Que cousa é esta? Assoadas à minha porta? Pois como, eu sou disso? Não morre cá ninguém de bafos, também cá há machos.
- Barbosa Isso queremos nós ver.
- Macarena A porta está a recado?
- Parasito Isso quisera eu saber.
- Crisófilo Eu queria escusar brigas, e mais [175'] por estas que com ninguém tem lei.
- Parasito Bom estaria, bofé, quem brigasse polas defender, que se tem merecido a alguém mal que lho paguem. Carnes de cães são, querem-se machocadas como coelho.
- Crisófilo Eu tenho que Florença os conhece.
- Parasito Vedes aí cousa porque a nunca veria dos olhos.
- Crisófilo Assi estou eu bem arrependido de me achar aqui.
- Parasito Quereis que vos diga? A verdade é não vir a casa destas, porque nãa refega destas melhor é que digam sai por aqui zavaneira que sai por aqui velhaco. Se eu isto soubera não viera cá por nenhum preço do mundo.
- Crisófilo O mesmo digo eu por mim.
- Macarena Áque del rei que me querem roubar, ladrões, ladrões. Acudi àquela porta, que são uns covardos, e se lhe baterem os pés saltarão montes e vales.
- Parasito Em que obrigação nos ela agora quer pôr! Ide-vos agora aventurar de noite escura, que podem ser cem homens com arcabuzes!
- Crisófilo Eu isso digo, [176] homem não há de cometer perigo que não vê.
- Macarena Faz luar como na metade do dia e se vos sentirem que lhe resistis não vos hão d'esperar, que muito pode o galo no seu poleiro, e acudirá a vezinhança e não será mais nada.
- Parasito Como todos falam fouts sobre a pele alheia. Saí ora às atenças dos vizinhos, que dormem a mais levar e dá-lhes bem pouco dos que quebram as cabeças.
- Crisófilo Eles, todavia, parece que arrombam a porta. Que remédio?
- Parasito Bem mau é, se assi é. Eu por mim não no hei já, que se entrarem pedirei misericórdia, e tudo será levar duas pescoçadas. Mas vós, de meu conselho, se isto é sobre competência, deveis sair pola janela da câmara que vai sobre o telhado e daí vos podeis acolher de um noutro, até vos pôr em porto seguro. E outro dia fareis a vossa.
- Crisófilo Parece-me que me aconselhais bem. E vós quereis ficar?
- Parasito Si, porque hei medo de dar algum salto que me custe mais caro. E a vós vem-vos [176'] bem ficar eu, porque enquanto se deteverem comigo vos poreis em salvo. E fazei-o logo, não vos detenhais, que

eles dão-se pressa e a velha vai-se já calando de medo porque vê o feito mal parado.

Crisófilo Ora vou, e fechai-me a janela como eu sair.

Parasito Andar muito aramá, o demo me mesturou com este pera que lazere o justo pelo pecador. Mana Florença, o galante acolheu-se, a casa fica livre e desocupada. Por quitar cuestiones vai-te abaixo antes que de todo arrombem a porta, e abra-se por bem antes que por mal. Mas seja com condição que entrem em paz e meu corpo forro.

Florença Chamai vós minha mãe e pacificai-a, que eu farei tudo chão.

Macarena Justiça, justiça.

Barbosa Cantai vós outros alto que a não ouçam.

Companheiros Iça, iça, rombadera  
no te rombes con picón  
rombate con el garzón  
apiaha, apiaha.

Parasito Dona, não vos esganiceis que o hóspede pôs os pés em polvorosa, vá-se com todos os diabos pera cabrão covardo. [177] Leixemos Florença fazer as pazes que cea temos pera todos.

Macarena Acolheu-se pelos telhados?

Parasito Como gamo.

Macarena A bênção de Deos vá com ele. Pois não foi pera defender a dama que a perca.

Hipólito Ponde todos os ombros rijo, que desta vez a levaremos.

Florença Ah senhor, não cureis disso que eu vos abrirei se sois quem cuido, mas há de ser com condição que entreis só.

Barbosa Esta é Florença, falai-lhe.

Hipólito Ah senhora Florença, que dizeis? Quereis-me abrir?

Florença Senhor si, se estiverdes pelo que eu quiser.

Hipólito E quando fiz eu outra cousa?

Florença Por que me matais, senhor Hipólito? Que escusadas afrontas estas!

Hipólito Vós as causais. E mais heis-me de dar licença pera me dar a conhecer a esse galante que lá tendes, senão tomá-la-ei eu.

Florença O galante, mal-pecado, não foi pera esperar vossa cortesia.

Hipólito Estais zombando? Mas de verdade acolheu-se?

Florença Nem eu vos abrira doutra maneira, por vos não ver em brigas. [177'] Ficou Parasito que é homem pacífico e sem perjuízo, e por amor de mim que não lhe façais mal, porque o tomei debaixo de meu amparo.

Hipólito Eu lhe dou seguro real já que lho destes.

Florença Com minha mãe também não cureis de questões, porque nunca acabaremos.

Hipólito Muita paciência quereis que tenha, e por isso faz ela sempre o que quer. Essoutro cabrão folgara que me esperara pera o ensinar a voar.

Florença Ele teve esse cuidado. Ora subam esses senhores, tomarão alguma colação.

Hipólito Subamos.

Parasito Eu com este copo vos hei de esperar, pera que aqui quebre a fúria quem a trazer.

Hipólito A senhora Florença amansa tudo.

- Parasito Companheiro, toca, que eu te prometo que é malvasia. Gainham bons pera roins.
- Barbosa Vós, velhaco, sabeis muito, sempre ficais em pé como gato. Essoutro monseor quisera eu achar.
- Parasito Quem, meu amo? Assi é ele parvo. Em meus dias vi homem tão leve dos pés. Parecia alvéloa [178] por aqueles telhados, ùa só telha não quebrou. Tem seu pai nele filho pera cem anos.
- Múcio Aqui há mais que fazer de nosso ofício? Que eu hei de fazer carniça antes que me amanheça, já que aqui não houve em que cevar a espada.
- Barbosa Assi em pé podeis tomar sendas vezes sobre este lacão. Sus, ande de mano em mano.
- Múcio Há de ser em um assopro, que se me vai o tempo, porque me dizem que é entrado na terra um rufião que me desafiou por ùa carta e não hei de pregar olho té o descobrir. E por que vejais se zombo, vedes i. Podeis ler, se quiserdes.
- Parasito Eu a hei de ler enquanto vós outros bebeis.

#### Carta.

A ti, Mucio Quemado, Giscardo, el Flanco, salud con que sostengas la vida, que en sus manos tienes de sacrificar a mal tu grado. Tengo acá sabido, pera tu daño y mi [178'] coraje, que sin respetar al temeroso acatamiento que a mi persona se debe, llegado que fuiste en esa ciudad, por tu desventura rondaste la puerta a mi hembra y, lo que peor es e insofrible, que por le afrentar, no mirando que me afrentabas, no fuiste pera trabar una pendencia hasta con los diablos, en frente a sus ventanas, de que le quedase la puerta ruciada de sangre y la calle sembrada de piernas y brazos cercenados al primer tajo. Y derreniego de la conjunción de la luna y sus eclipses si te puedes escapar o escabullir de mis ensangrentadas manos y de la saña que concebida tengo contra ti, aunque tengas alas de dragón pera huir, uñas de león pera resistencia y pera herir sea tu espada cola de sierpe y te preste sus fuerzas el mismo Hércules, porque todo será dar materia al fuego que consuma, ca tengo la calidad del agua que se esfuerza contra lo más fuerte. Y puedes tener por sin duda averiguado de hoy más que la menor parte de tu cuerpo será hecha [179] más menuda que los átomos de naturaleza, pues que tu mala estrella lo ha carreado. Y, si por atajar a mi fulmíneo enojo te ahorcares antes que las centellas de mi insaciable ira te consuman, juro al epiciculo de Venus, y a los aspectos de los planetas, y por las reliquias del templo Amon allén de el líbico desierto, de hacer de tus huesos xarabe pera ablandar el alboroto de mi sangre, que tal furia trae que quiere romper los albanares de mis venas. Mande Dios no lo ponga en efeto, porque hago boto y reboto que si dispara y torna su desgarró no pare hasta hacer otro delúvio de sangre cual ha sido el de Deucalión de agua. Tu, pero, has sido dichoso en que al presente un breve negocio me detiene, porque no se me esgarre dentre manos, y es matar dos hermanos que sostienen un pleito contra un caballero mayorazgo, y tengo recebida la

señal. Lo que mediante el orgulloso rigor de mi brazo prestamente efetuado soy contigo al mismo punto. Puedes pensar que este [179'] breve plazo de treguas te queda de vida. Sino que pesia a la circunferencia del orbe, y a los montes de la luna, y al mar bermejo, por qué no te me hizo Dios de tantos cuerpos cuantas de cabezas tenía la Hidra, y se te doblasen las fuerzas, según que a Gerión, y pudieses transformarte en más figuras que Proteu, pera que mi furibundo rancor pudiera satisfazer siquiera un poco a la sed que de tu sangre tengo? Pero basta, que de mí se cree siempre y espera lo imposible, por lo cual, si esa meliflua ramera, sol de las luminarias de levante a poniente, embaidora de mis sentidos en sus amores inficionados, te perdonare, a su ruego (ya que por medianera y aplacadora de mis turbulentos enojos vino al mundo, tan necesaria pera las vidas como agua y fuego) quizá te perdonaré la culpa. Y más haré por ella, que si me lo manda, también la pena, porque la que me causa su confitada afición no me dexará hacer lo contrario aunque se [180] me haga duro y fuera de costumbre. Qué hará pero un corazón asido de los cabrestantes de sus primogénitas perfecciones? Ahora ves aquí vida y muerte, escoge y míralo bien, porque lo tienes de haber con Piscardo, el Corajoso. Esta mía te será dada por mano de Pina, el que hiere de punta por nuestros pecados, y Guerra, el desquiciador de Boticas, mis compañeros como hermanos. No te temas empero dellos, ca no llevan dispensación mía pera disponer de tu vida, que como de prestado puedes de hoy en adelante vivir hasta mi merced. Y esto te basta como firma de rey, porque los demonios me darán cuenta de ti si acaso otro alguno anticipare tu muerte por tu buena dicha. Mientra estos averigüados rufianes, columnas de la osma, allá anduvieren, síguelos. Juntaros heis a boca de sorda con vuestras guabras y rodanchos y cubrantes de acero, prestaros heis todos fraternalmente si pillardes alguna peloza, y haced como buenos. Encomendadme [180'] en esas izas copiosas y las roqueras a la postre. Y mientras tu e yo tenemos treguas, mira si mandas algo (ya me entiendes) de apocar naturaleza. Y vosotros, vallacos, allá a vuestro sabor, piaréis de godo y parad mientes no os acoja la grulla, porque no me deis fatiga en asolar la cárcel y amolgar sus cerrojos a falta de tornillos, que ni cada día cola de sardina. No se cumpla en mí lo del cántaro a la fuente. Dios te dé buena mano derecha con tus enemigos y te salve de mis manos como de muerte subitánea o mal agüero. Que en verdad me holgaría porque sé que eres hombre de bien, conocido por tu persona en los burdeles, que si muchos tales hubiese en Castilla sus pendones volarían ya sobre el monte Olimpo que pasa la región de las nubes. Tal opinión tengo concebido de tu esfuerzo. Yo soy buen testigo de vista daquellos veinte rufianes que en la Calle del Postigo destrozaste como un rayo, a unos desquiciando las vidas [181] del flaco cuerpo, otros haciendo huérfanos de miembros, que de todos el que menos lesión llevó fue dexar en tierra de un revés la espalda siniestra con el brazo. Qué más pudiera hacer Héctor? Y quien esto de ti sabe y lo vio con sus ojos,

mira si te deseará vivo pera pilar de nuestra gualtería y rufianaría?  
Dios que todo lo provee provea sobre ti y por amén no quede.

- Parasito Corajoso homem está este. Não lhe queria eu estar no casal.
- Florença E há tal homem no mundo? As carnes me tremem.
- Macarena Nunca esse erra de morrer em poder de justiça, que eu conheci o fajardo mais nomeado e conhecido que um cão ruivo, e fez assi tantas té que o tomaram dormindo em casa de ãa sua amiga. Parece-me que o vejo agora ir tão gentil homem e de prol, e com um esforço que parecia querer engolir o pregoeiro, e foi esquartejado e arrastado e feito dele um mau pesar.
- Múcio Acabou em seu ofício, que assaz de bem é pera um homem [181'] honrado. Ora pão comesto companhia desfeita. Eu hei de ir desencovar este garção pera saber se dizer e fazer comem à sua mesa.
- Barbosa Andai lá, que eu também quero ir convosco e ser padrinho no desafio.
- Múcio Nunca me outra perda venha. Pois a serra é tomada e se entruje la manalha, amor vamo-nos daqui. A Deos, senhores.
- Parasito Andar embora, que eu porque me temo do sereno cá hei de ficar.
- Macarena Más horas vão com eles e má amargura.
- Parasito Dona, calai-vos. Um roim se nos vai da porta, outro vem que nos consola. Temos mantimento que nos sobeje, vinho que baste, viva quem vence. O senhor Hipólito quer bem à senhora Florença? Que diabo, vá-se o demo pera o demo, venha Maria pera casa. Quanto a meu amo, eu os farei amigos pera que Florença seja melhor servida. Agora ceemos em paz e durmamos, que tudo se bem fará. Como for menhã consultaremos a cousa de maneira que fique [182] o caixeiro fazendo sempre o gasto e o senhor Hipólito defendendo a pousada a roins. E desta arte estareis como o peixe n'água. Deixai-me a mim o cargo e vereis que homem sou.
- Hipólito Tudo o que fizerdes havei por bem feito e tereis em mim grande amigo, e com sua mãe também ponde a cousa em seu lugar.
- Parasito Vinho há em casa, leixai-me a mim o cuidado que quien las sabe, las tañe.

Acto quarto [182']

Cena primeira.

Otonião. Régio.

Otonião Nossa amiga recebeu o presente com folia e grandes salas, e disse que viria cá muito pesarosa da minha má desposição, e de caminho me iria encomendar aos Cosmos Santos. Parece-me que também ela é dos que se querem peitados.

Régio Isto está já muito corrente e é meio caminho andado pera toda negociação, porque amizade, parentesco, conversação, serviço e quanto vós quiserdes, não tem agora valia que chegue a mais que a vos sofrerem. Peitai, segurais [183] negócio e forrais tempo.

Otonião Não vos vades per i que cabrões há que vos trazem a delonga por se lograrem mais de vós, se dais em seco dissimulam com o recebido e vão-vos desconhecendo té que desesperais. E sabeis quão antigo isto é, por onde vereis que sempre os homens foram uns... Séneca o diz nas epístolas: o amigo aceitado por causa de proveito contentará enquanto for proveitoso. Aos prósperos cerca a companhia dos amigos e a soidade aos caídos, porque o amor adquirido com preço acaba-se com ele e enquanto dura o dar dura o amigo. E se de cansado ou de enfadado vos alongais da obediência tem-vos por desconhecido, porque é natureza nossa e liga que se nos mestura na fundição cargáremos as próprias culpas sempre em outrem.

Régio Homem que isso faz nunca veio dos godos.

Otonião Mas dos gozos, a mor graça que há no mundo é essa. Porque, dir-vos-ei, fidalguia ou nobreza não é outra [183'] cousa salvo virtude. E esta, se a tendes própria, sois mais nobre que todos os citas e troianos, e se a não tendes e vos honrais de vossos avós, a que não pareceis... triste cousa é amarrar ao bom nome alheio e tê-lo muito ruim. E se tivestes ruins avós e vós sois pior por vós, como vos quereis ter por nobre tendo-vos todos por ruim? Donde dizia Juvenal: Queria que fosses filho de Tersites, homem fraco e de pouca estima e muito vicioso, com tal que te igualasses na virtude a Aquiles, antes que seres filho de Aquiles e pareceres todo a Tersites. E portanto vos digo que é riso toda nobreza, pois me não dais quem a tenha de si mesmo. Bons a ganharão ruins a perderão. O bem da nobreza é a obrigação que vos põe de imitardes vossos bons avós, donde vos fica maior culpa se não vos querendo parecer com eles manquejais deste pé. O Séneca fala isto muito pontual dizendo: se és fermoso louva a [184] natureza, se nobre louva teus passados, se virtuoso e sábio louva-te a ti mesmo, se rico louva a fortuna, se poderoso espera um pouco e nada será. Então leixai vós cabrões que degeneram apontar-se em soberba e vaidade sustentada do que outrem ganhou, poer todo seu cabedal em rabo levantado, cadeira de espaldas na igreja, pajes desbarretados diante e

nos sobrecritos magníficos epitáfios, e a magnificência vai daí mais longe que o Cairo.

Régio E pois que dizeis aos que nem tem avós nem tem a si, e porque ajuntaram dinheiro como Deos sabe ou lho ajuntou seu pai per fás ou per nefas, querem-se fazer ídolos, ou os faz a parvoíce e baixeza dos que os sofrem?

Otonião E quantos eu desses conheço, os quais se vissem os corações dos que os granjeam jur'a mi que veriam mais carantonhas e bofes podres do que vem diligências forçadas e rostos fingidos.

Régio O mesmo veria também de nós a senhora [184'] Costança d'Ornelas, a qual, assentai, que se me põem na sela e em posse da minha senhora Tenolvia da Silva, que me não há de meter mais o pé em casa a poder que eu possa, que morto é o afilhado de que tínhamos o compadrado. Não quero senhor que torne arrepiar a carreira e fazer muitos genros de ãa filha. Sabe-lhe já as entradas, o dia que tiveremos algum desgosto a aposentará em novo gosto, e então apelaí pera Roma.

Otonião Essa é muita desconfiança.

Régio Esse mau, e vistes vós nunca decepados senão os confiados?

Otonião Antes nunca al vi senão os desconfiados padecerem a pena de seus receios.

Régio Bofé, a falar-vos verdade não sei qual é pior. O certo é em tudo que guardado é somente o que Deos guarda.

Otonião Falais ao pé da letra. Mas que vos dizia de nossa amiga, obrigada do presente prometeu vir-me visitar e não deve tardar muito, portanto vós apercebei-vos pera a festejar. E quisera que tevéreis [185] ãa carta feita pera que lha déreis logo. Não se perderá lanço.

Régio Eu me provi já por que me não tomasse despercebido. Vede-la aqui.

Otonião Lede por vossa vida.

Régio Sou contente.

Senhora,

A menos cousa que há na vida é perdê-la quem a tem oferecida à sua fé. E a maior dor que pode sentir-se é ver desestimada esta fé de quem pretendeis servir. Nestas mágoas e em quantas houver pera mim estou eu nisso tão certo que nem per tempo me obrigam a mais que a padecê-las com gosto. Daqui vem que me sobeja sempre o sofrimento que desacredita o muito que sinto. Porém, senhora, já que o eu sei ter, e não por muito custo segundo o muito que vos quero, e a verdade, o tempo e a continuação per que podia merecer, e quantos outros respeitos se me devem por viver do que vos tenho, vos podem [185'] obrigar a não me estranhades o que cometo crede que o faço, porque como nem em pensamento presumo nem queria errar-vos, parece-me que vos erro em ter este de me haver por vosso sem saber que vos haveis por servida dele. Por o que pretendendo aquietar a opinião de minha pureza pera convosco peço somente o consentimento dela. Não desconheço ser muito, mas de vós senhora não se pode querer pouco, e por este conhecimento também não se me deve pouco. Portanto, senhora, já que vos ofereço e sacrificio ãa alma satisfeita do que sinte e pode sentir, isenta de toda esperança de vos ofender, por a que se de

vós pode ter, consenti que saiba eu que consentis e aceitais este amor, não pera glória minha (que assaz tenho em vo-lo ter) mas pera a não ter sem vossa vontade, que é o timbre da minha, o que espero por lei da vida.

Otonião Muito boa está, e quem o contrário [186] disser será porque grosando cuida mostrar-se discreto e não porque escrevendo possa vantajar-se. E neste nosso tempo mais que em nenhum outro há isto, porque achais já muito poucos lidos e muito menos que o queiram ser. E então de se sentirem desabelitados querem desabelitar todos. E não pode ser mor baixeza e pouquidade que não ser pera o bom e desestimá-lo.

Régio Isso é assi pontualmente, porque eu não quero cuidar que este estilo seja o melhor nem o arrezoadado, mas também não consinto que seja o pior. E acabado que o não é fica sofrível e pera agradecer de quem folgar de ler sem mau zelo, mas, bofé, que não sei quem carece agora dele. E sabeis a quanto chega a minha malícia? Que vou suspeitar que são todos aleijados, que naturalmente são mal inclinados, porque lá dizem: guar-te dos que natureza assinou, e a maior aleijão que há é a do saber, e assi é a maior falta esta da nossa idade, que não se acha quem [186'] goste nem favoreça cousa bem escrita. Donde se segue não haver feitos bons pera escrever nem quem os escreva, e apaga-se assi tudo por culpa de invejosos inábeis.

Otonião Leixemos essa matéria, não nos ouçam que nos deitarão fora do templo uns gentis homens que põem toda sua glória em fazer bem ùa maçada e saber apontar ùa carta. E é a cousa vinda a tal estado que estes são os que triunfam, e o al como quem pinta o inferno. Eu, pera meu descanso, tomara ver já entrar por essa porta nossa madrinha, que o lograr da vida consiste no gosto de cada um e o ser bom no acertar.

Régio Ouvistes vós já como falam no ruim logo aparece? Pois o lobo é na conselha, portanto ponde-vos em feição de doente compassivo, que lhe molifiqueis as entranhas de piedade.

Cena segunda [187]

Costança d'Ornelas. Otonião. Régio.

Costança d'Ornelas Muita saúde seja nesta casa.

Régio Não pode ela deixar de vir com vossa mercê.

Otonião Oh senhora, que grande honra esta é, onde mereci eu isto! Ditoso é o mal que tanto bem traz. Mais cedo houvera de ser doente pera ver tal ocasião de saúde.

Costança d'Ornelas Pois assi é. Eu, senhor, sou a que recebo as honras e as mercês, e a obrigada a servi-las.

Régio Isto, senhor, é o que dizem: as cousas contrárias com as contrárias se curam. Que se cure a vossa malenconia com a alegria da senhora.

Costança d'Ornelas Ai senhor, inda lhe eu ora digo, longe ando de toda a alegria há muitos anos depois que meti em ùa mortalha o companheiro que Deos me

- deu, por amor de quem [187'] trago a deste capelo às costas e trarei enquanto o não for acompanhar à mesma sepultura com um moio de terra sobre os olhos.
- Otonião Sabeis, senhora, que posso dizer eu a isto? Grací Sánchez dizia: ya no llegará el placer donde llegó la tristeza. E eu direi: já não chegará o mal donde chegou o remédio.
- Costança d'Ornelas Esse, senhor, está nas mãos de Deos, que é o dador de todo bem. Mas contudo, senhor, ele como se acha?
- Otonião Agora, senhora, já muito bem, que onde vós estais não pode vir mal. E na verdade também depois que me sangrei desalivei algum tanto, porque haverá cinco dias que se senhoreou de mim um humor malencónico tão triste e desesperado que me estilava claramente, e nestes pontos sentia uns fogos que me parecia abrasar-se-me a alma. O sangue que me tiraram desabafou-me algum tanto, e agora com sua vinda parece-me que me tiraram o pesadelo de sobre o coração, e estou como se acordara de sonho pesado [188] e triste.
- Costança d'Ornelas Folgo de ser tão ditosa que o achasse com essa melhoria, e bem sei quem também não lhe pesará.
- Otonião Ah senhora, enganais-vos. Não há mulher que se tenha em muito senão quando sabe que faz mal.
- Costança d'Ornelas Apelo eu desse mandado. Antes o nosso natural é sermos piadosas e compassivas.
- Otonião Com quem vo-lo não merece.
- Costança d'Ornelas Não diga tal. Ao menos eu, por bem farão de mim tudo e por mal nada, e assi serão as outras. E mais, eu sei muito certo de ãa senhora que é muito maviosa.
- Otonião Não no vejo eu assi por minha casa.
- Régio Sabei ãa cousa, senhora, em meus dias cuidei ver mulheres de pedra como ãas que vós conheceis e nos desconhecem.
- Costança d'Ornelas Assacais-lhe isso com o mal que lhe quereis.
- Régio Mas pelo mal que me quero, que o bem pera elas naceu e elas o desestimam. E não sei qual fora a penedia tão dura, nem diamante tão indomável, que a continuação de tantos anos já não [188'] abrandara e obrigara sequer ao conhecimento. Confesso-vos ãa cousa, senhora, que se cuida muito nisto vem-me tentação de me lançar nesse mar, ou outra cousa pior, por acabar de sofrer desesperações.
- Costança d'Ornelas Senhor, ãa hora melhor doutra. O senhor o tenha da sua mão e lhe dê sempre juízo e entendimento com que não faça cousa de que o mau imigo espiritual triunfe e se glorie. A senhora Tenolvia da Silva é em mais conhecimento de suas cousas do que ele cuida, pPorém é tão sisuda e tão virtuosa que encobre tudo o que sente por não dar de si má sospeita.
- Régio Ah senhora, que me dizeis isso de dó de mim, tendes a condição naturalmente incrinada à piedade e como sois muito discreta entendeis que se deve a um estado tão triste como o meu, e esforçais-me assi. Mas oxalá eu lembrasse a essa senhora sequer pera me fazer mal, ou folgar de o eu sentir por seu respeito, e nunca mais valesse.

- Costança d'Ornelas Ora inda eu espero que haveis [189] de ver cedo muito claro que vos falo o que é, que por nenhum preço do mundo diria outra cousa. E mais, como as tenções são pera serviço de Deos, ele as encaminha a bom efeito, e assi espero nele que o dará a isto.
- Otonião Em a cousa estar em vossas mãos, senhora, não se pode esperar senão bem.
- Régio Isso não nego eu, mas a mim nada me segura. Vós, senhor, sois mais ditoso, e quem boa dita tem a Deos agradeça. Eu ando já tão assombrado de desesperar tudo o que desejo que me entrego aos temores.
- Otonião Calai-vos, que esta senhora nos há de valer inda que lho não mereçamos, porém o tempo nos dará servi-la.
- Costança d'Ornelas Eles são tais pessoas que tudo se lhes deve, quanto mais que eu sou a devedor. E em minha alma que desejo tanto vê-las descansadas e bem empregadas que não sei cousa que por isto não desse e fizesse. E já não falo em sua fermosura, desposição e bons feitos, que os cegos o verão, mas nas suas condições: não se viram criaturas de [189'] Deos como aquelas, tão conformes, tão amigas, aquelas cortesias, aqueles cumprimentos. Já comigo são ãas feiticeiras, como lá sou parece que n'alma me querem meter. Pois as suas mãos não tem preço. Ver os seus garavis, os seus cabeções e os seus desfiados. E então nunca levantam cabeça sem prema de ninguém, que a mãe brada com elas às vezes porque aturam o trabalho como se houvessem de viver por ele, que elas, louvado Deos, assaz tem do bem deste mundo. E o pai que não cansa de ajuntar pera elas como um escravo. Pois a mãe, não há cousa boa que não queira pera aquelas filhas.
- Régio Queria senhora que mas gabásseis de amorosas pera nós, que do al as molheres como casam perdem o andar a todos esses proveitos. Nem eu a quero senão pera damejar com ela todas as horas.
- Costança d'Ornelas Ai senhor, como isso logo enfada.
- Otonião Nunca Deos tal mande.
- Costança d'Ornelas Pois eu vos prometo que são elas pera [190] damas e mais que damas. Perdei cuidado se são molheres discretas e galantes. Molher é a senhora Tenolvia da Silva pera dar conselho. Pera chocarreira a senhora Gliceria da Silva, como é mais moça põe-se logo e faz viola de um pau, e a outra passeia pela casa, e então contrafazem-vos a ambos, e diz cada ãa o que cada um podeis dizer em vossa pousada acerca delas, que me fazem estalar pelas ilhargas.
- Régio Boa está a nossa vida. Não vos digo eu que triunfam em nos ver padecer! Ora do mal o menos, sou contente de chorar pera que minha senhora ria.
- Otonião Senhora, já sei que sem a senhora Tenolvia ser por mim tenho duvidosa a saúde. Ora o senhor Régio de Osouro é minha alma e tem entregue a sua como vedes, haveis-me de fazer mercê que o tomeis a cargo pera que lhe conheçam de sua justiça.
- Costança d'Ornelas Eu vos direi, senhor, tendes-me tão obrigada que não saberia fazer senão o que me mandardes. [190'] E com isto, no que tenho entendido da senhora Tenolvia, o senhor não lhe é pouco aceito, inda que lhe

diga o contrário. Assi que por servir a todos veja ele o que quer que faça e mande-me como a ãa sua, que eu o mais foi começar e não hei de ser dizê-lo bem e fazê-lo mal.

Régio Oh senhora, que hei eu de dar por essa valia? Não lhe quero dar palavras acerca da obrigação em que me põe, porque lhe espero servir tudo, e espere-me ao tempo. Quanto à mercê que me faz, mais me aventuro na sua dita e vontade que tem pera mas fazer que em presumir que por mim posso vogar nunca. Tenho esta carta feita já nesta esperança, se lhe parece que se lhe pode dar.

Costança d'Ornelas Estas cousas, senhor, pera mim são muito estranhas. E por certo que me espanto de mim como me tenho metido nisto, que não faz mais ãa alcoviteira. Deos me livre de mau cajão e de má língua. Porém, como digo, são eles tais pessoas e o negócio tão conforme à [191] vontade de Deos, de tanta igualdade e de tanta virtude, que me não lembram inconvenientes e ofereço-me a todo o desgosto que sobrevier; mas prazerá à virgem que será tudo pera gostos e contentamentos de todos. Assi que a carta eu lha darei e será logo amenhã, porque estão pera cada dia se irem pera a sua quintã onde já hão de estar alguns dias. E trabalharei que se ordene a cousa que os vejam lá e lhe aceitem suas visitasões ou lhe falem se se azar.

Otonião Ó senhora, vede o que dizeis, que essa esperança só me dará vida.

Costança d'Ornelas Como logo lançais mão pela palavra. Ora digo que eu a farei boa. E por agora dai-me licença que me quero ir e são horas.

Régio Dessa maneira, senhora, ousarei esperar mais do que mereço.

Costança d'Ornelas Tudo ele merece. E aqueloutro senhor que foi a minha casa, que é feito dele? Nunca vi pessoa de tão boa fala e tal respeito.

Régio O mesmo diz ele de vós, senhora. Se sabe que [191'] viestes cá há de ficar em extremo magoado de não se topar aqui.

Costança d'Ornelas Também eu folgara de o ver.

Régio Pois por certo que me rogava ontem que a fossemos ver, e por não saber quanto com isso folgaria o desviei.

Costança d'Ornelas Recebera-o em grande honra.

Régio Menos que isso basta pera o fazer.

Costança d'Ornelas Se eles querem ir-me visitar, seja com nome de parenta, por que não se cuide mal, que a vizinhança por tudo atenta.

Régio Seja assi.

Costança d'Ornelas Ora beijo as mãos a vossas mercês.

Cena terceira.

Régio. Otonião. Alcino. Fileno.

Régio Parece-me que se quer a senhora amarrar ao conhecimento de Alcino pera que nos não haja inveja. E a mim não me pesará, porque mientras más [192] moros más ganancia. E se me não engano, assi a faremos fazer maravilhas por esta via.

- Otonião Vedes que é devasso, e hei medo depois que a escandalize com que se desavenham e se perca tudo.
- Régio Isso é o que eu quero pera que ela também tenha requirimento comigo, e seremos hazme la barba y haréte el copete. Quanto mais que se ela ordena que nos falemos nossas amigas na quintã vida pera cem anos, eu vos entabolarei de maneira que não haja cousa que nos desponha. E per ventura dará o tempo de si com que nos casemos a furto, mais vale quem Deos ajuda que quem muito madruga, bom esforço espalha má ventura, encomendar a Deos que é santo velho.
- Otonião Grande peça há de ser se entramos em conversação na quintã.
- Régio Alcino é entrado connosco. Olhai por quão pouco errou nossa amiga.
- Alcino Beijo as dos senhores.
- Régio Bem vos podíamos dizer: como falam no ruim logo ele vem.
- Alcino Dizeis vossas [192'] virtudes.
- Otonião Houvéreis de vir mais cedo e acháreis aqui ãa vossa apaixonada que não desejou pouco ver-vos.
- Alcino Estais zombando, quem, por vossa vida?
- Otonião A senhora Costança d'Ornelas.
- Alcino Ah, descreio dos mouros. Em extremo folgara tomar sua conversação, porque tenho pera mim que é mina de negócios secretos de tomo, e mais ela não é peixe podre e quiçá que veríeis um trato que vos rísseis de mais Frandes.
- Régio Cá o estive já dizendo, e se vós isso fezésseis não seria triste.
- Alcino Ora me leixai com o negócio que a quero ir visitar a som de amizade, e prometo-vos averiguar-me logo com ela. Se o tempo for por mim veremos de que pé se calça, que eu vos digo que nesta nossa terra à volta de virtude há também muita hipocresia, grandes conluios e homens muito pacientes ou parvos.
- Régio Moeda é que corre, mas esses vivem. Porém, dai-me vós cá os discretos, que em fim vejo que todos somos [193] de perdoe-nos Deos.
- Alcino Disso estou pera me enforçar, que vou sempre descobrir cem alifafes em partes que eu cuido que o orago de Apolo antepusera ao Sócrates que aprovou por sabedor.
- Régio Por isso ando tredoro sobre muitas cousas que vejo, e a minha arte é ser cozido em amor, que é aziar com que se sofrem as outras desaventuras.
- Alcino Isso tenho experimentado, por o que tomo sempre meus suadouros de Cupido.
- Otonião Eu, sobre essa palavra de licença de suas mercês, vou fazer um pouco que me releva.
- Alcino Avante c'os fogaréus e Deos vos dê boa mão direita. Somos entrados.
- Régio Quem vem?
- Alcino Fileno, amigo de Otonião, e deve buscá-lo. Quero chamá-lo. Que suba, ouviremos sua linguagem porque é um marcado azevieiro.
- Régio Dos Caterinos ou Alfamistas?
- Alcino Passais pela galantaria destes filhos de Lisboa? Trazem ãas razões e termos decorados que direis que não há mais manilha. [193']

Régio Mas malina arte. Da grossura da terra vecejam os enxertos.  
Alcino Ah senhor, suba.  
Fileno É cá o senhor Otonião?  
Alcino Daqui foi agora pera vir logo. Suba vossa mercê.  
Fileno Farei o que me manda.

Cena quarta

Fileno. Régio. Alcino.

Fileno Beijo as magníficas de vossas mercês.  
Régio Senhor pera cá. Mande-se assentar como em sua casa que aqui não nas há senão rasas por escusar paixões e diferenças de honras, que eu por mim a queria ter e não por o lugar, cadeira ou sobrescrito.  
Fileno Dessa cor é o meu pano, e diga cada um o que quiser. Dai-me vós muito dinheiro, [194] ver-me-eis logo mais honrado que as cabras de Beja. Venderei fidalguia, e mais não há de ser postiça como a de cabrões que eu conheço. Ora bem, de que se trata, de boa prática? Que eu sou perdido por ela.  
Alcino Ou é ela perdida sem vós.  
Fileno Venho de meter em paz uns desafiados. Eu todavia pesou-me não nos ver entrar na escaramuça, porque não há gosto que me chegue a vê-los dar-se de porrazos, ao menos té se neles enxergar melhoria. Mas um deles era meu amigo e homem de bem, inda que não muito dos doze pares, e receei-lhe desastre por o contrário ser sobre o duro. Isto tinha eu já sabido, porque não há muitos dias que me dei com ele por me dizerem que era grande ronca e o desejava, vou e apartei-vo-lo pera os Olivais, ele mais confiado que Torcato. Porém eu apertei com ele de feição, arte e maneira que aos dous botes requereu amizade, dizendo que pera aprovar pessoas sem entrevir outra má vontade ou rancor [194'] em meio aquilo bastava, que ele se me rendia. E par estas que me atalhou a bom tempo, porque me ia já senhoreando a cólera. E o gentil garção, parece, conheceu-mo (que eu tenho este mal: à légua me conhecerão se me agasto) e ficou dali tão obediente que tanto que me agora viu em meio da cousa cruzou-se-me. Doutra parte pesou-me porque estava determinado em tomar a demanda por meu amigo se me ele perdera a cortesia, e não lhe viera muito bem, cuido eu, se me não engano comigo.  
Alcino Por isso andou ele melhor. E sobre que era a contenda?  
Fileno Parece ser que este meu amigo tinha ãa iça copiosa com que gasta isso que tem, e ãa das noites passadas, estando ele em casa da amiga, veio estoutro, que é velhaco per cabeça, com outros da osma, e aferrolhando-lhe a porta deram-lhe ãa certa matrícula, em que a senhora iça foi servida de toda artelharia desses epítetos e nomes com que se espantam los niños en la cuna, e ele não lhes pôde sair, e também [195] fora mal aconselhado porque estavam d'alcatea.

Régio Isso era bem mal feito.

Fileno Ah, o mais do mundo. E a mim me aqueceu já quasi outro caso do teor e jaez deste, e não lhe podendo sair estive pera me enforçar de paixão. Tive porém maneira de saber quais eram os galantes e, à fé de gentil homem, que não me passaram oito dias em me melhorar de todos dês o maior té o menor, porque tanto que os topava logo lhe punha o ferro.

Régio Como corta largo, e a parvoíce como é cega! Que cuida este que lhe hão de crer o que não crera doutrem!

Fileno E se vos disser que a um deles fiz pardieiro de ãa mão, não vos mentirei. E assi, dês então, donde eu chego assombro a todos estes.

Régio Que triste gosto é mentir, e quão barato vende o homem que mente sua honra e a boa opinião que pretende.

Fileno Porque haveis de saber que estes roncadores todos são os maiores covardos que vistes. Não cometem cousa por fácil e [195'] sem perigo que seja em que não vão feitos relógios. E então se vinte se dão com dous que os fazem fugir nenhum há que não fique havido por averiguado, e per derradeiro eles são lebres.

Régio Nem vós, meu amigo, não sereis da exceção, segundo cá antre mim conjeturo.

Alcino Vede-lo aqui, que foi o maior xastre e o mais certo alveitar de molheres que podeis ver daqui té ò Cairo. Por que cuidais agora? Não há fermosa e gentil dama de todos estes bairros de que erre conhecimento e conversação estreita, pagam-lhe todas páreas e conhecença, é o mesmo tombo delas e o seu tambarane. Pois de cousas secretas podeis crer que é ãa mina. Nem há alcoviteira que dele não tenha tença e lhe pague seu foro.

Fileno Oh, estai quedo, estai quedo, contar-vos-ei a mais alta história que hoje passei acerca disso.

Alcino Contai, por vossa vida.

Fileno Falei esta menhã com ãa alcoviteira, a mais especial e de mais tomo que vistes [196] outra. Chama-se ela Costança d'Ornelas, pessoa de muito respeito, que se virdes sua gravidade e honesto traço direis que não há mais Lucrecia romana.

Régio Guay de orejas que tal oyen. Se meu amigo Otonião isto ouvisse! Quero ouvir, que eu descobrirei hoje grande cilada. E fiaí-vos lá em cão que manqueja e em toucas largas.

Fileno Contar-vos-ei os mais novos passos que passei com ela. Eu tive ãas emburilhadas em ãa certa casa de perigo e concorreu antrevir a senhora Costança d'Ornelas no negócio, por contemplação de ser toda da casa e alma da senhora dela, e não sem má sospeita, se quereis toda a verdade. E tinha ela sabido que estava eu tomado de seus caldos e, pera me mitigar a coragem por que não pusesse na praça seus bons feitos, mandou-me pedir que nos víssemos em certo lugar.

Alcino Como são naturais nas tais reconciliações.

Régio Mas quantas vezes lhe jurou pela conta que havia de dar a [196'] Deos.

Alcino Como vós havíeis d'estar bom, parece-me que vos vejo.

- Fileno Que dizeis, bom? Estive afinadíssimo. Quanto ao primeiro, como tive suspeita que ela me contraminava e determinava entroncar outro por mim, assentei-lhe o capelo por entrada de ãa nova maneira, e fiz-lhe feros, votos e protestos de me perder sobre me vingar de quem presumisse anojá-me nesta parte, e pôr em pregão tudo o que sabia. Senhor, ela quando me assi viu não tendes dúvida senão que me recebeu. Pôs-se em som de paciência e solta logo essas lágrimas que todas trazem de represa pera semelhantes afrontas, protestando sua ãnocência e trazendo todas as achegas de desculpas e caminhos de salvar-se de minhas suspeitas, lançando-se toda à minha banda, e que faria e aconteceria com minha dama tudo franco e em todo outro negócio que me dela cumprisse.
- Régio Se este fala verdade boa está minha vida em poder de quem, se vem à [197] mão, joga o passe-passe com ela. Mas pode ser tudo isto mentira e tão norte-sul do que conta como do céu à terra. A homem praguento e defamador nenhum crédito se deve dar.
- Fileno Eu, dêis que a tive assi amedrontada, por a fazer à minha mão e segurá-la, comecei louvá-la, pedindo-lhe perdão do que me fizera dizer a paixão, que já via que era tudo mentira quanto me tinham dito e que folgava conhecê-la, porque em verdade ela me parecia tal pessoa. Senhor, ateou-se aqui como viu que lhe entrava tábola que a não podia haver calada té se me abonar de fidalga, que perguntasse por ela na sua vizinhança onde havia tantos anos que vivia sem dever nem temer, com seu rosto muito descoberto, mas que ninguém lhe dissera nunca menos de seu nome. Que vos direi? A madre Celestina não soube tanta teórica, nem se pode contar o terço do que ãa destas diz dêis que começa. Os soluços eram de morte de filho, ou pouco [197'] menos, que desesperei vê-la em calmaria. Porém, depois que alijou a matalotagem de seus fingimentos, ficámos por derradeiro muito avindos. Rimos e zombámos como se toda nossa vida nos criáramos, entregou-se-me e ofereceu-se-me a fazer negócios de importância. Fiz-lhe soma de cumprimentos, ficou pera fazer por mim maravilhas e que mataria sete asnos por meu amor.
- Régio Muito me dói o cabelo de querer Costança d'Ornelas fazer de seu proveito à minha custa. E se azará o demo, que não sonha noutras cabras, vir este a querer entender no meu tesouro, que ela, segundo isto, não se lhe negará. Ah quão pouco repouso tem um espírito afeiçoado.
- Alcino Eu vos digo que andastes galante com ela.
- Fileno Vós podeis crer que ela andou bem em atalhar minha indignação, que eu estava em lhe lançar ãa panela de pólvora em casa, tão indinado me vi dela. Porém, a boa guerra faz a boa paz.
- Alcino E tendes essa por grande marca? [198]
- Fileno Sabei que é ãa mina de negócios de altenaria, e que tem crédito pera fazer moeda falsa pública e nunca se lhe provar. E o seu trato não é com mancebinhos de arte, cuja conversação desacredita, senão com capoeirões graves a que faz do céu cebola, porque a estes cumpre-lhe fazer o seu e calar-se por ter paz em casa, tem que dar e sofrem

- melhor mentiras e conluios. Que ela, sabeis, que com ãa péla corre muitas confrarias, quando cumpre.
- Régio Dou-me por destruído, toda a casa de meu sogro é contraminada por esta. Ora vivei lá nesta terra.
- Fileno Eu enleio estas. Elas cuidam que estão muito tredas sobre mim e que me fazem crer quanto querem, eu seguro-as e sei-lhes os intrínsecos, faço a minha com me ficar rindo.
- Régio Este hei eu por mais enganado.
- Fileno Algũas conheço, e não das somenos da terra. E desta vos poderei servir se quiserdes, porque a hei por coroa de todas. E mais, eu fiador, que é bastante [198'] pera fazer mais monstros que Circes e Medea.
- Alcino Por essa via tudo é bulra. Eu não creio que há acabar-se nada por feitiços.
- Fileno Assi vo-lo digo eu. Mas esta per razões e ardis é bastante pera fazer tornar o sol atrás. Agora há já nova arte desta ciência, das antigas dizem que com ajuda dos diabos e esconjurações e virtudes de ervas moviam as pedras e geravam amor em duros seixos. Tudo são patranhas. As d'agora não curam dessas vaidades e ocupações párvoas, tudo dizem que acabam a puras dádivas, importunações e meiguices, e são tão maviosas que se desfazem em dó de um namorado, havendo que em todo o caso devem remi-lo da sua afronta. Conhecem os mais fogos que podem e donde sequer tomam os conhecimentos de que fazem todo seu cabedal.
- Régio A quais chamais cabrestos?
- Fileno Essas são de pouca pena, nem tem autoridade pera cousa de sustância, é comer feito de cada dia. E as que trazem [199] as malfadadas do segre, é gente essa sem verdade nem lei, escravas do seu intresse, nunca levantam cabeça nem tem cabedal. Estoutras tem ãa gravidade senga pera o mundo, bastante pera tentar quanto quiserem. Nada lhes escapa, nada receam nem se lhes tem porta, acabam tudo o que querem e ficam-lhe sempre devendo.
- Alcino Se lhe a homem cumprir ãa dessas, per vossa via havê-la-á?
- Fileno Quanto quiserdes. Também, se vos armar, um marinelo, que eu sou a matrícula de todos estes.
- Alcino Esse é um género de gente que, de me muito avorrecer, emburulha-me o estômago vê-los. Nem vi cousa tanto pera desterrar pera os desertos de Líbia.
- Fileno Pois sabeis que são hoje festejados dos nobres.
- Alcino Nem por isso os leixo de achar muito sensabores e enfadonhos.
- Fileno Quereis que chame um galante que por aqui passa embuçado, grande meu sócio, e vereis um discreto homem e de muita arte?
- Alcino Quem [199'] é?
- Fileno Hipólito da Silva.
- Régio Oh, fazei-o subir, que eu sou perdido pela sua galantaria e brandura.
- Fileno Ah, senhor, suba por ma fazer e logo iremos onde mandar.

Cena quinta.

Fileno, Hipólito, Alcino, Régio.

- Fileno Passais por tão bom saber vir? Fostes o mais galante homem que há daqui té às Berlengas. Vós, senhor, trazeis dous chapéus, um de si outro de não.
- Hipólito E vós, senhor, fostes a Roma?
- Fileno Eu vos estava agora desejando como prenhe.
- Hipólito Aqui me tendes, tamanho como um sável de Maio. Vossas mercês em que se ocupam? Jogam ou fazem algo?
- Fileno Oulá senhor, quê? E vós vindes-me tão gentil homem e tão metido na má razão? [200]
- Hipólito Eu sempre fui assi travesso.
- Fileno Boa medalha que vos eu vejo.
- Hipólito Não presta, é assi, um brinco.
- Régio E isto, senhor, que é? Um homem nu junto a um parque cercado. Digo bem?
- Hipólito Senhor, sim.
- Régio E diz a letra: de remédio e de esperança.
- Alcino Bom, de maneira que quereis dizer que andais nu de remédio e esperança, lançado fora do vosso deleite? Está gentil propósito. Deveis de andar picado dalgũas desavenças. Vós, porém, lograstes já algum bem.
- Hipólito Descobris-me logo assi a milgeira. Dou-lhe que queira homem encobrir sua tenção e fadairo, já que lho sentis não lho calareis? Que cousa são homens palreiros.
- Alcino Vós o pusestes primeiro em pregão.
- Fileno A espada mostrai.
- Régio Oh que gentis cabos, como está da minha arte. Vejamos a folha, é boa?
- Hipólito Nunca a tal vistes.
- Fileno Ferro não no há no mundo como o da minha. Vede-la aqui, que é ùa carta de seguro. Tenho feito com [200'] ela provas que não estão em razão. Olhai-me a cor desse ferro!
- Régio Fica?
- Fileno Nem que lhe ponham em cima ùa mó.
- Régio É bem leve.
- Fileno Como ùa pena, senão trago-a muito maltratada. Dou com ela per ferrolhos e bigornas e nunca acabo de cortar sapatos, e os fios são de navalha.
- Hipólito Eu tenho este verdugo por ùa extremada peça, e há muito poucos dias que enjeitei de um homem fidalgo trinta ducados em dobrões por ele. Que me tirava os olhos e eu dava-lho de graça.
- Fileno A medalha farei partido com ùa rodela que tenho boníssima, que mandei fazer nesta viagem de Mazagão, e também fala.
- Alcino Que diz?

- Fileno Lá fui achar nas Trezentas de João de Mena ãa história de Hércules. Mandei-lhe pintar a fábula das maçãs de ouro e o drago que as guarda ao pé enroscado, e Hércules com sua clava que as vai colher. E isto dizem eles que foi cá em África, no monte Atlante. Pois a letra é especialíssima, que [201] eu não sou senão de descuidos e palavras corriqueiras per que todo mundo passa. Parece que nada dizem e falam o que eu quero.
- Alcino Pois dizei, veremos.
- Fileno Todos somos del merino.
- Alcino Quê, e vós sois tão profundo?
- Fileno Estava boa a minha tenção, porque íamos pera África. E eu par estas que me tenho por outro Hércules e que sou deles se cumprir.
- Alcino E mais se lá houvera aquela fruta não sinto quem o não seja, segundo cá há necessidade e cobiça dela.
- Hipólito Haveis de ter por certo que os antigos foram pera menos do que cuidamos. Fizeram de suas cousas mistérios medonhos e fingimentos por perpetuarem sua memória, e tudo nada. Vede que janianes agora há que não vá per pontas de diamantes ao mais alto pináculo do mundo se lhe de lá acenarem com ouro. Então querem-me abafar com Hércules e com seus doze trabalhos, e um de nós agora passa doze dúzias deles muito maiores como beber [201'] um púcaro de água, e não lhe vale nem pera achar ãa árvore de cobre.
- Fileno Sois muito discreto e sobre essa vossa razão me matarei com Heitor troiano se a contradisser, que eu não sou de muita parola senão de obra, que o cavaleiro há de defender e não porfiar. E inda mal, porque não imos a Marrocos derrocar nesses perros como em nabos. Ah que não há outra vida senão a dos soldados. Parece-me que nunca vivi senão esses dous dias que estive em Mazagão, e cada hora me vem engulhos de tornar lá antes que se venham as companhias. E confesso-vos que saudade de Lisboa me desatinava lá e me fez vir antetempo.
- Hipólito Dados tomara eu agora aqui de boa mente.
- Fileno E eu primeirinha mendes, e aventurara mea dúzia de ducados às prezas.
- Régio Mas quereis-me rifar certas peças?
- Fileno Não seja coura d'anta nem adaga de tauxia, que me avorrecem já muito.
- Alcino Ou, senhor, ou invenção grande das escodadas com [202] as costuras pera fora, à maneira de gaspas.
- Fileno Muito perra invenção, corro-me por vossa parte.
- Hipólito Não corrais, nem as tragais se vos não armam, que esta cousa do vestir pende do gosto de cada um, por onde todos acertam e todos erram.
- Alcino Si, mas não me negareis que a invenção é roim.
- Hipólito Vós sereis todo de errar com os muitos e não vos desviar do costume. Certos borzeguis de bom favo com chapins de veludo pera o paço, não há mais Fez.
- Alcino E vós arriscareis toda vossa gentileza em botas de vaca que sejam de canela?

Hipólito Aqueceu-vos já, indo cavaleiro em certa albarda com embuço de lenço e grande recacho passando per fonte, chamarem-vos as moças rascão, e vós muito concho falardes-lhe doçuras?

Fileno Isso é pera ver, que eu sairei por quem cair.

Alcino Aposto ãa cousa que passou por vós: irdes ao Corpo de Deos de Almada ou Ramos de Alhos Vedros por capitão de certa companhia da [202'] vossa cevadeira, e elas fazem o gasto. Onde vai mulata com adufe que se derrete no canário falais vós por tu, dá-vos pescoçada pera filho da puta, e do retorno que é punho seco, se vos amua chamando-vos carne de cão, que tendes brincos de cão velho, e vindes jogar o gato repelado na Fonte da Pipa.

Hipólito Acertastes, mas vejo-vos tão afadigado em propor vossas razões que me pareceis antre nós punhete de lançol por vê-la co focinho no Barreiro, como porco que se vai à mata. Ûa onda a toma outra a leixa, e ele, seu rabo antre as pernas, não vê dia nem hora que se verá varado em terra mui arrependido porque se desamarrou do cais.

Fileno Naquilo não há que falar, estais chofrado.

Alcino Como sois ambos perdidos pela vossa artensão vos desamarrareis um do outro que se funda o mundo. E guardai não vos saiba eu que vos tendes votado pera ir matar à Índia homem que vos levou mulher que estava da vossa mão. [203]

Fileno Quantas vezes não pudestes responder a vossa dama falando-lhe e escarrastes por tomar alento e armar novo propósito?

Alcino Mas quereis-me dizer ãa verdade? A quantas tendes pedido a mão pera casar?

Fileno Não, isso faço eu cada hora. Quereis-me ensinar algum termo bom pera começar a requestar ãa dama à primeira vez?

Alcino Bem sei que sois enleado com gente de guarnição e que não sabeis caminho nem carreira. Meu amor pera onde me irei.

Fileno Sobre essa razão me matarei convosco, e mais dar-vos-ei a espada de ventagem.

Alcino E como ora dareis?

Fileno No le diré que se vaya  
mas antes le llamaré.  
Certezas me tem morto.

Alcino A que diz Saliendo de una montaña.

Fileno Muito bem. Sabeis qual me muito enfada? Qué queréis que os traiga niña delicada?

Hipólito É malíssima. A ãa que dizem triste, sola y emparedada fiz noutro dia um pé, assi por brinco.

Fileno Dizei por vossa vida. [203']

Hipólito En su secreto aposiento,  
de amor deseoso pungida,  
llora con gran sentimiento  
un cuerpo y alma sin vida.  
Con aquello que desea  
contra sí mismo se esfuerza,

- que se ve hermosa y moza  
y sin que nadia la vea.
- Alcino Pouco tendes que esquecer da arte.
- Hipólito Vós sereis perdido por bom consoante. Quiséreis que pusera em lugar de moça, almorça ou alcorça, pera não ser toante de esforço? Que grande rapazia é responder por consoantes, bom estaria eu se me houvesse de amarrar a essas leis. Eu, senhor, tenho privilégio pera não obedecer à arte do l'Encina e espojar-me pela poesia a meu sabor. Fale eu ùa vez o que quero e enforquem-se poetas.
- Alcino Como sois português, per cabeça de uns que hão por discricão saber mal tudo e [204] fazê-lo pior.
- Hipólito É mal que me preze de castelhano! Assi é o menino parvo! Mas fazei-me mercê que me respondais a esta pergunta que hoje fiz.
- Alcino Dizei.
- Hipólito Diz que me tem afeição,  
serve-se de minha dor,  
se me vê por grão favor  
põe-me os olhos de atenção  
não muito isentos de amor.  
Não promete nem se obriga  
a cousa que me descansa.  
Não sei que remédio siga,  
vossa discricão mo diga  
antes que me a vida canse.
- Régio Ora leixai-me, que eu lhe quero responder, com tal que me responda também à outra que tenho feita.
- Fileno Vejamos.
- Régio Da vista nace o amor,  
do amor nace o desejo,  
do desejo a esperança. [204']  
Não há nas dores mor dor  
pera cuidado sobejo  
que a tardança.  
Nesta tardança queria  
saber por concrusão certa  
qual mais cansa a fantasia  
certa esperança ou incerta.
- Hipólito Sou contente de lhe responder, e haveis-me de dar tempo, que eu não sou dos que o fazem de improviso.
- Régio Nem eu também.
- Alcino E guardai não sejais cuidá-lo bem e fazê-lo mal.
- Fileno Ouvi-me agora, que também quero meter vira em barreira. Eu fiz aqui ùas duas trovas a um vilancete muito gracioso e velho, porque sou eu todo de levantar estes nadas. E dir-vo-las-ei por que vejais que marca sou. O senhor é:  
Vai ver o teu amor Joane  
e vem-te logo.
- Hipólito Como isso é vosso.

Fileno Foi isto [205] quando estávamos pera embarcar que lhe tornei de Belém dar vista, porque vai a seu propósito:

Vai teus olhos contentar,  
vai satisfazer vontade,  
que depois virás chorar  
com nova dor de saudade.  
Vai acender o teu fogo,  
acendido vem-te logo.

Cumpre o desejo a tua dor,  
vive a lei do coração,  
que a verdade é que o amor  
ceva-se da sua paixão.  
Vai trazer da lenha ao fogo  
e partir-nos-emos logo.

Hipólito Vós estáveis mais namorado que um roussinol de Alvalade. Que fora se estivéreis à sombra de castanheiros sombrios e fonte de água fria que ferve antre alvos seixos?

Fileno Antre os valos de Mazagão vos quisésseis ver pera [205'] isso. Ûa noite da minha vela fiz eu outras a outro quasi do teor que dizemos cá:

Leixar quero el amor vosso,  
ai vida não posso.

A noite era fria, a mim lembrava-me a minha gaita. Então pus os olhos na lũa, como fazia Fiometa, e disse:

Quando me aperta este mal  
que a dor vence o sofrimento  
trabalho c' o pensamento  
leixar-vos, mas não me vale  
que de ser já tanto vosso  
leixá-lo de ser não posso.

Atou-me a causa e razão  
de tal maneira o cuidado  
que me traz mais que forçado  
ao que quer minha afeição,  
esta me trouve a ser vosso,  
desta salvar-me não posso.

Hipólito Bom estava então o bucho. Ride-vos vós de mais Orfeu sobre os muros [206] de Tróia quando Neptuno ao som da sua poesia os fabricava com o seu tridente. Ûa senhora me mandou os dias passados que lhe fizesse ãas trovas a ãa que diz:

El mi corazón, madre,  
robado me le hane.

Eu fiz-lhas, cujo teor é o seguinte:

Por los ojos con que vi  
la que después que miré  
jamás del alma olvidé  
hizo amor entrada en mí.  
Destonces, ay la mi madre,  
robado me le hane.

Que el dulce trance pasado  
robado de su visión  
halléme sin corazón  
d'alma y vida despojado.  
A fuerza de amor, mi madre,  
robado me le hane.

- Alcino Ela mandou-vo-las gabar e vós crestes-lho, [206'] e eu nunca as vi tão más.
- Hipólito Parecer-se-ão com as vossas, que fareis mais escarcéus que um noroeste. Mas devisardes as confrontações da minha tenção não é da vossa colheita.
- Alcino Vós deveis ser um contente homem, segundo sois confiado. E fazeis bem, porque ruim seja quem se em ruim conta tem.
- Fileno Vossas mercês querem ir por aí às hortas comer dos cardos? Jogaremos à bola e, se quiserdes damas e pandeiros, mandarei apelidar a terra e vereis a doce França.
- Régio Nós havemos de ir ao paço, fique pera outro dia.
- Fileno Fiquem-se logo a Dio, que estes são os mancebos que se vão por aqui correr as estações de seu gosto e meter o bom dia em casa, antes que infirmitades de mau estômago, dor de pedra, de enxaqueca, e toda essa turba multa dos almogáveres da velhice nos corram o campo, porque são uns tredoros rapazes, atalhadores da vida, que se vos entram não vos leixam pôr pé em ramo verde. E eu velo-me deles.  
[207]
- Régio Senhor, essa é a verdade, que estoutros contemplativos da China não vivem.
- Fileno Convosco me enterrem.

Cena Sexta.

Régio, Alcino.

- Alcino Vós passais por como estes são vãos e perdidos pela sua arte? Parece-me que não tem ponta de miolo.

- Régio Esse mau lhe achastes? Não morrerão de hétegos. E pressupõe que o mesmo vão rezando de nós por não errarem tão certa certeza como é murmuráremos todos uns dos outros nas costas e não nos satisfazer salvo o que aprovamos.
- Alcino Dir-vos-ei, eu conheço a laia destes, são grandes sequazes de esnoga de Alemanha, e às presas oferecem alma [207'] e vida como Deos tem por bem. Falam per graça latim maçorral, com o qual por gasalhado recebem os fregueses que vem muito apunhados. E aqui o primeiro arrepique é acodir-lhe com figa per baixo da perna de muito familiar, e o segundo atuar-se (leis e liberdades de sua estreita conversação), os quais meus senhores assi dão por bom tudo o que eles aprovam, como um senatus consultus. Lançam-se a um traje novo como danados té o pôr no fio, e cuidam que vendem galantaria e arte.
- Régio Mas quanto engano há nisso. Eu hei de navegar um dia té os Cachopos ou chegar aos bancos de Valladolid e trazer de lá as carapuças do xeque Ismael por competir com estes inventivos.
- Alcino Ora sabeí que, se trouxerdes um chocalho dizendo que vindes de Bretanha, onde se costumam, eu vos faço bom que os tragam logo cá aventejados desde dom Quadragante té Risdeno.
- Régio Essa vos digo que hei por pior. É a liberdade [208] aqui tanta pera desmanchos e o cativeiro tal pera comedidos que em tudo quer Pedro ser tão bom como seu amo, e nenhum superior conhecem, salvo particular interesse. E este crede que é o algoz de quantas opiniões e soberbas vós vedes alardear.
- Alcino Por isso diz o castelhano: quien tal hace que tal pague.
- Régio Sabeis que vou cuidar de minha malícia? Que quando Portugal era mato maninho de letras jurídicas e vivia da opinião das armas carecia das cautelas e trampas em que agora anda baralhado, tinha o primor na verdade e não era arrastado de tanta cobiça.
- Alcino Isso me traz mouro. Ver doutor argel, como cavalo, que bolou ao grão propter labores itineris, como eles dizem, mais curto inda do entendimento que da vista, mais descortês que porteiro, mais mal incrinado que um aleijado, todo incorporado em vilão. E tão desagastado vos despõe da fazenda e honra como se não [208'] houvera mais que nacer e morrer.
- Régio Ora fazei-me ãa mercê, passemos-nos desta escaramuça a outro remanso, não nos levantem, se nos ouvirem, um caramilho per que pubriquem contra nós éditos de resistência, que entre eles é pior que caso maior e contra a coroa.
- Alcino Disso me rio eu muito, que nunca me vereis acoimado na lei de lesa-majestade porque morrerei mil vezes pola bondade real, nem sei idade mais ditosa nessa parte que esta nossa. Por onde estou aos pés juntos no que devo à lei de bom cristão e bom português. E quanto ao mais, ninguém mostro com o dedo, falo assi à cega lagarda, como dizem. Quem for mais ãnocente e simpres na tenção lance a primeira pedra, que a verdade é tão forte que vence todos os cuidados humanos.
- Régio Anda o mundo envolto e tão calabreado neste passatempo de notar faltas alheas e nunca ver as próprias que nós dizemos de uns e outros

dirão de [209] nós, e assi ficamos tal por tal. E sabeis que não há português que não tentê e emende o mundo com mais confiança que a de Licurgo em dar leis.

Alcino Há logo mui poucos que queiram estar por elas.

Régio São horas de paço, vamo-nos lá.

Cena Sétima.

Hipólito, Fileno.

Hipólito Ora vós não gostastes muito de como tivemos o escudeiro brasa? Não sabia se estava em céu se em terra.

Fileno Pera que é falar nisso? Não punha pé em chão. Pois cuida ele que vende corte!

Hipólito O outro parece-me que se nos quis vender por chumbado, que eles agora tem por o timbre da discrição falar pouco, rir muito menos e muito arrendado [209'] e não zombar, por o decoro da gravidade. E há destes medalhas de mais sortes que moedas de Alemanha.

Fileno Oh como esses são enfadonhos. Outros há também muito perros, empostos em graciosos, praguejam de todo mundo. Onde estão sempre os ouvis mal ou bem, contrafazem, sabem novas e infirmitades porque andam a isso; odiosos na conversação, nas obras desautorizados; as mesmas fezes do paço antigo, que foi tudo risadas sem graça. Zombam muito, correm-se sem tempo nem hora; broslados de velhices, enfiados em certezas hétegas, havidos por discretos de quem lhes não sabe lançar o prumo. Se lhes mostrais gostardes deles despejais-lhe o bucho de quanto tem.

Hipólito Ora vinde cá que me dais a vida, porque eu não vivo senão de terçar quanta parvoíce vejo em cabrões. E cuidam eles que pera os sentir ninguém lhes toma a palha, e eu atrever-me-ia, sem perigo nem cuidar que fazia muito, axorar [210] dez mil destes. E que me dizeis a uns católicos que rezam sempre em púbrico fazendo com os beijos maior harmonia que a de ãa acenha? Nas personagens e enlevações de olhos representam machatins, os suspiros são tantos que darão bateria ao concílio dos deoses mais perigosa que a dos gigantes. Na boca a conciência e no peito a ingratição, querem-vos composto de humildade e sofrimento pera os compadecerdes, sendo cada um deles em soberba e altiveza o Colosso de Rodes. E assi negoceam o mundo, alicece de suas esperanças e fundamentos.

Fileno Sabeis de que gostei muito sempre? Ver mó de uns que eu sei tão sáfaros do júzo estimativo como perjudiciais no prático, que em prática tomam entre mãos as cousas da outra vida dando-lhe cem repelons às escuras té virem a penas do purgatório, mortos por abalizar em que parte é. E embebidos nesta alteração alega um que o ouviu a Calçadilha, outro que o leu [210'] em Guevara, ouvi-los é farsa. E o mais comedido remata a porfia com dizer que tem e crê o

que manda a madre santa igreja. Nesta concórdia satisfeitos do que aprovam ali se acotovelam a cada espirro do pregador. Apontam onde atira, aposentam-lhe a tenção a cada passo, mas fora de casa. E se ele açoutou o mundo, disse, ameaçou e deu palmadas, logo todo aquele dia ouvis: bom esteve hoje o pregador, prometo-vos que há de ser grande homem se por ali vai sempre. Mas se se foi pelo Evangelho somente com ãa doutrina penitenciária e proveitosa pera as particularidades da consciência cega em suas incrinações ficam bocejando e dizendo: vinha muito frio e ensoado o padre, não se pode ouvir, detém-se muito, tenho-me eu com o de noutra dia que em duas palavras disse o seu e o das patas. E o outro responde-lhe: esse homem é jogo sem bulra. Então leixai-os manter porfias e segurar o campo com um [211] riso muito confiado.

Hipólito Por vossa vida que sigamos alguns párrafos geralmente, e ruim seja quem por ruim se tiver.

Fileno Ora sus, que eu farei também meus corolários.

Hipólito Sabeis de quais gosto por extremo? De uns doentes de fidalgos, como músicos de sentido, sem cabedal. Em aldea põ cadeira de espaldas na ussia, na estação bocejam, quasi digam que estão dali cem léguas nos cuidados, trazem demanda, sem ter direito, sobre ferragial a que chamam morgado, o qual constituiu Pedr'Eanes de ãa aguilhada de terra que tomou na sua terça com certas obrigações de que o compromisso é perdido. E aqui bate o negócio, sobre o descobrimento deste compromisso. E o tal demandão diz que lhe pertence per sua tia, afilhada de seu avô, que na rota de Pavia leixou ãa verba tal. Finalmente, traz um dito decorado que a todo mundo conta, faz e desfaz leis, estuda pelas ordenações e gaba-lhe [211'] a linguagem. Toda sua conversação é doutores que ele afirma que embaraça a cada passo. Faz nota de razoados que lhos ponham eles em termos, nova nenhũa lhe escapa. Dou-vos minha fé que não sinto paciência que baste sofrer um destes por vizinho em lugar pequeno.

Fileno Muita graça tem, por sinal que o mais do tempo trazem dó. Lançam sempre júzcos sobre a estada do rei, cada hora lhe fazem um regimento, tudo autorizam com costumes dos reis passados a que seus pais foram muito aceitos, e quiçá os não viram.

Hipólito Ora ouvi rimar. Que me dizeis a uns como ogeas com olhos cozidos, que servem de se debater? Foram ver mundo por caso fortuito. E imaginai que às vezes o correram como obreeiros e em semelhantes cargos, segundo se acontece. E a primeira peça que tiram a terreiro, como se lhes oferece algum espojeiro, é gabar costumes estrangeiros e execução de leis, estalagens de França, [212] prato à pasto de Itália, vidraças de Alemanha que nunca se quebram, porque não há rapazes travessos, passatempos de Borgonha, regimento de Veneza. O negócio é que enfadam as pedras com suas tragédias. Se nomeam o duque de Lencastro há de ser em ingrês. Os aquecimentos foram tantos, as fortunas tantas, contam cem vezes ãa cousa e encontram-se a cada passo, dizem o que não viram, do que vem não sabem dar razão; cousa da sua natureza não lhes encaixa, tem que forçadamente lhes há de dar

o tempo algum em que sejam necessários. E se não, aí está Itália, onde estimam os homens per sua pessoa, que em Portugal não se pode viver. Tem safra como azeite e a sua inchação as mais das vezes se lhe resolve em vento.

- Fileno Sabeis quais eu trago atravessados que desejo aposentá-los entre os montes donde o borracho do Talmud sonhou que estava ençarrado um dos tribos de Israel?
- Hipólito Muitos vos direi eu [212'] desses, mas dizei os vossos.
- Fileno Uns bufos a que os necessitados acodem por mais não poderem. Toda sua Conquista de Ultramar consiste em saberem muito de provisão (mangra que vai tomando já pelas grimpas), usurpadores do suor alheio, chamam provido a ser escasso e discrição a ser tacanho. Ser estéril tem por obra de espírito e por doudo o gastador, não tem juízo pera apetir bom nome, porque de costumados a pouquidades não sabem querer nem entender senão cousas pequenas, e então quem barata a honra por dinheiro perde ambos. E enfim não pode ser maior fraqueza que pôr o preço da pessoa no que se aquire, porque de pusilânimos é prezar-se do que tem e de magnânimos das obras que fazem.
- Hipólito Nojenta relé é essa, e não tem lei salvo com a própria cobiça, vício mais pera haver dó e avorrecer que todos.
- Fileno Sabeis outros que eu acho de muito sal? Uns gamos perdidos por bien amar que [213] às apalpadelas pretendem engatinhar pelo forol dos seus passados. Tocam per semitom, passando por alguém que os ouça, trova do cancionero de que trazem a memória acogulada. Tratam Boscão familiarmente e a passos o vem por peneiras latindo à cova do Petrarca, falam de ouvidas em Ausias Marche. Como se ajuntam com outros picões da sua estofa falam nos modos das damas e em contos seus. Daqui vem descaindo a falar na caça, mostra-lhe galgo e gabam-lhe a seda, contam mentiras de lebres com o gosto que Heitor teria levando em fugida ante si os gregos. Assentam em fim que não há caça como a do gavião, muito pesarosos, porque os sáfaros não são tão seguros como os ninhegos e resumem-se no gosto que é ver esmerilhão com cotovia.
- Hipólito Sofríveis são esses, se nisso não gastassem o aço dos espíritos fazendo do exercício ofício e do passatempo ocupação. E nessa paragem vos darei mil [213'] seitas que fazem o finca-pé em opinião própria e o alicece é buscai per i cranguejo. E um furo abaixo apontai uns que tem manhas mecânicas, que não fundem, porque diz o italiano: se senno senza òpera, ricchezza di mâtto, sotileza di povero, bellezza disonesta, vâglion nulla. Fazem per si mundo em segredo, vivem como morcegos, tem cancionero de boa letra e má nota e mostram-no em particular a quantos lho querem ouvir. Trazem sempre anel de camafeu ou qualquer outra peça de novidade cavada com sua imaginação e lustram nos arrabaldes per humanidade com saberem todo género de aquecimento quotidiano.
- Fileno Outros há também muito pera espreitar, tomam mais ventos que esses, que os traz como palhas em redomoinho. Trazem parenta no paço per

que vogam, ousam cometer qualquer lugar mediante seu favor, sonham sempre derivações e boas repostas, inventam motes mais remoídos que o ax dos [214] rapazes. Tem mil pés nos singelos e erram sempre os dobrados, e por serem primas inda que cainhos, fracos das presas e maus caparoeiros, são admitidos em toda boa colheça delas.

Hipólito Disso hei dó, porque vejo os terços, por mais ardidos que sejam e por mais que rechacem a caça no ar, nunca empolgam em valia com as ditas senhoras que passe de amizade porque cometem sempre peito a vento, fuge-lhes tudo por longe. E, à força de porfia, se se cevam, por desastre não tem mais que a prática e os suspiros. E logo vê-los-eis sempre no campo fragueiros com ãa ufanía e ventão que direis a Deos que não há mais Troilos. Mas assentai que tudo é: quanto vales tanto podes.

Fileno Os “meus senhores”, de que nos armamos na prática, em que rumo os pondes?

Hipólito Em uns que servem de remos do reino, mais que estorninhos, gozos que se mantem do que lhe os rafeiros soltam. Toda sua rota gastam em se esganiçar derredor [214'] do curral, desviados dos roazes. Seus conhecimentos nesta parte são negras a que chamam comadres, quando muito vogam em amores de moça do retrete mudado no ar, escravos de suas amigas. Per caminhos vão na bagagem e carruagem latindo, e falam doçuras mais mal apropriadas e menos fundadas que Disparates de João del Encina.

Fileno Eu estou vendo essa relé no paço da Ribeira de Coruche, onde se metem pela água com toda diligência e lançam-se a um desastre de um atoleiro mais foutos que podengo de levanto em lagoa de adens, do qual perigo tem que contar pera seus netos como se foram o Cavaleiro do Cisne.

Hipólito Oh, calai-vos que me fareis estalar de riso e espojar-me nesse chão. Ora enfim tudo é vento, senão viver aos dias e o bom metê-lo em casa. Não gastar a vida em granjear honra com sofrer cem desonras e outras tantas afrontas que vos estilam. Quem se satisfaz do que pode é senhor de si e forra [215] grandes desgostos, por isso quem vos gabar o paço em suas valia, gabai-lhe antes o deserto. Inda que isto não se sente senão depois do tempo perdido em contas vãs.

Fileno Tenho-me eu com dar ãa revolta de couces a ãa iça por qualquer sombra de ciúmes e depois trazê-la à péla. E então quatro figas pera as conservas da Ilha da Madeira.

Hipólito Falais da minha arte, são escravos da cobiça, cativos de suas longas esperanças vãs.

Fileno Tevesse eu a acica provida sempre de bons grãos ou coscos pera poder roçar e piar de godo, e eles suspirem embora como Valdovinos. Tenho-me eu com a minha iça de que tenho todos os almoços ãa gomarra ou dous soldos. E isto não lhe tira a seus tempos pôr-vo-la em lima e dar-lhe ãa estafa com que fica cuidando que bebo os ventos por ela. Verdade é que tenho gastado com ela o Cairo.

Hipólito Mais mimosa se quer a minha.

Fileno Vós sois inda bisonho, e mais essa [215'] tem a corva da mãe que vos faz guerra, e sobre mim que não há dia que a não ponha em almoeda. E estas sabeis que se querem apaleadas como o vilão e o coelho e nada basta pôr-lhe freio à língua. Dou logo bofetada à minha que vo-la estiro na casa, ela de vilão e velhaco não me há fame nem sede, e contudo diz que venderá o garavim quando mais não puder por mim. Eu porém tenho-vo-la dona e senhora, que não ousam valhacos boquejar-lhe nem algũa outra do trato anojá-la em ãa palha, porque ponho logo tudo a sacco. Andai por aqui, vamos dar ãa vista às costelas.

Acto V [216]

Cena Primeira.

Astolfo. Ulissipo.

- Astolfo Vós sabeis que somos contraminados de nossas molheres?
- Ulissipo Como assi?
- Astolfo Tem a minha sabido quanto temos feito e por fazer. Já ouviríeis que té o bem consultado sabido dos imigos resulta em próprio perigo.
- Ulissipo Por isso dizem bem que quem quiser ter negócio sobejo faça nau ou tenha trato com molher, porque nada basta ataviar e governar estas duas cousas e o diabo lhes diz sempre tudo. Que há de ser? Que eu [216'] nunca vi molher muda, e na língua tem toda a força.
- Astolfo Pois sabeí que per via da vossa cuidio eu que a minha é sabedor desta cousa.
- Ulissipo Essa é pior, e mais é assi, que não de balde se faz agora novamente enqueredor de todos meus caminhos e me lança sempre remoques e dá achaques que dissimulo mas entendo, porque asno desovado de longe aventa as pegas, e eu sou de a quem errares não creas. E por isso lanço mão antre mim de tudo o que me diz pera saber o de que me hei de velar.
- Astolfo A minha vos digo que tem inteligências com os meus moços. Se de mim se houvesse de tirar devassa ela bastava por cem testemunhas. E mais, logo me lança nas barbas quanto sabe.
- Ulissipo Não hei por bom isso, que a molher que te quer não dirá o que em ti houver.
- Astolfo Nesta cousa de ciúmes nenhũa tem paciência, por sofrida que seja. Sua natureza é inquirir e querer saber. Elas dizem que é de amor e soffro-lho porque [217] toda a perda é sua pois não podem saber senão mágoas a que, se fossem sesudas, deviam tapar as orelhas.
- Ulissipo Se lhe homem tomasse conta da costura, da maçaroca e de suas ociosidades, como a querem tomar de nossos negócios, quiçá teriam menos malícia. Mas a muita liberdade e mimo em que o mundo as sustenta é ocasião de entenderem sempre no que lhes não cumpre e passarem por sua obrigação.
- Astolfo Tenho caído que tod'o mal lhes vem de ociosas e de terem conversações acessórias de outras, que são os correos das novas que cá chamais cus de sete lares. Andam de casa em casa tratando de vivos e mortos e, encadernadas em um capelo franzido, são o tombo de negócios autivos.
- Ulissipo O rei desses conhecimentos é a minha e não há nenhũa destas, que com o rabinho entre as pernas e ãa bengala na mão correm Seca e Meca, que não registe com ela.
- Astolfo Dessa maneira não lhe escapará nova nas guardas do norte. Muito [217'] velo a minha desses azos, porque sabeí que é ãa conjuração

catilinária mais prejudicial que mangra. E de poucos tempos pera cá vai ter com ela ãa viúva que ela diz ser alma da vossa e molher de grande talento, e tal me parece em sua presença grave e honesta, mas confesso-vos que me carrego como adro como a vejo.

Ulissipo Pois fazei-me mercê que a não sofráis e vereis se vos pregoam logo por luterano. Eu a conheço, e é a que vos contei que ouvira praticar estoutro dia com a minha.

Astolfo Ora não é outra e digo-vos que nada me arma sua amizade porque me temo amotinar-ma. Mas homem há de sofrer por que o sofram, e tem o mundo posto tal foro de as sofrermos que não sei como não fazem maiores excessos.

Ulissipo Que direis a isso? E sabeis a que não tenho paciência? Que não se contentem elas de lhes dissimulardes suas fraquezas, porém vão-se apossando de nós de maneira que não querem ser molheres mas aios [218] que ensinem e senhoreem e a que hajais de ouvir sempre em silêncio, devendo elas viver de contino nele, em tudo sojeitas ao marido que é sua cabeça.

Astolfo Fazei-me ora mercê que as ponhais em caminho dessa lei. Como rima! Nenhã há já que não ensine o marido té a comer. Homens parvos, e pera pouco lhe tem dado tal crédito, que leixam de entender nas cousas de portas adentro e governam as de fora. Os antigos diziam que o primeiro conselho da molher se tomasse por a ligeireza dos espíritos que tem pera voarem logo ao que podem alcançar. Nós agora de popa à proa estamos pelo primeiro e pelo derradeiro, e assi vai tudo como Deos melhor. E estou em temer da nossa fraqueza que se faça nesta nossa terra o reino das Almazonas.

Ulissipo Se nós somos tão jóias que fazemos obrigação de homem honrado dar-lhes o governo não da casa somente mas da pessoa e da vida! E então dai-me ãa molher favorecida [218'] dar-vo-la-ei douda, dai-ma ter mando além da sua profissão, dou-vo-la atrevida e insofrível. Por mim o digo que não sou poderoso pera mandar em minha casa o meu negro. Tem-me tomado a mão a tudo e de ma,neira que fico sombra soy del que vivió. As filhas damejam em cortar vestidos gastam quanto tenho, o filho rouba-me e vive a seu sabor, e a mãe sustenta o bando por todos a meu pesar. E hei-me de calar se quero viver em paz. E sabeis todavia donde isto naceu? Da minha pouca ãnocência, e assi vai tudo. Pelo que dizem cállense y callemos que a cada milla sendas nos tenemos. Antes que me afeiçoasse a essa rapariga mais livre e forro destas forças vivia.

Astolfo Sabeis também que é? E perdoai-me, arrepiques de velhice sojeita a sofrimentos forçados.

Ulissipo Não me lembreis essas mágoas, que nenhum sofrimento me chega como cuido nas perrarias que nos a idade vai fazendo em tudo, e como nos o tempo cada dia vai tirando as cobertas. E então vedes que vos [219] vem socedendo nos gostos e empresas rapazes que começam apossar-se dos frutos da mocidade e não vos leixam lograr nem do vosso.

- Astolfo Tendes muita razão. Pois sabeis quem suspeito que é o autor da cavalgada? Vosso filho, como sustentor e padroeiro da minha rapariga, e quer fazer dela casta e virtuosa a pesar de galegos. E foi o negócio que parece ele andava d'amores com ela, e a velhaca afeiçoou-se-lhe em tanta maneira que um e outro deu que falar e que cuidar à gente, e já pode ser que não sem fundamento, que bem sabeis o que são e o que fazem rapazes desatentados e apetitosos. A mãe faz suas caramunhas, que ela que é filha de um fidalgo e que está infamada per sua causa que há de ir com a cousa ao cabo. De maneira que ele pela aplacar, como mancebo pouco destro nas fumaças, deu-lhe esperanças de casar com ela.
- Ulissipo Ele o pode mui bem fazer e ir logo ganhar sua vida, que do meu eu vos prometo que ãa palha não hajam, inda que saiba [219'] dá-lo a mouros.
- Astolfo Contou-me isto a velha, pedindo-me que me encobrisse dele que cuidava que tinha na filha ãa Penélope. Que não quisesse, já que a lograva, que perdesse ela seu amparo e a boa ventura que se lhe oferecia. E todavia, quando noutro dia foi à horta folgar com a vossa moça, como ele parece, anda querençoso e esperto, achou-a menos. E, sentindo a música, quando ela tornou diz que a assombrou pera a matar se lhe não dissesse onde fora, e ela confessou-lhe tudo e deu-lhe larga conta da vossa história.
- Ulissipo Ponde lá vossa honra e segredo em siso e cabeça de raparigas. A verdade é que cãs nunca delas tiram senão afrontas, ãa idade demanda outra.
- Astolfo Antes nunca al vistes senão rapazes emburilhados com velhas e velhos com moças.
- Ulissipo São desordens do interesse e granjearias do apetito, e assi uns e outros pagam os rigores da condição humana que se ceva naturalmente de descomedimentos. [220]
- Astolfo Enfim que vosso filho, pretendendo vingar-se de mim e apartar-me da conversação de Florença, veio contar tudo o que passava a sua mãe.
- Ulissipo Que certa natureza de filhos serem pregoeiros das faltas dos pais e folgarem de lhe saber culpas.
- Astolfo Pois sabeis que com isto despe a mãe, que lhe dá quanto tem, té os toucados das filhas, pera ele dar a Florença, porque a alcoviteira da mãe não conserva amizade salvo enquanto lhe dão por quê.
- Ulissipo Ora sou o mais vendido homem que há no mundo. Esse rapaz prometo-vos que eu o contramine e mande nestas companhias que vão de soldados a Mazagão pelo tirar dessa milgeira, e ficará a senhora vacante.
- Astolfo Será a melhor cousa do mundo. E mais far-lhe-á muito proveito, porque fará em si e não andar-á por aqui perdido.
- Ulissipo Leixai-me com o negócio. Mas de minha molher o saber estou pera me enforcar, porque me há de perseguir aquela moça que [220'] é assombrada dela, e hei medo que pola comprazer me não veja. E espanto-me muito, segundo é mal sofrida, poder dissimular tanto comigo, deve de ser a fim de algũa contramina que me arma.

- Astolfo Em trabalho vos vejo, que, segundo a minha diz, nessa determinação está ela. E toda a graça foi que a vossa cuidou que ia com grande alvitre à minha porque, parece, o filho não lhe disse de vós, e a minha, como sempre traz sobre mim espias, tinha sabido nossa estada e festa e contou-lhe tudo, de maneira que veio por lã e foi trosquiada.
- Ulissipo E a vossa como toma isso?
- Astolfo Como o demo, sem paciência.
- Ulissipo Cousa é que raramente se acha nelas, maiormente em tais casos.
- Astolfo E assi nunca estamos em paz, somos cão com gato. Eu todavia levo sempre a melhor, que com quatro afagos que lhe faço fica mansa, e como a tenho contente tudo me perdoa. E confesso-vos que em parte ma tem a vossa danada.
- Ulissipo Vós falais na [221] minha corva? Quanto vai mais carregando na idade tanto se faz mais rabugenta.
- Astolfo De tudo nos o tempo desapossa.
- Ulissipo Ora que remédio pera fazer crer à minha que é tudo mentira, pera que me leixe viver esta moça? Porque é tão determinada que a fará punir por justiça e degradá-la daqui, e ser-me-á forçado sofrê-lo por ter paz com ela.
- Astolfo Dir-vos-ei: tenhamos maneira com que a caseis com algum badajo.
- Ulissipo Parece-me esse bom conselho, porque assi segurarei minha molher, e mais eu o tenho bem azado. O meu Barbosa imbicava-se pera a moça e, segundo me ela disse, remocava-lhe casar. Quero dar azo a que ela se case com ele e fazê-lo bem com eles pera que os contente. Direi a minha molher que ele a empenhou em casa e que se me descobriu, e eu por quitar questões a fiz ir pera casa de sua tia onde a recebeu.
- Astolfo Está mui bem cuidado, não lhe dilateis mais o efeito, e assi o direi à minha. [221'] E, por que nos não fique cá quem nos ladre, o bom será mandá-lo também a Mazagão na volta de vosso filho, pera que vão esparecer por esses muros.
- Ulissipo Falais muito bem. Leixai-me com o negócio que eu vo-lo darei corridio, e seremos com nossas molheres: a um tredoro dous aleivosos, que a quietação da vida não está em mais que em sabê-la ordenar com providência. Donde os poetas fazem grande caso da Hidra, que era ãa lagoa que Hércules secou com puro saber, atalhando a todos os olhos por que rompia e alagava uns largos campos. E nisto consiste a discrição: em saber remediar tod' o mau successo.
- Astolfo Senhor si. Em toda cousa há seu modo e seu certo fim. Arrenegai do homem que não tem mais que um conselho nas cousas, que é como rato que não sabe mais de um buraco. E o que se mais louva é saber-se aver forte e provido nas adversidades, o que é fazer que a fortuna vencida de vergonha de não poder [222] acanhar a quem afronta converta a má determinação em ajuda. Donde dizia o poeta: não te acanhes aos males, mas ousado sai-lhe ao encontro, por onde tua fortuna te leixar tomar a primeira via de saúde, a qual te virá per onde menos cuidares, que o não esperado vem sempre mais que o esperado.

- Ulissipo Assi é realmente, que longe estava de cuidar o que ora de improviso me veio à memória. E eu tenho muito isto: em qualquer caso logo me ocorrem à fantasia trezentos talhos.
- Astolfo Poucos homens achareis que tenham isso, antes não vemos senão à maior parte faltar-lhe conselho nas cousas próprias. E não há cousa que mais dano faça ao homem que carecer de conselho próprio e reger-se pelo alheio, que sempre é foute, descomedido e mal olhado. E quem per outrem mete o pé no laço, per seu próprio trabalho o tira.
- Ulissipo Mas como isso é certo. Eu sou grão marca de sofrimento, com que faço guerra ao mundo. [222']
- Astolfo Dir-vos-ei, muito é de culpados ser sofridos. E quem faz o que deve sofre mal sem-razões, maiormente dos devedores. E daqui vem mimos de virtuosos, porque não compadecem fazerem-lhe o que não fazem.
- Ulissipo Em muitos casos se vê, e tendes razão. Porém, contudo, a moderação nas cousas é o todo delas e o âmego do acerto. Esta não sofre tocados de encontro de fraqueza ou doudice, donde é a salva de repreensão e rica de louvor, porque é muito maior trabalho vencer-se homem a si que a todo outro imigo. E portanto trago sempre tento que obedeça a dor ao comedimento, e por isso vivo, que se houvera de ser esquivoso e impaciente com meus desgostos fora açoute de mim mesmo e quem vo-los causa triunfa. O bom de tod'a negociação é conhecer a pessoa com que a tendes, e, conhecida, tratá-la segundo vos merecer sua tenção. E sabeis de que me muito velo? De amigo que vos cala e encobre seu segredo e quer saber o vosso, porque [223] a mais certa lei que tem a amizade é ser clara antre si em todas suas cousas, que o amor é muito palreiro. E onde há gosto há cõmunicação, e os amigos que desta carecem não nos hajais por certos.
- Astolfo Eu sou disso, e muito pouco de homens gerais e de muitos barretes porque não sabem ser particulares. Logram-se de tod'o mundo e ninguém deles. Dão-vos contas de cousas em que se abonam ou desculpam de negócios públicos e cuidam obrigar-vos assi que esteis a destro pera o que lhe de vós cumpre. Mas eu revido, que fico mais forro que eles.
- Ulissipo Muitas cousas descobre o tempo nos homens, e más tenções calabream gostos, amizades, parentescos, e toda outra obrigação em ódios e quebras. E a raiz de tudo é o particular interesse de cada um. Este é o tirano das vidas e dos respeitos, este tem feito tudo tão custoso que pôs em preço toda cousa e desterrou dos homens o primor e toda boa opinião. Donde ficamos todos tão enganados do mundo [223'] que os que mais cuidam triunfar dele são mais vendidos e mais malquistos.
- Astolfo A isso vos dizem eles: inveja me hajais e não piedade.
- Ulissipo É tudo graça. Crede-me que quantos virdes com velas cheas de suor ou gemidos alheios nunca erraram duros açoutes dos que lhe mais deviam e ingratidão de seus herdeiros, que dos maus aquiridores nunca o neto se logrou salvo mui tristemente.

- Astolfo Senhor, o mundo é ãa má peça, e dou-vos minha fé que, quando cuidoo no que passa e vejo em muitos homens que o mandam e trasfegam, que me acho muito bom homem.
- Ulissipo E pois que cuidais? Somos uns ermitãos a respeito doutros. Meus pecados e vossos gravíssimos pera com Deos e dignos de mil infernos. Ca nos olhos dos homens todos são veniais e palpáveis. Guarde-vos Deos dos que fazem celeiro de mil excessos, que se não enxergam, e de ãas virtudes da superfície, mal tintas, que metidas em qualquer [224] experiência encanelam logo.
- Astolfo Por isso sou perdido por mim, que não tenho mais que este negro vício sensual que não tira sangue, e tudo o que faço é sem perjuízo de partes. Ora enfim, vós assentais no consultado?
- Ulissipo Senhor si. Amenhã mando minha molher pera a quintã com as filhas e família fazer a vendima e depois apanhar os olivais. Com essa ocupação vo-la deterei lá té ò Natal. Neste tempo sou negro forro.
- Astolfo Folgo pola apartar de aconselhar a minha. E contudo não vos descuideis de pôr em concrusão o casamento e partida, que isto é o que agora releva, e quanto mais cedo tanto melhor.

Cena segunda. [224']

Otonião, Régio.

- Otonião Vós, senhor, gabai-me esta molher, porque aqui não chegou Rui de Sande. Dizer e fazer nunca molher o teve senão esta, eu já de mim vos digo que venho pasmado e encantado de ver que assi de manos a boca ãa molher com outra pode tanto.
- Régio Isso tenho eu por bem certo, e sem meio delas raramente acaba homem cousa com suas mercês. E dir-vos-ei donde me parece que isto vem: nós como as veneramos muito perdemo-nos sempre com elas de fraqueza, não ousamos cometê-las, temos-lhe grande respeito; elas por conservar este estado de sua estima recolhem-se consigo, sofrem-se, encarecem-se com dor da sua alma por sopesar [225] o gosto e fazer mais em si. E daqui nace gastarmos anos e dias em respeitar tempos e esperar maré. E se lhe errais a hora do carreteiro, que lá dizem, então má hora lá ides, que tarde ou nunca cobrais outra. Donde todos os negócios desta qualidade que se perdem é por nossa culpa. E ãa molher como per si conhece outra, e como tem de natureza ser fácil a tudo o que lhes encaixa em gosto ou proveito, não lhe guarda talho nem busca muitos rodeos; dá-lhe cor à cousa, atira-lhe à vista com o seu apetito e assi pede o goloso pera o desejoso, do primeiro preparativo, e quando muito do segundo, a molefica e arma ao que pretende. E muito mais facilmente a move nestes casos de amor e afeição que em nenhuns outros, por razão do maior interesse que se lhe representa, ca sem ele nada as obriga. Por o que também nada lhe

- devemos no que por nós fazem visto como as move somente [225'] o seu respeito.
- Otonião Parece que falais a propósito e o certo. Mas ou seja assi ou de qualquer outra maneira que vós quizerdes, Costança d'Ornelas fez um feito romano e confesso-vos que lho não esperava, pelo menos tão cedo.
- Régio Não vos nego que o fez como mulher de prol, mas contai-me como passou a cousa.
- Otonião Foi lá e deu a vossa carta à senhora Tenolvia da Silva, e diz que foi recebida e festejada delas, e por andarem muito negociadas sobre irem pera a quintã não respondeu, mas prometeu falar-vos lá e buscar pera isso maneira. E a voltas disto conta que repetiu trezentas vezes (que é sinal que trata disto por mais que por passatempo) que Deos vos desse graça com que lhe tratásseis verdade e trouxesse tudo a bom fim. E diz ela que são em extremo devotas, que tod'o dia e toda a noite rezam e jejuam a três folhas de oliveira todas as sextas-feiras, e a sua espiritualidade não tem conto. [226]
- Régio Vedes vós isso? Será assi que molheres moças pretendem tomar Deos a cosso, com devações, e enquanto solteiras não se ocupam em al? Mas o dia que casam não tem mais conta com todas essas ocupações, morto é o afilhado porque tínhamos o compadrado, e por conseguirem o estado matrimonial se desvelam e fazem hétegas, e consiguído nem ir à igreja lhes lembra òs dias de sua obrigação. E por aqui vereis como nada fazem salvo a fim de seu interesse.
- Otonião Todos já somos tais. Eu, porque dizem quando te dão o bacorinho vai logo com o baracinho, por segurar as esperanças de suas promessas, acabei com Costança d'Ornelas que pera o sábado que vem as fosse visitar como que ia a Nossa Senhora da Luz, porque diz que está a quintã em caminho e que estivesse lá à tarde, e nós iríamos de cá a horas que pudéssemos lograr-nos dalgum bom acerto. Prometeu-me fazê-lo e que se iria com elas per antre [226'] as vinhas ao longo da cerca, onde lhe poderíamos falar pelos buracos da taipa. Portanto é necessário irmos rodear os muros e ver onde será melhor pera que a avisemos e vamos sobre cousa feita.
- Régio Tudo isso está de rosas e falais lila. E mais, se vos parecer vamos logo per i lançando pedrinhas, nosso mole e mole, dizem eles como quem não quer a cousa. Quiçá, pois já lá são, haveremos vista delas e faremos ãa via e dous mandados.
- Otonião Eu sou disso, e o bom será ir de besta de pelouro, com nossos vestidos de picote, pera parecermos do campo e irmos mais dissimulados.
- Régio Seja como vós quizerdes, sem embargo, que sou tão pouco devoto de caçadores que nem contrafazê-los queria, e mais, sabeis que é um contrário ofício ao de namorados, donde se disse: vós caçais e outrem caça e outrem caça-vo-la dama.
- Otonião É verdade, mas porém a nossa caça é a mesma do amor que pretendemos, por onde não se [227] entende em nós, que eu vos confesso, caçar não ser ofício de bom namorado, que é bem diferente ãa cousa doutra.

- Régio Falai comigo acerca disso que ninguém vo-lo há de pôr em termos como eu, porque não chamo amador a uns Cupidos ensoados que assoalham seus pensamentos de metal. Ca aos tais com sua vanglória os satisfaço, antes os condeno por devedores de muitas suspeitas que às vezes são más e nunca boas. E sendo dignos de muita pena são além disto tão sáfaros na galantaria, tam botos no primor, tão engraixados no traje, tão deslustrosos no ar, e finalmente tão apagados no entendimento que enfadam no corro e deles nunca saiu bom galgo.
- Otonião Qual quereis pois que seja o bom namorado?
- Régio Eu vo-lo direi sem errar ponto de suas confrontações. Descorado, corpo d'ossos, mudo antre galantes, discreto antre damas e desenvolto, secreto nas dores, sofrido nas mágoas, puro nos pensamentos e não vãoglorioso deles, descuidado na galantaria mas atilado, [227'] apontado no primor e bom ensino, com burel lustroso, limpo no traje, vivo no entendimento, dado à contemplação, solitário, pensativo, trasportado, seguro, confiado, cioso, abetumado, olhos húmedos, amigo da espada e não brigoso, nada caçador, dos bons benquistos, e notado antre os notados.
- Otonião Isso é pintar como querer. Dai-mo vós cá cavalo d'escudeiro que tenha tantas manhas.
- Régio Dou-vos a mim que tenho um peito que é ãa botica d'amor. E como toda a desventura do homem está no ânimo, porque se ajuntam muitas dores em lugar estreito, sou ãa fornalha e um forno de vidro que arso contino em amor, o qual me apura de maneira em meus pensamentos que se pode trasladar de mim um decreto pera amantes.
- Otonião Se vós por aí ides, tal de mi tal de ti. Vá por ambos, que sendo amor voluntária morte há mil anos que sou morto pera comigo e vivo na senhora Gliceria, e tão contente [228] disto que hei por dita a morte em que o morrer é vida. E todas as dores dos outros homens de toda outra qualidade não fazem sombra ante a minha, porque na minha alma se revolvem contino quantas fúrias e tormentos os poetas contam do reino de Plutão.
- Régio Digo, senhor, que vo-lo creio, porque vos julgo pelo que sinto. Vedes vós porém tudo isso? É de tanto preço e gosto um momento ditoso que se alcança mediante amor que val sem comparação mais que mil horas e longos tempos de todos seus trabalhos e contrastes. E se Demócrito risse e Heraclio chorasse por amor só um riso de Demócrito bastaria secar todas as lágrimas de Heraclio. Querei-lo ver? Olhai a pouca esperança de vida e a desconfiança com que entramos nesta afeição cursando o tempo que sabeis, que muitas vezes trocáramos nosso estado pela mesma morte. Agora com só a esperança de lhe havermos de falar e o consentimento de nosso cativo, [228'] e aceitarem-nos por seus, não somente nos esquecem as fortunas passadas mas desestimamos as por vir. Eu assi o sinto de mi.
- Otonião Isso é favas contadas. E com razão dizia Horácio ter-se por mais rico e bem afortunado que el rei de Pérsia quando abraçava Lídia.
- Régio Por isso foi muito discreto o castelhano que disse: más vale morir amando que vivir aconsejado.

Otonião Sabeis a que não tenho paciência? Com cabrões que não tem espíritos nem arte pera seguir amor e praguejam dele, que diz que lhe chamava Diógenes ocupação de ociosos e Séneca amizade douda. E não sentem que o amador é como Cipião: quando está ocioso o é menos pela ocupação de suas contemplanções. E se chamam doudos a ser esforçados é verdade, que Platão diz que não há homem tão fraco que amor não faça forte, e ser invencível o exército dos namorados. Donde os lacedemónios antes que dessem batalha [229] sacrificavam ao Amor e tinham esquadrões de amantes cuja fortaleza entendida de Filipo disse: não acerta quem cuida que farão estes fraqueza algũa.

Régio Senhor, quem bem ama tudo lhe socede, fiel amador mais gostos tem que desgostos. E dir-vos-ei: amor vicioso eu o condeno e confesso que por este, como eles dizem, foi Tróia destruída, Agaménom morto por Clitemnestra, Marco António por comprazer Cleópatra, Hércules abrasado, Sansão cego, Salamão privado do espírito de sabedoria, os tarquinos desterrados, Cláudio encarcerado, o tribo de Benjamim destróido, e quantas desaventuras vós quiserdes. Mas dai-me cá que cousa há tão boa que o uso dela não se possa converter em mal sendo tratada de maus e nécios. A medicina, que é dom divino, ensinou boas confeições que nós pervertemos e usamos pera dar peçonha. As armas, a que se dá o primeiro grau de louvor, usadas de ladrões [229'] e homicidas e dadas a imigos, são más. Dos filhos, que é a melhor possessão da vida, houve Édipo que matou seu pai, Orestes sua mãe, e outros. O fogo e água, elementos tão proveitosos, quanto dano tem feito por meio de maus homens! Desta maneira é toda cousa boa vindo a tratar-se de maus. O bom amor está na vontade e o mau no desejo. E não é por certo amor o que só faz mal. A belicosa Numância, Cartago imiga do império romano, a polida Corinto, a soberba Tebas, a douda Atenas, a santa Hierusalém, destróidas foram e não por amor. O justo Aristides, o prudente Temístocles, o regrado Cipião e o forte Camilo desterrados foram da pátria e não por causa d'amor. Peçonha matou Alexandre, ferro Aníbal, César e Pompeu sem culpa do amor. Assi que quem o culpa não sabe o que diz. Fazeremos nós ser o bom princípio do mal confesso, e por respeito do bem ou o fazemos ou o mal seu contrário. [230] Dos bons costumes naceram os maus, donde também do bom amor nace o mau. O meio em tudo é o necessário, que requintar e fazer finezas além do que basta não se louva no sábio mas fica em parvoíce, e do justo faz injusto. Por onde assentai que não há cousa melhor que amor honesto e virtuoso qual o nosso. Este se deve seguir e louvar por principal capitão do mundo, brando efeito, doce força, suave potência de nossos ânímos, sustentador e conservador da geração humana. Este liou e amigou romanos com sabinos abrandando seus furiosos espíritos no maior ímpeto da vingança, guia e companhia de toda paz e conformidade, grande socorro da triste vida. E como porém das outras cousas boas os maus tomam ocasião de mal assi também por ele se cometem muitos males, não por culpa sua mas por a daqueles que o tomam por meio de suas malícias e sensualidades. Os que se dele queixam vem-lhe [230'] de

seu natural vício e danado apetito. Amor não causa tristeza, antes faz alegres coração e olhos, e as culpas que lhe dão são dos que o seguem com tenção viciosa e não sabem como se deve servir puramente. Donde Aristóteles diz que se lamentam muitas vezes os amantes sem razão por não serem amados não sendo dinos de amor. Se as pessoas se conhecessem não tentariam subir além da sua sorte, querem voar mais do que suas forças bastam e caem como Ícaro e Faetão, no que é de culpar sua doudice e amor não. E inda o abater-se de sua opinião em amores baixos hei por muito pior. Diz Claudiano que tem Vénus nos seus hortos dous rios, um doce e outro agro, porque não se pode gostar do bem sem sentir o mal. Ter fome e sede é trabalho, e sobre ele comer e beber é grande gosto. Desta maneira é toda cousa amada e desejada em extremo gostosa quando se alcança per meio do desejo e carestia [231] dela, donde a mulher quanto mais se nega e encarece tanto é mais cobiçada e estimada.

Otonião Nada do que dizeis me pode parecer mal sendo tudo em favor da minha seita. Mas parece que pondeis o bom disso na igualdade. E isso seria quando a escolha do amor estivesse em nossa mão, o que não se sofre pois consiste mais na ventura de cada um.

Régio Não tolho a cuja for sua sorte empregar-se além de seu merecimento nem tacho afeição de abaixo da sua opinião, que na conformidade dos espíritos está tudo. Amor iguala cousas baixas e tempera as condições. Quando se recebe com puro efeito no coração faz perigos leves, estados iguais e vontades conformes. Quero somente o alicerce e fundamento edificado sobre tenção pura, e não sobre apetito sensual. Namorar-se homem per opinião, se lhe não socede, sua seja a culpa; namorar-se per razão do seu desejo ou sorte do seu entendimento, a este [231'] tal tudo se lhe deve e lhe está bem. Este tal é esforçado em sofrer afrontas de amor, pacientíssimo em toda fadiga, alegre nas dores pela causa delas, querençoso da honra, moderado no apetito, amigo da honestidade, nada há por impossível nem trabalhoso. Por comprazer a quem ama apraz a muitos, pelos melhores e mais nobres modos que há procura satisfazê-la. A fim disto se faz diligente e industrioso, em saber louvá-la pronto e eloquente, e nas cousas duvidosas capaz, porque amor lima os engenhos e como ferro os traz no escamel das virtudes exercitados, suprindo com arte o que lhes falta da natureza.

Otonião Por isso me quero enforçar com praguentos que tomam por discrição reprimir namorados e culpar mulheres. E há mil homens que foram honrados per elas. Nunca Jasão saíra com a empresa de Colcos salvo por meio do amor de Medea, e Teseu do laberinto mediante Ariadna, Timea assaz [232] valeu a Alcibiades, e outras mil sem conto.

Régio Senhor, pera que é nada? Quem vos disser que das telhas abaixo neste nosso andar mundano pera um galante há outra vida autiva, outro estado nem outro gosto senão o dos bons amores, dizei-lhe que vá rir à feira, que não sabe onde está o mel, e sobre essa morena...

Otonião Sabeis de que maneira estou aferrado com vossa opinião? Que me matarei sobre ela com cem mamelucos. E quereis ver quão suave é

falar do amor? Que é o mesmo canto das sereas pera embair. Porque vedes, nós somos com a quintã sem sentiremos a jornada, enlevados na prática.

- Régio Estai quedo, não bulais convosco nem faleis palavra que esta cousa quer-se de rodeo como caça de perdizes. Daquele cabeça tomaremos vista. Vede-las? Andam junto na nora sós. Se ora a ventura quisesse que fizéssemos bom emprego neste caminho, que em tudo não há mais que bom acerto, dá-me ventura deita-me na rua. [232']
- Otonião Vós olhai o que fazeis, que eu sei que me foge já a terra dos pés e tremo todo em cuidar que posso ser visto daqueles olhos de escopeta.
- Régio Leixai-me fazer que eu vos porei do lodo. Nestes casos tenho grande acordo. Daqui estamos bem. Vós passais pela desposição e ar daquelas mulheres? Não há mais ninfas de Esparta. Pintai agora a chegar um homem a estado de se ver valido de ãa pérola daquelas, e então quatro figas pera quantos tiranos há no mundo, que longe estou de lhe cobiçar a fame que tem de usurpar o alheio que nunca se satisfaz do próprio.
- Otonião Si, mas sabeis também que estou contemplando se haverá atrevimento de mãos humanas que tratem desenvoltamente o mimo daquelas boninas, que eu de mim vos afirmo que tenho por abominação cuidá-lo, quanto mais tentá-lo.
- Régio Eu também, por mais galante tenho o contemplá-la e não cometer cousa sem sua licença. E foram alguns devassos sê-lo [233] tanto que tem pera si e o dizem sem pejo na praça sem haver quem os apedreje, que o que entre nós fica em curteza é julgado por elas a parvoíce. Porque em tudo o homem comedido ganha pouco e com elas perde-se. E tratam de fazer bom este seu erro com que o parvo de Mancias foi desprezado, e o doudo de Grací Sánchez ficou em aire, e o Guevara escarnecido, e outros, porque se foram por estas enlewações de que se elas não fiam, antes as avisam pera se acautelarem de nós.
- Otonião Como que nestes casos houvesse algum homem discreto. Já nos vem.
- Régio Falemos-lhe, inda que seja de longe. Áque del rei, vós vedes aquelas medidas? Ora enforque-se o grão turco com todos seus reinos que eu não quero conquistar mais mundos.
- Otonião Assentai que se me derdes a senhora Gliceria da Silva por mulher, dentro na pipa de Diógenes e eu com ela, que me rirei de cem Alexandres.
- Régio Que me assino convosco em branco. Vós notais [233'] aquele passeio e gravidade da senhora Tenolvia da Silva? Ah cadelinha, que se vos eu colho vosso pai será meu sogro. Senhor, olhai por mim, porque me hei de lançar a voar. Não fora eu agora a águia de Júpiter que roubou Ganimedes! Pera que é nada? Não tenho sofrimento pera não endoudecer vendo aquela ídola.
- Otonião Este é o tormento de Tântalo, ver e cobiçar. Sabei que me sinto estilar-me de desejos.
- Régio Vós vedes como se picam? Não há mais gasalhado. Par estas barbas que estão rendidas. Quero acenar-lhe pera aquele canto que está

descuidado, onde lhe poderemos falar pelos buracos da taipa, que o bom disto é seguir a vitória.

Otonião Quem isso visse e morresse logo. Tanto me é de bem que o não creio.

Régio Não sejas desesperado que azos acabam tudo. Voto a tal que acenou com a cabeça que sim. Vede-las? Encaminham. Andai por aqui e vereis hoje gatos comer pepinos. [234]

Cena terceira.

Tenolvia, Gliceria, Régio, Otonião.

Tenolvia Mana, passais pelo cuidado que tiveram de vir e o bom posto que souberam tomar? Homens são diabos, nada lhe escapa.

Gliceria Que menino meu compadre pera se descuidar do que deseja e pera lhe ficar por rodear tudo.

Tenolvia Pois meu irmão certo não se lhe agacha. Logo lhe nós agora pudéramos falar àquele canto pelos buracos que ontem vimos e vos eu disse que eram bons pera isso.

Gliceria Seria bom acenar-lhe que viessem.

Tenolvia Não é siso, porque se nos convidaremos com o que eles pretendem não nos terão em conta. Mas se no-lo cometerem pode-se-lhe conceder pela confiança que neles temos, [234'] e em pago do trabalho do caminho, que se lhe deve agradecer. E todavia eu não queria fazer cousa que depois de casados me pudessem lançar em rosto e causar-lhe algũa desconfiança, que nisto se perdem muitas molheres, donde se diz: quem casa por amores, sempre vive em dores. Os homens são muito maliciosos, as molheres enganadas, quanto mais fazem por eles menos lho estimam; e fica-lhes parecendo que o fazem mais por defeito da condição que por força do amor que as vence, porque lho não crem. E depois que se apossam delas entram em desconfianças com que nunca estão em paz. E portanto há mister vivermos muito acauteladas com estes nossos servidores, e quanto mais discretos são tanto menos fiar deles.

Gliceria Vós o vede, mana, que eu os tenho por mui refalsados, e a meu compadre nada lhe cai no chão.

Tenolvia Pois, por tanto como isso, leixai-me fazer, que se sabem muito, as meninas não são tolas. [235] E prometo-vos que não se vão alabando de nós, a poder que eu possa.

Gliceria Não são estes os homens que se gabam, e mais andando com tão boa tenção, como nossa amiga diz.

Tenolvia Dou-lhe eu do mau mês e mau ano, pois inda havia de ser outra cousa? Molheres somos nós pera príncipes não haverem em boa ventura vermo-los quando o demo quisesse? Bem segura estou eu, que cada vez que nos quisermos casar que nos lamberão os dedos.

Gliceria Eu folgara muito de ouvir vosso irmão, mas falar-lhe hei vergonha.

- Tenolvia Não sejais corrida que vos terá por bajouja; e os homens querem que lhe saibam as molheres responder. Já vosso compadre acena e, bofé, não sei se lhe responda que sim, que também não me pesará de lhe falar.
- Gliceria Que menos se pode fazer já que vieram de tão longe?
- Tenolvia Ora a Deos e à ventura, que algũa cousa se há de aventurar pelos não perder. [235']
- Gliceria Parece-me que os veio Deos a ver, segundo vem depressa. Falai vós, mana, logo a meu compadre, que eu não me atrevo falar ao meu.
- Tenolvia Eu ordenarei como seja. Tende vós tento se vem alguém de casa pera cá enquanto eu falo, e depois eu farei o mesmo.
- Gliceria Muito embora. Nós tempo temos pera tudo, que minha mãe há pouco que foi à sua romaria e não virá tão cedo. Estai vós descansada que eu vos seguro.
- Régio Este é o melhor e o mais descuidado lugar que aqui pode haver. Vedes, vem minha senhora com ùa flor de borragem na face. Gabai-ma, que à fé que lhe dá muita graça.
- Otonião Vem gentil dama.
- Régio Vigiai se vem alguém enquanto lhe falo e depois vos sirvirei.
- Otonião Pois olhai, não vos esqueçais de mim gastando todo o tempo convosco, que me matareis.
- Régio Não sou tão sôfrego, inda que haja sobeja razão pera o ser. Beijo as mãos a vossa mercê.
- Tenolvia Está i o senhor vosso amigo convosco? [236]
- Régio Está vigiando enquanto eu vivo.
- Tenolvia Parece-vos bom atrevimento este meu e que me tereis em boa conta em vir aqui?
- Régio Eu, senhora, não trago juízo pera julgar nem venho senão a padecer e ser julgado dessa vontade, a que me ofereceu. Trago somente olhos pera dar pasto a esta alma que a mim sustenta pera vos servir e espírito pera contemplar na visão desta glória. Que não mereça tão alta mercê, é de vossa obrigação fazê-las a quem se vos entrega. ùa cousa me haveis de crer sobre minha verdade, que há tanto tempo que me sustento da opinião de desejar e pretender servir-vos que não me lembra já viver sem ela. E a vida dantes hei por morta em ser sem este pensamento com que me dou por satisfeito de quanto posso esperar. Isto me tem dado té qui sofrimento pera poder com minha dor, agora pode tanto comigo, ou contra mim, que se me não valêreis nesta afronta por sem dúvida tinha desfalecerem-me os [236'] espíritos. Merecimento ante o vosso bem sei que o não há que baste, por o que não tenho que apresentar nem que alegar por mim. E foi bem olhado por vós, senhora, deverdes-vos a vós mesma o que me fazeis, pois o não podia merecer. Mas saber eu sentir a sojeição e amor que se vos deve, e porque devo entregar-me a todo o sentimento que a vossa causa me vier, deve merecer-vos o que não ousou esperar. Pura fé e justa afeição vos dão por mim a devida obediência de vosso, como o sou, confesso-me e conheço-me indino de o ser, e como quem em nada vos queria errar e em tudo satisfazer pretende, consentirdes que o

seja isto só peço e al não desejo. Se deste consentimento por o que vos merece ãa alma escrava mercê me quereis fazer esta seja a coroa e triunfo das afrontas em que me metem cada hora cuidados vossos. E pois por vossos mos dão, e meus desejos pretendem morrer nesta opinião, se servir-vos [237] de todo não desmereço aceitai minha verdade e a mim juntamente com ela pera que não sinta sem licença vossa o que sou forçado sentir por vosso respeito. E crede-me, minha senhora, que o muito em que vos tenho me dá ousadia de vos apresentar vossas obrigações e minhas dores. E por quem sois ousado e espero o que vos esta vontade obediente merece, que em verdade nenhum esforço tenho no que cometo nem presunção pera o pretender, salvo no favor de vossa mercê, com o qual podeis crer que salvais esta vida, porque tal a tenho já que perder-se é o menos que lhe receio. E em despordes dela e de mim está o ganhar-se. De empregardes bem em mim as obras de vossa vontade sou seguro e assi o sede, que de nada me prezo tanto, depois do meu cuidado, como de muito agradecido.

Tenolvia Essa obrigação é dos homens de vossa qualidade, que o bom sangue nunca foi ingrato. Mas que sei eu, se poderá mais a [237'] minha má fortuna que a vossa verdade?

Régio Em vós, senhora, não tem a fortuna jurdição, antes a tendes nela pera a forçardes a vos obedecer. E quem per si tem tudo, e tão devido, de nada deve desconfiar. Se eu não tivera juízo pera entender que vos são devidos mil mundos, de mim só pudéreis recear-vos. Mas pois me entrego sem mais cautelas está visto que vos conheço e que nunca vos poderei negar que primeiro me não desconheça a mim mesmo.

Tenolvia Quando eu cheguei a isto já cri de vós, senhor, tudo o que podeis dizer, e inda que se vos deva este crédito tê-lo não hajais por pequena dívida. Porém, não sei o que j'agora crereis de mim. E tomara de vós, em pago do muito que aventurei, que me julgareis como vos julgo. E aqui vos lembro quão favorável partido vos faço, pois aventurando tanto e vós nada serei contente com ficarmos em jogo.

Régio Ah senhora, nô mais, nô mais por amor de Deos. Quem quereis que [238] vos saiba responder, maiormente em tempo que tão ocupados tem os sentidos em contemplar o que vem? Aqui não há senão cruzar ante esses olhos, lançar ante esses pés em penhor e prova de minha servidão. Dai-me lei em que viva, e se a não guardar perfeitamente que me matem. Desponde, ordenai, mandai e nunca eu mais valha nem mais viva que enquanto estiver à vossa obediência e na vossa graça.

Tenolvia Eu vos tenho, senhor, em conta de tal pessoa que sobre vossa fé tudo aventurei. E que amor possa muito comigo, que assi vo-lo quero já confessar pera mais vossa vitória, sabeis que não me obrigou ao que faço senão sobeja confiança vossa; e desta me queixarei ante Deos e ante o mundo se me enganar, porque não sou tão mimosa de mim que se houvera de fazer algũa cousa à força de vontade própria a não vencera por mais que me custara. Faço-o por crer que não deveis ter ociosidade pera perseguir [238'] quem vos não faz mal, e malícia pera

- destruir quem já confessa que vos quer bem, porque também não no posso negar, nem devo, pera minha desculpa.
- Régio Se houvera necessidade de me obrigardes menos razões que essas sobejaram pera me pordes em eterna obrigação, mas, porque estou nela da primeira hora que vos vi, se sois servida de me haver por vosso daqui dou minha fé de nunca conhecer outra senhora.
- Tenolvia E eu sobre essa me ofereço ao ter por meu senhor. E porque o tempo não é pera mais, visitai este lugar as vezes que vos o desejo obrigar, e com todo resguardo que vos não sintam os da quintã, e azando-se falar-vos, assentaremos o que se há de fazer.
- Régio Seja assi. Mas ah, senhora, quem quereis que tenha agora espírito pera antes não ficar aqui feito estátua que partir-se?
- Tenolvia É forçado. Da esperança do descanso tirai o esforço pera passar essa mágoa.
- Régio Mas pedirei ao amor sofrimento pera [239] me soste em suas dores, e a causa as faz sofríveis. E se fico nessa memória eu me dou por satisfeito e devedor.
- Tenolvia Já podeis crer tudo e eu nada negar.
- Régio Pois senhora, meu companheiro queria também falar à senhora minha irmã. Fazei-o, não digam que somos sôfregos.
- Tenolvia Senhor sim, chamai-o que eu a farei vir logo.

#### Cena quarta

Régio, Otonião, Tenolvia, Gliceria.

- Régio Senhor, eu vos leixo o campo, mal em que me pês, e não foi pera mim menos de apartar a alma das carnes. A senhora Tenolvia da Silva foi chamar vossa senhora, i vós esperá-la ao posto.
- Otonião Haveis que não fora mais fouto e confiado [239'] cometer um touro.
- Régio O prémio da afronta faz leve o perigo.
- Tenolvia Ora ide-vos agora, mana, que vos estão esperando. E não vos detenhais muito, que minha mãe não pode tardar.
- Gliceria Bofé que não tenho rosto pera ir lá.
- Tenolvia Como sois graciosa mana. E eu como fui? Bem me aviaríeis vós assi.
- Gliceria À fé que vou por amor de vós.
- Tenolvia Pois assi é. Ides vós porque o desejais.
- Otonião Lá vem a minha estrela. Que grão dita será porém chegar homem a se certificar que é valido daquela fermosura. Não tem o mundo mais que dar. Como vem abrasada, deve ser de corrida, que não é mau sinal de estar a virtude em salvo. Ela também é muito moça e ser-lhe-á grave este primeiro encontro do amor, que não sinto quem o espere seguro. Parece-me que se me esconde. Não de balde dizem que são trabalhosos os amores das moças. Quero-lhe falar e provocá-la a que me responda pois é necessário desenvolvê-la. Ah [240] senhora, e pois como há de ser isto? Não me haveis de ouvir já que me fizestes mercê de virdes

aí? Se foi a fim de me magoar mais pera que era a mouro morto matá-lo? Mostrai vosso poder em obras piadosas que são da vossa profissão e leixai as cruezas e esquivanças impróprias dessa gentileza a quem não tiver razão de ser tão confiada como o deveis ser. E ao menos não deveis condenar-me sem me ouvir.

Gliceria Eu bem vos ouço.

Otonião Não vos vejo eu logo e não sei com quem falo, e tomaria ser mudo antes que cego como quem se sustenta do pasto que recolhe n'alma das raras vistas que alcança. E se agora mo tolheis dai-me por defunto, que eu não me sinto espíritos se mos não reformais. E não sei, senhora, por que quereis que seja eu só o desprezado e o mofino, sendo vosso compadre tão ditoso. Pela parte que vos cabe de minha honra e não por mim, que bem sei que nada mereço, devíeis querer que não fosse [240'] eu menos contente. Vede-me e matai-me.

Gliceria Eis-me aqui.

Otonião Já que me mostrais um só olho, quereis-me fazer mercê dele, em satisfação da vida que em vosso serviço há de acabar?

Gliceria E eu com que verei?

Otonião Com dous meus que vos darei a troco desse, e a mim por contrapeso, se vos servir.

Gliceria Estou em fazê-lo, mas hei medo que vos arrependais se disser que si.

Otonião Parece-me essa escusa de mau pagador. E todavia já que vos Deos fez tão fermosa e tanto pera ser senhora do mundo, a condição que mais lustra em príncipes é ser liberais. Portanto, pois sois princesa desta vida, não deveis ser escassa de vossa vista pera quem vos deu de si liberalmente a posse. Vede-me sem essas raivas e fames, que doutra maneira far-me-eis cuidar que me desprezais, e tudo se pode sofrer senão desprezos.

Gliceria Bofé senhor, que não cuidei de mim que pudesse ter este despejo que me fazeis ter por vos não agravar.

Otonião Ah senhora, rosto [241] é esse pera se esconder e não se escurecer a terra? Em verdade que estava mouro, porque, senhora, e minha, eu não quero mais que ver-vos e contemplar-vos. E agora falai vós e mandai-me o que quereis que faça, que enquanto vos tenho diante estes olhos que vos querem e desejam por ídola sua não sei al que desejar nem me lembro mais de mim. E, segundo estou tresportado em vós e infruído nessa visão da fermosura do mundo, dir-vos-ei mil desconcertos sem ser em minha mão poder leixar de os dizer. Ûa só cousa me lembra quando vos estou vendo, verdes-vos ao espelho tão fermosa e tanto pera cobiçar, e esmoreço em cuidar nisto pelo perigo que correis de vos namorardes de vós mesma e desprezardes logo quem se humilda. Sou porém tão bom de contentar pera convosco que o sofreria a muito custo meu, com tal que me sofrêsseis que de companhia, vós senhora e eu, andássemos d'amores convosco. E então pinto [241'] aqui os ciúmes e competências que teríamos antre nós. E sempre, todavia, em todos meus cuidados levo a pior, porque me magino em vosso poder desprezado, arrepelado; e eu cruzado ante

esses olhos que abatem toda soberba, mais escarrapiçado e depenado que um bem-me-querer mal-me-querer.

- Gliceria Nem podia al ser. Não me façais de má condição que o não sou.
- Otonião Não é pequeno esforço esse, mas que hei de crer de quem assi determinava não me ver?
- Gliceria Pois bofé, com essa determinação vim eu, mas vós forçáreis as pedras.
- Otonião Ora disse-me ãa verdade, por vida desses olhos ladrões. Obrigou-vos ver-me haverdes dó de mim?
- Gliceria Pode ser.
- Otonião E ainda mo pondes em dúvida? Pouca certeza posso logo ter de vida. E já o tempo, quando eu não, vos pudera merecer aceitardes minhas cousas por vossas, pois o são inda que não queirais, e o sou, mal que me pês.
- Gliceria Não faria eu, sendo vós senhor, cousa contra [242] minha vontade.
- Otonião Vós, senhora, si, que podeis. Mas quem não pode, que fará? E mais não quero que triunfeis da minha sojeição pois ma não quereis estimar, porque sabeis que sou tão contente dela que a não trocarei por cem mil liberdades. E assi quando me magoas, e dores do vosso desconhecimento põem a tormento de desejos, que é o maior que se pode dar a ãa alma afeiçoada, acolho-me ao gosto de as sentir por vosso respeito, e faço-me forte neste contentamento de maneira que não estimo sua batária, e disto vivo.
- Gliceria Pois de que vos queixais?
- Otonião De mim, porque me nega a ventura poder mostrar-vos o que vos quero per mil serviços, e de vós, senhora, se me não crerdes, que não pretendo al. Mas quereis-me fazer mercê de me dizerdes ãa cousa?
- Gliceria Se a souber e for pera isso.
- Otonião Como vos prezais de isenta?
- Gliceria Mal o sabeis inda.
- Otonião Bem o padeço, podeis também dizer. E o que desejo saber é, dizem que [242'] não há molher tão livre de coração e desumana que não tendo a vontade ocupada se incrine a amar a quem sabe que lhe tem amor, se sois deste parecer.
- Gliceria Nada sei disso.
- Otonião Mas, por vida da senhora vossa irmã, e minha, se posso meter-me em reste, que vos parece?
- Gliceria Parece-me que sendo pessoa que o mereça algũa afeição se lhe deve.
- Otonião E assi o faríeis?
- Gliceria Não sei.
- Otonião Vá-se a falar verdade.
- Gliceria Se mo merecessem.
- Otonião Folgara poder-vos beijar as mãos por essa mercê que me ora fizestes, porque j' agora como vos fizer vinte o muito que vos quero, per vossa palavra vos obrigarei, quando não a mo queredes, a mo aceitardes. E pera mim basta-me por satisfação de mil mortes, se tantas por vós sentir, saber que o consentis.
- Gliceria Assi que me tomastes per palavras! Outra hora eu me guardarei que me não enganeis.

- Otonião Segura estais disso. E muito maior engano seria o de quem cuidasse tratar-vo-lo. Porém, [243] senhora, leixad'as cautelas e receios, que pera comigo podeis escusar, e de que também vos faz livre essa fermosura poderosa pera senhorear corações brutos quanto mais vencer entendimentos humanos. E visto como não tendes de que ser desconfiada por vossa parte, e que da minha farei tudo o que quiserdes, quereis senhora que vos mereça ou espere por tempo quererdes-me o que vos quero?
- Gliceria Tudo mereceis senhor.
- Otonião Eu a vós só senhora quero merecer.
- Gliceria Por mim nada há de perder.
- Otonião O perder-me por vós, senhora, é ganhar-me, mas queria também ganhar-vos.
- Gliceria Segundo vos correr a dita.
- Otonião Essa, se vós, senhora, ma não dais, por mim mal a posso achar. Olhai por mim, vereis que estou ante vós atado do juízo, d'alma e da vontade. Não me negueis o que vos esta sojeição merece, havei já dó de quem o não tem de si por querer tudo pera vós.
- Gliceria Forçáreis as pedras a vos fazer a vontade. Mande Deos [243'] que mo agradeçais, conhecendo minha ãnocência. Digo que sou contente de ser muito vossa amiga.
- Otonião E muito minha mana?
- Gliceria Muito quereis.
- Otonião Por vida desses olhos que haveis de dizer que si.
- Gliceria Ora digo que si. Sois contente?
- Otonião E recontente, nem de vós o posso ser menos.
- Gliceria Chama-me minha irmã, parece que deve vir alguém. Vá-se embora, e tenham tento não os vejam de casa.

Cena quinta

Otonião. Régio.

- Otonião Quem vos a vós disser que nos campos Ilíseos há mais gostoso passatempo não sabe que cousa é gosto. E os heróis que assetaram Cupido quando lá foi ter foram muito ingratos, porque não [244] sei desaventuras, trabalhos, dores e todo outro tormento do mundo que não se satisfaçam com um momento da suavidade d'amor. Quanto agora quatro figas pera a fortuna que me não pode tirar ser mais ditoso que quantos Metelos e Cilas houve no mundo.
- Régio Calai-vos, não deis com o dedo no céu, que dizem lá: nunca ninguém diga por si bem estou. E não há dor que chegue a descair do estado ditoso.
- Otonião Livre-nos Deos de mau agouro. Mas se eu não perder a memória da boa ventura presente basta pera me consolar em todas as desaventuras que vierem.

- Régio Antes essa lembrança é a que mais atormenta. Ora nós temos meio caminho andado, que é mais que o todo, e nunca homens foram tão ditosos.
- Otonião Pera que é falar nisso? Sabeis de que venho pera perder o siso de prazer? Da vergonha com que minha senhora Gliceria da Silva veio, que me não queria ver. Respondia-me de junto do buraco tão corrida [244'] e pejada que me encendia em dobrado desejo de tratá-la. Mas eu soube armá-la a que me visse pelos mais altos termos do mundo. E ainda isto devo também ao amor, que me ofereceu à memória o que nunca cuidei, donde ficámos em extremo compadres. E se o tempo não me atalhara, crede que a tinha feito brasa de amor.
- Régio Pois se víeis a segurança virtuosa e a gravidade confiada com que a senhora Tenolvia da Silva me falou, era pera abater e acanhar a opinião do mundo. E se me não fora por vos dar tempo, de vagar estávamos, e assaz conformes e satisfeitos um do outro, porque assentai que estive com ela um Túlio e encabecei-lhe minha aução que perdi cuidado. E ela também se preza de saber ter as pélas à boa linguagem. Ficámos concertados que visitássemos a estância e nos falariam todas as vezes que pudesse ser. E dir-vos-ei que determino pera a outra vez que nos falem casar-me logo, antes que [245] venha algum inconveniente que o desaze. Porque molheres como se penhoram e obrigam aos primeiros toques enlevadas no gosto do amor, assi se esquecem de toda obrigação com qualquer contraste que socede. E mais vos digo que por atalhar a demandas e a estar a obediência de perguntas de vigários que hei de trabalhar quanto em mim for recebê-la logo perante testemunhas e segurar o negócio de pedra e cal. E então deitar-me a dormir com lhe cantar: Naquela serra irei morar, quem me bem quiser lá me irá buscar. E quem me quiser aqui me tem que não me nego. Porque sabeis que é a suma das rapazias demandades molher. E ela com medo do pai, rogos da mãe, amoestações da tia, ou movida doutro melhor partido e arrependida da sua pressa, acode muito segura que vos não conhece nem vos viu em seus dias, sem mais respeito nem empacho. E vós ficais com vos apuparem e dizerem: corrido vai [245'] pera casa de seu pai. Quero-me, senhor, segurar na posse e então tudo se fará bem.
- Otonião Vós o tendes bem cuidado, mas eu bem creio que há de haver depois contendias, que o pai, segundo dizem, está muito rico e quererá casá-las com alguns fidalgos montureiros, por que lhe dem o dom, que no dito dom está o mel.
- Régio É gentil peça, comprar com seu dinheiro sua desonra, fazer-se escravo de seu genro e amo ou vedor de sua filha. Toda sua vida vilãos roins, chatins da sua cobiça, celeiros do seu trabalho, e no cabo da jornada descobrem novos avoengos, títulos esquisitos, e Marienes converte-se em dona Ximena entregando o aquirido que não lograrão a quem em breve folgando espalhe o que suando se ajuntou. Digo-vos que não me armam tais fidalguias, nem cuido que há verdadeira nobreza salvo a vida de cada um. Não que o bom sangue seja mau, mas como me não dais as obras da mesma estofa logo o hei por encanelado. [246]

Fidalguia ornada de bons costumes e nobre condição, esta tal sustenta e honra o mundo, mas quem põe sua guedelha em contar de seus avós e ficar fora do conto das virtudes per que se ganhou o bom nome e em que se edificou o morgado, estes são a traça do mundo e o caruncho.

Otonião Pois que direis a uns que nem tem cabedal de avoengo nem próprio, baixos de natureza e muito mais da condição, a que chamam vilãos per cabeça?

RégioEsses tais são açoute do mundo como Átila, fezes da fortuna, escândalo da vida. E sabeis de que vem haver esses? Levantam as velhas que são Pedro fez abelhas e o diabo querendo contrafazê-lo fez bespas. Deos faz virtuosos e põe-os em estado de seus merecimentos, e a diligência humana, que é toda despejos, mentiras, etc., e chamam-lhe fortuna, faz homens sem merecimentos que usurpam o lugar dividido a outrem, o que a divina providência permite pera seu dano próprio e castigo [246'] doutros. Mas sabeis vós quais eu acho inabitáveis e mais perigosos que os desertos de Líbia, e duas fontes de toda má incrinação? Vilãos roins com inchação de más letras, entabulados em mando, e escudeiros praguentos que sabem os avoengos de todo mundo, enxeridos na mesma miséria.

Otonião Grandes balizas são essas pera fogir de todo atoleiro. De nada dizem bem e ninguém o diz deles. Porém, sabeis vós em que eu acho que consiste toda fidalguia, honra, riqueza, discrição e quanto vós quiserdes? Primeiramente em o homem se prezar de bom cristão e ter grande acatamento às cousas divinas, muita conta com sua alma, verdade com todo mundo, amizade com quem deve, entender pouco no alheio e cobiçá-lo menos, contentar-se com o seu bem aquirido, conversar os bens acostumados e não escandalizar os outros, fugir de demandas porque calabream muito a boa consciência, ocupar-se em bons exercícios.

Régio Tende ponto, porque levais ãa enxurrada de [247] preceitos que não haverá cousa que lhes faça rosto.

Otonião O remate de tudo é encomendar a Deos que é santo velho, porque quando ele não quer por demais é a decoada na cabeça do asno pardo. A mais má gente do mundo são homens e molheres, desta nos livre Deos, que almas passadas e bestas feras raramente fazem dano. Mas leixando esta matéria que é pão de cada dia, acerca cá do nosso negócio, que vos parece agora? Será bom darmos parte a Costança d'Ornelas?

Régio Nunca Deos tal mande. J'agora nos podemos governar sem ela, e forramos assi sua obrigação. E mais, escusamos-lhe conversação tão perigosa como a sua, que a elas nenhum fruto traz e a nós muito dano. Porque esta o que faz por nós haveis d'o prossupor que também o fará por quem for mais seu amigo. Dissimulemos com ela por agora, que eu se me visse em posse da casa a primeira cousa a que hei de pôr ombros há de ser tolher à nossa sogra tantas romarias e fazê-la [247'] rezar em casa, porque enquanto ela anda por fora tem as filhas tempo pera meterem dentro quem querem, como agora vistes, que isso nos

azou o falarmos-lhe; e o que é bom pera o ventre é mau pera o dente, que a mãe em ser contínua atalaia da filha gainha o paraíso e segura sua virtude. E secundariamente descartar Costança d'Ornelas de suas idas e vindas, porque estas são adelas da honra das moças e muitas vezes cabrestos das velhas.

Otonião Esse é o galardão?

Régio Este é o devido a maus medianeiros. Mestres de más artes aprazem enquanto dura o engano delas, por fim sempre são avorrecidos. E a gente que mais vos avorrece é a com que cometestes erros depois de vos deles advirtirdes.

Otonião Todavia enquanto não estamos mais entregues não devemos escandalizá-la porque muito pouco basta pera fazer muito dano e muito não basta a sanear dele.

Régio Eu assi o digo. Mas também no que pudermos [248] marear-nos sem ela é bom escusá-la. Agora vir-nos-emos cá todos os dias, que as molheres naturalmente são de quem as segue. A continuação em tudo val muito e o tempo descobre o melhor.

Cena sexta.

Parasito, só.

Pasmado sou da minha discrição e do meu saber, porque não é nada cuidardes ãa cousa e acertá-la, mas de improviso sobejar-me sempre conselho e ardis não no teve Plínio, que em fim morreu muito parvoamente e a la fin se canta la gloria. Então leixai vós sátrapas que assombram o mundo com gravidade roer as unhas, assoprar com ventãs em sangue, passear de sol a sol com o focinho no aguião, sempre pensativos, e tudo [248'] é cuidá-lo bem fazê-lo mal. E eu creio obras e não palavras, que se dão já mui baratas; pela vida de cada um julgo o que entende. Por isso me tenho em muita conta, que sei viver conforme as obrigações de meu estado, e este é o acertar e o transe em que se todos perdem, desde Platão até quem vós quiserdes. Sou diabo, sei-me sempre acomodar ao tempo: isto é de muito sabedor porque só o sábio tem esta regra. Nada faz contra sua vontade, nada constrangido e nada com dor, que é o que cá dizem: fazer da necessidade virtude. Quando me lembra a noite da matrícula de Hipólito da Silva, como me ali soube bandear à parte próspera, sem escândalo de ninguém, e ficar sempre em cima como bóia da vida, fico pera me enforcar! Por que não vim em tempo de gentios que me fizeram um dos seus deoses, que por menos disto faziam? Pois o seu Febo [249] nunca deu repostas de mais entenderes do que eu sei ter obras. Sou... sou... um Ulisses! Não pouco é. Sou Momo, ou Mercúrio, inda que este rapaz anda já mui corriqueiro e calabreado, e tem feito dos nobres cambiadores, e cedo os fará rindeiros, e eu não sou de tanta moginifada imprópria. Enfim, sou Proteu que não há nó que possa atá-lo, que assi a mi também nunca me falta ãa escapula

pera ficar em pé, como gato, em qualquer negócio em que me acho. Mas quanta cousa fiz, não foi Aqueló lutando com Hércules tão manhoso. Porque quanto ao primeiro, eu logrei-me dos bons vinhos do senhor caixeiro, comi por trinta homens antes da mesa posta, que inda que a fortuna me quisera contraminar não podia, que eu já estava concessido quanto bastava pera passar a noite, se a houvera de velar. Quando vi o feito mal parado, por quitar questões, e a ocasião de em meio, fiz ao meu senhor voar pelos [249'] telhados, a seu risco e à ventura de lhe darem ãa corrimaça e lhe aquecerem mais desastres que ao lobo de Esopete, e eu fiquei a pé enxuto, rindo-me dos mal vestidos. Depois víreis-me com ele, porque lhe fiz crer que o pusera em salvo e o livrara de ãa extremada afronta, que de morto ou ferido não pudera escapar das mãos dos furiosos rufistas, sabido como espíritos baixos com vitória sempre se ensopam na vingança, cousa bem contrária do coração nobre que se satisfaz com se lhe renderem. Donde dizem do leão real que não faz mal a quem se lhe lança aos pés, a qual experiência nunca fiz, nem farei, a poder que possa. Assi que o gentil garção caixeiro, ou trapeiro, ficou-me nesta obrigação com que já nele hei de ter um ninho de guincho, que mais não seja que por que me cale, porque dizem eles honra o bom que te honre e o ruim que não te desonre. Ora pois, com Hipólito da Silva ficámos unha e carne, [250] como irmãos em armas. Com Florença alma e badarrinhas, que diz ela dêz então que me dará o sangue do braço. E com a bicha da mãe tão valido e tão senhor que a farei lavrar com ratos cada vez que lhe fizer cacha, e é um casal de proveito o conhecimento de ãa destas. Vós, porém, vede quem há de sofrer a sua dor de madre, que isto me não atrevo pairar, salvo à força de grande necessidade. Per maneira que me melhorei de todos sem me custar mais que o meu mero saber e mera sagacidade. Ora vede se pode Glauco fazer de si mais manjares. Então não sejais discreto, vereis onde ides ter. E, todavia, eu em parte sou bem escançado, que é o leme da vida, socede-me tudo sempre a pedir por boca e melhor do que o posso desejar, e na boa dita vai tudo. Donde o confiado Focião Ateniense, conselhando aos atenienses na guerra contra os lacedemónios ãa cousa, eles fazendo o contrário e socedendo-lhe bem, disse-lhes [250'] que folgava com seu próspero sucesso mas que melhor era o conselho que lhes dava, entendendo que fora dita e não saber. Ora ajuntai-me dita e saber e vereis um eu, assi que não se dirá por mim: a muito entendimento baixa fortuna, como dizem os filósofos. E estou-me rindo dos que põem a dita em ter sobido e aquirido muito. Tenho-me com ter gosto e descanso e viver a prazer, forro e isento; quanto menos conhecido da fortuna menos perigo. Ora isto está assi muito bem feito, no por fazer quero agora cuidar, que ãa hora cai a casa e não cada dia. Fiar sempre da boa fortuna não é seguro porque sempre arma aos mais confiados. Florença encomendou-me que lhe granjeasse Hipólito porque diz que há de casar com ela, e com esta capa não sei molher que recêe erro. E na verdade muitos altibaixos tem, cuja ventura farinha podre. Nada

duvido de Hipólito, segundo o vejo afeiçoado e cioso da [251] Florença. Quiçá o merece ela a Deos, ou seus pecados dele, ou a cobiça do pai que se desvela por lhe fazer morgados. E às vezes a justiça divina permite que tenham seus vãos fundamentos o remate segundo os merecimentos de sua tenção. São galardões que o mundo dá a quem com ele faz suas contas. E não vi cousa mais certa que cobiçosos aquiridores terem herdeiros ingratos. Jurarei que Hipólito tentea tantas vezes a morte do pai quantas ele seu descanso e vida, e assi tal pai tal filho e tal filho tal pai. Mas, como digo, se eu azar este casamento, que tenho por bem fácil, é de cuidar se me vem bem. Porque se o pai souber que fui o casamenteiro não será muito tornar-se a mim, que certeza é de pais folgarem ter em quem carreguem as culpas dos filhos. E em parte tem razão, que conversações são a tintura dos costumes, mas pior é a tecedura da má criação. Eu, se os caso Florença promete-me ãa boa peça e mais que terei nela [251'] boa hora e boa ventura, e já se sabe que quem as tem por si tem tudo, porque lá te vai ao mesão onde te queira a molher e o varão não. E homem é mais obrigado a si que a outrem. Mas também dizem: lá te arreda gainho não me dê perda. E não queria depois dizer: se eu fora adevinha não morreria mesquinha. Dizem que fortuna muitas vezes favorece doudices, e onde ela é favorável o mau conselho aproveita mais, porque fortuna douda não há mister conselho; tudo pera depois poder danar melhor no descuido. Não me sei determinar. Ora vos digo que sou parvo em forma, pois me afogo em tão pouca água; vede quem me a mim mete medir o porvir. Não faz mais um peneireiro. Daqui té lá não nos doa a cabeça ou morrerá o asno ou quem o tange. O ser muito acautelado às vezes é parvoíce e o muito provido fraqueza. Assaz basta ter no presente bom conselho, do mais Dios dixo lo que será, o tempo é o que conselha [252] e avisa. Florença fica em casa da Sevilhana, fogida da mãe, que diz que a queria levar a algum folguedo, e parece o Hipólito tem-na esconjurada de maneira que a senhora não ousou ir; não seria por falta de vontade, mas medo guarda a vinha, que não vinhateiro. Acertei passar per i, pediu-me que lho fosse buscar pera que pusesse cobro sobre ela, e da sua mão a ponha em algũa parte a que a mãe não fosse, porque não se atrevia tornar-lhe pera casa de medo que a afogue. A mim parece-me isto manha e consulta que teve com a Sevilhana, que é ataimada, que a Florença como é inda rapariga não sabe tanto, conquanto tem na mãe gentil mestra que a matina a las mil maravilhas, e más artes facilmente se aprendem. O demo entenderá estas, que por muito que com elas labuto sempre me enleam. É, parece, condição com que naceram, terem domínio em nós. Ei-lo, cá vem com Fileno, outra tal cabeça como ele, e dize-me com quem [252'] vives dir-te-ei que manhas hás. O Fileno, porém, como é taludo e repassado nestes tratos sabe mais delas dormindo que estoutro desperto, trá-lo à prática e assi o chupa. Trata com a Sevilhana que o fez ladino e sê-lo não lhe custou pouco, agora mantém-se do que aprendeu. Quero-me ir a eles.

Cena sétima

Parasito, Fileno, Hipólito.

- Parasito Aos senhores duas mil vezes lhas mandamos eu e mais eu beijar.  
Fileno Que lhas rebeijamos.  
Parasito Pareceis-me ourinol alfanado de cabo e copete, que pede pera os fiéis de Deos e é taverneiro.  
Fileno Vós, por falardes em taverna, onde a galinha tem os ovos, lá se lhe vão [253] os olhos.  
Parasito Companheiro, todos somos da osma.  
Fileno Que há por lá de novo?  
Parasito Tudo, e isto é o que apraz e o melhor, Deos o sabe.  
Fileno Sois tudo parábolas. Que prioste de Unhos se perde em vós, argueireiro d'Arrifana.  
Parasito Sabei vós ãa cousa, que hei de trabalhar muito por ser um dos mesteres e vereis que cousas requeiro em prol do povo. Obreeiros, aguardentes, e estes que vendem mechas, e toda essa turbamulta de vadios, a la misma hora os hei de aposentar nas galés.  
Fileno Parece-me que não quereis ver outro no mundo senão vós.  
Parasito Porquê, sou eu vadio?  
Fileno Não, senão oficial de teu ofício teu imigo.  
Parasito Sei que estais tredoro. Ora vos digo que vós e Calainos de Arábia fizéreis vida extremada. Fiz agora certos pés a Vi Joana e mais Francisca ambas ir lavar ao mar que vos matarão.  
Hipólito Dizei, veremos.  
Parasito Vá-se a gabá-las e não negar o bom.  
Fileno Já vos receais?  
Parasito Quem não quereis [253'] que se recêe das vossas grosas, que um vedor de águas zambro, de olhos trocados, não é mais escrupuloso, mas rio-me de todos vossos arcipelagos, porque vos sondo só da vista.  
Fileno Não gasteis linguagem, que Palinuro foi mais certo que vós nas estrelas.  
Parasito Ora ouvi que a fiz a propósito de duas raparigas de gentil bico:

Ambas eram de ãa idade,  
ambas de bom parecer,  
ambas roubam a liberdade  
de quem fouto as ousa ver.  
Os olhos pus em Francisca,  
Joana quis-me matar,  
quem em tais laços se invisca  
mal pode a vida salvar.

Tem de si tal presunção  
que a ninguém devem respeito,  
coitado do coração

que lhe descair do jeito.  
Se me Francisca namora [254]  
Joana me há de matar,  
em forte ponto e forte hora  
acertei vê-las lavar.

Ditosas eram as águas  
que se vem tratadas delas,  
mas ai dos olhos que em mágoas  
se lavam somente em vê-las.  
Receei-me de Francisca,  
fui-me a Joana entregar,  
quem a tal perigo se arrisca  
tal tormento há de passar.

De as ver tive temor,  
torno sobre mim e vejo  
ter-me tomado o amor  
o passo com meu desejo.  
Quis-me acolher a Francisca,  
Joana foi-me atalhar,  
sobre meu coração trisca  
teveram pelo afogar.

Hipólito As trovas estão boas, não tendes que [254'] falar.

Fileno Nunca ele leva o meu voto, por mais mal assadas que faça.

Parasito Vós como vos tirarem de Ansias y pasiones mias e Cuando Roma conquistaba perdeis logo a concorrente; e eu não vos tomo por juiz. E bem ocioso estará quem se desvelasse por satisfazer juízos de altenaria. Basta que cumpro com minha tenção e gosto, e quem lhe não armar vá cantar ao sol. E mais quereis que vos atarraque que não faleis palavra? Ouvi esta petição que ontem fiz a ãa gentil dama, e não me gabeis que não há necessidade disso, que o bom per si se gaba. E vós não sei a quantas braçadas dais água.

Fileno Estais bravo. Acabai já e dizei, não façais caramunhas d'antemão.

Parasito Diz quem seu nome perdeu  
por quem o assim desconhece  
e por bem querer padece  
males que não mereceu  
a quem mil vidas merece [255]  
que da hora que vos viu  
tão dina de ser servida  
logo d'amor vos serviu  
e ser vosso consentiu  
à custa d'alma e da vida

Tendo de si tão perdido  
juízo e conhecimento

por seguir um pensamento  
que em si o tem convertido  
sem dele haver sentimento  
e havendo tantos anos  
que vive deste cuidado  
sem ante vós ser lembrado  
padecendo desenganos  
d'amor já desesperado

E porque lhe vai faltando  
o sofrimento na dor,  
cada hora a morte gostando,  
ante vós vem suspirando  
requerendo-vos amor.  
E se faltar piedade [255']  
a tanta fé já divida  
ficará no campo a vida  
em preço da liberdade  
e vós não sereis servida.

Pede portanto, senhora,  
a isto respeito havendo,  
pois por vós vive morrendo,  
que lhe deis de vida ãa hora  
por que não moura vivendo.  
Sendo de presente ouvido  
vereis clara sua fé  
e a ele ante vós remido  
segundo tem merecido  
e receberá mercê.

Que dizeis agora, monseor de Laxao? Este meco não é de uns porretas  
que grosam Retraída está la infante e Pera qué paristes madre? E isto  
me não podeis negar, ter sempre novidade em meus propósitos.

Fileno Quem gabará a noiva? Ora por que vos não vades delambendo com  
vossa [256] vaidade quero-vos dizer um vilancete que fiz noutro dia  
sobre certas paixões que tive com ãa senhora, e é que ela queixava-se  
e eu queixava-me e ambos tínhamos razão. Porém, como a mágoa só  
era minha, desabafei assi:

Bem que me tanto mal faz  
fugir-lhe remédio fora  
mas quem poderá j' agora?

Os portos me tem tomado  
com que salvar-me não posso  
e quem naceu pera vosso  
fugir de sê-lo é escusado.

Oh meu bem tão desejado,  
quem vos não vira, senhora,  
quanto mais contente fora.

Se perdera o que alcancei  
já ganhara o que perdi,  
pelo meu não me dá a mim  
mas por vós triste serei [256'].  
Meu amor eu vos cansei  
e não descansei, senhora,  
dês que vos conheci té 'gora.

Parasito Está galante, pelos santos que eu fiz. E isso é sobre cousa lograda e também armará ao senhor vosso companheiro, porque faz a seu propósito.

Hipólito Pois eu também hei de arrancar de ãas que fiz da vossa arte a um vilancete velho que diz: Arder coração, arder, etc.

Parasito Eu sou disso, vejamos.

Hipólito Dor e tormento sem fim  
padece o meu coração  
porque empregou afeição  
onde lha desprezam assi.  
Em triste fado naci  
pera nunca ter prazer  
e assi hei já de morrer.

Coração meu condenado  
a morrer de sentimento [257]  
tendo no mal sofrimento,  
pois vos destes ao cuidado  
que sejais desesperado.  
Sofrei vós até morrer  
que vos não posso valer.

Vossa pena eu a padeço,  
quem vo-la causa e consente  
do vosso dano é contente,  
sabe amor se lho mereço.  
quando esperança lhe peço  
Pera lho poder sofrer  
foge de me ouvir e ver.

A pena se é merecida  
é menos no sentimento  
e a dor do pensamento  
segundo a causa é divida.  
A minha, de ser sobida,

não me dá poder valer  
ò meu coração de arder.

Parasito Pera isso, senhor, fazei-vos gaivota, [257'] e como verdes o fogo ao rabo mergulhai.

Hipólito Não basta, que este fogo abrasa nas águas.

Parasito Ora vinde cá, vistes já ùa carta que diz Naceu-me um pensamento?

Hipólito É de gentil invenção e cuidado que toda de alegância.

Parasito Senhor si, e a cair-lhe na história e confrontações da tenção do autor tem muito sumo. Eu lhe fiz ùa reposta pelo faro de seus sentidos que vos há de armar, porque faz mais escarcéus que um noroeste.

Hipólito Mostrai, por vossa vida.

Reposta.

Parasito Cabra mocha dá na outra, diz o texto de cá vos acho no meu rol, garrido amor. E, caindo nas empolgueiras da certeza de me parecer bem o jaez dos vossos toques, quis também dar os meus, que podem suprir por belho em que o comum riso possa investir, como estes brincos dos paparotes não serem fogo, tirei seu passatempo pela [258] fieira do jogo das barretadas. A olhos tapados me lanço ao mar como quem sonha que voa, fadas más são que havia de passar arrimado a perdoe-lhe Deos que bom pecador era, mas quis fazer tantos esteios de neve que se lhe congelaram os membros. Daqui veio, parece, solapar-se tanto por dentro vosso nadível pensamento que fez os alicece de sua dor, a qual, pera subir ao campanário d'apostema endurecida, armou um caracol de pensamentos vãos que peneiram sobre a charola da vossa matéria, ramo de espírito asmático. E se vierem a picar o conhecimento dessa vaidade não somente o farão vir a furo mas seringá-lo-ão de tantos arrependimentos que sem outro dialter lhe encourarão as entradas desses coléricos humores, e dando à bomba sairá essa trama porque tudo o tempo cura. Com esta prumada ficareis tão desalivado que corrais o páreo em osso com trezentos de a caballo fugindo-lhe à rédea solta. E per conselho dos receios, que são os [258'] Patres conscripti que pera vossa segurança nunca perder deveis, que gato escaldado da água fria há medo, alçai as abas ao passar do vau por que não topeis em muitos atoleiros, que dum não-sei-quê destes quando vos houverdes por mais seguro lá vai o ruço e as canastras. E com este temporal desamarrado da vossa tenção, que em se colhendo sem ferropas corre a gilavento que não há cabrestantes que a tenham, a não tornareis ao couce com quantas alavancas de suspiros vós quizerdes, porque sardinha que o gato leva... bem me entendeis. E assi, por mais que peneireiros porfiem que vento faz maré, sempre foi bom pera as opilações levantar cedo pera que salveis em claro os cabeços dentre o Adarço e Alhandra, que em noites de Fevereiro por mais a propósito que as ovas de sável falem nunca deixam de ser muito sensabores. Porém, como neste posto são certos os sobressaltos com suas zombarias pesadas, ao mais ocioso cuidado

com que de portas adentro vos achardes [259] neste fragante delito mandareis fazer vigia da grimpa de vossos desejos pera que devise mais ao longe, com tal ordenança que ao descobrir da primeira desventura sem tir-te nem guar-te dê c' o facho em terra, que ãa resolução assi destas, unha e carne de se cuidastes cuidámos, porque a um ruim, ruim e meio, preparada com açúquere candil e pós de Joanes de Vigo alimpam ãa vontade de quanto sarro apetites impossíveis criam nela, que é outra nova casta de lazeira tão apegadiça como sarampão e mais perjudicial que espingardeiros. Não que à fiúza deste desengano lanceis de todo a voar arrependimentos, porque ninguém diga bem estou e mais quando as esperanças afistuladas do que não quero dizer morrem ao desamparo, tão necessitadas que a lhe não vir como de por amor de Deos um Ingrata patria nec ossa mea habebis pera epitáfio da sepultura lá vai quanto Marta fiou, que vem a ser, segundo se julgou na revista, não vou lá nem faço míngua, porque [259'] quem torto nace tarde se endereita. E porque nesta paragem cursam sempre uns acintes desconversáveis como ouriços-cacheiros, não vos façais a monte com a dissimulação com cuja ajuda ao primeiro repique vos poreis a ponto de fazerdes rosto a quantas saudades desmandadas vos vierem assoberbar ao vosso termo. Que bem deveis estar em que se embirram estas raparigas: ou morrerá o asno ou quem o tange. Conquanto pera achaques de estômago meter o feito nas férias dizem os notomistas todos que é vida pera cem anos. Porque se descuidados ataimados começarem a vos xaquear o descanso, não me dareis saca-trapo tão endiabrado que acabe nunca de tomar pé em lhe revolver o çantafolho, que isto tiveram sempre pensamentos tristes alcandorados nãa alma em começando a picar em que Al fín todo es morir, não espereis achar-lhe caparão tão apertado dos fundilhos que os açame. E assi em o sobredito senhor Cupido com seus brincos [260] de cão, começando a fazer seu ofício por a paciência, que alegrias tristes, tristezas contentes, cuidados desesperados, desejos impossíveis com suas mágoas de cada hora, delido tudo em Pera qué paristes madre un hijo tan desdichado, é a estopada com que de presente socorrem a suas desgraças os sadios que topareis sem errar passada (porque não quero que vão sem meus recados) entre Tejo e Guadiana ao socairo de seus fingimentos. A fala sempre com meiguices falsas, fazendo seu curso cosidos com a terra por que no descampado não jogue com eles ao gato repelado um noroeste, que é a maior rapazia que há entre os brincos de Veneza. Mas assi entrou o mundo e há de sair, e a quem lhe doer sofra-se, que al buen callar llaman Sancho, e a mim vosso.

Parasito Pois que vos parece, micer Hipólito? E vá-se a falar verdade.

Hipólito Boa, ainda que escarrapiçada algum tanto. [260']

Parasito Isto assi se quer, porque como há de andar per muitas mãos não é siso dardes parte de vosso pensamento aos leitores, a que se falais por equívocos, norte-sul do que houvera de ser, e sem dizer nada, vos ficam tendo por outro novo orago de Apolo. Que gente povo se não

- jogais com ela à cabra-cega não valeis um figo, tudo querem que seja adivinha quem te deu por que lhe fique campo a seus dizeres.
- Fileno Ora digo-vos que a carta ou que demo lhe chamais é tal como os preceitos com que a pretendeis fazer boa.
- Parasito Mal era que vo-lo havia ela de parecer, pois faço-vos fala que a não tenho por isso em pior conta.
- Fileno Até i sabia eu porque não há cego que se veja e vós por pontual não faltareis nesta comã obrigação de nos parecer bem tudo o nosso. E mais quando no propósito e tenção em que não ata nem desata sai tanto a seu dono que só às palpadelas vo-la dará por filha quem quer que vos conhece.
- Parasito Mas [261] como é certo que a não saberdes que era minha que me houvéreis de peitar pelo treslado pera crédito somente. Que esta laia de cousas não vão à vossa tenda, que a la mesma areais nestes paralelos de linguagem nova em carta mandadeira. Como não for dize tu direi eu com coração asseado no topete da obra não fala convosco.
- Fileno Pelo menos às vossas assi lhe acontece comigo, que a palavras loucas, orelhas moucas.
- Parasito Tem-te mão, valhaco, não te corras que todos somos del merino.
- Hipólito Disse a caldeira à sertã.
- Parasito Isso é levar dous de um tiro. E eu que o jurara antes de o ver, pelo que dizem que ninguém meta a mão entre duas pedras. Ser-me-á aviso para outro dia não comer do meu alforge quem não for muito pera isso, em saber dar às minhas cousas o preço de seus quilates, que qual te dizem tal coração te fazem.
- Fileno E mais vós que em sentir ãa ruim palavra sois mais pontual que o lacedemónio que encarecendo [261'] ãa sua espada de cortadora dizia que era mais aguda que ãa má palavra. Deve ser isto, porque além de honra e vergonha com que vos sempre soube de participantes sois todo coração, e pelo tanto muito abafadiço e dorido.
- Parasito Não no digais vós zombando que eu não sou carne de cão, e por isso me avorrecem estes sururgiões, magarefes da natureza humana, que os quisera ver de mim sempre seiscentas léguas. E assi vedes-me aqui donde estou rindo e folgando por temporizar convosco, e pelos cabelos, que bofé que vinha eu agora que o coração me estalava de pura mágoa dentro no peito de ver a coitadinha de Florença, que é ãa cordeira, a melhor criatura e mais verdadeira amiga que jamais cuidei de ver, em poder daquela serpe da mãe que a come e rói e a faz tísica por vos não sair da vontade nem desgostar em tamanho como ãa palha; que a vida que por isso passa a coitada os cativos em poder de mouros a tem [262] muito melhor.
- Hipólito Pois que há i de novo? Fez algũa das suas a bicha da mãe? Que, como não cuida senão em como fará muitos genros dessa filha, cada momento sai com ãa trama.
- Parasito Pois por tanto. E devia ser que tinha a velha ordenado algum conchego pera algures, gancho de proveito e certo, com sinal pago. Vindo com o alvitre à boa da Florença, cuidando que furtava bogas...

tal disseste! Tomava o céu com as mãos, que antes morreria que tal ser, e lá teve modo que dando a mãe ãa volta toma o manto e sai-se pela porta fora, per maneira que em a velha tornando que achou menos nem sabe donde é lançada, diz que comia a terra. Se fez mais Lucrecia romana! Pois assentai, senhor, ali: moça donde a vedes se a vistes.

Fileno Ver si, mas não lhe falei.

Parasito Pois al é vê-la e al tratá-la, como de mim pera el rei. Mas que vos dizia, mais amor que o de Florença e mais estremecer sobre o que lhe manda esse homem que aí está, graça, [262'] discricão e gentileza como a sua, é por demais, não na busqueis noutra parte. Mal haja a ventura ou o amor que a faz beber os ares por este enxoval. E não no digo por ele estar presente, mas pessoa e ser é o de Florença pera um príncipe a tomar por molher sem perder nada nisso nem lhe ser mal contado. Mas porque eu não espero deste mancebinho fouveiro, cozido com sa mãe, que se recolhe com as galinhas e nem pela vida abrirá despois ãa janela, por que lhe o pai não diga “sus! por esta que tu mo pagues”, que faça o que lhe cumpre, e mais! que sabe ele muito bem que o deve e que há i morrer e viver, me calo. Que homem sei eu, não desfazendo no senhor Hipólito da Silva, que em nada desmerece dele, que se Florença quisera à mesma hora lhe lambera os dedos e tivera à muito boa ventura querê-lo ela por marido. E digo isto assi a propósito, que eu nem persuado nem aconselho, lá se avenha cada um. Mas se eu a vós fora... mas [263] que tivera cinquenta pais!

Fileno O demo o sabe.

Parasito Falou o boi e disse bé. Par estas que lhe houvera de ir cantar “senhora se vós quiserdes sereis nora de meu pai”, e enforcasse-se todo mundo, que inda que dizem quem casa por amores sempre vive em dores isso é quem não tem o remédio de suas necessidades tanto à mão como vós. Pai rico e que não é mancebo, entrado de amor por muitas partes, cujas fragueirices a voltas deste desgosto vo-lo concluíram em quatro dias. E em caso que se isto não levede, que às vezes tem mais que fazer que as bragas de um minhoto, homens bons e pichéis de vinho, vai-se o demo pera o demo e vem Florença pera casa.

Hipólito Donde estará ela agora, que é o que faz ao caso?

Parasito Ela mandou-me chamar muito de segredo que estava em casa da Sevilhana escondida, que vos buscasse pera pordes cobro nela que não há de ver a tarasca da mãe, que é aparelhada pera se lhe remessar à garganta [263'] e afogá-la, e com tanta lágrima me contava estas e outras muitas cousas que vos eu não sei dizer, que me cortava a alma a coitadinha e fizera chorar as pedras duras.

Hipólito Não hei de ter vida com a covileira da mãe se a não acabo.

Parasito Matar não remedeia nem segura, dar vida sim. César, defendendo e conservando as estátuas que por toda Roma havia de Pompeu, e perdoando aos que foram por ele, lhe disse o outro que segurara as suas. E assi quereis-vos segurar a vós e a vosso gosto? Dai vida a Florença.

Hipólito A vida lhe dera, mas a honra?

- Parasito O cavalo alimpa a égua. O outro perguntado que cousa era honra e nobreza respondeu que ser rico e vir de pais que o fossem. Vosso pai tem dos bens deste mundo, que tudo daqui amenhã será vosso, que gainham bons pera ruins enquanto não entram. Molher é Florença pera per suas mãos e pela sua agulha vos trazer como a mesma pessoa do rei, mas que soubesse morrer. [264] Quanto mais que todas as más fadas não cursam mais que os três dias dos arrufos, em que vós também por vossa parte remareis vosso remo com quatro maçadinhas que não se escusam se o dinheiro ferve, que amor al buen amator nunca demanda pecado. Entende-se por o jogador amator de dinheiro, sem o qual neste tempo não se pode passar por esta transitória vida sem muita má ventura, porque tem os homens feito o mundo tanto a seu modo que inda que se entenda o contrário do que aprova não se tem conta com leis de entendimento por satisfazer aos excessos da vontade. E portanto, podeis ser ladrão público e saber-se muito certo que triunfais do roubado e mal adquirido, e detrás de vós bem vos podem julgar segundo vossas obras (que estas nunca se embuçam tanto que se desconheçam de todo), mas diante sois venerado segundo o que podeis e a necessidade que de vós há. E pois a safra é de ruins e deu a mangra [264'] pelos bons sigamos o melhor parado, que esta é a minha voz. Amores e dores com pão são bons, este daqui ou dali não há de faltar, e que ãa hora falte! Não pode já tardar muito, que el rei vai té donde pode e não té donde quer. ãa hora melhor doutra, que nem sempre o demo há de estar detrás da porta. A ventura não a tem quem a não busca, e por isso dizem que quem se não aventurou não perdeu nem ganhou, inda que os covardos não hão este porto por seguro, mas eu não hei de ãmendar agora o que traz de longe o erro.
- Fileno Eu sempre fui de viver a meu sabor e mandar enforcar quem à custa de meu gosto quer fazer seu proveito, que mais val ãa hora de prazer que cento de pesar. Na senhora Florença já sabeis o que tendes, incerto do em que podeis vir a dar, e quem bem sé e mal escolhe, por mal que lhe venha não se enoje. A mi já me estão pruinto os pés por vos bailar na boda, e mais, sabeis que hei de saltar fouto, [265] que a casa está por minha.
- Hipólito Vamos nós té lá que o que de cada um for à mão lhe virá, e Deos disse o que seria.

Cena oitava.

Barbosa, Fragoso.

- Barbosa Ah senhor, não tão depressa, tempo há pera tudo, que nem por muito madrugar amanhece mais cedo.
- Fragoso Ó senhor Barbosa, sabeis que vos ia buscar, como cervo que vai em cata do medronho, pera vos pagar essas brancas que vos devo.
- Barbosa Senhor, folgo muito, inda que não era tão grande a pressa, e dizem que quem se apressa a pagar é ingrato devedor. Mas esta cousa é vinda a

termos e a dissolução da pouca verdade vai de maneira [265'] que não se deve pouco a quem paga o que deve. E de ser isto raro dizem lá: emprestaste, perdeste o amigo, que é sobre cornos penitência. E vós, parece, não sois destes.

Fragoso Vou-me pelo que se diz: quem bem paga, herdeiro é no alheo. Mas inda me tomo mais do mundo em outra cousa, que está em foro de sempre os que menos tem darem o seu aos mais ricos. Donde os poderosos logram o suor dos pobres, que lhe são foreiros de seus trabalhos.

Barbosa Isso, senhor, vai mais ao lume da água. Riquezas são como pássaro com soão: ajuntam-se no cabo, vem outro vento desaparecem que nem fumo deles vedes. Não sabem fazer alicerce em algũa parte, hoje as vereis ajuntar-se com muita pressa em um mimoso da fortuna, amenhã vem seus herdeiros e dizendo e fazendo as espalham que nem sinal delas há. E o aquiridor que cuidou perpetuar nome nos fundamentos de sua cobiça à custa do próprio trabalho e da alma [266] muitas vezes está per ventura gemendo onde Deos tem por bem. E por isso sou muito de cada um se lograr do que tiver, e, depois de morto, nem vinha nem horto.

Fragoso Como se rirá dessa opinião o avarento que põe seu gosto e bem-aventurança em esconder boas moedas que não sejam cerceadas, e rever-se nelas.

Barbosa Mais me rio eu da sua triste sorte, que é qual a de Tântalo no meio das águas. Ora bem, e esta moeda veio-vos agora per banco?

Fragoso Ûa encomendinha mandei à Mina que me deu em retorno boa hora e boa ventura.

Barbosa E não sejais lá criado de oficial.

Fragoso Vós também lá tereis vossas gajas do desembargo de vosso amo.

Barbosa Sempre pica, não há que negar.

Fragoso Cuido que privais muito com ele.

Barbosa Assi aproveitado estou, louvado Deos, melhor que muitos que servem príncipes.

Fragoso Essa é boa peça, serviria antes de água ardente.

Barbosa Quanto mais que essas honras de seu se estão cada [266'] vez que as pretender, que meu amo não lhe falta valia pera tudo, e mais agora que traz um feito de um certo privado a que ele sustenta em justiça, sem a ter. Mas eu, senhor, estou como o peixe na água, nunca me faltam dous tostões, e mais ando desta maneira que vedes.

Fragoso Bons estão os recamados, pois eu também sou gente.

Barbosa Não está isso mau. Parece bom pano o desse chapéu, e está bem feito.

Fragoso Maravilhoso. Amargos três tostões me custou só o pano. Fez-mo um oficial d' arte que os não faz senão d' encomenda, pagos d' antemão, e per amizade.

Barbosa Não vos gabo o haver de dar meu dinheiro e rogar com ele. Mas são liberdades desta terra, que té pera morrer haveis mister aderência. Hei de valer convosco irmos ambos mandar fazer outro.

Fragoso Ele por mim fará tudo, e tenho-lhe dado mil fregueses, mancebos meus amigos. Vamos quando mandardes.

- Barbosa Ora eu vos buscarei, que agora vou a um negócio de [267] meu amo, importante e de segredo.
- Fragoso E não se pode dizer a mim?
- Barbosa Não sei se sois homem de segredo.
- Fragoso Confiastes de mim dinheiro e não confiais palavras? E eu que gainho em vos publicar? Achastes o menino palreiro?
- Barbosa Dir-vos-ei, e isto pera vós, e vereis em suma ãa comédia e o remate dela. Meu amo Ulissipo, conquanto tem já no rabo os seus cinquenta afora o dízimo, não perde suas manhas e é a mesma luxúria, ao menos nos desejos.
- Fragoso Essa é pior e mais culpa, e isso vejo: muitos homens que deviam dar enxemplo de continência prezar-se de devassos.
- Barbosa Ora ouvi. E então conversa Astolfo seu compadre, que lhe tem as pélas, e como é mais mancebo e homem de folgar quanto lhe basta, faz estoutro fragueiro e mais verde que porretas, e nunca acabam: damas vão, damas vem a ãa horta da Mouraria em que está ãa viúva, criada de meu amo, molher sobre os dias e de grandes caldos. E como [267'] me tem por ladino sou a manilha deles e o que governa e ministra seus folguedos, de que também tenho meus percalços, que as mais das vezes lhe vendo gato por lebre e cousas corriqueiras lhe passo no alardo por novíssimas, por bem e prol de meu trato.
- Fragoso Espanto-me saberdes fazer esses conluios, sendo tão pouco versado nestes negócios.
- Barbosa Senhor, cada um sabe o que aprendeu, e não é tão pouco saber-se homem aproveitar da sua ciência, mas vou ao que digo. Os dias passados havia em nossa casa ãa moça, sobrinha desta molher que vos digo, preitês, gentil molher e discreta como pega e desenvolta quanto baste. Eu secretamente namorava e, sobre palavra de casar com ela, se não foi que logo ali me casei, dei-vo-la prenhe. Parece ser que neste comenos meu amo, que como me ela dizia a perseguia que lhe tirava os olhos, achou-a entre portas e quis aproveitar-se, mas jura-me ela que não foi nada e que [268] pelo pôr em obrigação o enganou da mais alta maneira do mundo. Enfim que ela, sentindo-se prenhe, encabeçou-lhe que o era dele, por o que ordenaram que com achaque de doente se fosse pera casa da tia. Ora ela lá não faltou quem fosse dizer à molher que a tinha o marido ali da sua mão. Ele então, por apacificar tudo, cometeu-me que casasse com ela, e como eu estava avisado do que passava fiz-me muito de rogar. Finalmente que o resgatei e prometeu-me, mais do que lhe pedia, ofícios e honras. Per maneira que casei com ela e dei-me por autor de tudo, com que a molher ficou descansada e muito minha amiga, que dantes não era, por respeito do marido, e ele cuidando que me deve o mundo e o fundo.
- Fragoso Ora vos digo que, a vos falar como amigo, não cuido que furtastes bogas, porque, quanto ao primeiro, que certeza tendes que não seja o que ele cuida e lhe fique em foro, e que não seja o filho seu?
- Barbosa Que não, valha-me [268'] Deos, é impossível, ela me fez trezentos juramentos.

- Fragoso Jura má sob pedra vá. E espanto-me de vós que sois tão traquejado e rufião cadimo entenderdes isso tão mal. Bem dizem que o leão às vezes é manjar de pequenas aves, a ferrugem gasta o ferro e o toureiro sempre morre nos cornos do touro.
- Barbosa Não quereis entender. Parece-vos a vós que conheço eu molheres?
- Fragoso Pois por tanto.
- Barbosa Ora sabei que mais fora está de saber fazer esses conluios e que traz mais o ponto na virtude. Eu sei bem o que tenho nela.
- Fragoso Bem, se vós sois contente não há que falar; eu falo-vos como amigo o que entendo.
- Barbosa Já o vejo, mas isto vai per outros canos. E quando eu estou satisfeito sabei que está o negócio em salvo, porque trago a prática antre mãos e não me podem meter dado falso.
- Fragoso Embora, mas nunca vi enganos senão pera os mais confiados. E digo também, que segurança tendes do que vos [269] prometeu vosso amo? Porque há homem de falar tudo.
- Barbosa Basta sua fé e palavra.
- Fragoso Pouco sabeis de açor. Nunca ouvistes: com verdade e com mentira casa o bom sua filha? Promessas de casamentos vistes vós nunca compridas, inda que sejam de príncipes, depois que ele é feito? Antes que cases, cata que fazes, que não é nó que desates.
- Barbosa Como estais gracioso. Tão pouca consciência quereis que tenha um homem que não cumpra o que prometeu em dote?
- Fragoso Muita graça vos acho eu tratardes de consciência, sabendo quão poucos há que lhe dem vento tanto que se lhe atravessa proveito ou gosto. Bofé meu amigo, se vós tão poucas letras aprendestes desse vosso doutor eu vos prometo que lhe não falem pera vos contraminar. Pois que alma a de letrados! En mi anima lo dexáis, perderlo quereis. Assentai que não há magarefe mais cru do que eles, são foutos em cortar por honra, vida e fazenda de todo mundo. [269'] Hei medo que tendes feito ãa grande asnada, se estais em tempo de arrepender segurai o vosso.
- Barbosa Já o mau recado é feito, ou mau ou bom, teu genro sou. Mas rio-me das vossas desconfianças, que ele cumprirá comigo. Pois que menina minha molher pera lhe não tirar os olhos.
- Fragoso Aí está o remédio, asno morto, cevada ao rabo.
- Barbosa Dir-vos-ei: eu não sou ora tão sojeito às leis matrimoniais que se me não derem o que me prometeram a não leixe a boas noites e me lance a la misma hora nessa Índia, donde nunca mais venha em meus pés nem nos alheos.
- Fragoso Bem começais vós vosso mundo per essa via. A tenção vos salverá quando as obras não, pera cá pera trás.
- Barbosa Pois que quereis, que me enforque? Remedêe ela lá isso, que a mim assaz me basta sofrê-la, que é ãa bíbora de brava e não tem onça de miolo.
- Fragoso Outra pior. Bom está o homem que põe o remédio de sua vida na cobiça de sua molher, duas cousas ganha [270] nisso: a primeira que o não tenha ela em conta e a segunda que o sopêe e obrigue a sofrê-la.

E mais, se ela é tão assisada como vós dizeis prometo-vos que tenhais vida do céu. Casal de bênção chamai vós a esse.

Barbosa Dir-vos-ei: passe por onde passar hei de viver da minha liberdade. Vender-lhe-ei pouco e pouco enquanto aqui andar esse fato que houver em casa e comê-lo-ei com meus amigos a prazer. E enforque-se todo mundo, que por nada me hei de acanhar a misérias e tacanharias. E ela que veja as estrelas com fome, pode chamar pelo barqueiro que a socorra. Remedê-se como puder e faça-lhe boa prol. Quando tiver bom jantar jantaremos, e quando não, amigos tenho e conhecido sou e não me há de faltar cama e mesa, a pesar de galegos. E por isto, amigo meu, Fragoso, por nada me enforco.

Fragoso Dessa maneira fazeis muito boa conta, e quem dever pague.

Barbosa Porquê? Sou obrigado eu a fazer mais milagres [270'] que os outros? Não faz pouco quem sabe imitar os maiores, que melhor é morrer por culpa doutrem que pela própria. Faço o que vejo fazer aos setenta anos de meu amo. Ora não é pequena sorte saberem os meus vinte segui-lo e com vantagem.

Fragoso As virtudes são pera prezar delas.

Barbosa Fragoso, mano, sois mancebo e não sabeis quantos fazem três. Começais inda agora vosso mundo, tudo vos parece consciência enquanto a não desenvolvestes em atrevimentos do apetito. Eu, com minha pouca idade, tenho grande experiência do muito que vi e passei em pouco tempo e por isso nada me faz envés. Nossos affectos com ímpeto nos levam onde pretendem, vituperamos, louvamos, havemos piedade ou paixão segundo nossa afeição presente nos guia. E portanto rio-me sempre de bom falar, que nas cousas adversas não se hão de seguir as razões boas de dizer mas as que são necessárias. Falovos ao pé da letra. A necessidade [271] manda tentar tudo, porque como a fortuna desbarata as primeiras esperanças logo as por vir parecem melhores. E assi eu cuido tudo. Não vos nego que me arrependi de casar acabado de o ter feito e que erreí, mas dai-me vós cá quem acerte nisso. Ora já é feito, nam é mau acordo saber lançar minhas contas pera o adiante, que nas adversidades mais eficaz remédio acha a necessidade que a razão. Fui mofino, companheiros acharei. Se a todos ãa hora por outra não acaessem mofinas não se poderiam compadecer os prósperos. Nunca ouvistes bom esforço espalha má ventura? Tal sou eu agora. A necessidade esperta a preguiça e a desesperança é causa de esperança muitas vezes. Portanto, leixai fazer a Deos que é santo velho, não me pode a fortuna tomar por erro que me ache descalço. Quem levar a pior componha-se, que cada um é mais obrigado a si que a outrem. Molheres cuidam [271'] que não há mais que casar, como vos tem colhido seja a poder de mentiras e façam elas a sua. Depois os homens respondem-lhe com o mesmo, porque a um ruim, ruim e meio. Ninguém se queixe de lhe soceder mal o que mal granjeou.

Fragoso Quem vos há de fugir a tanta razão boa? E muito certo é de quem tem má farinha acafé-la com boas razões sobejas, mas eu vos direi: quem merca e mente na bolsa o sente. De todo homem que vejo corar seus

negócios quando os conta creio que está tomado deles, porque todo engenho humano tem prestes a dissimulação, e os culpados muito mais, e de natureza afeiçoar-se às suas próprias cousas, que é a fonte de nossos erros. Porém, a concrusão desta cousa é que defensão de homem que está atado não somente é desnecessária mas avorrecida. E por isso ao feito, feito.

- Barbosa Falais Séneca, e per algum cartapácio ledes vós que vos faz tão sengo.
- Fragoso Não vos pareça tão [272] impróprio em mim, que debaixo de má capa jaz bom bebedor.
- Barbosa Assi parece. Ora ouvi o que vos ia contar, vereis como é venial todo o meu caso. O filho de meu amo, Hipólito da Silva, é perdido d'alma e da vida por ãa boneja, que ele diz que houve, se assi for, que eu nunca juro por estas.
- Fragoso Duvida da outra e da sua não. Como toda pessoa se engana consigo e nas cousas alheas quão claro ou mal inclinado tem o juízo.
- Barbosa A qual Astolfo também conversa. Aventou-lho Hipólito, trabalha quanto pode vedar-lha. Pera isto tirou-a de poder da mãe, que era o cabresto, e tem-na escondida em ãa certa casa da sua mão; e sospeito que se casou com ela, porque doutra maneira não cuido que sofrera o recolhimento, que bezerrinho que sói mamar prui-lhe o padar.
- Fragoso Remediu-se ele nisso mui bem. Vedes i que fazem pais descuidados, que não tem nenhum cuidado nem tento em filhos ociosos.
- Barbosa Mas o que [272'] fazem filhos mimosos de pais enganados. E como não há mor gosto pera um pai que ter um bom filho assi o mau é o maior açoute que pode ter.
- Fragoso Não sei qual é pior. Os que não tem filhos hão-se por mofinos e os que os tem não são por isso mais ditosos, porque não há mor desventura que tê-los maus e os bons sempre dão cuidado do que lhes pode acontecer.
- Barbosa Antes é bem-aventurado o varão que tem filhos pera esteios de sua velhice e o defenderem d'afronta na idade em que a natural virtude falta. Esta é a possessão fermosa sobre toda outra riqueza, tesouro sem preço, ornamento da vida. Graciosa é a claridade do sol, o mar bonançoso, deleitoso de ver, e a terra no Verão com suas flores, mas, sobretudo, é pera ver um pai antre filhos e netos; e é como nau presa a muitas amarras entre as ondas, honra da pátria. E assi diz que os antigos davam prémio ao pai de muitos filhos, [273] porque dava cidadãos pera serviço da república, e as molheres estériles tinham pena. E, na verdade, quantos mais filhos um pai tem tanto é mais honrado e poderoso, porque se um homem com ter muitos amigos pode muito quanto mais poderá com ter muitos filhos, já que não há cousa tão fiel ao homem como o filho.
- Fragoso Vedes vós isso que é assi? Pode tanto o particular interesse que às vezes faz aos pais serem imigos dos filhos, e aos filhos cada hora.
- Barbosa E sabeis como? Que nisto o vereis claro. Porque sei eu que Hipólito, por herdar seu pai e se ver livre pera seus danados gostos, deseja o pai morto. E o pai, também por não ter empecilhos em suas sensualidades,

quer desterrá-lo. Vedes aqui os entremezes do mundo e os sestros de nossa má natureza.

Fragoso Isso é mau, porque o amor do pai faz o filho melhor e os filhos hão-se de emendar com palavras boas e não com obras [273'] más. E com lhes os pais fazerem bem criam neles defensores e não imigos, e o bom pai não cria ira contra o filho, antes o amor pera o filho inda quando seja sobejo é louvado, como todo outro vício reprimido. E naturalmente é de tal força o amor pera o filho que inda que seja mau não pode avorrecer a seu pai.

Barbosa Antes é regra certa fazerem os pais mais bem aos piores filhos e mais ingratos, e é permissão divina por a sem-razão e injustiça que se faz aos outros filhos, e, segundo já ouvi praticar, mui grande consciência.

Fragoso Do pai de Hipólito me espanto ter-lhe esse ódio e querer mais seu gosto danado que o justo e devido da presença do filho, que os pais hão de sofrer os amores dos filhos como infirmitade natural que só Deos pode remediar.

Barbosa Dir-vos-ei o que passa. Seu compadre Astolfo mexericou Hipólito com o pai pola razão que vos digo.

Fragoso Grande [274] prova é de mau amigo acusar o filho ante o pai, maiormente por respeito de próprios erros.

Barbosa Assi é, e com raiva deu-lhe por casado. O pai, por lhe fazer a vontade e juntamente ver se o pode tirar de seu cativoiro, determina sobre consulta que tiveram ambos mandá-lo a Mazagão.

Fragoso Como está certo em pais devassos quererem fazer grandes observâncias nas vidas dos filhos dando-lhe com a sua muito mau exemplo. E fará grandes caramunhas com a mãe?.

Barbosa Guarde-nos Deos, é cousa insofrível. Não lhe fala porque diz que ela lhe danou o filho com mimos.

Fragoso Ora vos digo que quem mal vive, por onde peca per i paga. Respondem-lhe suas obras com o fruto de seus merecimentos. Por isso dizia o outro bem: quem quiser ser mestre de si mesmo reprimda-se das cousas que reprimde nos outros. Colhe cada um segundo semente e é bom, portanto, lançar as barbas em remolho. [274'] Em parte folgo porque cuidam estes ricaços, a que a fortuna ventou a sabor, que a tem pelo pé e que tudo podem fazer a seu salvo, e ela nunca foi segura, que o mundo (como lá dizem) nunca deu bom jantar que não desse má cea. A prosperidade muda a natureza nos homens e raramente é alguém cauto em seus bens quanto lhe cumpre. E mais, as mais das vezes grande glória mundana é benefício da fortuna e não do próprio merecimento. E por isso há-se de enfrear a felicidade pera a poder reger, porque os que nela põem sua confiança fá-los mais desejosos ou cobiçosos, menos capazes e mais esquecidos da fraqueza humana.

Barbosa Muito é pera rir da sua parvoíce, que todos os entendem e eles a ninguém.

Fragoso É certo que cuidava Ulissipo, por rico e próspero, fazer cada dia ãa e viver, segundo dizeis, tão solto que nem o tempo o descarta dos desejos, indo-lhe [275] cada hora tirando os enxalmos da possibilidade. E Deos não dorme, donde não são melhor afortunados

os que alcançam facilmente todo o necessário pera seus deleites. Cuidam, porque todos lhe obedecem e falam bem, os temem, os louvam, se lhes dão por amigos, que não há mais ventura! E a muita abastança não farta mas enfastia; descuidam-se de si; cegam-se em seus apetitos, entregam-se a seus gostos e superfluidades, não se velam da cilada que lhe seus pecados sempre armam. Tal é agora vosso amo.

Barbosa Vós vireis a fazer sermonário, segundo estais peripatético, e eu que vos ouço muito de siso. Esta é a ordem deste tempo, tinta sobre impróprio.

Fragoso Isto que vos eu digo é assi.

Barbosa É verdade, porque de língua quem quer emenda, por onde não me espanto de serdes sengo na linguagem, que vosso amo tem jeito de ler em casa ao serão por Gamaliel e outros desta arte, e daí tomareis [275'] doutrina.

Fragoso Zombai vós, mas eu não vos hei inveja ao casamento do vosso Hipólito, de que pode ser que sereis vós bom terço.

Barbosa Em al posso ser culpado, mas nessa parte se ele fizera o que lhe sempre conselhei nunca tal fora.

Fragoso Quem pera si não teve conselho mal o terá pera outrem.

Barbosa Como estais gracioso, era eu seu aio? Achastes vós o menino disciplinável e que se dobra assi per conselho de ninguém? Já não há quem o tome salvo conforme a seu gosto, e negá-lo por obedecer a parecer alheo, inda que seja mais que bom, é já tão desacostumado que fazê-lo seria afronta da vã confiança de cada um. E mais vos digo que é graça conselhar-se já ninguém, porque não há amigo que não tenha entre si maior gosto de vossa desventura que vontade de vo-la remediar. Portanto, trabalhe cada um encobrir suas misérias se quer achar amizades. E também sabeis que [276] trago por regra? Vejo muito poucas vezes ou nenhũa fazer ninguém cousa como a cuidou. O conselho é só de Deos, que faz o que quer melhor do que o nós entendemos. Porque direis vós agora que Hipólito casou por meu parecer ou porque seu pai se descuidou de sua vida e lhe soltou a rédea à mocidade. Está bem. E que direis a suas filhas, mais encerradas, vigiadas e recolhidas que um tesouro? As quais andavam, parece, d'amores com dous cortesãos, e lá na quintã entravam com elas, e a mãe sentindo-os tomou-os juntos e, por remédio, casou-os. Bem que diz que já eram casados antre si.

Fragoso Grandes cousas me contaes. Crede que todos os desgostos e afrontas se guardam pera a velhice. Quem mais vive, mais vê, e não sei pera que é desejar viver pois na vida estão os perigos. Ora bem, e o pai é já sabedor disso?

Barbosa Agora andam pera lhe falar que o haja por bem. E nisso há pouco que fazer [276'] pois é feito, que ou quererá ou raivará. Ele não há de folgar muito, porque tem muito dinheiro pera lhes dar e determinava casá-las com fidalgos, porém, agora tomará o que tem, porque necessário é acomodar a vontade aos sucessos já que eles raramente se

conformam com nossa vontade. Eles honrados são tanto como elas e de gentil arte; tem suas esperanças largas compradas per seu trabalho.

Fragoso Essas lhe dirão bem tarde.

Barbosa Pois por isso andaram eles melhor, que se amarraram a gentis damas e com provisão pera pairar toda calma. E por estes se disse: quem Deos quer ajudar, o vento lhe apanha a lenha; ajuntam uns pera outros. Quando virdes um cobiçoso esfandegar-se por adquirir sabei que é pera descansar a quem lho não há de agradecer.

Fragoso Isso é assim pontualmente, que a boa ventura de uns cansa outros. Mas sabeis de que vem também soceder [277] tudo aos homens pelo contrário de sua ordenança? De não se entregarem à vontade de Deos e quererem que lha faça ele segundo o pretendem. Então Deos como sumo bom, sumo sabedor e sumo poderoso vai pela sua via ao certo e está-se rindo de todo nosso ferver: dá o seu a quem quer. A razão ele a sabe e a ninguém dá residência de suas obras. E haveis de ter por sem dúvida que o que ele faz é o melhor, o respeito não vos mateis pelo saber, porque, como disse o galego, tarde piache.

Barbosa Vedes vós isso? Essa é a causa por que me não mato por cousa algũa. Bem casei, mal casei, tudo vem a um conto. Por Hipólito digo o mesmo: pera Florença ser ditosa forçado havia ele de ser mofino; pera suas irmãs casarem a seu gosto e vontade e não à de seus pais, que pretendiam mais seu interesse e vaidade que o contentamento delas, haviam eles de ser [277'] descontentes. Era, parece, a sorte dos galantes a que Deos tinha guardada esta boa dita. O casamento é antre iguais que é bom, de maneira que todos ficamos contentes, té os que menos parte somos no caso, e ruim seja quem o não for. Seu pai, se lhe pesar, meta a mão no seio e chore seus pecados e conheça que lhe fez Deos mercê em lhos castigar tão piadosamente; emende sua vida e amansará a ira divina.

Fragoso Falais bocados d'ouro e quem vos vir dirá que não pareceis tal. A cousa está rematada melhor do que se podia esperar, e que haja alguns descontentes antre tantos contentes não pode ser menos, porque quando se ãa porta cerra, outra se abre. E nestes casos matrimoniais tudo se apacifica pera louvor de Deos e prol de todos. Amenhã serão conformes e amigos com o pai, e a mim o cargo. Quanto a vós, quando me derdes licença, [278] irei fazer meus devidos cumprimentos e oferecimentos a vossa esposa, que já desejo ver.

Barbosa Folgarei muito com isso, por que saiba que a estimam meus amigos, e seja logo.

Fragoso Deos diante.

Vos valete et plaudite.

Fim.